

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

ANA LÍVIA DOS SANTOS AGOSTINHO

Fonologia e método pedagógico do lung'le

(versão corrigida)

São Paulo
2015

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

Fonologia e método pedagógico do lung'le

(versão corrigida)

Ana Livia dos Santos Agostinho

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutora em Filologia e Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Antunes de Araujo

São Paulo
2015

Sumário

Agradecimentos.....	xii
Resumo.....	xv
Abstract.....	xvi
Lista de abreviaturas.....	xvii
Lista de quadros.....	xx
Lista de figuras.....	xxi
1. Introdução.....	1
1.1. Apresentação.....	1
1.2. Breve contextualização histórica.....	3
1.3. Ecologia linguística.....	6
1.4. Planejamento e padronização linguística.....	8
2. Metodologia e trabalhos prévios.....	11
2.1. Constituição dos <i>corpora</i>	11
2.2. Trabalho de campo.....	12
2.2.1. Informantes.....	15
2.3. Elaboração do método pedagógico.....	16
2.4. Revisão da bibliografia.....	17
3. Fonologia.....	25
3.1. Inventário fonológico.....	26
3.1.1. Segmentos consonantais.....	26
3.1.1.1. Consoante oclusiva bilabial surda /p/.....	26
3.1.1.2. Consoante oclusiva bilabial sonora /b/.....	27
3.1.1.3. Consoante oclusiva alveolar surda /t/.....	28
3.1.1.4. Consoante oclusiva alveolar sonora /d/.....	30
3.1.1.5. Consoante oclusiva velar surda /k/.....	30
3.1.1.6. Consoante oclusiva velar sonora /g/.....	31
3.1.1.7. Consoante oclusiva velo-labial surda /kp/.....	32
3.1.1.8. Consoante oclusiva velo-labial sonora /gb/.....	33

3.1.1.9. Consoante nasal bilabial /m/	34
3.1.1.10. Consoante nasal alveolar /n/.....	34
3.1.1.11. Arquifonema nasal /N/	35
3.1.1.12. Consoante nasal palatal /ɲ/.....	36
3.1.1.13. Consoante aproximante bilabial sonora ou semiconsoante aproximante /w/	38
3.1.1.14. Consoante aproximante palatal sonora ou semiconsoante aproximante /j/	39
3.1.1.15. Consoante vibrante alveolar /r/.....	40
3.1.1.16. Consoante lateral alveolar /l/.....	41
3.1.1.17. Consoante lateral palatal /ʎ/.....	42
3.1.1.18. Consoante fricativa labiodental surda /f/	43
3.1.1.19. Consoante fricativa labiodental sonora /v/	44
3.1.1.20. Consoante fricativa alveolar surda /s/	44
3.1.1.21. Consoante fricativa alveolar sonora /z/.....	47
3.1.1.22. Consoante fricativa pós-alveolar surda /ʃ/.....	48
3.1.1.23. Consoante fricativa pós-alveolar sonora /ʒ/.....	49
3.1.2. Segmentos vocálicos	50
3.1.2.1. Vogal alta anterior não-arredondada /i/	51
3.1.2.2. Vogal média-alta anterior não-arredondada /e/	52
3.1.2.3. Vogal média-baixa anterior não-arredondada /ɛ/	52
3.1.2.4. Vogal baixa central não-arredondada /a/	53
3.1.2.5. Vogal média-baixa posterior arredondada /ɔ/	53
3.1.2.6. Vogal média-alta posterior arredondada /o/	54
3.1.2.7. Vogal alta posterior arredondada /u/	55
3.2. Estrutura silábica.....	56
3.2.1. A sílaba fonológica.....	56
3.2.2. Glides.....	66
3.2.2.1. <i>Onglide</i> como parte do onset.....	69
3.2.2.2. <i>Offglide</i> como parte da coda	74
3.2.3. Quantidade.....	76
3.2.4. Nasais silábicas	81
3.2.5. A sílaba fonética.....	82
3.3. Suprasegmentos.....	84

3.3.1. Relação entre tom e acento.....	88
3.3.2. Acento primário.....	92
3.3.3. Acento secundário	94
3.4. Processos fonológicos sincrônicos	94
3.4.1. Aférese.....	95
3.4.2. Síncope	95
3.4.3. Apócope.....	98
3.4.4. Prótese.....	99
3.4.5. Paragoge	99
3.4.6. Apagamento de sílaba átona final	100
3.4.7. Apagamento de coda nasal.....	102
3.4.8. Alongamento compensatório sincrônico	103
3.4.9. Palatalização	103
3.4.9.1. Palatalização de /t/.....	105
3.4.9.2. Palatalização de /s/.....	107
3.4.9.3. Palatalização de /z/	107
3.4.10. Assimilação progressiva de /t/	108
3.4.11. Ditongação.....	109
3.4.12. Nasalização	111
3.4.13. Prevocalização homorgânica.....	116
3.4.14. Alçamento de vogais átonas finais	116
3.4.15. Vocalização das nasais silábicas.....	117
3.4.16. Alternâncias fonéticas	118
3.4.17. Vogais tautossilábicas idênticas.....	119
3.4.18. Sândi vocálico externo	122
4. Método pedagógico do lung'Ie.....	129
4.1. Introdução	129
4.2. Pronúncia e ortografia.....	131
4.2.1. Grafia das vogais.....	131
4.2.2. Grafia das consoantes.....	133
4.3. Lições.....	138
4.3.1. Lição 1: Fala ningê bê	138
4.3.1.1. Notas Gramaticais.....	139

4.3.1.2. Vocabulário Temático - Topônimos.....	144
4.3.1.3. Exercícios.....	145
4.3.1.4. Kutwa - Modi di fala bê.....	146
4.3.1.5. Traduções.....	148
4.3.2. Lição 2: N we fya.....	149
4.3.2.1. Notas Gramaticais.....	150
4.3.2.2. Vocabulário Temático - Feira.....	158
4.3.2.3. Exercícios.....	159
4.3.2.4. Kutwa - Fya.....	161
4.3.2.5. Traduções.....	163
4.3.3. Lição 3: Txi mêsê xina baya a?.....	164
4.3.3.1. Notas Gramaticais.....	165
4.3.3.2. Vocabulário Temático – Meses e dias da semana.....	171
4.3.3.3. Exercícios.....	172
4.3.3.4. Kutwa - Kantxiga na lung’Ie.....	173
4.3.3.5. Traduções.....	175
4.3.4. Lição 4: Txi ka fala fansêji a?.....	177
4.3.4.1. Notas Gramaticais.....	178
4.3.4.2. Vocabulário Temático – Verbos de ação 1.....	184
4.3.4.3. Exercícios.....	185
4.3.4.4. Kutwa - Lunge faladu na santome ki Ie.....	186
4.3.4.5. Traduções.....	188
4.3.5. Lição 5: N mêsê we uvodu.....	190
4.3.5.1. Notas Gramaticais.....	191
4.3.5.2. Vocabulário Temático – Verbos estativos (Maurer 2009: 72).....	197
4.3.5.3. Exercícios.....	198
4.3.5.4. Kutwa - Uvôdu pôvô.....	199
4.3.5.5. Traduções.....	201
4.3.6. Lição 6: Kwa ki txi sa fêzê wo sê a?.....	203
4.3.6.1. Notas Gramaticais.....	204
4.3.6.2. Vocabulário Temático - Pássaros.....	211
4.3.6.3. Exercícios.....	211
4.3.6.4. Kutwa - Bisu umatu ôvyô.....	213
4.3.6.5. Traduções.....	215

4.3.7. Lição 7: Txi ka bêbê a?	217
4.3.7.1. Notas Gramaticais.....	218
4.3.7.2. Vocabulário Temático – Fauna.....	223
4.3.7.3. Exercícios	223
4.3.7.4. Kutwa - Kiima Ie.....	225
4.3.7.5. Traduções	226
4.3.8. Lição 8: N tava ka gogo...	227
4.3.8.1. Notas Gramaticais.....	228
4.3.8.2. Vocabulário Temático – Culinária do Príncipe	234
4.3.8.3. Exercícios	235
4.3.8.4. Kutwa - Kumê Ie.....	236
4.3.8.5. Traduções	238
4.3.9. Lição 9: Bamu fêzê li xina lung'Ie!	240
4.3.9.1. Notas Gramaticais.....	241
4.3.9.2. Vocabulário Temático – Flora 1.....	244
4.3.9.3. Exercícios	244
4.3.9.4. Kutwa - Atonomya Ie.....	246
4.3.9.5. Traduções	248
4.3.10. Lição 10: Kantu ê ka da?	250
4.3.10.1. Notas Gramaticais.....	251
4.3.10.2. Vocabulário Temático – Expressões 1.....	255
4.3.10.3. Exercícios	255
4.3.10.4. Kutwa - Xikola na Ie	257
4.3.10.5. Traduções.....	259
4.3.11. Lição 11: Uvôdu Sonlensu.....	261
4.3.11.1. Notas Gramaticais.....	262
4.3.11.2. Vocabulário Temático – Expressões 2.....	269
4.3.11.3. Exercícios	269
4.3.11.4. Kutwa - Uvôdu Sonlensu.....	271
4.3.11.5. Traduções.....	273
4.3.12. Lição 12: Isê kwêsa?	275
4.3.12.1. Notas Gramaticais.....	276
4.3.12.2. Vocabulário Temático - Ideofones	281
4.3.12.3. Exercícios	281

4.3.12.4. Kutwa - Klipixi.....	283
4.3.12.5. Traduções.....	285
4.3.13. Lição 13: Sumana sê n sa ke foga!.....	287
4.3.13.1. Notas Gramaticais.....	288
4.3.13.2. Vocabulário Temático – Praias do Príncipe.....	291
4.3.13.3. Exercícios.....	291
4.3.13.4. Kutwa - Paa Ie.....	293
4.3.13.5. Traduções.....	295
4.3.14. Lição 14: Kwa txi sa ke fêzê?.....	297
4.3.14.1. Notas Gramaticais.....	298
4.3.14.2. Vocabulário Temático – Expressões 3.....	301
4.3.14.3. Exercícios.....	301
4.3.14.4. Kutwa - Pofisan.....	303
4.3.14.5. Traduções.....	305
4.3.15. Lição 15: Ami mesu kota uman me!.....	307
4.3.15.1. Notas Gramaticais.....	308
4.3.15.2. Vocabulário Temático – Flora II.....	311
4.3.15.3. Exercícios.....	312
4.3.15.4. Kutwa - Umatu ôvyô.....	313
4.3.15.5. Traduções.....	315
4.3.16. Lição 16: Kazamentu.....	317
4.3.16.1. Notas Gramaticais.....	318
4.3.16.2. Vocabulário Temático – Expressões 4.....	320
4.3.16.3. Exercícios.....	321
4.3.16.4. Kutwa - Poeta Maselu Vega.....	322
4.3.16.5. Traduções.....	324
4.3.17. Lição 17: Kaata.....	326
4.3.17.1. Notas Gramaticais.....	327
4.3.17.2. Vocabulário Temático – Expressões 5.....	330
4.3.17.3. Exercícios.....	330
4.3.17.4. Kutwa – Ie Pinxipi.....	331
4.3.17.5. Traduções.....	333
4.4. Apêndice 1 – Textos de apoio.....	335
4.4.1. Música 1 - Jinga igbê.....	335

4.4.2. Música 2 - Ê pa no sêbê ya lung'le ê bilêê no	337
4.4.3. Swa tetuuga ki ôkyê	339
4.5. Apêndice 2 – Quadros.....	341
4.5.1. Pronomes 1.....	341
4.5.2. Pronomes 2.....	341
4.5.3. Verbos.....	342
4.6. Apêndice 3 – Respostas dos exercícios.....	343
4.6.1. Respostas dos exercícios - Lição 1	343
4.6.2. Respostas dos exercícios - Lição 2	343
4.6.3. Respostas dos exercícios - Lição 3	344
4.6.4. Respostas dos exercícios - Lição 4	345
4.6.5. Respostas dos exercícios - Lição 5	346
4.6.6. Respostas dos exercícios - Lição 6	346
4.6.7. Respostas dos exercícios - Lição 7	347
4.6.8. Respostas dos exercícios - Lição 8	348
4.6.9. Respostas dos exercícios - Lição 9	349
4.6.10. Respostas dos exercícios - Lição 10.....	349
4.6.11. Respostas dos exercícios - Lição 11.....	350
4.6.12. Respostas dos exercícios - Lição 12.....	350
4.6.13. Respostas dos exercícios - Lição 13.....	351
4.6.14. Respostas dos exercícios - Lição 14.....	352
4.6.15. Respostas dos exercícios - Lição 15.....	352
4.6.16. Respostas dos exercícios - Lição 16.....	353
4.7. Índices	354
4.7.1. Notas gramaticais por lição	354
4.7.2. Notas Gramaticais em ordem alfabética.....	358
4.7.3. Tópicos de Cultura.....	361
4.7.4. Vocabulário Temático	361
4.8. Glossário – lung'le/português.....	363
4.9. Glossário – português/lung'le.....	390
5. Considerações finais	417
Referências.....	421

'Kwa tudu pe ki tê nomi ka sen.'

'Tudo que tem nome existe.'

Ditado principense

'Cada um na sua língua

É que sente a sua terra.'

Marcelo da Veiga, poeta principense

**'Hoje eu sei: África rouba-nos o ser, e nos vaza de
maneira inversa, enchendo-nos de alma.'**

Mia Couto

Abôdê, ale! Mintxya maxi montxi dêkê vedadi.

A Tuta, in memoriam.

Pô ine metxi me: Dinha, Juju, Oscar, Salomé, Salvador, Xexé ki Zeta.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao meu orientador Professor Dr. Gabriel Antunes de Araujo, que me acompanha desde a Iniciação Científica. Sua contribuição para este trabalho e, mais do que isso, para a minha formação como pesquisadora, é inestimável. Obrigada pela leitura atenta das inúmeras versões deste texto (e de tantos outros), pelos preciosos e infinitos comentários e por todo carinho, estímulo, paciência, cuidado e dedicação durante estes nove anos. Obrigada por ter me incentivado a me dedicar à área de línguas em contato e, acima de tudo, obrigada pelas Ilhas.

À minha mãe, Eliana, por ter achado que fazer Letras era uma boa ideia e por ter revisado esta tese com seus olhos de General. Ao meu pai, Gilberto, por sempre ter tido muitos livros em casa e por ser uma enorme fonte de conhecimento. Aos meus irmãos, Viviana e Gilberto, por serem meus melhores amigos, apesar de cada um de nós estarmos em um continente diferente. Aos meus avós, Justino e Diva, por terem me ajudado com as lições de casa e por terem me ensinado as coisas mais importantes da vida.

A André, cúmplice de vida, companheiro de lugares longínquos e parceiro de *swing-outs*, que, além de ser a minha pessoa preferida, me ajudou imensamente com o tratamento dos dados para constituição dos *corpora* para esta pesquisa e com a diagramação e revisão desta tese.

A todos os professores que me acompanharam durante a graduação e a pós-graduação, principalmente à Professora Dr.^a Márcia Duarte de Oliveira, que, além de ter me indicado para o Doutorado Direto durante a qualificação de Mestrado e ter participado da banca de Doutorado, é uma grande amiga, companheira de feijoadas e uma das pessoas que mais acredita em meu trabalho. Gostaria de agradecer também à Professora Dr.^a Rosane de Sá Amado, pelas observações feitas na banca de qualificação de Mestrado e de Doutorado e por ter me indicado para o Doutorado Direto; ao Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto e à Prof. Dr.^a Aline da Cruz, pelas valiosas observações feitas durante a banca de qualificação de Doutorado. Agradeço também à Prof. Dr.^a Flaviane Fernandes-Svartman, por ter sido minha supervisora no Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE) durante dois semestres e pelas conversas esclarecedoras que tivemos depois das aulas. Agradeço também ao Prof. Dr. Leo Wetzels, pela cuidadosa leitura da Fonologia e pelo atenciosos comentários, que foram de extrema importância para a finalização do Capítulo 3 desta tese, e por sua participação na banca de Doutorado. Finalmente, agradeço à Prof. Dr.^a

Terezinha de Jesus Machado Maher pelos imprescindíveis comentários feitos durante a banca de Doutorado.

Aos amigos e colegas de pesquisa, frequentadores assíduos da sala 4, Gabriela Braga (que também é madrinha), Eduardo Santos, Shirley Freitas, sobretudo aos companheiros de trabalho de campo, Alfredo Christofolletti, Manuele Bandeira e Vanessa Pinheiro, pela lendária cumplicidade.

Ao professor Dr. J. Clancy Clements, por ter me recebido na Universidade de Indiana, Estados Unidos, durante meu estágio de Doutorado Sanduíche e por suas imprescindíveis contribuições para esta pesquisa. Aos professores Drs. Stuart Davis e Michael Becker, por terem me auxiliado com a análise dos dados durante minha estadia naquela universidade.

Agradeço à FAPESP pela concessão da bolsa de Doutorado Direto, processo 2011/06107-6, e ao CNPq pela concessão da bolsa de Doutorado Sanduíche.

Aos meus queridos informantes: este trabalho seria impossível sem a paciência e o carinho de vocês. Obrigada por terem me mostrado um pouco de sua imensa cultura e sabedoria através de sua língua e por terem sido meus professores, meus amigos e minha família durante minhas estadias na Ilha do Príncipe. Eu não seria linguista sem vocês. Gostaria de agradecer primeiramente a Frutuoso dos Santos Luís Fernandes (Tuta), *in memoriam*, e a sua família, pela confiança em meu trabalho e pelo entusiasmo sem igual. Sua falta é imensa. Gostaria de agradecer aos informantes com quem mais pude trabalhar durante esta pesquisa: a Manuel Salomé, por ter estado comigo desde o início, a José Napoleão (Mestre Juju), por ter compartilhado as mais belas histórias e por ter me ensinado a cantar em lung'le, a Severina Gomes Furtado Pernambuco (Dinha), pelas deliciosas tardes no Picão, a Oscar Lavres, por sempre me receber com um sorriso, a Salvador Manuel das Neves, pela incansável paciência e por sempre de me chamar de '**minu me**', a Teresa de Jesus Andrade (Zeta), por ter me ensinado sobre os pratos típicos e plantas medicinais, a Alvarino Barbosa Neto (Xexé), por ter me ensinado o nome de todas as coisas, a Guilherme dos Ramos Martins (Seu Paz), por ter me mostrado a **dêxa**, a Sier Lima e Luzia da Trindade, por terem falado as primeiras palavras que ouvi em lung'le. Gostaria de agradecer também aos informantes com quem, por algum motivo, tive menos contato ou que só conheci no final desta pesquisa, mas que ainda assim foram essenciais para o seu desenvolvimento: Nicolau Lavres, Chico Paraíso, Cisaltina dos Santos (Conceição), Girassol Mendes da Silva, Cenoria Gomes Ventura Furtado Pernambuco, Ana dos Prazeres, Antônia Raposo de Bastos Aurora, José Ananias, Ermelinda dos Santos Cardoso, Felipe Umbelina (Lisério), Marcelo Lopes de Andrade, Maria dos Santos Rosa Monte (Avelina), Onória Selina, San Nini e Pedro Gomes. Serei eternamente **minu le na kosan**.

Agradeço imensamente aos amigos Josué Tavares (Papito), Nuca, Nezi, Junca e Nini, que, além de terem me ajudado de todas as maneiras possíveis, sendo meus mais fiéis companheiros, me auxiliaram nas gravações e na elaboração de alguns textos do método pedagógico. Aos amigos Leny, Emy, Teresa, Carlitos, Minga, Miller, Yodi, Cidália, Bey, Sólito, Rosa, Boneca, Rosita, João, Faty, Esther, Dr.^a Ana, Mua, Paco, Simão, Paula, Walton, Ildo, Tó, Mimi, Piki, Engracio, Gina, Sônia, Kalu, que sempre me fizeram sentir em casa. Ao amigos viajantes Lólia, André, Diana, Carina, Nega e Catarina, por terem compartilhado o além-mar. Ao querido amigo e artista Tomé Coelho, por ter aceitado fazer os desenhos do método pedagógico. A Ketty Keila, Lídia e Julio Barbosa, por terem me recebido com em sua casa durante todas as minhas estadias.

Aos tão especiais e queridos amigos Padre Fabián, Padre Sérgio e Padre Raul, que sempre me acolheram com muita generosidade, cuidado e atenção, além de terem me hospedado em sua casa em três viagens.

A todos os membros do Governo Regional, sobretudo ao Presidente Regional José Cardoso Cassandra, ao Ex-Secretário Carlos Gomes e ao Secretário Dr. Pina Gil, que sempre apoiaram meu trabalho e me auxiliaram com moradia e passagens aéreas de São Tomé ao Príncipe.

À HBD, pelo patrocínio.

Aos queridos amigos da Embaixada do Brasil em São Tomé e Príncipe, sobretudo a Raquel Teixeira, Naduska Palmeira e ao Secretário Maurício do Carmo, por todo apoio, cuidado e disposição, pelas estadias em São Tomé e pela mobilização para que eu pudesse apresentar palestras e ministrar um minicurso durante minhas estadias. Aos motoristas da Embaixada, Sr. Manuel e Sr. Armênio, pelo carinho durante todos estes anos.

A todas as pessoas maravilhosas que conheci no Príncipe e em São Tomé, que sempre me fazem querer voltar: **dêsu paga owo da mi ô!**

Aos amigos de vida Ricardo, Bárbara, Nathália e João, por terem sempre estado onde eu pudesse encontrá-los.

Todos os equívocos que ainda permanecem nesta tese são de minha inteira responsabilidade.

Resumo

O objetivo deste trabalho é propor uma descrição sincrônica do sistema fonológico do lung'le, língua crioula de base portuguesa falada na Ilha do Príncipe, São Tomé e Príncipe, abordando e discutindo os trabalhos prévios (Ribeiro 1888; Schuchardt 1889; Ferraz 1975, 1976, 1979; Ferraz & Traill 1981; Rougé 2004; Maurer 1997; Mané 2007; Araujo & Agostinho 2010; Agostinho *et al.* 2012, Agostinho 2012; Araujo & Agostinho 2014), e apresentar um método pedagógico para esta língua.

A descrição da fonologia traz primeiramente o inventário fonológico da língua, abordando a fonotática dos segmentos consonantais e vocálicos. Apresentamos uma proposta para a estrutura silábica, levando em consideração a posição dos glides e das nasais silábicas. Propomos também a estrutura da sílaba fonética e discutimos sua especificidade em relação à sílaba fonológica. Descrevemos alguns processos fonológicos observados em trabalho de campo, demonstrando que o acento é crucial para os processos de apócope, apagamento de sílaba átona final, ditongação, nasalização, alçamento de vogais átonas finais, e sândi vocálico externo. A relação entre tom e acento também é abordada.

Desde 2009, o lung'le tem sido ensinado nas escolas. No entanto, não há materiais didáticos para o ensino. Dessa forma, o público-alvo deste trabalho são os professores e alunos de lung'le, que carecem de material pedagógico para utilizar em sala de aula, além do público acadêmico, em geral. O método pedagógico contém dezessete lições com textos em lung'le, que remetem à cultura e tradição locais, seguidos de equivalentes em português, vocabulário da lição, tópicos gramaticais, texto sobre cultura, em lung'le e português, vocabulário da cultura, exercícios focando os tópicos gramaticais de cada lição e vocabulário temático complementar. Ao final, apresentamos um glossário lung'le/português e português/lung'le com cerca de 1.200 palavras. O método foi elaborado utilizando-se o *Alfabeto Unificado para as línguas de São Tomé e Príncipe* (ALUSTP). O *corpus* e as análises do método pedagógico são fruto de trabalho de campo realizado na Ilha do Príncipe durante os anos 2010, 2011, 2013 e 2014. O sistema de tempo-modo-aspecto utilizado nas notas gramaticais foi baseado em Maurer (2009), dado algumas revisões. A estrutura do método foi livremente inspirada no método *Parlons Capverdien – langue et culture*, de Nicholas Quint (2003), por se tratar de um método de uma língua crioula de base portuguesa. Este material também mostra aos falantes que sua língua é objeto de interesse internacional (cf. Vaux et al. 2007: 4) e, ao mesmo tempo, serve como um instrumento linguístico para apoiar futuros projetos educacionais na Ilha do Príncipe.

Palavras-chave: Lung'le, Fonologia, Educação, Línguas Crioulas, São Tomé e Príncipe

Abstract

The aim of this work is to synchronically describe the phonological system of Lung'Ie, a Portuguese-based creole language spoken in the Island of Príncipe, São Tomé e Príncipe, reviewing and discussing the literature on the subject (Ribeiro 1888; Schuchardt 1889; Ferraz 1975, 1976, 1979; Ferraz & Traill 1981; Rougé 2004; Maurer 1997; Mané 2007; Araujo & Agostinho 2010; Agostinho et al. 2012, Agostinho 2012; Araujo & Agostinho 2014), as well as presenting a pedagogical method for this language.

We first present a description of the phonological inventory of the language, addressing phonotactics of consonant and vowel segments. As far as the syllabic structure is concerned, we take into account vowels, consonants, the position of glides and syllabic nasals. In addition, we propose a model for phonetic syllable structure and we discuss its specificities in relation to the phonological syllable. A few phonological processes observed during fieldwork will be examined, demonstrating that stress is crucial for apocope, unstressed syllable deletion, diphthongization, nasalization, raising of the final unstressed syllable and external vocalic sandhi. The relationship between tone and stress is also covered by this work.

Since 2009, Lung'Ie has been taught in schools. However, there is no didactic material available for teaching. Therefore, the intended audience of this work is formed by teachers and students of Lung'Ie — who lack pedagogical material for classroom use — and academic circles in general. The pedagogical method is comprised of seventeen lessons. Each lesson has a text written in Lung'Ie addressing local culture and traditions, followed by a Portuguese translation, lesson vocabulary, grammar topics, another short text on culture — in Lung'Ie and in Portuguese — followed by a specific vocabulary, exercises dealing with grammatical topics on each lesson, and an additional thematic vocabulary. At the end of this work, we present a Lung'Ie/Portuguese and Portuguese/Lung'Ie glossary with approximately 1,200 words. Our method has been elaborated using the Unified Alphabet for the Languages of São Tomé e Príncipe (ALUSTP). The corpus and analyses present in the pedagogical method are results of fieldwork in the Island of Príncipe, which took place in 2010, 2011, 2013 and 2014. The tense-aspect-mood system used in grammatical notes is based in Maurer (2009), although some issues were revised. The structure of this method has been freely inspired by the *Parlons Capverdien method – langue et culture*, by Nicholas Quint (2003), a Portuguese-based creole language pedagogical method. Our work also intends to demonstrate to speakers that their language is an object of international interest and it can be useful as a linguistic instrument by supporting future educational projects in the Island of Príncipe.

Key-words: Lung'Ie, Phonology, Education, Creole Languages, São Tomé and Príncipe

Lista de abreviaturas

1PP	primeira pessoa plural
1PS	primeira pessoa singular
2PP	segunda pessoa plural
2PS	segunda pessoa singular
3PP	terceira pessoa plural
3PS	terceira pessoa singular
ART.	artigo
ADJ.	adjetivo
ANT.	antropônimo
ASP	partícula aspectual
ASS	partícula assertiva
C	consoante
COMP	comparativo
COMPL	complementizador
CONJ	conjunção
COP	cópula
DAT	dativo
DEM	demonstrativo
DES	deslocado
DET	determinante
ENF	enfático
EPIS	modo epistêmico
exp.	expressão
EXPL	pronome expletivo
FUT	futuro
FUT.PASS	futuro do passado
G	glide
H	tom alto
HAB	habitual
HIP	hipotético
IDEO	ideofone
IMP	imperativo

indf.	indefinido
INT	partícula interrogativa
INTERJ	interjeição
IPFV	imperfectivo
L	tom baixo
lit.	literalmente
LOC	locativo
MOD	modal
N	nasal
n.	nome
NEG	partícula negativa
NUM	numeral
N-PASS	não-passado
OBJ	objeto direto
OI	objeto indireto
PART	particípio
PASS	passado
PFV	aspecto perfectivo
POSS	possessivo
PREP	preposição
PRO	pronome
PROG	progressivo
QUOT	quotativo
REAL	realis
REC	voz recíproca
red.	redução
REDP	reduplicação
REL	relativa
S	nasal silábica
SUBJ	subjuntivo
SUJ	sujeito
TAM	tempo-aspecto-modo
TOPO	topônimo
trad.	tradução
V	vogal

v.	verbo
PD	partícula discursiva
μ	mora

Lista de quadros

Quadro I: Oposições tonais como descritas por Günther (1973).....	19
Quadro II: Palavras com substrato Bini, como descritas por Günther (1973).....	19
Quadro III: Sistema pronominal do lung'le.....	22
Quadro IV: Verbos zero-estativos.....	23
Quadro V: Verbos ka-estativos.....	23
Quadro VI: Verbos de ação.....	23
Quadro VII: Fonemas consonantais.....	26
Quadro VIII: Fonemas vocálicos.....	50
Quadro IX: Tipos de sílaba fonológica, quantidade de ocorrências e exemplos.....	59
Quadro X: Sílabas fonológicas possíveis em lung'le.....	59
Quadro XI: Distribuição de onset complexos com /r, l/.	62
Quadro XII: Distribuição de onset complexos com glides.....	63
Quadro XIII: Glide + Vogal.....	67
Quadro XIV: Consoante + Glide + Vogal.....	67
Quadro XV: Glide + Vogal nasalizada.....	67
Quadro XVI: Consoante + Glide + Vogal nasalizada.....	68
Quadro XVII: (Consoante) + Vogal + Glide.....	68
Quadro XVIII: Relação entre onsets complexos em santome e vogais longas em lung'le.....	80
Quadro XIX: Possível relação entre apagamento de sílaba do santome e vogais longas em lung'le.....	80
Quadro XX: Tipos de sílaba fonética, quantidade de ocorrências e exemplos.....	83
Quadro XXI: Sílabas fonéticas possíveis em lung'le.....	84
Quadro XXII: Dados de /t/ diante de /i/ de Ribeiro, Valkhoff e Günther.....	104
Quadro XXIII: Dados de /t/ diante de /i/ de Ribeiro, Valkhoff e Günther em IPA.....	104
Quadro XXIV: Vogais paragógicas harmônicas em santome.....	119
Quadro XXV: Coocorrência de vogais no corpus.....	121
Quadro XXVI: Processos possíveis para cada combinação de duas vogais.....	124
Quadro XXVII: Processos de sândi, em que o sombreado marca bloqueio (Agostinho <i>et al.</i> 2012: 302).....	125
Quadro XXVIII: Processos de sândi com padrões tonais, em que o sombreado marca bloqueio.....	126
Quadro XXIX: Processos de sândi com padrões tonais subjacentes, em que o sombreado marca possibilidade de bloqueio.....	126

Quadro XXX: Processos de sândi de acordo com acento e tons subjacentes, em que o sombreado marca possibilidade de bloqueio.....	127
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

Lista de figuras

Figura 1: O Golfo da Guiné.....	4
Figura II: Os doze tipos de sílabas mais frequentes em lung'Ie.	61
Figura III: Porcentagem de palavras com cada tipo de coda em lung'Ie.	65
Figura IV: Porcentagem de número de sílabas das palavras em lung'Ie.	66
Figura V: Sílabas iniciadas por GV ou VG.....	70

1. Introdução

1.1. Apresentação

O objetivo desta tese é apresentar uma descrição da fonologia e um método pedagógico do lung'le, língua crioula falada na República Democrática de São Tomé e Príncipe (STP). O lung'le, literalmente 'língua da Ilha', é também conhecido como principense, especialmente na literatura científica, e localmente como lingw'le e lungw'le.

A descrição fonológica, apresentada no capítulo 3, preenche uma lacuna na literatura sobre o lung'le, já que as descrições existentes estão voltadas majoritariamente para a morfossintaxe (Günther 1973, Maurer 2009) e muitas questões sobre a fonologia não são abordadas nos trabalhos anteriores. Dessa forma, para que o método pedagógico pudesse contemplar todos os níveis linguísticos e variações da língua, bem como fornecer ferramentas para o conhecimento da grafia das palavras antes de sofrerem processos fonológicos, se fez necessária uma descrição fonológica aprofundada, associada à descrição do sistema de tempo-modo-aspecto, baseada em Maurer (2009).

O método pedagógico, apresentado no capítulo 4, contém dezessete lições com textos em lung'le, que remetem à cultura e tradição locais, seguidos de equivalentes em português, vocabulário da lição, tópicos gramaticais, texto sobre cultura, também em lung'le e português, vocabulário da cultura, exercícios focando os tópicos gramaticais de cada lição e vocabulário temático complementar. Além dos exercícios de fixação, há os exercícios comunicativos e de interpretação e produção de textos escritos e orais, a fim de evidenciar a valorização da fala, ainda mais por se tratar de uma língua de tradição oral. Ao final, há um apêndice com textos de apoio para o professor, outro com os quadros de pronomes e verbos e, por fim, um com as respostas dos exercícios. Finalmente, apresentaremos um glossário lung'le/português e português/lung'le, contendo todas as

palavras utilizadas nas lições e um índice gramatical remissivo, contendo os tópicos gramaticais expostos nas lições, com cerca de 1.200 palavras. O material foi elaborado utilizando-se o *Alfabeto Unificado para as línguas de São Tomé e Príncipe*¹ (ALUSTP), uma proposta para se representar alfabeticamente as línguas santome, angolar e lung'le aprovada pelo Governo de STP por uma Comissão formada por acadêmicos e intelectuais (Araujo & Agostinho 2010). O ALUSTP estará em vigor em período experimental até agosto de 2018 e seu uso é recomendado em todas as publicações nas línguas nacionais. A descrição da ortografia proposta pelo ALUSTP encontra-se detalhada na seção 4.2.

As gramáticas prévias da língua lung'le, de Günther (1973) e Maurer (2009), que serão retomadas na seção 2.4, não servem como instrumentos para o uso pedagógico, já que não são gramáticas com formato didático. Além disso, a primeira tem o alemão como língua-veículo e a segunda, o inglês. O método pedagógico ora apresentado tem como língua-veículo o português, língua oficial de São Tomé e Príncipe, empregada na escolarização básica e fundamental e língua materna da maior parte da população, o que garantirá o acesso dos habitantes da Ilha ao material.

Apesar de sua função pedagógica, o método ora apresentado aqui é científico, ou seja, sem julgamentos de valor em relação a formas linguísticas. Segundo Ranauro (sem data), o ensino de línguas pode e deve se beneficiar das informações obtidas pelas investigações linguísticas. Segundo a autora, cabe ao linguista aplicado, “com base em princípios pedagógicos, a escolha, dentre todo o material linguístico teórico e descritivo disponível, do que vai ser aproveitado no ensino da língua”. Ao mesmo tempo, esperamos que a descrição linguística do método seja apenas uma base para que os professores possam trabalhar a partir dele, e que o material didático com textos e exercícios ajude-os a melhor conduzir sua aula.

Este método pedagógico faz parte de um projeto em andamento na Universidade de São Paulo que conta também, desde 2008, com a elaboração de um dicionário lung'le/português, português/lung'le (Araujo, Agostinho, Araujo e Bandeira, em preparação). Dessa maneira, será possível disponibilizar instrumentos linguísticos tanto para a comunidade científica como para os habitantes da ilha do Príncipe, servindo, sobretudo, de auxílio aos falantes da língua, pois preenche uma lacuna em relação à inexistência de material didático lung'le/português. O público-alvo deste trabalho é, de um lado, os professores de lung'le, que carecem de material para utilizar em sala de aula e, de outro, o público que tiver interesse em aprender a língua, além do público acadêmico, em

¹ Para uma análise mais aprofundada dessa proposta e das ortografias anteriores, cf. Araujo e Agostinho 2010.

geral. Este material também poderá mostrar aos falantes que sua língua é objeto de interesse fora de seu país (cf. Vaux *et al.* 2007: 4) e, ao mesmo tempo, servirá como um instrumento linguístico para apoiar futuros projetos educacionais.

O trabalho está organizado da seguinte forma: o presente capítulo discorrerá brevemente sobre a história da Ilha do Príncipe (1.2), trará considerações sobre ecologia linguística (1.3) e planejamento e padronização (1.4).

O capítulo 2 discorrerá sobre como se deu a constituição dos *corpora* utilizados nesta tese (2.1), sobre os trabalhos de campo realizados em São Tomé e Príncipe (2.2) e os informantes (2.2.1), sobre a elaboração do método pedagógico (2.3), além de discutir os trabalhos prévios sobre o lung'le (2.4).

O capítulo 3 tratará da fonologia da língua, apresentando as representações do inventário fonológico do lung'le (3.1), incluindo os fonemas, alofones e suas realizações. Ofereceremos também uma proposta de estrutura silábica para a língua (3.2), levando em conta a posição dos glides (3.2.1), a quantidade vocálica (3.2.3), e a existência de nasais silábicas (3.2.4). Nossa análise apresentará o sistema acentual do lung'le, além de discutir a interação desse sistema com o sistema tonal (3.3). Finalmente, apresentaremos alguns processos fonológicos sincrônicos encontrados em nossos dados (3.4). Neste capítulo, utilizamos os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA).

O capítulo 4 trará o método pedagógico do lung'le. Este capítulo será constituído por uma introdução sobre o formato das lições (4.1), pela apresentação do ALUSTP (4.2), pelas notas gramaticais de cada lição (4.7.1), pelas 17 lições, pelos apêndices de textos de apoio (0), quadros (4.5) e respostas dos exercícios (4.6), pelos índices (4.7), por um glossário lung'le-português (4.8), e por um glossário português-lung'le (4.9).

O capítulo 5 trará as conclusões da Tese e, por fim, apresentaremos as referências.

1.2. Breve contextualização histórica

Há quatro línguas crioulas autóctones e geneticamente relacionadas (Schuchardt 1889, Günter 1973, Ferraz 1979, Maurer 2009, Hagemeyer 2009) no Golfo da Guiné: santome (ou forro), angolar, lung'le e fa d'Ambô. As três primeiras são faladas em São Tomé e Príncipe e a última é falada nas ilhas de Ano Bom e Bioko, na Guiné Equatorial. As quatro línguas, embora aparentadas, são atualmente ininteligíveis entre si.



Figura 1: O Golfo da Guiné

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Gulf_of_Guinea

Segundo Myers-Scotton (2002), são necessários alguns ingredientes sócio-históricos básicos para a formação de pidgins e crioulos: primeiramente, falantes de línguas ininteligíveis entre si devem ser colocados, lado a lado, num sistema *plantation* isolado. Com a necessidade de se comunicar, faz-se necessária uma língua franca, no entanto nenhuma das línguas dos escravos tem número de falantes suficiente para ser escolhida como tal, ou não há um grupo majoritário com prestígio suficiente para impor sua língua como franca. Dessa maneira, a outra opção seria a língua dos colonizadores, que contava com maior prestígio. Como os escravos não passavam muito tempo com os colonizadores, não tinham muitas oportunidades para adquirir a língua, ou seja, a transmissão era frequentemente irregular. Dessa forma, o objetivo era criar uma língua para ampliar a comunicação. Esses ingredientes, somados ao ambiente 'ilha' e à violência do sistema escravista, onde havia pouca chance de movimentação dos indivíduos, e às imposições linguísticas e culturais do colonizador, bem como à multiplicidade linguística e criatividade dos falantes, tornaram STP um cenário perfeito para o surgimento de línguas crioulas. Holm (1988: 1) lembra que pidgins e crioulos não são versões erradas das línguas dos colonizadores, mas línguas novas.

Antes da chegada dos portugueses, as ilhas de São Tomé, Príncipe e Ano Bom eram desabitadas. Segundo Cardoso (2007: 275), embora não se possa afirmar ao certo, as ilhas de São Tomé e Príncipe teriam sido descobertas pelos navegadores portugueses João de Santarém e Pedro Escobar, chegando a São Tomé em 21 de dezembro de 1470 e ao Príncipe em 17 de janeiro de 1471. Segundo Araujo *et al.* (2013: 26), a data exata da

chegada de europeus à Ilha de Ano Bom é controversa. O ano da descoberta de Ano Bom é situado entre 1471 e 1501 por diferentes autores (Araujo *et al.* 2013: 26).

O povoamento de São Tomé por portugueses, outros europeus, e escravos, se deu através de uma ordem da coroa portuguesa e começou a ser contínuo a partir de 1493 (Cardoso 2007). Segundo Libowicka-Węglarz (2011: 177), a Ilha de São Tomé foi a primeira a ser povoada, entre os anos 1480 e 1493. O povoamento da Ilha do Príncipe, por sua vez, se iniciou em 1500 (Maurer 2009), provavelmente a partir de São Tomé. Ainda segundo Libowicka-Węglarz, as ilhas do Príncipe e de Ano Bom foram povoadas através de São Tomé por portugueses e escravos africanos oriundos de São Tomé a partir de 1500 e de 1503, respectivamente.

Segundo Hagemeyer (2009), a ocupação de São Tomé e Príncipe passa por duas fases distintas. A primeira fase se dá nos séculos XV e XVI, a partir do cultivo e produção da cana-de-açúcar, e a segunda fase se dá em XIX e XX, a partir do ciclo do cacau e do café. A primeira fase de povoamento de São Tomé começou com a introdução da cana-de-açúcar no século XV pelos portugueses e por uma massa populacional africana das mais diversas origens e línguas, principalmente de regiões como o delta do Níger, onde são faladas línguas do grupo Edo, e do Congo e Angola, onde são faladas línguas Bantu (Christofolletti 2013: 8). É neste cenário multilíngue que surge uma língua emergencial, do contato entre os colonos e os escravos (Araujo *et al.* 2013: 29), que, expandida, deu origem ao proto-crioulo do Golfo da Guiné (PCGG) (cf. Ferraz 1979, Hagemeyer 2011). Além do impulso no povoamento de São Tomé, houve a transplantação de escravos, provavelmente falantes do PCGG, para a o Príncipe e para Ano Bom (Araujo *et al.* 2013: 29), dando origem ao lung'le e ao fa d'Ambô, respectivamente. Outro grupo de falantes formou um quilombo na ilha de São Tomé, dando origem ao angolar (Ferraz 1974, Caldeira 2006, Seibert 2007). Segundo Araujo *et al.* (2013: 29), “o santome é a continuação do PCGG, na Ilha de São Tomé”. As outras línguas, lung'le, fa d'Ambô e angolar seriam, portanto, resultado das mudanças decorrentes de sua transplantação e isolamento, além das influências linguísticas e sociais sofridas a partir do contato com outros grupos em cada uma dessas regiões. Como argumentado por Araujo *et al.* (2013: 29) sobre o fa d'Ambô e, estendido aqui para o lung'le e angolar, estas línguas são autônomas e linguisticamente relacionadas ao PCGG e ao português quinhentista.

A segunda fase de povoamento de STP, a partir do século XIX, trouxe trabalhadores contratados de outros países africanos, sobretudo de Cabo Verde (Hagemeyer 2009), o que contribuiu ainda mais para o plurilinguismo dessa sociedade. Posteriormente, outros grupos de falantes de kabuverdianu foram levados ao Príncipe devido à escassez de mão-

de-obra local, relacionada a uma epidemia de doença do sono na ilha durante o início do século XX (Maurer 2009: 3).

1.3. Ecologia linguística

Os dados referentes ao número de habitantes de São Tomé e Príncipe são, muitas vezes, díspares. Assim, a população de São Tomé e Príncipe pode variar de 100 mil a 200 mil habitantes, dependendo da fonte. A população da ilha do Príncipe varia entre 6 mil a 13 mil habitantes. Segundo Cardoso (2007), a população de São Tomé em 2000 era de 133.624 habitantes, enquanto a do Príncipe era de 6.036, somando 139.660 habitantes para todo o arquipélago. No entanto, o *CIA Factbook* estima que a população do arquipélago seja de 175.808, dado de julho de 2010². Segundo o Censo de 2011 (INE 2012), o país tem 187.356 habitantes e a Região Autônoma do Príncipe possui 7.542 habitantes.

Como já apontado na seção 1.2, São Tomé e Príncipe é um país multilíngue. Atualmente, são faladas no arquipélago quatro línguas crioulas (uma dessas línguas, o kabuverdianu³, é nativa de Cabo Verde) e o português, língua oficial. Além destas, ainda são faladas outras línguas como francês e inglês, ambas ensinadas nas escolas.

O número de falantes para cada língua do arquipélago também varia. Para o lung'le, dependendo da fonte, o número de falantes nativos varia de 20 (Maurer 2009) a 1300. Valkhoff (1966: 85) mencionou ter tido dificuldade para encontrar falantes nativos desta língua, já em 1958. Günther (1973: 50), por sua vez, aponta que o lung'le estaria em processo de extinção, sendo substituído pelo santome e pelo português. Segundo Araujo & Agostinho 2010, a mídia e a escolarização (fenômenos pós-independência) dão ao português um prestígio que não pode ser rivalizado, o que implica um abandono crescente das línguas nacionais. O angolar, a única língua de São Tomé e Príncipe que surgiu em uma comunidade de escravos fugidos das roças ou quilombos (Ferraz 1976, Seibert 2007), seria falada por cerca de 5 mil pessoas majoritariamente no Distrito de Caué. Maurer (2009) afirma que, embora o censo de 2001 tenha apontado que 16,3% da população da Ilha do Príncipe, aproximadamente mil pessoas, seriam falantes do lung'le, trata-se de um dado superestimado, a não ser que se considere o conhecimento passivo da língua como

² <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/tp.html>

³ O kabuverdianu é falado por milhares de pessoas, residentes, sobretudo, nas roças ou em propriedades rurais isoladas. Há inúmeros falantes de kabuverdianu como primeira língua e inclusive falantes monolíngues dessa língua na Ilha do Príncipe.

critério. O santome é a língua crioula que possui maior número de falantes no país e a mais prestigiada. O português é a língua oficial da República de São Tomé e Príncipe, empregada em todas as comunicações de Estado, na educação e na mídia. Segundo Araujo & Agostinho (2010), a norma portuguesa europeia é ensinada nas escolas e dominá-la é o objetivo do sistema escolar. Segundo os autores, o uso generalizado do português na mídia, na escolarização, no governo, bem como o uso das variantes reestruturadas que convivem com variantes próximas da 'norma' europeia não podem ser descartados do contexto sociolinguístico de STP.

O censo de 2011 não oferece dados sobre o bilinguismo ou o multilinguismo, porém afirma que cerca de 98,9% da população são-tomense fala o português (sem defini-lo como primeira língua, L1, ou como segunda língua, L2). Um total de 72,4% falaria o santome e 2,4%, o lung'le. As línguas restantes (angolar, kabuverdianu, francês, inglês, entre outras) formam o grupo 'outras línguas', totalizando 12,8%.

No caso do santome, os níveis de domínio da língua também variam, mas há claramente duas tendências em curso, observadas em trabalho de campo: o santome tem se tornado a língua crioula mais falada (mesmo pelos outros grupos minoritários) em São Tomé e Príncipe e, cada vez menos, as pessoas o aprendem como língua materna, papel desempenhado pelo português. Além disso, há mais falantes nativos de kabuverdianu no Príncipe do que falantes nativos de lung'le.

Durante o trabalho de campo, foi possível constatar que o lung'le é falado por cerca de 200 pessoas com nível de competência variado, geralmente com mais de sessenta anos. Não há falantes monolíngues. É certo, todavia, apontar que o lung'le, como língua materna, possui uso muito restrito e está limitado à população da Ilha do Príncipe. No entanto, após cinco anos de trabalho de campo no Príncipe, pudemos perceber um aumento de interesse em relação à cultura principense⁴ e ao aprendizado do lung'le. Discorreremos mais sobre essa questão na seção 4.3.

Alguns jovens têm um conhecimento passivo da língua lung'le, mas não têm competência linguística para falar. É possível observar que a língua não é, portanto, transmitida intergeracionalmente. Um dos motivos apontados pelos próprios habitantes da Ilha do Príncipe é a relutância que os pais apresentavam em transmitir a língua, pois pensavam que o aprendizado do lung'le atrapalharia o aprendizado do português. Os locais contam que os pais e avós falavam em lung'le, mas as crianças sofriam abusos físicos e psicológicos se não respondessem em português. Durante o trabalho de campo, pudemos

⁴ O nome do gentílico será principense, exceto se se referir a um cabo-verdiano nascido na Ilha do Príncipe. Sendo assim, principense é o nome do grupo étnico.

também observar que, mesmo entre os falantes inteiramente competentes em lung'le, a língua utilizada em seu cotidiano é predominantemente o português.

Além de fatores sociais, há uma razão histórica para o declínio do número de falantes do lung'le: no início do século XX, houve uma epidemia de doença do sono que dizimou a população nativa do Príncipe, restando apenas 300 pessoas (Günther 1973). Sendo assim, devido à situação de depopulação e escassez de mão-de-obra, foram levados para as roças⁵ do Príncipe trabalhadores assalariados de outras regiões, principalmente de Cabo Verde. Há muito falantes do crioulo de Cabo Verde como primeira língua e muitos falantes monolíngues ou pessoas que dizem saber “só um pouquinho” de português.

Em resumo, ressaltamos que STP trata-se de um país multilíngue e que as línguas autóctones, bem como as outras línguas faladas no arquipélago constituem, ao lado do português, a complexa ecologia linguística do país.

1.4. Planejamento e padronização linguística

O planejamento linguístico das línguas crioulas é, em geral, problemático devido primeiramente a questões relativas à oficialização, manutenção, codificação e padronização destas línguas, que aparecem em contextos multilíngues e de diglossia. Além disso, essas línguas, com raras exceções⁶, não contam com uma tradição escrita, o que dificulta a padronização a partir de um modelo pré-existente e aumenta a possibilidade de grafias autorais. A situação do Príncipe é particular pelo convívio do lung'le como membro minoritário em um ambiente com falantes de outras línguas crioulas (cf. 1.3), e pelo perigo de extinção da língua. O estatuto político administrativo da Ilha do Príncipe foi aprovado pela Assembleia Nacional em 1994. A partir de então, a Ilha do Príncipe passou a ser uma Região Autônoma de São Tomé e Príncipe. Sendo assim, nos últimos anos, tem havido uma associação forte entre ser principense e conhecer o lung'le. Segundo Garrett (2008: 31), mesmo que qualquer língua seja percebida por seus falantes como inferior em relação à língua oficial, ela pode servir também como um símbolo de sua identidade. Dessa forma, se de um lado o Governo Regional do Príncipe apoia essa ideia, o Governo Central se mostra menos entusiasmado em promover tal divisão. Segundo Devonish (2008), há dois tipos de motivações por trás do planejamento linguístico. A primeira é fazer com que a língua

⁵ No português de São Tomé e Príncipe, as fazendas coloniais são chamadas de ‘roças’, termo importado do Brasil Colonial.

⁶ O papiamentu, por exemplo, é uma língua com tradição escrita que remonta ao século XVIII (Araujo 2011).

venha a ser, ou continue sendo, usada como expressão da identidade nacional de um povo, produzindo uma “língua nacional”. A segunda é fazer com que uma variedade da língua seja usada nas instituições do estado, tornando-se assim uma “língua oficial”. No caso do Príncipe, a motivação para a revitalização linguística é a primeira.

Uma das questões que surgem no processo de padronização das línguas crioulas é a dificuldade de passar do crioulo para a língua lexificadora com competência em ambas (Appel & Verhoeven 1995), mas, no caso do Príncipe, o problema é justamente o oposto, ou seja, passar da língua lexificadora para o crioulo, já que praticamente todos os nativos falam português. Meyn (1983 *apud* Garrett 2008) questiona se aprender a língua dominante não-crioula não significaria colocar a identidade cultural e histórica do falante do crioulo em perigo. Segundo Appel e Verhoeven (1995), a política linguística se manifesta em dois principais domínios: na educação e na mídia. Podemos, então, analisar o caso do Príncipe em cada um destes domínios.

Severing & Weijer (2008), sobre o planejamento linguístico do papiamentu nas ilhas de Aruba, Bonaire e Curaçao, consideram que o canal mais eficiente na área de planejamento linguístico é a escola e o sistema de ensino. Dessa forma, podemos observar como a escola e o sistema de ensino têm influenciado no planejamento linguístico da Ilha do Príncipe.

Desde 2009, a língua vem sendo ensinada nas escolas, resultado do incentivo à cultura principense pelo Governo Regional do Príncipe. No entanto, não há professores treinados para lecionar a língua, nem material didático. Os professores são os principenses mais idosos, que ainda têm conhecimento ativo da língua. A cada quinzena, os professores se reúnem para programar as aulas, porém a discussão é muitas vezes pautada na ortografia, já que o *lung'le* ainda não tinha uma ortografia padrão até 2010, e a discussão sobre a escolha entre uma escrita fonética ou etimológica ainda não havia sido resolvida. Com a implementação do ALUSTP⁷, que estará em período experimental até 2015, todos os instrumentos linguísticos passarão a utilizar a mesma grafia padronizada. No entanto, apesar de sua implementação, o acordo ortográfico continua desconhecido pela maioria dos principenses, inclusive para os professores de *lung'le*. Auroux (1992) sugere que, “com a imprensa e a standardização, a ortografia se torna um problema, às vezes acidamente discutido”. Em geral, os professores de *lung'le* ensinam somente listas de palavras, e não há aulas de estruturas linguísticas ou conversação. Apesar dos encontros quinzenais, cada professor define sozinho de que forma e com quais materiais ministrará

⁷ Pontífice, João, Caustrino Alcântara, Beatriz de Castro Afonso, Tjerk Hagemeyer & Philippe Maurer. 2010. Alfabeto Unificado para a Escrita das Línguas Nativas de S. Tomé e Príncipe (ALUSTP). Inédito.

suas aulas. A falta de instrumentos linguísticos é, portanto, uma grande dificuldade para o aprendizado do lung'le nas escolas, já que estes instrumentos permitem notadamente uma maior estabilidade na metodologia de ensino (Auroux 1998).

A televisão local tem três canais abertos, sendo um são-tomense (Televisão São-tomense (TVS), que não tem programação 24h) e dois portugueses (Rádio e Televisão Portuguesa (RTP) e RTP África), todos transmitidos em português. O canal são-tomense exhibe alguns programas em santome, mas não em lung'le. O canal também exhibe videoclipes nacionais com músicas em forro e algumas em lung'le. Cerca de duas vezes por semana são transmitidos programas de rádio em lung'le, na Rádio Regional do Príncipe. Os programas consistem em conversas informais sobre a língua, sobre a vida no Príncipe, sobre política, apresentações musicais, lições sobre a língua, traduções para o lung'le, entre outros. Os ouvintes podem telefonar para a produção do programa radiofônico e tirar dúvidas sobre a língua durante as transmissões. No entanto, os programas não são reprisados por não haver memória suficiente para a gravação dos mesmos. Além disso, há transmissões de músicas em lung'le, mas a maioria da programação musical é em português, kabuverdianu e santome.

Durante os trabalhos de campo de 2013 e 2014, em comparação com os anos anteriores, foi possível observar que o interesse em aprender o lung'le tem crescido. Além das aulas na escola e programas de rádio, há um encontro semanal chamado **palixa na lung'le** 'conversar em lung'le', onde se elege um tema sobre o qual os presentes deverão discorrer em lung'le. O encontro também é, muitas vezes, transmitido pela Rádio Regional do Príncipe. Tivemos a oportunidade de participar desses encontros, bem como do programa semanal de rádio, durante os quatro meses de trabalho de campo e constatamos que há cada vez mais jovens interessados em aprender a língua. Dessa forma, é possível dizer que o planejamento e a padronização da língua, por meio de instrumentos linguísticos, preencherá uma lacuna no ensino do lung'le, abrindo caminho para novas publicações e materiais didáticos, bem como colaborando com o crescente interesse pela língua e para a sua promoção como língua nacional de São Tome e Príncipe.

2. Metodologia e trabalhos prévios

Este capítulo tratará da metodologia empregada nesta tese e na discussão da literatura existente sobre a língua. Em 2.1, abordaremos como foram elaborados os *corpora* e em 2.2, como foi executado o trabalho de campo com os informantes. Em 2.3, trataremos da metodologia do método pedagógico. Finalmente, em 2.4, discutiremos os trabalhos prévios.

2.1. Constituição dos *corpora*

Os *corpora* deste trabalho foram recolhidos durante as pesquisas de trabalho de campo realizadas na Ilha do Príncipe em 2009, 2010, 2011, 2013 e 2014.

O *corpus* utilizado para a descrição da fonologia no capítulo 3 é constituído de palavras, pares mínimos, sentenças, narrativas pessoais, e foi sendo constituído ao mesmo tempo em que a análise fonológica era feita. As seções de gravação eram planejadas de acordo com o objetivo de cada etapa do trabalho. Os processos fonológicos (cf. 3.4) foram observados a partir das gravações de fala espontânea e depois verificados em gravação controlada. Por exemplo, para a seção sobre nasalização (3.4.12), elaboramos uma lista de pares mínimos e palavras. Estas palavras eram enunciadas dentro de uma sentença-veículo pelos falantes nativos, a fim de observar em que contextos sofriam este processo.

O *corpus* utilizado do dicionário lung'le/português, português/lung'le (Araujo, Agostinho, Araujo e Bandeira, em preparação) tem cerca de 5.000 palavras, incluindo compostos, variantes e topônimos, e foi organizado em Latex e em uma planilha do Excel. A partir disso, removemos os compostos da lista, a fim de não considerar a mesma palavra

mais de uma vez, restando cerca de 4.000 palavras. Este foi o *corpus* utilizado na seção 3.2, que trata da sílaba. A seguir, fizemos um programa em linguagem *python* que analisou o *corpus* e converteu as palavras isoladas em cadeias silábicas com divisão de sílabas, atribuindo valores de acordo com cada fonema. A lista foi revisada manualmente, para garantir que casos excepcionais e exceções estivessem com a parsificação silábica correta. A partir destes dados, pudemos analisar os tipos de sílaba em lung'le através do programa *AntConc*. Os resultados estão descritos na seção 3.2.

O *corpus* do método pedagógico é diferente dos demais, por ser constituído de textos das lições traduzidos pelos falantes nativos, ou seja, não espontâneos, visando à utilização de certas formas gramaticais. Já os textos de cultura são compostos de traduções do português para o lung'le, feitas por falante nativo, ou de texto espontâneo de um falante nativo traduzido para o português, com o auxílio do mesmo. Sentenças que não fazem parte dos diálogos foram somadas ao *corpus*, para constituírem exemplos nas notas gramaticais. O *corpus* do dicionário foi utilizado no vocabulário temático de cada lição. No vocabulário de cada lição, constarão apenas as palavras que aparecerem pela primeira vez. O vocabulário dos textos de cultura funciona da mesma forma, porém, uma palavra que já apareceu em um vocabulário de lição anterior não se repetirá. No final do método, há um glossário com todas as palavras dos textos (lições e cultura) e vocabulários temáticos, com a referência àquela lição em que aparecem primeiro.

Utilizamos também os *corpora* de Günther (1973), com cerca de 800 entradas, e de Maurer (2009), com cerca de 1.650 entradas, para discutir ou corroborar alguma análise fonológica ou para completar alguma nota gramatical no método pedagógico. Sempre que um dado não for nosso, será citada a fonte em nota de rodapé.

2.2. Trabalho de campo

Como este trabalho é sobre uma língua falada na África, é essencial que o trabalho de campo seja feito no local, já que seria muito difícil obter dados de qualidade no Brasil, pois a maioria dos falantes nativos da língua em questão têm mais de sessenta anos. Além disso, a língua não possui muitos falantes nativos, dificultando ainda mais um trabalho de campo que não fosse feito na comunidade. Segundo Vaux *et al.* (2007: 5), o trabalho de campo é obviamente necessário a linguistas que não estão trabalhando com sua língua materna, já que julgamentos sobre a gramaticalidade dos dados dependem da intuição do falante nativo. Dessa forma, uma longa estadia no campo permite uma coleta de dados

variados, a checagem destes dados junto aos falantes nativos, bem como a possibilidade de documentar ocasiões singulares do uso da língua, como a participação no programa de rádio e nos encontros semanais de lung'le, por exemplo, e da interação linguística com os falantes. Além disso, Crystal (2000: 101) afirma que é crucial para os estudos linguísticos contar com descrições de línguas em perigo de extinção, como parece ser o caso do lung'le, no dado momento.

Foram selecionados dois livros principais que auxiliaram na análise dos dados e no trabalho de campo. *Describing Morphosyntax*, de Payne (1997), serviu como um guia para a elaboração de uma gramática a partir da coleta do trabalho de campo. Segundo Payne, a pura existência de um dicionário ou uma gramática confere prestígio à língua estudada, já que línguas ágrafas são muitas vezes consideradas pelos leigos como não tendo uma “gramática”, isto é, não sendo uma língua sistematizável, ou como sendo somente um “dialeto” ou, ainda, uma língua “primitiva”. Primeiramente, Payne mostra de que maneira o pesquisador pode obter informações demográficas e etnográficas, como, por exemplo, a situação sociolinguística. É preciso investigar em quais contextos a língua é utilizada, qual a porcentagem de monolíngues e multilíngues e quais são as outras línguas faladas pela comunidade. A seguir, Payne descreve a tipologia morfológica (dividindo as línguas em isolantes, aglutinantes ou fusionais) e as categorias gramaticais: nomes, verbos, modificadores e advérbios. Em seguida, o livro traz informações sobre a tipologia das orações, ordem de constituintes, substantivos e sintagmas nominais, verbos e sintagmas verbais. Há ainda uma seção dedicada à investigação de estruturas marcadas no nível da pragmática e outra dedicada à língua em uso. Além de detalhar cada um dos assuntos com muitos exemplos, o autor sugere, em todos os capítulos, algumas questões a serem trabalhadas pelo linguista acerca da língua-alvo.

O segundo livro, *Linguistic Field Methods*, de Vaux, Cooper & Tucker (2006), é um manual para estudantes de linguística descritiva e para o linguista que fará trabalho de campo. O volume apresenta uma introdução acessível ao trabalho de campo e aborda métodos para elicitación e documentação de dados com informantes nativos. A introdução traz informações que podem ser úteis no momento de escolha do informante, como, por exemplo, o fato de que as pessoas não costumam gostar de ouvir ou ver gravações de si mesmas. Em todo momento, os autores citam exemplos de situações reais de contato entre linguistas e informantes. É sugerido que todas as seções de coletas de dados sejam gravadas com aparelhagem apropriada e transcritas em cadernos próprios para este fim. Então é apresentada uma maneira de coletar vocabulário e textos a partir de lista de palavras e elicitación de narrativas pessoais, contos tradicionais e textos inventados pelo próprio pesquisador. A obra mostra como identificar padrões sonoros, estruturas de

palavras e nuances de significado, além de como descrever padrões acústicos e articulatórios, e analisar sentenças. Finalmente, o livro fornece recursos para o estudo da língua em uso, de sua variação e de seu passado. Em todos os capítulos, há uma seção com questões a serem consideradas pelo estudante ou linguista e algumas delas são respondidas no final do livro pelos próprios autores.

Há dezenas de métodos para um bom trabalho de campo e cada um deles deve se adaptar à situação local. Para além das informações de uso prático apresentadas no livro, utilizamos as ferramentas de coleta e análise adquiridas durante a graduação em linguística na USP, nas discussões das reuniões do grupo de estudos crioulos, além das orientações do orientador desta tese.

Durante o mestrado, que deu origem ao doutorado direto, foram realizados dois trabalhos de campo. No primeiro trabalho de campo, com duração de quatro meses, realizado em 2009, estudamos a fonologia e a morfossintaxe do lung'le. Em fevereiro de 2010, foi realizado o segundo trabalho de campo, com duração de 40 dias. Nesta segunda etapa, preparamos os textos utilizados no método pedagógico, além de desenvolver sua estrutura. Nesta ocasião, coletamos todos os arquivos de áudio e vídeo de cada lição, que serão disponibilizados *online*. Após ingressar no doutorado, foi realizado o terceiro trabalho de campo, em abril de 2011. Dessa vez, o objetivo foi completar os textos de cultura e traduzi-los para o lung'le, além de gravá-los em áudio com falantes nativos. Além disso, produzimos os exercícios comunicativos, de interpretação e de produção, além de ampliar o vocabulário do método. O quarto trabalho de campo foi realizado em maio de 2013, com duração de três meses. O principal objetivo foi coletar dados para o dicionário bilíngue lung'le/português, português/lung'le, sendo importante para aumentar o vocabulário temático de cada lição da gramática pedagógica. Ao mesmo tempo, durante esses três meses, pudemos revisar e finalizar o método pedagógico e coletar dados para a descrição fonológica do lung'le. Durante esse período, foi possível também interagir com maior fluência em lung'le junto aos falantes nativos. Em 2014, foram realizados dois trabalhos de campo no Príncipe e em São Tomé, em junho e outubro, com duração de um mês cada, em que o principal objetivo foi sanar algumas dúvidas de fonologia.

O método pedagógico foi inspirado livremente no método de Quint (2003) para o kabuverdianu. As 17 lições foram elaboradas focando os itens gramaticais que apareceriam em cada lição. Dessa forma, há mais vocabulário e pontos gramaticais básicos e em maior número nas primeiras lições, e menos vocabulário e pontos gramaticais mais complexos, e em menor número, nas lições mais avançadas. A primeira etapa foi montar os diálogos em português, já com os pontos gramaticais esquematizados para cada lição. Nas duas primeiras semanas do trabalho de campo, foi possível escrever os equivalentes aos

diálogos para o lung'le, com auxílio de falantes nativos. Os textos e músicas foram produzidos pelos próprios falantes de diversas faixas etárias e traduzidos para o português junto a falantes nativos⁸. Todas as sessões de tradução foram gravadas em áudio e vídeo. Com os diálogos prontos, foram feitas gravações dos falantes lendo os textos. Cada diálogo foi gravado pelo menos cinco vezes, a fim de garantir arquivos sem problemas de leitura ou pronúncia. Todas as sessões de versões em português dos textos de cada lição, de vocabulário extra e dos textos de cultura também foram gravadas, caso houvesse alguma dúvida no momento de transcrição dos dados.

2.2.1. Informantes

No trabalho de campo realizado em 2009, ainda na Ilha de São Tomé, trabalhamos com o casal Sier Lima, nascido em 1946, e Luzia da Trindade, nascida em 1966. Durante este primeiro momento de reconhecimento da língua, foi possível gravar listas de palavras, histórias e canções tradicionais. Ainda em São Tomé, foi possível conhecer Manuel Salomé, nascido em 1950. Salomé foi o informante com quem mais trabalhamos durante esta viagem. Sua contribuição foi essencial para a constituição dos dados utilizados na Fonologia. Foram feitas algumas gravações com os informantes Salomé e Marcelo Lopes de Andrade interagindo, a fim de observar processos fonológicos sincrônicos. A informante Teresa de Jesus Andrade (Zeta), também nos auxiliou na coleta de dados para a Fonologia e em coletas de sentenças. Zeta é uma grande conhecedora da culinária tradicional e de plantas medicinais. O informante José Napoleão (Mestre Jaju), músico e contador de histórias, nos auxiliou de diversas formas, sobretudo narrando vários contos tradicionais e canções em lung'le, de autoria própria. O informante Guilherme dos Ramos Martins (Seu Paz), nos mostrou várias letras de músicas em lung'le da dança tradicional **dêxa**. Frutuoso dos Santos Luís Fernandes (Tuta), nascido em 1971, o informante mais jovem com quem trabalhamos, nos auxiliou na coleta de dados de fonologia e morfossintaxe. Era músico e escreveu várias canções em lung'le. Infelizmente, Frutuoso faleceu em 2010. Trabalhamos com Severina Gomes Furtado Pernambuco (Dinha), nascida em 1971, e sua mãe Dona Severina, falecida em 2013. Outros informantes que auxiliaram nesta pesquisa durante o primeiro trabalho de campo foram: Ana dos Prazeres, nascida em 1942, Antônia Raposo de Bastos Aurora, nascida em 1950, José Ananias, nascida em 1942, Onória Selina, nascida em 1934, e Pedro Gomes (do Picão).

No trabalho de campo realizado em 2010, trabalhamos basicamente com Frutuoso na elaboração e tradução de todos os diálogos do método pedagógico. Neste segundo

⁸ Os textos trarão o nome de seu autor.

trabalho de campo, pudemos conhecer o informante Alvarino Barbosa Neto (Xexé), que nos auxiliou em vários momentos, sobretudo com nomes de peixes e plantas. Outros informantes que auxiliaram com os textos de cultura e com dados e fonologia durante a segunda viagem foram Dinha, Juju, Zeta, Salomé e Paz.

No trabalho de campo realizado em 2011, trabalhamos na elaboração e tradução dos textos de cultura e dos exercícios com os informantes Dinha, Xexé, Salomé e Dona Severina.

Nos trabalhos de campo realizados em 2013 e 2014, vários informantes nos ajudaram novamente na constituição do *corpus* do dicionário, revisão da fonologia e do método pedagógico: Xexé, Zeta, Dinha e Pedro. Durante este período, pudemos também trabalhar com alguns informantes pela primeira vez: Oscar Lavres, Salvador Manuel das Neves, Nicolau Lavres, Maria dos Santos Rosa Montes (Avelina), Professora Linda e Manuel Salomé. Durante este período, foi possível participar do programa da Rádio Regional na companhia de Juju, Oscar e Dinha.

2.3. Elaboração do método pedagógico

Dias (2009: 126), sobre as gramáticas pedagógicas do português, afirma que “ao desconsiderar as relações de influências entre fala e escrita, ignora-se a oportunidade de trabalho com a imensa riqueza e variedade de usos da língua. (...) Faltam oportunidades para a análise de níveis de uso da língua e suas formas de realização, em diferentes graus de formalidade ou justamente de interlocutores. Assim, ficam limitadas as possibilidades de reflexão sobre a situação comunicativa em face de suas características específicas (...)”. Dessa forma, Dias (2009) enfatiza que o uso de exercícios comunicativos é essencial no aprendizado de 1ª ou 2ª língua.

Os diálogos e textos em lung'le foram gravados com falantes nativos *in loco* durante o trabalho de campo e serão disponibilizados como material audiovisual deste método. Os falantes auxiliaram na elaboração dos textos sobre a cultura e puderam revisar os diálogos e as traduções. O formato das lições deste método pedagógico foi livremente inspirado no método *Parlons Capverdien – langue et culture*, de Nicholas Quint (2003), por se tratar de um método pedagógico de uma língua crioula de base portuguesa. O sistema de tempo-modo-aspecto utilizado no método pedagógico foi descrito por Maurer (2009). Ademais, há pontos em que discordamos de Maurer (2009), principalmente na descrição do sistema pronominal, na reduplicação e ideofones, como será isto em 2.4 a seguir.

2.4. Revisão da bibliografia

Nesta seção, abordaremos os trabalhos prévios sobre o lung'le. Há, relativamente, poucos estudos sobre as línguas crioulas de São Tomé e Príncipe e a literatura que trata do lung'le resume-se a uma dezena de trabalhos. Como mencionado no capítulo 1, há duas gramáticas da língua: Günther (1973) e Maurer (2009), que constituem os trabalhos mais extensos sobre o lung'le. Além desses, há alguns outros trabalhos em que a língua é descrita ou citada (Ribeiro 1888; Schuchardt 1889; Ferraz 1975, 1976, 1979; Ferraz & Traill 1981; Hagemeijer 2009, 2009b; Rougé 2004; Maurer 1997; Mané 2007; Araujo & Agostinho 2010; Agostinho *et al.* 2012, Agostinho 2012; Araujo & Agostinho 2014).

A primeira descrição do lung'le foi feita em 1888 por Manuel Ferreira Ribeiro e serviu de base para a publicação de Schuchardt em 1889 (Maurer 2009). Um segundo trabalho, publicado em 1966 por Valkhoff, trazia alguns dados de lung'le, mas o seu foco principal era o santome. Em 1973, Günther publicou a primeira gramática com uma descrição científica da língua, "*Das portugiesische Kreolisch der Ilha do Príncipe*", trabalho que será abordado adiante.

Luis Ivens Ferraz publicou em 1975 um artigo sobre a influência africana no lung'le; em 1976, publicou um artigo sobre a origem das línguas do Golfo da Guiné. Em 1981, juntamente com Anthony Traill, Ferraz publicou um trabalho sobre a interpretação dos tons em lung'le, que será retomado no capítulo 3.3. Seu livro *The Creole of São Tomé*, de 1979, traz alguns dados do lung'le, mas é dedicado majoritariamente ao santome. O trabalho de Rougé (2004) é um dicionário etimológico que contém cerca de 700 palavras do principense, embora muitos de seus étimos estejam incorretos.

Maurer (1997) trata do sistema de tempo, modo e aspecto do lung'le. Em 2009, Maurer publicou uma gramática do lung'le, "*Principense: Grammar, Texts, and Vocabulary of the Afro-Portuguese Creole of the Island of Príncipe, Gulf of Guinea*", que será retomado a seguir. O trabalho de Maurer (2009) é, possivelmente, o único trabalho ao qual a população do Príncipe teve acesso. Na ocasião de sua publicação, houve uma palestra do autor na sede do Governo Regional e há alguns exemplares disponíveis para consulta no Centro Cultural do Príncipe, embora o livro seja em inglês.

Em 2007, Djiby Mané defendeu a tese de doutorado intitulada "Os crioulos portugueses do Golfo da Guiné: quatro línguas diferentes ou dialetos da mesma língua?". Contudo, além dos trabalhos prévios, o autor utilizou informantes residentes no Brasil para sua análise e, como esta língua é falada por poucas pessoas e seus falantes têm normalmente mais de 60 anos, é possível que aqueles informantes não fossem competentes na língua, já que é possível encontrar muitos étimos incorretos em sua tese.

A seguir, retomaremos os trabalhos de Günther (1973) e Maurer (2009) por serem os mais completos sobre o lung'le. O trabalho de Ferraz & Traill (1981) será discutido na seção 3.3.

A gramática de Wilfried Günther (1973) é a primeira gramática científica da língua lung'le. Günther não faz menção ao ano de coleta do material, mas supomos que tenha se dado entre o final dos anos 60 e começo dos 70. A partir do trabalho de campo, pudemos comparar itens lexicais e orações descritas por Günther com os dados que recolhemos, verificando possíveis alterações e palavras que caíram em desuso, bem como palavras recentemente introduzidas. A gramática de Günther é dividida em três seções: *gramática*, *crestomatia* (coleção de passagens literárias usadas especialmente para auxiliar na aprendizagem de uma língua estrangeira) e *glossário*. Além disso, há uma introdução na qual o autor faz uma breve descrição histórica e sociolinguística das ilhas do Golfo da Guiné (São Tomé e Príncipe e Ano Bom), comentando também sobre a língua santome, o fa d'Ambô e o angolar, bem como definindo o termo crioulo e descrevendo sua interpretação sobre a estrutura das línguas crioulas, de modo geral. O autor também menciona a teoria do substrato (defendendo-a, implicitamente) e sugerindo que os escravos mantiveram sua língua tanto quanto possível e que os crioulos refletem a estrutura básica destas línguas. Por fim, tece considerações sobre o substrato do lung'le, identificando a língua Bini como sendo parte importante desta herança.

Na seção denominada *gramática*, Günther apresenta a fonologia, a morfologia e a sintaxe do lung'le. Na seção sobre a fonologia, descreve a realização das vogais orais, vogais nasais, semivogais, a formação de ditongos, hiatos e a sílaba. Aborda também a realização das consoantes (oclusivas, líquidas, fricativas e africadas). Segundo o autor, há sete vogais orais, /i, u, ε, e, ɔ, o, a/, e cinco nasais, /ĩ, ũ, ě, õ, ã/, sendo que [ě] e [õ] estão em variação com [ē] e [ō], respectivamente. No que diz respeito ao quadro consonantal há, segundo ele, 23 consoantes: /p, b, m, w, f, v, t, d, n, l, s, z, r, c, ʃ, ʒ, ɲ, ʎ, k, g, y, ŋ, ɡb/. A consoante /c/ é uma africada alveolar, realizada como [tʃ]; /r/ é uma vibrante múltipla; /ɡb/ é uma consoante oclusiva velo-labial. Os tipos silábicos possíveis são: V, CV e CVC, (onde V é vogal e C, consoante).

Por fim, o autor menciona algumas características prosódicas. Segundo Günther, o lung'le é uma língua tonal com três tons: alto (´), baixo (não marcado) e crescente (^) e não há oposição entre o tom baixo e o tom crescente. Alguns exemplos da oposição tonal, coletados por Günther:

LUNG'IE	PORTUGUÊS	LUNG'IE	PORTUGUÊS
kába	'cabra'	kabá	'acabar'
keba	'rir'	kebá	'quebrar'
swá	'história'	suâ	'suar'
pwé	'pai'	kwê	'parir'

Quadro I: Oposições tonais como descritas por Günther (1973).

Günther defende que o tom provém da língua de substrato Bini. Alguns exemplos oferecidos pelo autor:

LUNG'IE	PORTUGUÊS	BINI	PORTUGUÊS
byê	'cozinhar'	<i>biê</i>	'ser bem cozido'
ñê	'empurrar'	<i>niê</i>	'empurrar'

Quadro II: Palavras com substrato Bini, como descritas por Günther (1973).

No entanto, defender uma posição superestratista ou substratista sem conhecer a fundo os elementos formativos do crioulo, ou seja, as várias línguas do substrato, inclusive as línguas formadoras que enfrentaram a extinção, sem deixar vestígios, é uma tarefa muito complexa. Retomaremos a análise prosódica de Günther no capítulo 3.3.

O autor também descreve a morfossintaxe, baseando-se na divisão gramatical clássica das descrições das línguas da Europa Ocidental. Assim, as categorias de palavras abordadas são, de um lado, o substantivo (e suas flexões), o adjetivo, o advérbio, o numeral, os artigos, os pronomes e, de outro lado, o verbo (e suas conjugações). Na parte dedicada à estrutura da sentença, Günther menciona os tipos e funções dos sintagmas e a tipologia da sentença.

Na *crestomatia*, o autor traz uma coleção de textos em lung'ie. Entre os textos há histórias, ditados populares e canções, com sua respectiva tradução em alemão.

O glossário contém cerca de 800 palavras, apresentadas de forma bilíngue (lung'ie/alemão), com observações em português, sobretudo etimológicas e, às vezes, com o equivalente em inglês. O autor utiliza um sistema de transcrição misto, com elementos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA) e do Alfabeto Fonético Americanista.

Maurer (2009) apresenta uma introdução com informações sobre a história, a situação linguística e a variação do lung'ie (capítulo 1). Há, em seguida, descrições da fonologia (capítulo 2) e da morfossintaxe (capítulo 3) da língua. O capítulo sobre a morfossintaxe é consideravelmente mais detalhado do que o da fonologia. O autor também descreve alguns 'aspectos variados' (capítulo 4) e apresenta uma coletânea com os textos

que utilizou em suas análises (capítulo 5). Finalmente, há uma lista de palavras principense-português (capítulo 6) e português-principense (capítulo 7).

No capítulo sobre a fonologia, Maurer apresenta os fonemas da língua. Para o autor, o *lung'le* tem sete vogais orais, /i, u, ε, e, ɔ, o, a/, e sete nasais, /ĩ, ũ, ê, ã, õ, ã/, que podem ser realizadas como nasais em todos os contextos ou como vogal oral mais consoante nasal homorgânica. Para Maurer (2009: 8), as vogais nasais são fonemas da língua. O autor também descreve as nasais silábicas /ŋ/ e /ɱ/, que aparecem apenas em início de palavra. O autor apresenta o quadro consonantal do principense com 22 consoantes: [p, b, m, f, v, kp, gb, t, d, n, r, s, z, l, j, ʒ, tʃ, ɲ, ʎ, k, g, ŋ]. Maurer (2009: 9) não identifica se o quadro é constituído de fonemas ou fones, mas podemos inferir que seja um quadro fonético, já que ele informa que *n*⁹ e *ŋ* estão em distribuição complementar. O autor também diz que consoantes pré-nasalizadas são marginais, mas não as coloca no quadro de fones. Maurer (2009: 10) oferece pares mínimos para as consoantes com estatuto fonológico. No entanto, os pares mínimos referentes às consoantes palatalizadas [ʃ, ʒ, tʃ], sempre as trazem diante de [i], ou seja, é difícil estabelecer se a palatalização é fonética ou fonêmica, a partir dos exemplos do autor. Maurer (2009: 12) não discute a posição dos glides na sílaba, mas, como os considera formadores de ditongos, é possível inferir que o autor os considera semivogais. Segundo Maurer (2009: 12-13), as sílabas mais comuns são V e CV e suas combinações, e as palavras em *lung'le* podem ter até cinco sílabas, mas palavras com mais de três sílabas são raras.

Maurer (2009: 10-12; 13-14) descreve brevemente alguns processos fonológicos como palatalização e despalatalização à luz da diacronia e o processo de sândi vocálico sincrônico, que pode ser o gatilho para palatalização e despalatalização sincrônicas.

Maurer rejeita a hipótese sobre a tonicidade do *lung'le* apresentada em Günther (1973), bem como a de Ferraz & Traill (1981). Sendo assim, o autor apresenta uma visão diferente acerca dos tons e do acento em *lung'le*, que será retomada no capítulo 3.3. O autor tece considerações muito breves sobre o acento, e afirma que é preciso mais estudos para observar a interação entre tom e acento.

O capítulo sobre fonologia de Maurer traz muitas considerações pertinentes a esta tese, porém, em alguns momentos, é difícil separar o sincrônico do diacrônico, bem como o estatuto fonêmico do fonético, em muitas das suas análises. Além disso, o autor não demonstra como chegou a uma análise em certos pontos de seu texto. Discutiremos mais sobre sua análise fonológica no Capítulo 3.

⁹ Maurer não utiliza // ou [] quando escreve sobre fonemas ou fones em seu texto, portando fica difícil saber seu estatuto.

O capítulo sobre morfosintaxe traz várias questões pertinentes. O autor descreve o sintagma nominal, o sintagma verbal, sentenças simples e complexas e partículas de final de sentença. Em 1997, Maurer havia descrito o sistema de tempo, modo e aspecto do lung'le e retoma seus argumentos para definir a tipologia dos verbos.

Maurer (2009) utiliza o termo “independentes” para a classificação de alguns pronomes, termo que não aponta para uma análise ou descrição linguística. Além disso, podemos identificar duas categorias distintas para eles: deslocados e argumento (dativo). Estes pronomes podem ser pronomes livres em função de interface sintática-discursiva, sendo nestes casos topicalizados, muito similar à expressão de tópico com pronome resumptivo, que aparece em várias línguas do mundo. Estes pronomes também são usados como pronomes isolados e em construções clivadas. A seguir podemos observar exemplos de usos desses pronomes topicalizados (1)-(2), isolados (3)-(4) e clivados (5):

- (1) **[a'mi, n'sa sa'ma 'tʃi].**
 1PS.DES 1PS.SUJ.PRO chamar 2PS.OBJ
 ‘Eu estou te chamando’.
- (2) **[ʔeli, ʔe 'sa sa'ma 'nɔ].**
 2PS.DES 3PS.SUJ PRO chamar 1PP.OBJ
 ‘Ele está nos chamando’.
- (3) **[a'mi]?**
 3PS.DES
 ‘Eu?’
- (4) **[a'tʃi 'ki a'mi].**
 2PS.DES CONJ.e 1PP.DES
 ‘Eu e você’.
- (5) **[ʔeli ki sa'ma 'nɔ].**
 2PS.DES REL chamar 1PP.OBJ
 ‘Foi ele que nos chamou’.

Esses pronomes chamados de “independentes” por Maurer também podem ter função dativa no argumento interno do verbo preposicionado, como podemos observar nas sentenças a seguir:

- (6) [ŋ'ka 'po fe'ze 'vĩtʃi 'mili 'dɔba da'txi].
 1PS.SUJ.N-PASS poder fazer vinte mil dobra¹⁰
 PREP.para.2PS.DAT
 'Eu posso fazer por vinte mil dobras para você'.

- (7) [n'sa 'kɛ 'ʃjowo 'fa].
 1PS.SUJ.PRO ir.FUT PREP.sem.2PP.DAT NEG
 'Eu não irei sem vocês'.

Dessa forma, o sistema pronominal descrito no método pedagógico¹¹, e reproduzido no quadro a seguir, difere do descrito por Maurer (2009: 56):

	ARGUMENTO			NÃO ARGUMENTO	DESLOCADOS
	SUJEITO	OBJETO DIRETO	OBJETO INDIRETO	ADJUNTO DO NOME - POSSESSIVOS	
1PS	n	mi	ami	me	ami
2PS	txi	txi	atxi	tê	atxi
3PS	ê	li	êli	sê	êli
1PP	no	no	no	no	no
2PP	owo	owo	owo	owo	owo
3PP	ine	ine	ine	ine	ine
Indefinido	a	a	a	a	a

Quadro III: Sistema pronominal do lung'le.

Nossa descrição de tempo-modo-aspecto é baseada na de Maurer, mas difere quanto à classificação de tempo presente. Enquanto o autor utiliza a noção de tempo presente tanto para os verbos de estado como para os verbos de ação, decidimos aqui utilizar a noção de [- passado] para os verbos estativos e experienciais [+ estativos/epistêmicos], já que estes verbos não condizem com a categoria tempo presente. A seguir, temos os quadros de TMA dos verbos estativos/experienciais modificados de Maurer (2009) utilizados no método pedagógico:

¹⁰ Moeda de São Tomé e Príncipe

¹¹ O quadro foi feito utilizando a ortografia proposta no ALUSTP.

ZERO-ESTATIVO	AFIRMATIVO	NEGATIVO
NÃO-PASSADO	-	-
PASSADO	tava	tava
FUTURO	ka	sa

Quadro IV: Verbos zero-estativos.

KA-ESTATIVO	AFIRMATIVO	NEGATIVO
NÃO-PASSADO	ka	sa
NÃO-PASSADO PROGRESSIVO	sa	sa
PASSADO PERFECTIVO	-	-
PASSADO IMPERFECTIVO	tava ka	tava sa

Quadro V: Verbos ka-estativos.

Já para os verbos de ação, a noção de “presente” (momento da ação coincidindo com momento de fala) é dada através do aspecto progressivo. A seguir temos o quadro de TMA dos verbos de ação modificado de Maurer (2009) utilizado no método pedagógico:

AÇÃO/ATIVIDADE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
PROGRESSIVO	sa	sa
HABITUAL	ka	sa
FUTURO	ka	sa
PASSADO PERFECTIVO	-	-
PASSADO PROGRESSIVO	tava sa	tava sa
PASSADO HABITUAL	tava ka	tava sa

Quadro VI: Verbos de ação.

Não é o objetivo desta tese fazer uma revisão completa dos sistema de tempo-modo-aspecto descrito por Maurer (2009). No entanto, cabe ressaltar que mais estudo será

necessário para que se compreenda por completo este sistema e suas categorias¹². Alguns estudos apontam que o tempo presente não é atestado em línguas crioulas ou que não há categorias de tempo nestas línguas, apenas aspecto e modo (cf. Villanueva 2008, Binnick 1991). Dessa maneira, o uso do [- presente] não se comprometerá em definir as marcas de tempo-modo-aspecto de uma ou outra maneira.

O capítulo sobre traços variados descreve interjeições, onomatopeias, reduplicação e ideofones da língua. Não concordamos com Maurer em relação à reduplicação de alguns substantivos, pois a reduplicação só é verdadeira se a forma simples da palavra existir. Dessa forma, palavras como [bezu'bezu] 'bochecha', [bwe'bwe] 'larvas de peixe' e [ɲa'ɲa] 'gato selvagem' não são consideradas como formas reduplicadas em nossa análise, já que não existem as palavras [b'ezu], [b'we] e [ɲa]. Sendo assim, palavras como estas não serão grafadas com hífen no método pedagógico. Além disso, algumas palavras descritas por Maurer (2009) como ideofones, como por exemplo [f'ɾi:ki] ~ [f'ɾi:ki] 'nos trinques', foram descritas em nossa fonologia e no método pedagógico como nomes ou advérbios¹³.

Após os capítulos de análise linguística, Maurer (2009) apresenta uma coleção de dez textos, com glosa e tradução. Por fim, há um glossário lung'Ie/inglês e inglês/lung'Ie. O livro também reproduz o manuscrito de Ribeiro (1888), com tradução para o inglês e notação das palavras em lung'Ie moderno.

¹² O fato de que o que Maurer chama de *presente habitual* poder ser formado exatamente da mesma maneira que o *passado habitual* e que o *futuro*, tal como o *presente progressivo* pode ser formado exatamente da mesma maneira que o *passado progressivo* e o *futuro progressivo* mostra que o sistema de tempo-modo-aspecto desta língua precisa ser revisto e re-analisado. Abaixo temos um verbo de ação com a partícula **ka** que pode significar o aspecto habitual e o tempo futuro, sendo, em ambos os casos, não-passado:

(1) N	ka	bêbê
1PS.SUJ		beber
"Eu bebo". (habitual)		
"Eu vou beber". (futuro)		

¹³ Para detalhar, conferir Agostinho (em preparação).

3. Fonologia

“Tem o dialecto da ilha do Príncipe phrases peculiares de grande belleza, quando se conhece a intenção e modo especial de as pronunciar.”

(Ribeiro 1888)

Este capítulo pretende trazer uma descrição do sistema fonológico do lung’le. Primeiramente, em 3.1, ressaltaremos o inventário fonológico da língua, tratando dos fonemas consonantais (3.1.1) e vocálicos (3.1.2), mostrando suas realizações em diferentes contextos fonológicos. A seguir, em 3.2, discutiremos sobre a sílaba em lung’le. Proporemos a estrutura da sílaba fonológica (3.2.1), levando em consideração a ocorrência, distribuição e posição dos glides (3.2.1), analisados aqui como semiconsoantes (3.2.2.1 e 3.2.2.2), da quantidade vocálica (3.2.3), e das nasais silábicas (3.2.4). Após estas considerações, ainda nesta seção, discutiremos a sílaba fonética (3.2.4). Em 3.3, examinaremos os suprasegmentos do lung’le, abordando os trabalhos prévios, levando em consideração a interação entre tom e acento (3.3.1) e descrevendo o sistema acentual (3.3.2 e 3.3.3). Finalmente, em 3.4, analisaremos alguns processos fonológicos encontrados em nosso *corpus*, a saber, aférese (3.4.1), síncope (3.4.2), apócope (3.4.3), prótese (3.4.4), paragoge (3.4.5), apagamento de sílaba átona final (3.4.6), apagamento de coda nasal (3.4.7), alongamento compensatório sincrônico (3.4.8), palatalização (3.4.9) assimilação progressiva de /t/ (3.4.10), ditongação (3.4.11), nasalização (3.4.12), prevocalização homorgânica (3.4.13), alçamento de vogais átonas finais (3.4.14), vocalização das nasais silábicas (3.4.15), alternâncias fonéticas (3.4.16), vogais tautossilábicas idênticas (3.4.17) e sândi vocálico externo (3.4.18).

3.1. Inventário fonológico

Nesta seção, apresentaremos uma proposta de inventário consonantal (3.1.1) e vocálico (3.1.2) do lung'le. A proposta de inventário fonológico a seguir é fruto do trabalho de campo realizado na Ilha do Príncipe em 2009, 2010, 2011 e 2013.

3.1.1. Segmentos consonantais

O lung'le possui vinte e dois fonemas consonantais, sendo oito oclusivos, três nasais, dois aproximantes, um vibrante, dois laterais e seis fricativos. No quadro abaixo, quando aparecem em pares, um é sonoro e o outro surdo.

	BILABIAL		LABIO-DENTAL		ALVEOLAR		PÓS-ALVEOLAR		PALATAL		VELAR		VELO-LABIAL	
OCCLUSIVA	p	b			t	d					k	g	kp̥	gb̥
NASAL		m				n				ɲ				
APROXIMANTE		w								j				
VIBRANTE						r								
LATERAL						l				ʎ				
FRICATIVA			f	v	s	z	ʃ	ʒ						

Quadro VII: Fonemas consonantais.

A seguir, observaremos as realizações, oposições e distribuições dos fonemas consonantais.

3.1.1.1. Consoante oclusiva bilabial surda /p/

O estatuto fonêmico da consoante oclusiva bilabial surda /p/ pode ser observado a partir das oposições de /p/ e /b/ em (1) e de /p/ e /m/ em (2):

(1)	/p/	[ka'pa]	'castrar'
	/b/	[ka'ba]	'acabar'

(2)	/p/	[pa'tẽ]	'patrão'
	/m/	[ma'tẽ]	'pus'

A consoante oclusiva bilabial surda /p/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset ou primeiro elemento do onset complexo antes de [r, l, w, j] e é realizada como [p]. Não ocorre como segundo elemento do onset e como coda. Precede todas as vogais, orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ĩ, ê, ĩ, õ, õ, ũ]. Em (3a), podemos observar /p/ ocorrendo em início de palavra, em (3b) em meio de palavra, em (3c) como primeiro elemento do onset complexo, e em (3d) diante de vogal nasalizada:

(3)	a.	[ˈpɔʃĩ]	'posses'
	b.	[uˈpɛ]	'árvore'
	c.	[ẽpreˈteru]	'empreiteiro'
	d.	[ˈpẽtu]	'alarde'

3.1.1.2. Consoante oclusiva bilabial sonora /b/

O estatuto fonêmico da consoante oclusiva bilabial sonora /b/ pode ser considerado a partir das oposições de /b/ e /p/ em (4) e de /b/ e /m/ em (5):

(4)	/b/	[ka'ba]	'acabar'
	/p/	[ka'pa]	'castrar'
(5)	/b/	[ˈbale]	'bala'
	/m/	[ˈmale]	'mala'

A consoante oclusiva bilabial sonora /b/ ocorre em início e meio de palavra, como único elemento do onset ou primeiro elemento do onset antes de [r, l, w, j]. Não ocorre como segundo elemento do onset e como coda. Precede todas as vogais, orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ĩ, ê, ĩ, õ, õ, ũ]. Podemos observar a seguir /b/ ocorrendo em início (6a) e meio (6b) de palavra, como primeiro elemento do onset (6c), e diante de vogal nasalizada (6d):

- (6) a. [ba'za] 'vazar'
 b. [u'kabɔ] 'cabo'
 c. [bibljɔ'tekɐ] 'biblioteca'
 d. ['bɔ̃] 'bom'

Este fonema possui dois alofones [b] e [β]. Estes alofones estão em variação livre, sendo que a versão implosiva parece estar sendo substituída totalmente pela oclusiva nas camadas mais jovens.

- (7) /kaba/ [ka'ba] ~ [ka'βa] 'acabar'

3.1.1.3. Consoante oclusiva alveolar surda /t/

O estatuto fonêmico da consoante oclusiva alveolar surda /t/ pode ser constatado a partir das oposições de /t/ e /d/ em (8) e de /t/, /n/ e /l/ em (9):

- (8) /t/ [tɔ̃fɪ] 'pino'
 /d/ [dɔ̃fɪ] 'sino'
- (9) /t/ [u'patɔ] 'pato'
 /n/ [u'panɔ] 'roupa'
 /l/ [u'palɔ] 'palmada'

A consoante oclusiva alveolar surda /t/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset ou primeiro elemento do onset antes de [r, w, j]. Não ocorre como segundo elemento do onset na sílaba fonológica (cf. 3.2.1, 3.2.5, 3.4.2) e como coda. Precede todas as vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ĩ, ê, ê, õ, õ, ũ]. A seguir, podemos observar /t/ ocorrendo em início (10a) e meio (10b) de palavra e como primeiro elemento do onset (10c):

- (10) a. [tʰafɪ] 'atrás'
 b. [u'tu] 'cogumelo'
 c. [adiminiftra'do] 'administrador'

Pode ser realizada como [t] ou [tʃ]. Para alguns falantes, estes alofones estão em distribuição complementar: o alofone [tʃ] ocorre diante da vogal alta anterior /i/ ou de aproximante palatal /j/, enquanto [t] ocorre nos demais casos. Para outros falantes, há um caso de variação livre diante de [i], [ɪ] ou [j] em sílabas tônica, pré-tônica e átona não final, onde tanto [t] como [tʃ] podem ocorrer; e um caso de distribuição complementar diante de [i], [ɪ] ou [j] em sílaba átona final, contexto em que [tʃ] é obrigatório antes de [ɪ, j].

Günther¹⁴ (1973: 44) e Maurer (2009) tratam a consoante africada [tʃ] como fonema do lung'le.

Os autores oferecem pares mínimos com as seguintes palavras:

(11)	tʃ	[tʃja]	‘tirar’ ¹⁵
	ʃ	[ʃja]	‘encher’
(12)	tʃ	[a'tʃi]	‘você’ ¹⁶
	d	[a'di]	‘andim’
(13)	tʃ	[mɛtʃj]	‘mestre’ ¹⁷
	l	[mɛli]	‘mel’

Podemos observar que em todas estas palavras [tʃ] ocorre diante de [i] ou [j]. Podemos argumentar, nesses casos, que o fonema /t/ está sendo palatalizado e realizado como uma africada [tʃ] diante de [i] ou [j]. Sendo assim, seria necessário um par mínimo com outra vogal para estabelecer o estatuto fonêmico de [tʃ].

No entanto, há poucas palavras em que [tʃ] não é resultado de um processo fonológico de palatalização ou assimilação em nosso *corpus*, mas todas são ideofones. Nesse tipo de palavra, é comum aparecerem fones que não fazem parte do inventário fonológico da língua. Como não foi possível encontrar um par mínimo, ela não será considerada um fonema da língua. Voltaremos a esta questão na seção 3.4.9.1.

¹⁴ /c/ para o autor.

¹⁵ Maurer (2009: 11).

¹⁶ Günther (1973: 43).

¹⁷ Günther (1973: 43).

3.1.1.4. Consoante oclusiva alveolar sonora /d/

O estatuto fonêmico da consoante oclusiva alveolar sonora /d/ pode ser observado a partir das oposições de /d/ e /t/ em (14) e de /d/ e /l/ em (15):

(14)	/d/	[de'se]	'descer'
	/t/	[te'se]	'tecer'
(15)	/d/	[de'ʒa]	'desejar'
	/l/	[le'ʒa]	'lesionar'

A consoante oclusiva bilabial sonora /d/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset ou primeiro elemento do onset antes de [r, w, j]. Não ocorre como segundo elemento do onset e como coda. Precede as vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ĩ, ê, ã, õ, õ, õ, ã]. Em (16a), podemos observar /d/ ocorrendo em início de palavra, em (16b) em meio de palavra, e em (16c) como primeiro elemento do onset complexo e diante de vogal nasalizada:

(16)	a.	[da'na]	'estragar'
	b.	[u'dɛdu]	'dedo'
	c.	[la'drẽ]	'ladrão'

Este fonema possui dois alofones [d] e [d̥]. Assim como no caso das bilabiais acima, estes alofones estão em variação livre, sendo que a versão implosiva parece estar sendo substituída totalmente pela oclusiva nas camadas mais jovens.

(17)	/fada/	[fadɛ] ~ [fad̥ɛ]	'fralda'
------	--------	------------------	----------

3.1.1.5. Consoante oclusiva velar surda /k/

O estatuto fonêmico da consoante oclusiva velar surda /k/ pode ser verificado a partir das oposições de /k/ e /g/ em (18) e de /k/ e /k̠/ em (19):

(18)	/k/	[ka'ba]	'acabar'
	/g/	[ga'ba]	'gabar'
(19)	/k/	[u'ka]	'ocá'
	/k̠p̠/	[u'k̠pa]	'lâmpião'

A consoante oclusiva velar surda /k/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset ou primeiro elemento do onset antes de [r, l, w, j], e é realizada como [k]. Não ocorre como segundo elemento do onset e como coda. Precede as vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ĩ, ê, ě, õ, õ, õ, ã]. Em (20a), temos /k/ ocorrendo em início de palavra; em (20b), em meio de palavra e em (20c), como primeiro elemento do onset:

(20)	a.	[ʔkumĩ]	'onde'
	b.	[ɔ'ka]	'mafumeira'
	c.	[ʔklare]	'clara'

3.1.1.6. Consoante oclusiva velar sonora /g/

O estatuto fonêmico da consoante oclusiva velar sonora /g/ pode ser observado a partir das oposições de /g/ e /k/ em (21) e de /g/ e /g̠b̠/ em (22):

(21)	/g/	[ʔgo]	'choro'
	/k/	[ʔko]	'cor'
(22)	/g/	[ʔgo]	'choro'
	/g̠b̠/	[ʔg̠bo]	'defecar'

A consoante oclusiva velar sonora /g/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset ou primeiro elemento do onset antes de [r, l, w, j]. Não ocorre como segundo elemento do onset e como coda. Precede as vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ĩ, ê, ě, õ, õ, õ, ã]. É rara em onsets complexos, ocorrendo em apenas duas palavras do *corpus*. A seguir, podemos observar a ocorrência de /g/ em início (23a) e meio de palavra (23b) e como primeiro elemento do onset complexo (23c):

- (23) a. [gɔtɛ] 'gota'
 b. [u'gatu] 'gato'
 c. [glu'tɛ̃] 'comilão'

Pode ser realizada como [g] em todos os contextos e, em algumas palavras, pode ser realizada como [ɠ] por alguns falantes. Por não poderem ser sistematizados, estes casos não constituem um processo regular:

- (24) a. /gɔfta/ [gɔf'ta] ~ [ɠɔf'ta]¹⁸ 'gostar'
 b. /gofto/ [gofto] ~ [ɠgofto] 'gosto'
 c. /gaju/ [gaju] ~ [ɠaju] 'ganho'

3.1.1.7. Consoante oclusiva velo-labial surda /k͡p/

Uma das particularidades da fonologia do lung'le é a presença das oclusivas coarticuladas velo-labiais /k͡p/ e /g͡b/. Serão tratadas como fonemas porque foi possível encontrar pares mínimos que opõem /k͡p/ - /g͡b/, /k͡p/ - /p/, /k͡p/ - /k/, /g͡b/ - /b/ e /g͡b/ - /g/. Günther descreve apenas /g͡b/, e não /k͡p/. É necessário ressaltar a análise de Ferraz (1975: 155), que as define como não-produtivas no sistema fonológico do lung'le. Segundo o autor, que também considera apenas /g͡b/ e não /k͡p/, este fonema aparece apenas em alguns “empréstimos arcaicos de línguas africanas”, mas não na incorporação de novos étimos. Isso significa que esses fonemas não são mais produtivos na língua, ou seja, não há palavras novas (autóctones ou incorporadas via empréstimo) que contenham tais fonemas. Um dos motivos para isso é o fato de que a língua não mais se encontra em contato com línguas africanas que possuem esses fonemas, e o fato de o português, que não possui tais fonemas, ser a principal língua emprestadora atualmente. Maurer (2009) descreve ambos.

As oposições de /k͡p/ e /p/ em (25) e de /k͡p/ e /g͡b/ em (26) confirmam o estatuto fonêmico de /k͡p/:

¹⁸ À primeira vista, este exemplo pode parecer uma realização do morfema de primeira pessoa do singular /N/ mais /gɔfta/. No entanto, foi possível encontrar dados com outros pronomes pessoais, como [tʃi ɠɔf'ta]. Caso a nasal fosse uma realização de /N/, esta sentença seria agramatical.

(25)	/k̠p/	[u'k̠pa]	'lâmpião'
	/p/	[u'pa]	'árvore'

(26)	/k̠p/	[u'k̠pa]	'lâmpião'
	/g̠b/	[u'g̠ba]	'mondim'

A consoante oclusiva velo-labial surda /k̠p/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset. Não ocorre onset complexo e coda. Nos dados coletados, precede somente as vogais orais /e, ε, a, ɔ, o/ e nasalizadas [ẽ, ẽ̃]. Em (27a), podemos ver /k̠p/ ocorrendo em início e meio de palavra e, em (27b), podemos ver /k̠p/ ocorrendo em meio de palavra.

(27)	a.	[k̠po'k̠po]	'engatinhar'
	b.	[ik̠pe'k̠pe]	'caracol'

Esta consoante pode ser realizada como os alofones [k̠p] e [p], que estão em variação livre. Segundo Maurer (2009: 9), alguns falantes nativos não produzem as consoantes velo-labiais e não fazem essa oposição.

3.1.1.8. Consoante oclusiva velo-labial sonora /g̠b/

O estatuto fonêmico da consoante oclusiva velo-labial sonora /g̠b/ pode ser averiguado a partir da oposição /g̠b/ e /b/ em (28):

(28)	/g̠b/	[g̠ba]	'ordenar'
	/b/	[ba]	'aonde'

A consoante oclusiva velo-labial sonora /g̠b/, a única velo-labial descrita por Günther e Ferraz, ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset. Não ocorre onset complexo e coda. No *corpus*, precede somente as vogais orais /e, ε, a, ɔ, o/ e nasalizadas [ĩ, û]. Nos exemplos a seguir, podemos observar /g̠b/ ocorrendo em início (29a) e meio de palavra (29b):

- (29) a. [ˈg̃be] ‘amassar’
 b. [ˈug̃ba] ‘cercado’

Esta consoante pode ser realizada como os alofones [g̃b] e [b], que estão em variação livre na língua. Mesmo em casos com oposições, alguns falantes produzem somente [b].

3.1.1.9. Consoante nasal bilabial /m/

O estatuto fonêmico da consoante nasal bilabial /m/ pode ser verificado a partir das oposições de /m/ e /n/ em (30) e de /m/ e /b/ em (31):

- (30) /m/ [ˈmɔtʃi] ‘morte’
 /n/ [ˈnɔtʃi] ‘norte’
- (31) /m/ [ˈma] ‘colar’
 /b/ [ˈba] ‘cadê’

A consoante nasal bilabial /m/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset e primeiro elemento do onset diante de [w, j]. É realizada como [m] e precede as vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ĩ, ê, ê, ê, õ, õ, ã]. Como será mostrado a seguir (3.1.1.11), há uma neutralização dos fonemas nasais /m, n/ em coda. Em (32a), podemos observar /m/ ocorrendo em início de palavra; em (32b), em meio de palavra e diante de vogal nasalizada e, em (32a), como primeiro elemento do onset diante de glide:

- (32) a. [ˈma] ‘mal’
 b. [uˈmẽ] ‘mão’
 c. [ˈmwa] ‘molhar’

3.1.1.10. Consoante nasal alveolar /n/

O estatuto fonêmico da consoante nasal alveolar /n/ pode ser observado a partir das oposições de /n/ e /d/ em (33), de /n/ e /t/ em (34), e de /n/ e /l/ diante de vogal nasalizada em (35):

(33)	/n/	[^h na]	‘em’
	/d/	[^h da]	‘dar’
(34)	/n/	[^h na]	‘em’
	/t/	[^h ta]	‘viver, estar’
(35)	/n/	[^h nẽ]	‘eu’
	/l/	[^h lẽ]	‘lã’

A consoante nasal alveolar /n/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset e como primeiro elemento do onset diante de [w, j]. Esse fonema é realizado como [n] no onset. Como será mostrado a seguir (3.1.1.11), há uma neutralização dos fonemas nasais /m, n/ em coda. Precede as vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ĩ, ê, ã, õ, ã]. Em (36), temos /n/ ocorrendo em início de palavra (36a), meio de palavra (36b), e como primeiro elemento do onset diante de glide (36c):

(36)	a.	[^h nevɪ]	‘nervo’
	b.	[^h minʊ]	‘criança’
	c.	[u ^h nwa]	‘lua’

3.1.1.11. Arquifonema nasal /N/

Utilizaremos o arquifonema nasal /N/ para representar a neutralização dos fonemas nasais /m, n/ em coda e em início de palavra precedendo outra consoante, já que nestas posições a consoante nasal não terá ponto de articulação definido.

O ponto de articulação da consoante nasal em coda assimilará o da consoante seguinte. A consoante nasal em coda pode ou não ser realizada, como veremos com mais detalhes na seção 3.4.12. Diante de consoantes alveolares e pós-alveolares, /N/ será realizado como [n] (37a); diante de consoantes bilabiais, será realizado como [m] (37b), e diante de consoantes velares, e em final de palavra, será realizado como [ŋ] (37c). Em (37d,e) temos a nasal precedendo outra consoante em início de palavra:

(37)	a.	/idiNti/	[i.'dĩn.tʃi]	'dente'
	b.	/moloNbi/	[mo.lõm.'bi]	'amendoim'
	c.	/loNgo/	[lõŋ.go]	'longo'
	d.	/Nberere/	[ɱbere're]	'uma dança tradicional'
	e.	/Ndili/	[ɲ'dili]	'anil'

A nasal /N/ pode ser silábica¹⁹ quando ocorre em início de palavra precedendo as consoantes [p, b, t, d, k, g, z] (cf. 3.2.4). A nasal /N/, quando silábica, assimilará o ponto de articulação da consoante seguinte: será realizada como [ɲ] diante das alveolares [t, d, z], como [ɱ] diante das bilabiais [p, b], e com [ŋ] diante das velares [k, g]. As nasais silábicas variam com [ĩ] e, em alguns casos, com [ũ]²⁰. Observemos os exemplos em (38) a seguir:

(38)	a.	[ɲ]	[ɲda'la] ~ [ĩda'la]	'folha da palmeira'
			[ɲ'da] ~ [ũ'da]	'eu dei'
	b.	[ɱ]	[ɱb'base] ~ [ĩ'b'base]	'costela'
			[ɱba'sa] ~ [ĩba'sa]	'eu abaixei'
	c.	[ŋ]	[ŋ'gane] ~ [ĩ'gane]	'ímpeto'
			[ŋgɔ'gɔ] ~ [ĩgɔ'gɔ]	'eu gosto'

Não assumiremos aqui fonemas pré-nasalizados para nenhum dos casos, pois esta análise traria treze novos fonemas para o quadro consonantal, já que /N/ ocorre diante de /p, b, t, d, k, g, ɡ̃b, f, v, s, z, ʃ, ʒ/ em início e meio de palavra. Retomaremos a discussão sobre as nasais silábicas em 3.2.4.

3.1.1.12. Consoante nasal palatal /ɲ/

O estatuto fonêmico da consoante nasal palatal /ɲ/ pode ser notado a partir das oposições de /ɲ/ e /m/ em (39) e de /ɲ/ e /n/ em (40):

¹⁹ Como é possível observar também em línguas Benue-Congo e Edo.

²⁰ Segundo Maurer (2009: 9), única palavra em que /N/ pode ser realizada como [ũ] é [m'bake] ~ [ũ'bake]. Em nossos dados, esta palavra apareceu também como [ĩ'bake], mas nenhuma das palavras em (38) foi atestada com [ũ]. O único outro exemplo com [ũ] em nossa *corpus* é a palavra [ɲ] 'eu', que pode ser realizada tanto como [ĩɲ], quanto como [ũɲ].

(39)	/ɲ/	[ɲɛ]	‘espremer’
	/m/	[mɛ]	‘meu’
(40)	/ɲ/	[pa'ɲa]	‘apanhar’
	/n/	[pa'na]	‘aplainar’

A consoante nasal palatal /ɲ/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset e como primeiro elemento do onset diante de [j]. Essa consoante ocorre em 126 palavras em nosso *corpus*, ou seja, em cerca de 3% das palavras, incluindo compostos. No entanto, apenas 8% das ocorrências de /ɲ/ estão em início de palavra, ou seja, em 11 palavras. Contudo, ao mesmo tempo que a quantidade dessas palavras é pequena, algumas delas são de alta frequência, como [ɲẽ] ‘sim’, [ɲõ] ‘nenhum’, [ɲɛ] ‘apertar’, [ɲa'ɲa] ‘gato selvagem’. A consoante nasal palatal /ɲ/ precede as vogais orais /ɛ, a, ɔ, o, u/ e as nasalizadas [ẽ, õ, õ, ã]. Em (41a) podemos observar /ɲ/ ocorrendo em início de palavra; em (41b), em meio de palavra, e em (41c), e como primeiro elemento do onset diante de glide:

(41)	a.	[ɲa'nu]	‘arranhar’
	b.	[pa'ɲa]	‘apanhar’
	c.	[kõpa'ɲja]	‘Companhia (TOPO)’

É realizada como [ɲ] ou [j], em variação livre (Maurer 2009: 9).

As palavras [ɲõ] ‘nenhum’, [ɲẽ] e [ɲẽʃi] ‘sim’ podem sofrer a inserção de [i] diante do /ɲ/ em início de palavra como em (42) como mostrado em 3.4.13. Contudo, isto não parece ocorrer com todas as palavras iniciadas por /ɲ/.

(42)	a.	/ɲɔ/	[ɲɔ̃] ~ [ɲ̃ɔ̃]	‘nenhum’
	b.	/ɲa/	[ɲẽ] ~ [ɲ̃ẽ]	‘sim’
	c.	/ɲaNsi/	[ɲẽfi] ~ [ɲ̃ẽfi]	‘sim’

3.1.1.13. Consoante aproximante bilabial sonora ou semiconsoante aproximante

/w/

O estatuto fonêmico da consoante aproximante bilabial sonora /w/ pode ser observado a partir das oposições de /w/ e /f/ em (43), de /w/ e /v/ em (44) e de /w/ e /m/ em (45):

(43)	/w/	[wɔ]	‘momento’
	/f/	[fɔ]	‘vir de’
(44)	/w/	[wɛ]	‘ir’
	/v/	[vɛ]	‘velho’
(45)	/w/	[wã'ga]	‘espalhar’
	/m/	[mã'ga]	‘tirar sarro’

A consoante aproximante bilabial sonora, ou semiconsoante aproximante /w/, ocorre no onset precedendo uma vogal, podendo ser o primeiro ou o segundo elemento deste, ou em coda. Quando é o segundo elemento do onset, a primeira consoante do onset pode ser /p, b, t, d, k, g, f, m, n, r, l, v, s, z/. É realizado como [w] e precede as vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o/ e nasalizadas [ĩ, ê, ẽ, õ]. Podemos observar, a seguir, /w/ ocorrendo em início de palavra (46a), em meio de palavra como único elemento do onset (46b), em meio de palavra como segundo elemento do onset (46c), e na coda (46d):

(46)	a.	[wɛtʃi]	‘oeste’
	b.	[wiʃi'wajɛ]	‘desordem’
	c.	[za'gwa]	‘asagoa (prato típico)’
	d.	[u'baw]	‘barro’

Na seção 3.2.1 discorreremos mais profundamente sobre a fonotática dos glides.

3.1.1.14. Consoante aproximante palatal sonora ou semiconsoante aproximante /j/

O estatuto fonêmico da consoante aproximante palatal sonora /j/ pode ser ressaltado a partir das oposições de /j/ e /z/ e de /j/ e /ɲ/:

- (47) a. /j/ [je'ta] 'ajeitar'
 b. /z/ [ze'ta] 'desprezar'
- (48) a. /j/ [ja] 'eis'
 b. /ɲ/ [ɲa] 'sim'

É comum encontrar exemplos de pares mínimos de /j/ e /i/ com acento em vogais diferente (Telles 2002; Bacelar 2004), como podemos observar em lung'Ie:

- (49) a. /j/ [pja] 'olhar'
 b. /i/ [pia] 'pia'

O par mínimo ideal de /j/ e /i/ teria o acento na mesma vogal, como [pja] e *[pi'a], já que podemos argumentar que [pja] poderia ser derivado de [pi'a], em que a vogal alta [i] é realizada como glide quando não acentuada. Apesar de não haver um par mínimo ideal para corroborar esta oposição, analisaremos os glides como consoantes devido a uma série de argumentos apresentados em 3.2.2.

A consoante aproximante palatal sonora, ou semiconsoante aproximante /j/, ocorre precedendo uma vogal no onset, podendo ser o primeiro ou o segundo elemento deste, ou em coda. Quando é o segundo elemento do onset, a primeira consoante do onset pode ser /p, b, t, d, k, g, f, m, n, ɲ, r, l, v, s, z/. Precede as vogais orais /e, ε, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ẽ, ê, õ, õ]. Podemos observar, a seguir, /j/ ocorrendo em início e meio de palavra como único elemento do onset (50a), como segundo elemento do onset (50b), na coda (50c), e na coda diante de consoante nasal (50d):

- (50) a. [jo'jo] 'bala de chumbo'
 b. [fi'rja] 'esfriar'
 c. [sej] 'seis'
 d. [o'leɲ] 'além'

Pode ser realizada como [j] ou [j̃], este quando diante de vogal nasalizada. Como dito acima, discorreremos mais sobre a fonotática dos glides na seção 3.2.1.

3.1.1.15. Consoante vibrante alveolar /r/

O estatuto fonêmico da consoante vibrante alveolar /r/ pode ser ressaltado a partir das oposições de /r/ e /l/ em (51) e de /r/ e /t/ em (52):

(51)	/r/	[u ^l ratu]	‘rato’
	/l/	[u ^l latu]	‘estrada pequena’
(52)	/r/	[re ^l ma]	‘remar’
	/t/	[te ^l ma]	‘teimar’

A consoante vibrante alveolar /r/ aparece em início e meio de palavra como primeiro ou segundo elemento do onset. Quando é o segundo elemento do onset, o primeiro pode ser preenchido pelas consoantes /p, b, t, d, k, g, f, v/. Precede as vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ĩ, ê, ễ, õ, õ̃]. Esta consoante pode ser realizada como vibrante múltipla [r̃] ou vibrante simples [r]. Os fones [r̃] e [r] estão em variação livre em início de sílaba (53a, b), e em início de sílaba diante de glide (53c). Ocorre como [r̃], como o segundo elemento do onset (53d):

(53)	a.	[ro ^l pe] ~ [ro ^l pe]	‘caucasiano, europeu’
	b.	[^l sere] ~ [^l sere]	‘serra’
	c.	[u ^l rja] ~ [u ^l rja]	‘orelha’
	d.	[kra ^l va]	‘cravar’

Maurer (2009: 12) argumenta que essa consoante pode ser encontrada na coda de empréstimos recentes como em [kur^lva] ‘curvar’. Em nosso *corpus*, as ocorrências de [r̃] em coda podem ser explicados por processos de síncope (54a) (cf. 3.4.2), e de epêntese por influência da palavra portuguesa (54b):

(54)	a.	[^l ɔrufu] ~ [^l ɔrfu]	‘órfão’
	b.	[^l ku:ve] ~ [^l kurve]	‘curva’

Não foi possível encontrar nenhuma palavra com [r] em coda que fosse aceita por todos os falantes. Quando em coda, o /r/ pode ser realizado como [r] ou [r̥].

3.1.1.16. Consoante lateral alveolar /l/

O estatuto fonêmico da consoante lateral alveolar /l/ pode ser observado a partir das oposições de /l/ e /r/ em (55) e de /l/ e /d/ em (56), o que confirma o estatuto fonêmico de /l/:

(55)	/l/	[u'latu]	'caminho'
	/r/	[u'ratu]	'rato'
(56)	/l/	[lo]	'rolo'
	/d/	[do]	'dor'

A consoante lateral alveolar /l/ ocorre em início e meio de palavra como único e primeiro elemento do onset diante de [w, j], ou como segundo elemento do onset. Quando é o segundo elemento do onset, o primeiro elemento poderá ser uma das consoantes /p, b, k, g/. Precede as vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ĩ, ê, ẽ, ẽ, õ, õ, ã]. Pode ocorrer em coda, embora seja restrita a apenas algumas palavras. Em (57a), podemos observar /l/ ocorrendo no início de palavra; em (57b), em meio de palavra; em (57c), como segundo elemento do onset, e, em (57d), como primeiro elemento do onset diante de glide:

(57)	a.	[lõ'swɛ]	'lençol'
	b.	[bɔ'lw]	'trunfo (baralho)'
	c.	[glu'tẽ]	'glutão'
	d.	[l'lwãgu]	'mentira'

É realizada como [l] no onset e como [ɫ] ou [w]²¹ em coda e em final de palavra e após o processo de síncope (3.4.2) e epêntese por influência do português. Maurer (2009: 12) argumenta que essa consoante pode ser encontrada na coda de empréstimos recentes como em [al'tura]. Em nosso *corpus*, encontramos apenas casos em que o [ɫ] em coda é resultado de síncope ou epêntese pela influência da forma portuguesa sobre a forma em *lung'le*. Assim, concordamos com Maurer nesta questão, acrescentando que o fato da

²¹ Restrito a poucos falantes.

existência do processo de apagamento da vogal de uma sílaba em que [l] está no onset e ressilabificação deste [l] para a coda (cf. 3.4.2), corrobora a análise de que empréstimos recentes podem ter [l] em coda (cf. (74), abaixo). Devido a isto, é possível observar que a coda /l/ é mais comum que a coda /r/, que só ocorre em duas palavras do *corpus*, e em apenas um exemplo de apagamento de vogal em sílabas /r/ + V²², em nosso *corpus*. A seguir, em (58), podemos observar algumas dessas palavras:

- (58) a. [aʎfaʎbetu] ~ [awfaʎbetu] ‘alfabeto’
 b. [ʎsɔʎda] ~ [ʎsɔwda] ‘solda’
 c. [ʎgɔʎpi] ~ [ʎgɔwpi] ‘golpe’

Em algumas palavras, [l] varia com [n], como nos exemplos a seguir:

- (59) a. [laʎvi] ~ [naʎvi] ‘navio’
 b. [alimɔʎladɛ] ~ [animɔʎladɛ] ‘suco’

Casos como o que aparece em (59), ocorrem em apenas algumas palavras e não constituem um processo fonológico regular.

3.1.1.17. Consoante lateral palatal /ʎ/

O estatuto fonêmico da consoante lateral palatal /ʎ/ pode ser averiguado a partir das oposições de /ʎ/ e /l/ em (60) e de /ʎ/ e /d/ em (61):

- (60) /ʎ/ [ʎmaʎɛ] ‘malha’
 /l/ [ʎmale] ‘mala’
- (61) /ʎ/ [ʎfaʎɛ] ‘falha’
 /d/ [ʎfade] ‘fralda’

²² No entanto, encontramos uma palavra com /r/ + V em que V é apagado e outra em que o [r] em coda é inserido, mas estes não são processos regulares e parecem acontecer por influência das palavras portuguesas com /R/ em coda: /aruku/ → [ʎaruku] ~ [ʎarku] ‘arco’; /ɔdi/ → [ʎɔdi] ~ [ʎɔrdi] ‘ordem’.

A consoante lateral palatal /ʎ/ aparece em meio de palavra como primeiro elemento do onset. Não foi possível encontrá-la em início de palavra e em coda. Em nosso *corpus*, há apenas 24 palavras com esta consoante, ou seja, ela aparece em menos de 1% dos dados. Precede as vogais orais [ɛ, a, ɔ, u] e a vogal nasalizada [ã]. É sempre realizada como [ʎ]. Em (62), podemos observar /ʎ/ ocorrendo em meio de palavra:

- (62) a. [piʎɛ] 'muito'
 b. [mi'gaʎɛ] 'migalha'

3.1.1.18. Consoante fricativa labiodental surda /f/

O estatuto fonêmico da consoante fricativa labiodental surda /f/ pode ser observado a partir das oposições de /f/ e /v/ em (63) e de /f/ e /k/ em (64):

- (63) /f/ [ʃa] NEG
 /v/ [va] 'descascar, abrir'
- (64) /f/ [ʃasʊ] 'calúnia'
 /p/ [pasʊ] 'pequena cabana feita de folha
 de palmeira utilizada por terapeutas tradicionais'

A consoante fricativa labiodental surda /f/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset ou primeiro elemento do onset diante de [r, w, j]. Não ocorre como segundo elemento do onset e como coda. É realizada como [f] e precede as vogais orais /i, e, ɛ, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ĩ, ê, õ, ã, õ]. Podemos observar, a seguir, /f/ ocorrendo em início de palavra (65a), meio de palavra (65b), como primeiro elemento do onset (65c), e como primeiro elemento do onset diante de glide (65d):

- (65) a. [fologo] 'fôlego'
 b. [u'fake] 'faca'
 c. [sa'frẽ] 'açafreão'
 d. [u'fja] 'folha'

3.1.1.19. Consoante fricativa labiodental sonora /v/

O estatuto fonêmico da fricativa labiodental sonora /v/ pode ser observado a partir das oposições de /v/, /f/ e /b/ em (66):

- (66) /v/ [va] 'chicote'
 /f/ [fa] 'NEG'
 /b/ [ba] 'aonde'

A consoante fricativa labiodental sonora /v/ ocorre como único elemento do onset ou primeiro elemento do onset diante de [r, w, j]. Não ocorre como segundo elemento do onset e como coda. É realizada como [v] e precede as vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ĩ, ê, ê, ê, õ, ã]. Em (67a), podemos observar /v/ ocorrendo em início de palavra; em (67b), em meio de palavra; em (67c), em onset complexos, e em (67d), como primeiro elemento do onset diante de glide:

- (67) a. [va'ni] 'abandar'
 b. [nɛ'va] 'alinhavar'
 c. [vrɛʃi'vrɛʃi] 'seco'
 d. ['vwa] 'voar'

3.1.1.20. Consoante fricativa alveolar surda /s/

O estatuto fonêmico da fricativa alveolar surda /s/ pode ser averiguado a partir das oposições de /s/ e /z/ em (68) e de /s/, /f/ e /v/ em (69):

- (68) /s/ [se] 'selecionar'
 /z/ [ze] 'apanhar uma porção'

(69)	/s/	[^h sa]	‘estar’
	/f/	[^h fa]	‘NEG’
	/v/	[^h va]	‘chicote’

A consoante fricativa alveolar surda /s/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset, como primeiro elemento do onset diante de [w, j] e em coda, no meio da palavra. Pode ser realizada como [ʃ] diante de [i], [ɪ] ou [j] e em coda, e como [s] diante das outras vogais, de /w/ e em coda. Precede as vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ĩ, ê, ê, ã, õ, õ, ã]. Podemos observar, a seguir, /s/ ocorrendo em início de palavra (70a), meio de palavra (70b), como primeiro elemento do onset diante de glide (70c), e em coda (70d):

(70)	a.	[sa ^h bẽ]	‘sabão’
	b.	[mẽ ^h se]	‘querer’
	c.	[^h swa]	‘conto tradicional’
	d.	[gɔ ^h ʃta]	‘gostar’

Como a consoante /ʃ/ também é fonema nesta língua (cf. 3.1.1.21), utilizaremos o arquifonema /S/ nas representações fonológicas das consoantes fricativas [s, ʃ] diante de [i, j, ɪ], já que não é possível determinar se a consoante subjacente é alveolar ou pós-alveolar²³.

Em coda, pode ser realizada como [s, ʃ, z, ʒ], sendo [ʃ, ʒ] mais comuns do que [s, z] nesta posição. É realizada como fricativa surda [s, ʃ] diante de consoantes surdas (71a) e como fricativa sonora [z, ʒ] diante de consoantes sonoras (71b, c). Alguns falantes não aceitam a forma despatalalizada. A palatalização parece ser obrigatória em sílaba tônica (71c). Sendo assim, representaremos a coda com /S/, pois há uma neutralização:

²³ Como a consoante [ʃ] é rara diante das outras vogais, acreditamos que a maior parte das ocorrências de consoante fricativa alveolar diante de [i, j, ɪ] seja um alofone do fonema /s/. É possível argumentar que o fato de várias destas palavras terem /s/ em português, como [bisi^hkleɾɐ], [bifi^hketɐ] em lung’le, por exemplo, corrobora a análise de que o [ʃ] em lung’le é um alofone de /s/ que é palatalizado diante de [i, j, ɪ]. No entanto, em palavras de origem africana, como na palavra [ʃiki^hdi] ‘arrogância, frescura’, esta relação não seria possível. Dessa forma, não é possível estabelecer qual seria o fonema fricativo diante de [i] nesta palavra, já que [ʃ] ocorre diante de todas as outras vogais /e, ε, a, ɔ, o, u/. No entanto, algumas palavras variam [ʃi] com [su], como [suplika^hsẽ], o que seria um argumento para que a forma subjacente de [ʃplika^hsẽ] fosse com /s/.

- (71) a. /feStew/ [feʃ'tew] ~ [fes'tew] 'festeiro'
 b. /viNdiS mininu/ [vĩdizmi'ninu] ~ [vĩdizmi'ninu] 'festa tradicional'
 c. /kwεSma/ [ʃkwεzme] ~ *[kwεzme] 'quaresma'

Dessa forma, trataremos as formas com [s, z] em coda como um processo de despalatalização de [ʃ, ʒ] em sílaba átona.

É realizada como [ʃ] diante de outras vogais em algumas palavras que contêm [ʃ] em português sincrônico, como em (72):

- (72) /seru/ [ʃseru] ~ [ʃeru] 'cheiro'

Nas palavras em português que não permitem [ʃ], é realizado como [s], como em (73):

- (73) /sabaN/ [sa'bẽ] ~ *[ʃa'bẽ] 'sabão'

A partir dos exemplos (72) e (73), podemos observar que há uma transferência de uma língua materna, português, ao lung'le, que pode ser primeira ou segunda língua. Pode também ser realizado como [s] diante de [i, j] em algumas palavras, mesmo em sílaba tônica, provavelmente por influência do português, como no exemplo em (74):

- (74) a. /kaliSiɲa/ [kali'ʃiɲe] ~ [kali'siɲe] 'calcinhas'
 b. /Simi ropew/ [ʃimi ro'pew] ~ [simi ro'pew] 'semi-europeu,
 mulato'
 c. /alifaSi/ [ali'faʃi] ~ [ali'fasi]²⁴ 'alface'

Nos exemplos em (74), as duas formas são possíveis para alguns falantes, enquanto outros rejeitam as formas com [s]. Este processo só pode ocorrer com palavras que tenham [si] na palavra portuguesa. As palavras em (74) parecem ser empréstimos recentes. Segundo o Dicionário Houaiss (Houaiss & Villar 2010), a palavra 'calcinhas' aparece pela primeira vez escrita em 1913. A palavra 'semi' começou a ser empregada no século XVI, mas assumiu autonomia morfossemântica lexical, com o sentido de 'quase', 'metade' e 'um tanto', que é o sentido da palavra em lung'le, apenas no século XIX. Já a palavra 'alface' poderia ser um empréstimo recente pelo fato de a verdura ter sido

²⁴ Pode ocorrer também a síncope de [i]: [aʃ'fasi] ~ [aʃ'fasi].

introduzida na Ilha recentemente, não fazendo parte da culinária tradicional, além do fato da palavra conter /l/ em coda (cf. 3.1.1.16). Como este processo é restrito a poucas palavras, não configura um processo regular.

3.1.1.21. Consoante fricativa alveolar sonora /z/

O estatuto fonêmico da fricativa alveolar sonora /z/ pode ser ressaltado a partir das oposições de /z/ e /s/ em (75) e de /z/ e /ʃ/ em (76):

(75)	/z/	[ka'za]	'casar'
	/s/	[ka'sa]	'caçar'
(76)	/z/	[ʔa]	'já'
	/ʃ/	[ʃa]	'chá'

A consoante fricativa alveolar sonora /z/ ocorre em início e meio de palavra como único elemento do onset e como primeiro elemento do onset diante de [w, j]. Não ocorre em coda. Precede as vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ĩ, ê, ê, ê, õ, ã]. Podemos observar, a seguir, /z/ ocorrendo em início de palavra (77a), meio de palavra (77b), e como primeiro elemento do onset diante de glide (77c):

(77)	a.	[zu'bjẽ]	'bolso'
	b.	[pa'ze]	'prazer'
	c.	[ʔzwa]	'jurar'

Pode ser realizado como [z] e [ʒ]. Para alguns falantes estes alofones estão em distribuição complementar: [ʒ] aparece diante de [i], [ɪ] e [j], enquanto [z] pode aparecer diante das outras vogais e de [w]. Para outros, [ʒ] aparece diante de [i], [ɪ] e [j], enquanto [z] pode aparecer em todos os contextos, havendo, portanto, variação.

Como a consoante /ʒ/ também é fonema nesta língua (cf. 3.1.1.23), utilizaremos o arqui-fonema /Z/ nas representações fonológicas das consoantes fricativas [z, ʒ] diante de

[i, j, ɪ], já que não é possível determinar se a consoante subjacente é alveolar ou pós-alveolar²⁵.

O alofone [ʒ] também aparece em coda em final de palavra após uma sílaba com onset /z/ sofrer apócope do [ɪ], como veremos na seção 3.4.3.

3.1.1.22. Consoante fricativa pós-alveolar surda /ʃ/

O estatuto fonêmico da consoante fricativa pós-alveolar surda /ʃ/ pode ser observado a partir dos seguintes pares mínimos monossílabos com /ʃ/, /s/, z/ e /f/:

(78)	/ʃ/	[ʃa]	‘chá’
	/s/	[sa]	‘estar’
	/z/	[za]	‘já’
	/f/	[fa]	‘NEG’

Os pares mínimos em (78) foram os únicos encontrados para /ʃ/. A consoante fricativa pós-alveolar surda /ʃ/ ocorre em início e meio de palavra como primeiro elemento do onset. É realizada como [ʃ]. Como fonema, /ʃ/ não é muito frequente. Precede as vogais orais /e, ε, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ẽ, õ] e é neutralizado com [s] diante de [i, ɪ, ɪ, j] (cf. 3.1.1.20). Podemos observar, a seguir, /ʃ/ ocorrendo em início (79a) e meio de palavra (79b):

²⁵ Como a consoante /ʒ/ é rara diante das outras vogais, acreditamos que a maior parte das ocorrências de consoante fricativa alveolar diante de [i, j, ɪ] seja /z/. Seria possível argumentar que a maioria destas palavras teriam /z/ em português, como [ˈʒĩku] ‘zinco’, por exemplo. No entanto, em palavras de origem africana, como na palavra [ˈʒĩʒẽ] ‘depressa’, esta relação não seria possível. Dessa forma, não é possível estabelecer qual seria o fonema diante de [i] nesta palavra, já que [ʒ] ocorre diante de todas as outras vogais /e, ε, a, ɔ, o, u/. No entanto, empréstimos recentes que não permitem variação para os falantes que utilizam [z] diante de [i, j, ɪ], como na palavra [ˈʒipi], em que não podemos ter *[ˈʒipi], podem ser um argumento para que o fonema subjacente seja /ʒ/, nestes casos.

- (79) a. [fʊ'fʊ] 'punhal'
 b. [pu'fʌ] 'puxar'

3.1.1.23. Consoante fricativa pós-alveolar sonora /ʒ/

O estatuto fonêmico da consoante fricativa pós-alveolar sonora /ʒ/ pode ser observado a partir das oposições de /ʒ/ e /z/ em (80) e de /ʒ/ e /s/ em (81):

- (80) /ʒ/ [ʒa'ra] 'ciscar'
 /z/ [za'ra] 'azarar'
- (81) /ʒ/ [ʒɛnʊ] 'gênio'
 /s/ [sɛnʊ] 'sereno'

A consoante fricativa pós-alveolar sonora /ʒ/ ocorre em início e meio de palavra como primeiro elemento do onset. É realizada como [ʒ], que também é um alofone de /z/. Assim como sua contraparte surda, o fonema /ʒ/ não é muito frequente. Precede as vogais orais /e, ɛ, a, ɔ, o, u/ e nasalizadas [ẽ, ẽ̃] e é neutralizado com [z] diante de [i, ĩ]. Podemos observar, a seguir, /ʒ/ ocorrendo em início (82a) e meio de palavra (82b):

- (82) a. [ʒɛnʊ] 'gênio, temperamento'
 b. [ku'ruʒɛ] 'coruja'

Nos exemplos a seguir, podemos observar /ʒ/ como fonema, já que não varia com [z]:

- (83) a. [ʒãʒɛ], *[zãʒɛ] 'junção entre os dedos'
 b. [ku'ruʒɛ], *[ku'ruze] 'coruja'

Maurer (2009: 11) fornece apenas pares mínimos de /ʃ/ e /ʒ/ diante de /i/, ou seja, não fornece pares mínimos reais, já que /s/ e /z/ podem ser realizados como [ʃ] e [ʒ] diante de /i/. Para considerá-los fonemas, é preciso pares mínimos ocorrendo diante de outras vogais. Apesar disso, Maurer coloca estes sons em seu quadro de fonemas, mas descreve-os como alofones em distribuição complementar com /s/ e /z/. No entanto, no

corpus de Maurer há palavras que não se encaixam em sua descrição, como [ja^hrutu], [ʃɛfi], [ʃɛli], [ʒãgɛ] e [ʒɛnu]. O autor não oferece uma explicação para isso.

Aqui consideraremos /ʃ/ e /ʒ/ como fonemas da língua, já que foi possível encontrar pelo menos um par mínimo para cada um deles e ambos podem aparecer precedendo todas as sete vogais orais da língua. Diante de /i/ e /j/, ocorre uma neutralização dos fonemas /s/, /ʃ/ e /z/, /ʒ/, sendo realizados como [ʃ] e [ʒ], respectivamente.

3.1.2. Segmentos vocálicos

As vogais em lung'le ocorrem no núcleo da sílaba em qualquer posição da palavra (cf. seção 3.2). O lung'le possui 7 vogais orais, como podemos observar no quadro a seguir:

	ANTERIOR	CENTRAL	POSTERIOR
ALTA	i		u
MÉDIA-ALTA	e		o
MÉDIA-BAIXA	ɛ		ɔ
FECHADA		a	

Quadro VIII: Fonemas vocálicos.

Uma questão que se coloca na descrição da fonologia do lung'le é a nasalização. Maurer (2009: 8) descreve o sistema vocálico dessa língua como tendo nasais propriamente ditas, ou seja, para o autor há vogais nasais fonêmicas.

Câmara Jr. (1977) argumenta que as vogais do português são bifonêmicas, ou seja, são vogais seguidas por um elemento consonantal nasal, o arquifonema nasal. O autor demonstra que só é possível estabelecer a oposição entre /ã/ e /an/ em casos como o do francês 'bon' [bõ] e 'bonne' [bon], no qual uma vogal nasal opõe-se a uma sequência vogal + consoante nasal verdadeira. Sendo assim, a nasalidade da vogal no português só ocorreria em decorrência da consoante na coda e não é uma característica intrínseca à vogal. Em lung'le temos o mesmo caso. Não há pares mínimos do tipo /ã/ e /aN/ e a nasalidade é decorrente do arquifonema nasal /N/ ou da consoante nasal da sílaba seguinte. No primeiro caso, temos oposições fonológicas, como nas palavras 'calçar' [kali'sa] e 'calção' [kali'sẽ]. No segundo caso, não há diferença de significado nas realizações da palavra 'irmã' como [mẽne] ou [mane]. Essas vogais são, portanto, foneticamente nasalizadas.

Sendo assim, como já argumentado por Agostinho & Araujo (2010), não há nasalidade fonêmica nas vogais do lung'le, pois a fonte da nasalidade é uma consoante nasal na coda ou no onset da sílaba seguinte. Temos, então, vogal nasalizada + /N/ ou vogal nasalizada + consoante nasal.

O processo de nasalização vocálica será retomado no capítulo 9. A quantidade silábica será abordada em 3.2.3. A seguir, observaremos as realizações e oposições dos fonemas vocálicos.

3.1.2.1. Vogal alta anterior não-arredondada /i/

A vogal alta anterior não-arredondada /i/ pode ocorrer em sílabas tônicas e átonas. As oposições de /i/ e /ɛ/ em (84) e de /i/ e /a/ em (85) confirmam o estatuto fonêmico de /i/:

(84)	/i/	[a'di]	'andim'
	/ɛ/	[a'dɛ]	'não'
(85)	/i/	[tʃi]	'você'
	/e/	[te]	'seu'

É realizada como [i] em sílabas tônicas e pré-tônicas, e como [ɪ] em sílabas átonas finais.

(86)	/alegria/	[alɛ'griɛ]	'alegria'
	/iriSi/	[i'riʃi]	'nariz'

Quando aparece em hiato, pode ser realizada como [j], após processo de ditongação (cf. 3.4.11):

(87)	/biɔlɔgu/	[bi. ˠ.ɔ.lɔ.gu] ~ [ˠbjɔ.lɔ.gu]	'biólogo'
	/alegria/	[alɛ'griɛ] ~ [alɛ'grja]	'alegria'

Pode ser realizada como [ĩ] diante de /N/ e quando está em sílaba tônica precedida por uma consoante nasal na sílaba seguinte:

(88)	/mwi/	[^h mwi]	‘ralar’
	/mwiN/	[^h mwĩ] ~ [^h mwĩŋ]	‘mãe’
(89)	/fika/	[fi ^h ka]	‘ficar’
	/fiNka/	[fi ^h ka] ~ [fiŋ ^h ka]	‘fincar’

3.1.2.2. Vogal média-alta anterior não-arredondada /e/

A vogal média-alta anterior não-arredondada /e/ pode ocorrer em sílabas tônicas e átonas. As oposições de /e/ e /u/ em (90) e de /e/ e /a/ em (91) confirmam o estatuto fonêmico de /e/:

(90)	/e/	[^h te]	‘ter’
	/u/	[^h tu]	‘descascar (tubérculos)’
(91)	/e/	[kwe ^h do]	‘corredor’
	/a/	[kwa ^h do]	‘peneira’

Pode ser realizada como [e] em todos os contextos e como [ɪ] em sílabas átonas finais²⁶:

(92)	/vese/	[^h vese] ~ [^h vesɪ]	‘vez’
------	--------	---------------------------------------------	-------

Diante de /N/, pode ser realizada como [ẽ] ou [ẽ̃] quando está em sílaba tônica precedida por uma consoante nasal em coda ou em onset na sílaba seguinte.

(93)	/teN/	[tẽ] ~ [tẽ̃]	‘até’
------	-------	--------------	-------

3.1.2.3. Vogal média-baixa anterior não-arredondada /ɛ/

A vogal média-baixa anterior não-arredondada /ɛ/ pode ocorrer em sílabas tônicas e átonas. A oposição de /ɛ/ e /e/ em (94) confirma o estatuto fonêmico de /ɛ/:

²⁶ Não foi possível encontrar uma palavra com /e/ em sílaba átona não final, portanto não é possível dizer se este processo ocorreria neste contexto.

(94)	/ε/	[u ^h petu]	‘espeto’
	/e/	[u ^h petu]	‘peito’

É realizada como [ε] em todos os contextos e pode ser realizada como [ɪ] em sílabas átonas finais²⁷.

(95)	/muNkε/	[^h mũkε] ~ [^h mũkɪ]	‘muncanha’
------	---------	---------------------------------------------	------------

Diante de /N/, poderá ser realizada como [ẽ] ou [ẽj] quando está em sílaba tônica precedida por uma consoante nasal em coda ou em onset na sílaba seguinte.

(96)	/sεN/	[sẽ] ~ [sẽj]	‘cem’
------	-------	--------------	-------

3.1.2.4. Vogal baixa central não-arredondada /a/

A vogal baixa central não-arredondada /a/ pode ocorrer em sílabas tônicas e átonas. A oposição de /a/ e /u/ em (97) confirma o estatuto fonêmico de /a/:

(97)	/a/	[u ^h ka]	‘ocá’
	/u/	[u ^h ku]	‘nádega’

É realizada como [a] em sílabas tônicas e pré-tônicas e como [ɛ] em sílabas átonas finais. Pode ser realizada como [ẽ] diante de /N/ e quando está em sílaba tônica precedida por uma consoante nasal na sílaba seguinte.

(98)	a.	/kalisa/	[kali'sa]	‘calçar’
	b.	/kalisaN/	[kali'sẽ]	‘calça’

3.1.2.5. Vogal média-baixa posterior arredondada /ɔ/

A vogal média-baixa posterior arredondada /ɔ/ pode ocorrer em sílabas tônicas e átonas. As oposições de /ɔ/ e /o/ em (99) e de /ɔ/ e /ε/ em (100) confirmam o estatuto fonêmico de /ɔ/:

²⁷ Não foi possível encontrar uma palavra com /ε/ em sílaba átona não final, portanto não é possível dizer se este processo ocorreria neste contexto.

(99)	/ɔ/	[sɔtʃi]	‘sorte’
	/o/	[sotʃi]	‘açoite’
(100)	/ɔ/	[fɔ]	‘vir de’
	/u/	[fu]	‘limpar’

Pode ser realizada como [ɔ] em todos os contextos e como [u] em sílabas átonas finais²⁸:

(101)	/dɛfɛjtɔ/	[dɛ'fɛjtɔ] ~ [dɛ'fɛjtu]	‘defeito’
-------	-----------	-------------------------	-----------

Pode ser realizada como [ɔ̃] diante de /N/ quando está em sílaba tônica precedida por uma consoante nasal em coda ou em onset na sílaba seguinte.

(102)	/pɔ̃nti/	[pɔ̃ntʃi]	‘ponte’
-------	----------	-----------	---------

3.1.2.6. Vogal média-alta posterior arredondada /o/

A vogal média-alta posterior arredondada /o/ pode ocorrer em sílabas tônicas e átonas. As oposições de /o/ e /a/ em (103) e a de /o/ e /ɔ/ em (104) (cf. 3.4.17) confirmam o estatuto fonêmico de /o/:

(103)	/o/	[po]	‘por’
	/a/	[pa]	‘para’
(104)	/o/	[o'kpo]	‘pântano’
	/ɔ/	[ɔ'kpo]	‘inhame utilizado para engrossar comida’

Pode ser realizada como [o] em todos os contextos e como [u] em sílabas átonas finais.

²⁸ Não foi possível encontrar uma palavra com /ɔ/ em sílaba átona não final, portanto não é possível dizer se este processo ocorreria neste contexto.

(105) /gofto/ [ˈgofto] ~ [ˈgoftu] ‘defeito’

Pode ser realizada como [õ] diante de /N/ e quando está em sílaba tônica precedida por uma consoante nasal na sílaba seguinte.

(106) /potu/ [ˈpotu] ‘porto’
 /poNtu/ [ˈpõtu] ‘ponto’

3.1.2.7. Vogal alta posterior arredondada /u/

A vogal alta posterior arredondada /u/ pode ocorrer em sílabas tônicas e átonas. As oposições de /u/ e /o/ em (107) e de /u/ e /e/ em (108) confirmam o estatuto fonêmico de /u/:

(107) /u/ [iˈdu] ‘piolho’
 /o/ [iˈdo] ‘almofariz’

(108) /u/ [ˈfu] ‘limpar’
 /ɔ/ [ˈfɔ] ‘vir de’

É realizado como [u] em sílabas tônicas, pré-tônicas e pós-tônicas não finais e como [ʊ] em sílabas átonas finais. Quando aparece em hiato em sílaba não acentuada, pode ser realizado como [w], após processo de ditongação (cf. 3.4.11):

(109) /zinuinu/ [ziˈnuˈinʊ] ~ [ziˈnwinʊ] ‘genuíno’

Pode ser realizada como [ũ] diante de /N/ e quando está em sílaba tônica precedida por uma consoante nasal na sílaba seguinte.

(110) /fudu/ [ˈfudu] ‘brilhante’
 /fuNdu/ [ˈfũdu] ‘fundo’

Pode ser realizado como [w̃] na palavra [ˈw̃a]. Esta é a única ocorrência de [w̃] em nosso *corpus*, embora [j] como alofone de /i/ também seja raro.

(111) /uNa/ [ˈũa] ~ [ˈw̃a] ~ [ˈũwa] ‘um’

3.2. Estrutura silábica

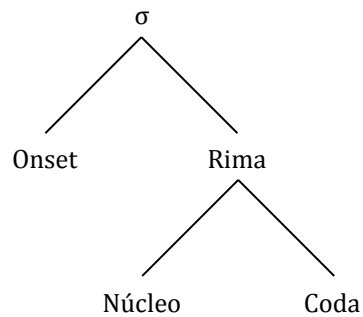
Nesta seção discutiremos, a partir do *corpus*, a estrutura silábica do lung’le em 3.2.1, o estatuto dos glides, em 3.2.2, das vogais longas, em 3.2.3, das nasais silábicas, em 3.2.4 e a estrutura da sílaba fonética, em 3.2.5. Primeiramente, apresentaremos a estrutura da sílaba em lung’le, levando em consideração a escolha da estrutura que a representará. Em seguida, exporemos a fonotática dos glides (G). Argumentaremos que os *onglides*, ou seja, os glides que antecedem uma vogal, estão no onset, enquanto os *offglides*, ou seja, os glides que ocorrem após uma vogal, fazem parte da coda. Discutiremos então o estatuto das vogais longas e da nasal silábica. Finalmente, abordaremos as diferenças estruturais entre as sílabas fonológicas e fonéticas.

Para as análises contidas nesta seção, utilizamos nosso *corpus* (sem palavras compostas) com um total de 3.907 palavras. A partir de um programa em linguagem *python*, convertemos as palavras em cadeias silábicas com divisão de sílabas, atribuindo valores de acordo com cada fonema. Para garantir a parsificação correta de todas as palavras, a lista foi revisada manualmente em uma planilha. A partir dessa lista, pudemos analisar os tipos de sílaba em lung’le através do programa *AntConc*.

3.2.1. A sílaba fonológica

Há diversas propostas de estrutura silábica na literatura. Utilizaremos aqui a proposta binária com rima (Pike and Pike 1947, Kurylowicz 1948, entre outros), que consiste em dividir a sílaba em onset e rima, esta última dividida por sua vez em núcleo e coda, como podemos observar no esquema (112):

(112)

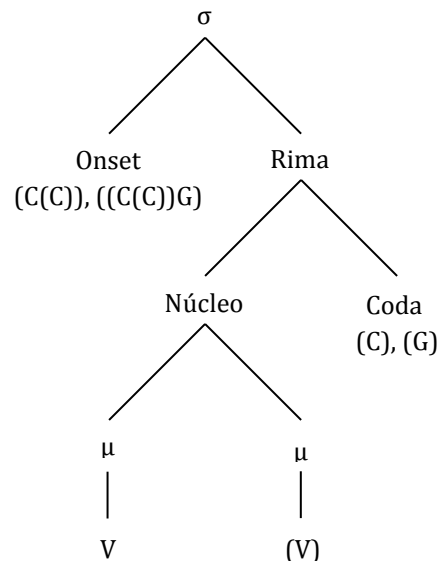


Em lung'le há uma relação entre o núcleo e a coda da sílaba, portanto a estrutura de rima parece ser a mais adequada do que uma estrutura trinária, como a proposta por Davis (Blevins 1995). O processo de nasalização é um argumento para a existência da rima em lung'le, já que só ocorre dentro dela. Podemos observar nos exemplos a seguir que apenas o *offglide*, que faz parte da rima, sofre nasalização (113a-c), enquanto o *onglide*, que está no onset, permanece oral (113d-e):

- | | | | |
|----------|------------------|---------------------------|----------------|
| (113) a. | /oleN/ | [o'lē] ~ [o'lě] | 'além' |
| b. | /obeN/ | [o'bē] ~ [o'bě] | 'bens' |
| c. | /ukuru kajNkajN/ | [u'kuru kěj'kěj] | 'muito escuro' |
| d. | /betu waN/ | [ʼbetu ʼwē], *[ʼbetu ʼwě] | 'muito aberto' |
| e. | /ljaN/ | [lʼjē], *[lʼjě] | 'leão' |

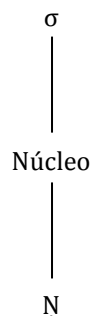
A estrutura da sílaba fonológica em lung'le pode ser representada através do esquema em (114), a seguir:

(114)



A sílaba também pode ser preenchida por uma nasal silábica no núcleo em início de palavra. Nesse caso, não é possível haver outros elementos na sílaba, e a estrutura é a seguinte:

(115)



O Quadro IX apresenta as sílabas fonológicas possíveis em lung'le em ordem de maior ocorrência, a partir do nosso *corpus* composto de 9.913 sílabas:

TIPO DE SÍLABA	OCORRÊNCIAS NO <i>CORPUS</i>	EXEMPLOS	FORMA SUBJACENTE	GLOSA
CV	7461	[ˈkaʃi]	/kaSi/	‘casa’
CVN	1005	[aˈlɛ]	/alaN/	‘lá’
V	420	[ˈadɛ]	/adɛ/	‘não’
CGV	371	[bɛˈdʒa]	/baNdja/	‘bandeira’
CVC	134	[ˈgoʃto]	/goSto/	‘felicidade’
GV	105	[waˈda]	/wada/	‘esperar’
CVG	95	[baˈbew]	/babew/	‘barbeiro’
CVV	91	[ˈfuːtɛ]	/fuuta/	‘fruta’
CGVN	67	[ˈmwĩ]	/mwiN/	‘mãe’
CCV	55	[gluˈtɛ]	/gluˈtaN/	‘comilão’
VN	55	[ɔˈra]	/ɔNra/	‘honrar’
N	50	[ɱbaˈsa]	/ɱbasa/	‘onda’
VC	15	[ˈɔʃtʃɛ]	/ɔStja/	‘hóstia’
CVVN	8	[uˈbɛːku]	/ubaaNku/	‘branco’
CCVN	8	[ˈklɛ]	/klaN/	‘clã’
GVN	6	[wɛˈga]	/waNga/	‘espalhar’
VG	6	[iˈɛw]	/iɛw/	‘ilhéu’
CVC	5	[raˈiʃ]	/rais/	‘raiz quadrada’
CCGV	3	[krjaˈsɛ]	/krjasaN/	‘criação’
VV	3	[ˈeː]	/ee/	‘epa’
CGVV	2	[ˈkwaː]	/kwaa/	‘corda’
CVVG	2	[ˈfeːw]	/feew/	‘ferreiro’

Quadro IX: Tipos de sílaba fonológica, quantidade de ocorrências e exemplos.

No Quadro X, apresentamos os doze tipos de sílabas fonológicas encontradas em nosso *corpus*, considerando G e N como consoante, tal como proposto por Klein (2004), mas acrescentando também sílabas longas:

V	C	CV	CVC	VC	CCV	CCVC	CVCC	VCC	CCVCC	CCCV
✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	-	-	-	-
VV	CC	CVV	CVVC	VVC	CCVV	CCVVC	CVVCC	VVCC	CCVVCC	CCCVCC
✓	-	✓	✓	✓	✓	-	-	-	-	-

Quadro X: Sílabas fonológicas possíveis em lung’le.

Todas as consoantes descritas na seção 3.1.1, a saber, /p, b, t, d, k, g, k̄p̄, ḡb̄, f, v, m, n, ɲ, w, j, r, l, ʎ, v, s, ʃ, z, ʒ/, podem ocorrer em onset no meio de palavra. Apenas /ʎ/ não foi encontrada em início de palavra. No entanto, palavras iniciadas em /k̄p̄/, /ḡb̄/, /ʒ/ e /ɲ/ são menos comuns. O segundo elemento do onset pode ser uma consoante líquida /r, l/ ou um glide /w, j/. As combinações possíveis para o onset complexo estão descritas no Quadro XI e no Quadro XII.

O núcleo deve ser preenchido por pelo menos uma vogal simples ou por uma consoante nasal no início de palavra, que constituirá uma nasal silábica (cf. 3.2.4). Sendo assim, a sílaba mínima é V ou N. Todas as vogais podem ser nucleadas em sílabas tônicas e pré-tônicas, como podemos observar em (116):

(116)	a.	/i/	[i'bi]	'carvão'
	b.	/e/	[le'ke]	'avisar'
	c.	/ɛ/	[mɛ'ne]	'ser doce'
	d.	/a/	[ka'na]	'cana'
	e.	/ɔ/	[ɔ'pɔ]	'pó'
	f.	/o/	[o'to]	'garganta'
	g.	/u/	[u'tu]	'cogumelo'

Todas as sete vogais /i, e, ɛ, a, ɔ, o, u/ podem aparecer nas sílabas pós-tônicas finais, mas alguns falantes, em particular os mais novos, reduzem este quadro para três [ɪ, e, ʊ], como será visto na seção 0:

(117)	a.	/i/	[lɛmɪ]	'leme'
	b.	/e/	[l'vese] ~ [l'vesɪ]	'vez'
	c.	/ɛ/	[l'ðze] ~ [l'ðzɪ]	'onze'
	d.	/a/	[l'make]	'marca'
	e.	/ɔ/	[de'fɛjtɔ] ~ [de'fɛjtu]	'defeito'
	f.	/o/	[l'gofto] ~ [l'goftu]	'gosto'
	g.	/u/	[l'luʃu]	'luxo'

As palavras com sílaba pós-tônica não final, ou seja, palavras proparoxítonas, são muito escassas na língua. Dessa maneira, não foi possível encontrar todas as vogais em posição pós-tônica não final:

(118)	a.	/i/	[ˈaribɐ]	‘erva’
	b.	/o/	[ˈfologu]	‘fôlego’
	c.	/u/	[ˈbusolɐ]	‘bússola’

Os glides /w/ e /j/ podem aparecer em onset ou em coda. Podem ser o único ou o segundo elemento de onset complexo iniciado por /p, b, t, d, k, g, f, v/. A coda também pode ou não ser preenchida por um glide, por /N/ ou por /S/.

A Figura II, a seguir, mostra os doze tipos de sílabas mais frequentes em nosso *corpus* de 10.032 sílabas: CV, CVN, V, CGV, CVC, GV, CVG, CVV, CGVN, CCV, VN e N²⁹:

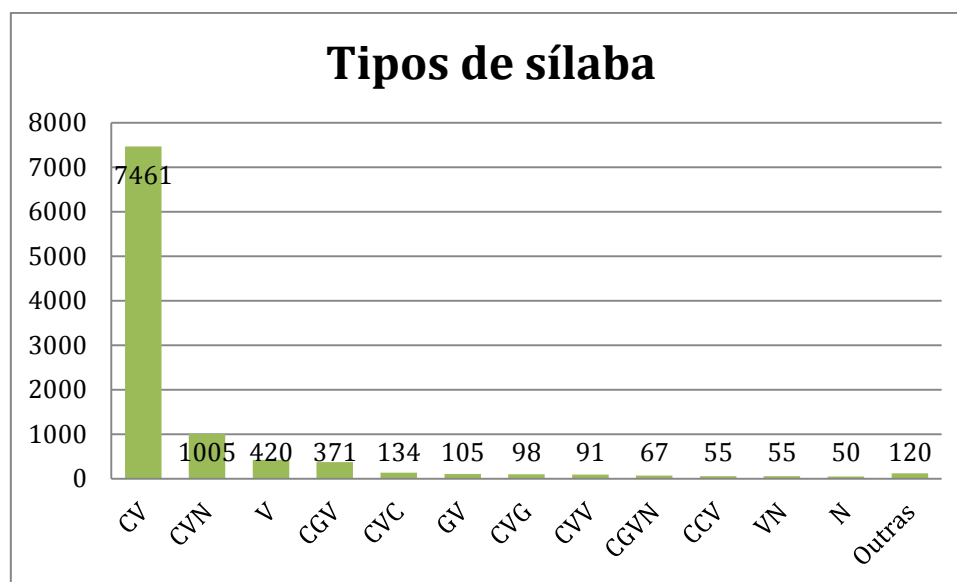


Figura II: Os doze tipos de sílabas mais frequentes em lung'le.

Segundo Maurer (2009: 12), as sílabas mais comuns são V e CV. De acordo com nosso *corpus*, podemos observar que a sílaba mais comum é CV, com 74% dos dados. Em segundo lugar está a sílaba CVN, com 10%. A sílaba V aparece como a terceira mais comum, com 4% dos dados. Apesar de esses três tipos serem os mais frequentes, a diferença entre eles é crucial. Dessa forma, podemos dizer que o lung'le é constituído majoritariamente de sílabas CV. As palavras com GV e GVN perfazem cerca de 1% dos dados.

A seguir, analisaremos os elementos que podem constituir o onset, o núcleo e a coda em lung'le com mais detalhes.

As sílabas com onset complexo CCV de sonoridade crescente perfazem menos de 1% dos dados. Alguns falantes aceitam sílabas CCV mais do que outros³⁰. Já CCVN aparecem

²⁹ Nasal silábica.

em apenas 0,08%. Nesses dados, foram documentados os seguintes onsets complexos com /p, b, t, d, k, g, f, v/ seguidos de /r, l/, discriminados no Quadro XI:

GRUPOS COM /R/	EXEMPLOS	GLOSA	GRUPOS COM /L/	EXEMPLOS	GLOSA
pr	[ˈprimu]	‘primo’	pl	[kõˈplo]	‘complô’
br	[obrigaˈsẽ]	‘obrigação’	bl	[bibliˈɔˈtɛka]	‘biblioteca’
tr	[treˈzɛtu]	‘trezentos’	tl	—	—
dr	[laˈdrɛ]	‘ladrão’	dl	—	—
kr	[laˈkra]	‘lacrar’	kl	[ˈklara]	‘clara’
gr	[leˈgria]	‘alegria’	gl	[gluˈtɛ]	‘comilão’
fr	[saˈfrɛ]	‘açafrão’	fl	—	—
vr	[vrɛʃiˈvrɛʃi]	‘seco’	vl	—	—
sr	—	—	sl	—	—
zr	—	—	zl	—	—

Quadro XI: Distribuição de onset complexos com /r, l/.

Podemos observar que o lung’le possui várias opções de onset complexo, apesar de serem restritos a apenas 58 palavras, menos de 1% do *corpus*. Foram encontradas ocorrências com /pr, pl, br, bl, tr, dr, kr, kl, gr, gl, fr, vr/. Os onsets complexos /tl, dl, fl, vl/ não apareceram em nosso *corpus*, porém são possíveis, já que estas consoantes aparecem com /r/, e poderiam aparecer em novos empréstimos³¹. Todas as consoantes oclusivas e as consoantes fricativas lábio-dentais formam onsets complexos C/r/, enquanto apenas as consoantes oclusivas bilabiais e velares formam onsets complexos C/l/. Os onsets complexos iniciados com /s, z/ não foram atestados na língua.

Maurer (2009: 12) afirma que palavras com onset complexo são empréstimos recentes. No entanto, somente um estudo histórico poderá confirmar esta informação. O autor alega que o “único onset complexo genuíno é encontrado em *la-dran* ‘ladrão’”³². Além disso, sem datação, não é possível conjecturar a entrada da palavra na língua. No entanto, não há argumentos que corroborem esta afirmação. Em Ribeiro (1888), há duas ocorrências de onsets complexos (*êntlê* e *uflútu*) dentro de uma oração, não refletindo, no

³⁰ A palavra [peˈzɛte] ‘presente’ é aceita por alguns informantes, enquanto outros aceitam apenas a forma com CCV [preˈzɛte].

³¹ A maioria dos falantes aceitou os onsets complexos /tl, fl, vl/ para as palavras ‘atlas’, ‘atlântico’, ‘flauta’, ‘Flávio’ e ‘Vladimir’.

³² Tradução nossa.

entanto, a língua em uso, já que textos cerimoniais podem trazer fonemas distintos da língua e formas linguísticas cristalizadas (Oliveira *et al.* 2013: 235).

Como o *onglide* está sendo analisado como parte do onset, ele constitui um onset complexo em sílabas do tipo CGV e CGVN. No Quadro XII, podemos observar os onsets complexos com sonoridade crescente, em que o segundo elemento é um glide:

GRUPOS COM /w/			GRUPOS COM /j/		
EXEMPLOS	GLOSA		EXEMPLOS	GLOSA	
pw	[^l pwɛmɛ]	‘palmeira’	pj	[^l pja]	‘olhar’
bw	[^l ubwɛ]	‘boi’	bj	[^l ubjɛ]	‘feitiço’
tw	[^l twa]	‘arder’	tj	[^l tja]	‘tirar’
dw	[^l dwa]	‘doer’	dj	[^l dja]	‘dia’
kw	[^l kwa]	‘coisa’	kj	[^l okje]	‘ladeira’
gw	[za ^l gwa]	‘asagoa ³³ ’	gj	[^l gja]	‘guia’
mw	[^l mwa]	‘molhar’	mj	[^l mje]	‘mulher’
nw	[^l hwa]	‘lua’	nj	[^l g ^h nja]	‘agonizar’
ɲw	—	—	ɲj	[kõpa ^h ɲja]	‘Companhia (TOPO)’
rw	[ba ^l rwa]	‘esconder’	rj	[^l urja]	‘orelha’
lw	[^l lwãgɔ]	‘mentira’	lj	[^l ljãbɛ]	‘maconha’
fw	[^l fwa]	‘furar’	fj	[^l ufja]	‘folha’
vw	[^l vwa]	‘voar’	vj	[^l vja]	‘repetir’
sw	[^l swa]	‘conto tradicional’	sj	[^l sja]	‘encher’
zw	[^l zwa]	‘jurar’	zj	[^l tu ^h zja]	‘tesoura’

Quadro XII: Distribuição de onset complexos com glides.

O onset complexo CG pode ser preenchido pelas seguintes consoantes antecedendo o glide /p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, r, l, f, v, s, z/. Não foi documentado nenhum dado com [ɲw], [ʌ] e com as velo-labiais mais glide em onset complexo. Foram documentadas três palavras

³³ Prato típico principense.

com onset complexo CCGV: [ˈkrja] ‘criar’, [krjaˈsẽ] ‘criação’ e [bibljɔˈtɛkɛ] ‘biblioteca’³⁴. No entanto, os dois primeiros exemplos variam com [kiˈrja] e [kirjaˈsẽ].

O onset complexo com sonoridade decrescente com [ʃ], mais consoante oclusiva surda, será considerado como resultado de um processo fonológico de síncope (cf. 3.4.2), e não como parte da sílaba fonológica.

O núcleo pode ser simples, preenchido por uma vogal, ou ramificado, preenchido por duas vogais. As vogais no núcleo são fonologicamente orais, mas podem ser foneticamente nasalizadas, caso haja uma consoante nasal na coda.

Como mencionado em 3.2.3, Maurer (2009: 13) considera as vogais longas como uma sequência de duas vogais breves, já que cada uma recebe um tom. No entanto, o autor não discute sua posição na sílaba, mas representa a palavra [ˈba:] como <ba-a> e a palavra [ˈko:su] como <kô-ô-su>, de onde podemos inferir que ele considera que cada vogal está numa sílaba (cf. seção 3.2.3).

Apesar de concordarmos com a sua análise sobre os tons das vogais longas, e acrescentando que um tom será atribuído para cada mora (cf. Hermans & Wetzels) da vogal longa, consideramos que elas estão na mesma sílaba, constituindo um núcleo ramificado. Um dos argumentos para essa análise é o fato da nasalização se espalhar à esquerda nas duas vogais. Como a nasalização ocorre na rima e o nível de aplicação para este processo é a sílaba, como veremos na seção 3.4.12, o núcleo ramificado também será nasalizado. Se as vogais estivessem em sílabas diferentes, a nasalização seria bloqueada.

(119) /ubaaNku/ [u.ˈbẽ:ku], *[u.ˈba.ẽ.ku] ‘branco’

No entanto, seria possível argumentar que a nasalização pode espalhar para outras sílabas, caso não haja uma consoante ou glide entre a primeira vogal nasalizada e outra vogal à sua esquerda. Contudo, esse argumento não é válido, pois há palavras com duas vogais diferentes diante de coda nasal em que a primeira não sofre nasalização:

(120) /kaiN/ [kaĩ], *[kẽĩ] ‘avarento’

O fato de não podermos ter *[kẽĩ], demonstra que a nasalização não ultrapassa a fronteira da sílaba. Ao mesmo tempo, este exemplo corrobora nossa análise de [u.ˈbẽ:ku] como tendo três sílabas (cf. 3.2.3, 3.3).

³⁴ O *onglide* pode ser realizado como a vogal alta [i] quando em sílaba átona. O mesmo não ocorre em sílaba tônica: [meloˈdja], *[meloˈdia] ‘melodia’; [famiˈlja], *[famiˈlia] ‘familiar’.

A coda pode ser preenchida por um único elemento que deve ser um glide /w, j/, uma consoante nasal /N/, que assimila o ponto de articulação do elemento seguinte (cf. seção 3.4.12, Bisol 1999 e Collischonn 1997) e pode ou não ser realizada foneticamente, ou uma consoante fricativa /S/, realizada como [ʃ]. Das 3.895 palavras do *corpus*, 1.058 possuem coda preenchida por nasal, 111 por glide e 124 por /S/. A coda em [ʃ, r] é resultado de processos fonológicos e será tratada na seção 3.2.5 (cf. seções 3.1.1.15, 3.1.1.16 e 3.4.2). Podemos observar as porcentagens referentes a esses dados na Figura III:

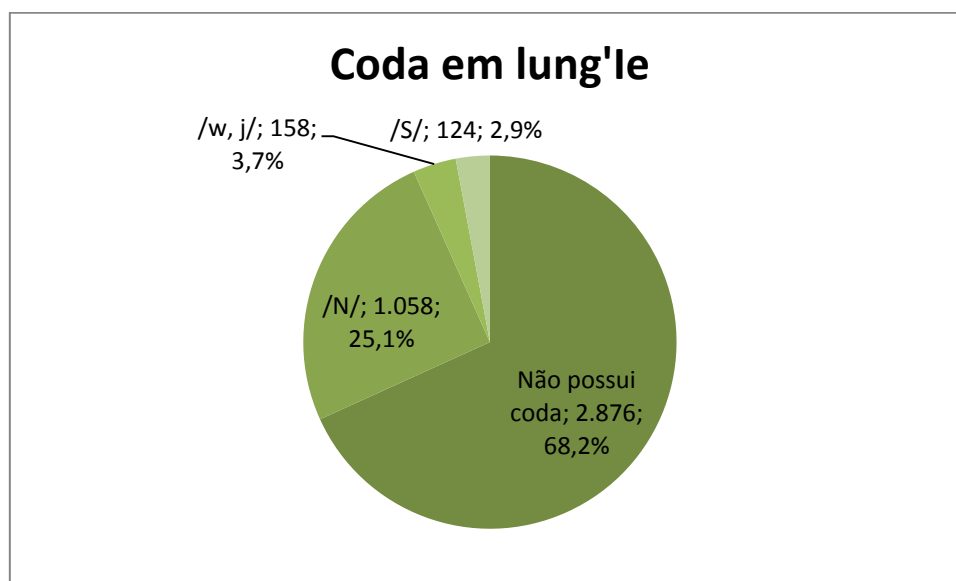


Figura III: Porcentagem de palavras com cada tipo de coda em lung'le.

Não é possível haver mais de um elemento na coda fonológica, mas a coda ramificada pode ocorrer na sílaba fonética, como veremos na seção 3.2.4. Como pudemos observar, a coda é menos permissiva e, portanto, mais restrita do que o onset, em lung'le.

Quanto ao número de sílabas, foi possível encontrar palavras com até seis sílabas em nosso *corpus*. A Figura II mostra a porcentagem de palavras com uma, duas, três, quatro, cinco e seis sílabas, encontradas no *corpus*. Na Figura II, podemos observar que 45,99% das palavras em lung'le são dissílabas, 38,44% são trissílabas, 11,04% têm 4 ou mais sílabas e 4,53% são monossílabos, num total de 3.907 palavras.

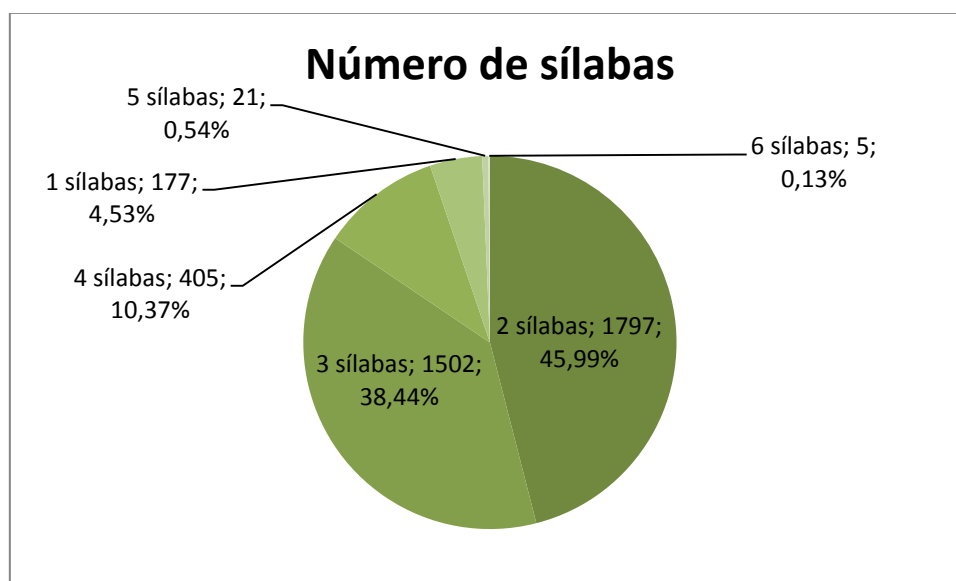


Figura IV: Porcentagem de número de sílabas das palavras em lung'le.

Maurer (2009: 13) argumenta que palavras com quatro sílabas são muito raras, mas não cita quantas foram encontradas em seu *corpus*. Entretanto, em nosso *corpus* há 431 palavras, cerca de 11%, com quatro ou mais sílabas. Podemos observar que as palavras de quatro sílabas existem em maior número do que os monossílabos, por exemplo, embora os monossílabos sejam mais frequentes por constituírem muitas vezes palavras gramaticais. Assim como descrito por Maurer, as palavras com cinco sílabas são muito raras. O autor não havia encontrado palavras com seis sílabas, mas podemos observar a partir do gráfico acima que elas são de fato muito raras, ocorrendo apenas cinco vezes no *corpus*.

Observando palavras iniciadas por sílaba V, podemos notar que V.CV.CV ocorre em 148 palavras, enquanto V.CV ocorre em apenas 79. Isso demonstra que existem mais palavras trissilábicas iniciadas por vogal do que palavras dissilábicas iniciadas por vogal. Este é um fato histórico relacionado à incorporação do artigo do português no PCGG, ocorrida provavelmente no século XVI.

3.2.2. Glides

Os *onglides* podem aparecer após as consoantes /p, b, t, d, k, g, m, n, r, l, f, v, s, z, ʃ, ʒ/. Não ocorrem com a lateral palatal, com a nasal palatal e com as velo-labiais. No quadro a seguir, observamos que os *onglides* podem aparecer antes de qualquer vogal oral, com exceção de [u] e [i], restrição comum nas línguas do mundo (Ohala & Kawasaki 1984):

	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u
w	[sa'widɪ] 'saúde'	[ˈwetɔ] 'oito'	[ˈwɛ] 'ir'	[ˈawɛ] 'água'	[ˈwɔ] 'momento'	[ˈwodɔ] 'crescido'	—
j	—	[ˈje] 'mercar'	[ˈjɛta] 'fresta'	[uˈgɔjɛ] 'agulha'	[wɔˈgɔ] 'melhorar'	[joˈlo] 'desligar'	[ˈbaju] 'dança'

Quadro XIII: Glide + Vogal.

Outra possibilidade para o onglide é aparecer após uma consoante. Nestes casos, /w/ pode aparecer com /i, e, ɛ, a/, e /j/ pode aparecer com /e, ɛ, a, ɔ, o, u/. Como argumentado acima, as combinações C[wu] e C[ji] não eram esperadas. Não foi possível encontrar C[wɔ] e C[wo] em nosso *corpus* ou na literatura.

	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u
Cw	[ˈmwi] 'ralar'	[ˈpwe] 'por'	[ˈpwɛmɛ] 'palmeira'	[ˈtwa] 'azedo'	—	—	—
Cj	—	[ˈkje] 'cair'	[ˈmjɛ] 'mulher'	[ˈvjaʒi] 'viagem'	[bjɔˈgɔ] 'escorregar'	[ˈmjolo] 'cérebro'	[ˈpjule] 'pílula'

Quadro XIV: Consoante + Glide + Vogal.

Apesar de /wu/ e /ji/ não ocorrerem em nenhuma palavra, podemos ter um [wu] fonético em uma palavra com hiato, como /u.u/ → [u.ˈwu] 'linha' e /kje.u/ → [ˈkje.wu] 'conjunto de três pedras utilizadas no fogão tradicional'. O mesmo processo ocorre com outras palavras com hiato, como em /i.ɛ/ → [i.jɛ] e /uN.ɛ/ → [ˈũ.wɛ] (cf. seção 3.4.11). Em casos de sândi vocálico externo, podemos ter /wu/ e /ji/ sendo realizados como [u:] e [i:], respectivamente (cf. seção 3.4.18).

Os glides também podem aparecer diante de uma vogal nasalizada. O quadro a seguir mostra os dados encontrados no *corpus* com a combinação GVN:

	ĩ	ẽ	ɛ̃	ẽ̃	õ	õ̃	ũ
w	—	—	—	[wẽ̃ˈgẽ̃] 'umedecer'	—	—	—
j	—	—	—	[jẽ̃ˈga] 'rasgar'	—	—	[sɛsɛ̃taˈjũ] 'sessenta e um (jogo)'

Quadro XV: Glide + Vogal nasalizada.

Podemos observar que, embora a sílaba GVN seja possível, ela só aparece com as vogais /a, u/ no núcleo. Em nosso *corpus*, sílabas GVN perfazem menos de 0,1% dos dados,

aparecendo em apenas seis palavras. Já as sílabas CVGN, aparecem em 67 palavras, ou seja, 0,7% dos dados. A seguir podemos observar as combinações de glides e vogal nasalizadas possíveis em CVGN:

	ĩ	ẽ	ẽ	ẽ	õ	õ	ũ
w	[^l mwĩ] 'mãe'	[^l kwẽtu] 'coentro'	[u ^l mwẽ] 'mar'	[^l lwẽgu] 'mentira'	—	—	—
j	—	[kjẽ'ta] 'esquentar' ³⁵	[ũ ^l twẽ] 'espécie de fruta'	[zu ^l bjẽ] 'bolso'	[^l tʃjõsɔ] 'garça- socoí'	[^l bjõgo] 'baba'	—

Quadro XVI: Consoante + Glide + Vogal nasalizada.

A distribuição de GVN e CGVN acima parece estar de acordo com a quantidade de palavras com cada tipo de sílaba no *corpus*. Os glides também podem ocorrer com vogais longas. Temos as combinações de glide e vogal [wa:] e [wɛ:], como podemos observar nos exemplos abaixo:

- (121) a. [^lkwa:] 'corda'
b. [^lpwɛ:] 'parir'

A seguir, podemos observar as vogais que antecedem os glides. As combinações encontradas foram [ɛw] e C[aw, ɛw, ew, iw, aj, ej, ɔj, ej], ao passo que [ɔw, ow, uw, oj, ij, uj] não foram encontrados em nosso *corpus* nem na literatura:

	w	j
a	[u ^l baw] 'barro'	[ka ^l j ^l mẽ] 'goma de mandioca'
ɛ	[i ^l ɛw] 'ilhéu', [u ^l fɛw] 'ferro'	[dɛ ^l fɛjtɔ] 'defeito'
ɔ	—	[di ^l zɔjtɔ] 'dezoito'
e	[ro ^l pew] 'europeu'	[^l sej] 'seis'
o	—	—
i	[mi ^l fjɔ ^l nariw] 'missionário'	—
u	—	—

Quadro XVII: (Consoante) + Vogal + Glide.

³⁵ Exemplo de Maurer (2009: 225).

A única combinação encontrada para vogal nasalizada antecedendo glide foi [ẽ̃], no ideofone [u'kuru kẽ̃'kẽ̃] 'muito escuro'. Bartens (2000) afirma que ideofones podem ter fones que não aparecem no quadro fonológico da língua, bem como estruturas silábicas diferentes às de sua fonotática. Como esse é o único caso encontrado em nosso *corpus* e na literatura, e por se tratar de um ideofone, tomaremos este caso como excepcional.

Com vogais longas seguidas de glides, temos a combinação [e:w] ocorrendo em nosso *corpus*, como podemos observar no exemplo em (122):

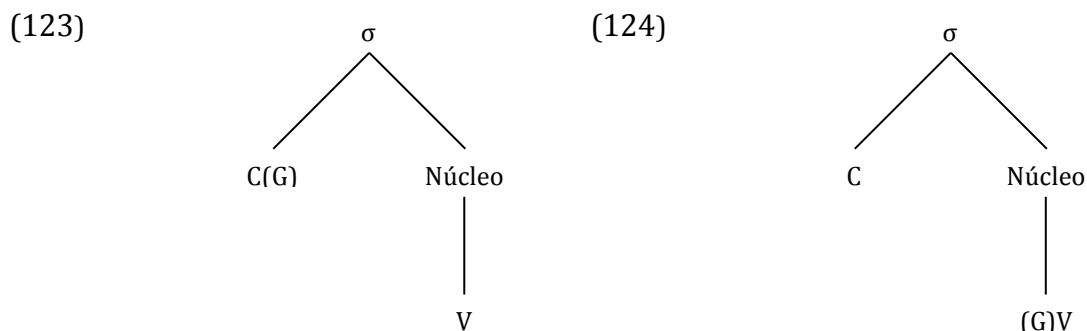
(122) [f'e:w] 'ferreiro'

Levando em consideração todas as sílabas que continham (C)GV e (C)VG (a saber, CGV, GV, CGVN, GVN, CCGV, VG, GVC, em ordem de maior ocorrência), pudemos observar que GV ocorre em 83% das palavras com glide, enquanto VG ocorre em apenas 17%.

Apesar de não termos acesso à informação de frequência de cada palavra, é possível observar que GV ocorre em mais palavras em número absoluto do que VG.

3.2.2.1. *Onglide* como parte do onset

Segundo Davis & Hammond (1995: 159), a questão da posição do glide na sílaba se coloca em várias línguas. Se a língua tratar o glide como uma semivogal, ele fará parte do núcleo da sílaba, mas se tratar o glide como uma semiconsoante, ele fará parte do onset. Em (123), temos a representação do glide no onset e, em (124), temos a representação do glide no núcleo:



Apresentaremos a seguir argumentos em favor da estrutura (123), tanto para sílabas GV como para sílabas CGV.

Em (125a, b) temos a ditongação (cf. 3.4.11) ocorrendo em palavras com as vogais /u, i/ em hiato. Nestes casos, é possível haver a inserção de um glide [w, j] e a realização da

vogal como um glide³⁶. O mesmo não ocorre em (125c), que não pode ser realizado como *[u'ɛ] e *[u'wɛ], o que mostra que sua estrutura subjacente é diferente da de (125a, b). Em outras palavras, se assumíssemos que os glides ocorrem apenas na superfície e que são alofones das vogais /u, i/, não teríamos como explicar a não ocorrência de *[u'ɛ] e *[u'wɛ] a partir de */uɛ/.

(125)	a.	/ue/	[u'e], [u'we], [ʷwe]	'olho'
	b.	/iɛ/	[i'ɛ], [i'jɛ], [j'ɛ]	'ilha'
	c.	/wɛ/	[ʷwɛ], *[u'ɛ], *[u'wɛ]	'ir'

Do número absoluto de sílabas CV, V e VV em nosso *corpus*, 95% são sílabas CV e 5% são V ou VV. Como mencionado acima, pudemos observar que a sequência GV ocorre mais do que VG. Se olharmos apenas para as sílabas iniciadas por GV e VG, ou seja, para sequências de GV ou VG que tenham ou não uma consoante ou nasal na coda, teremos o seguinte gráfico:

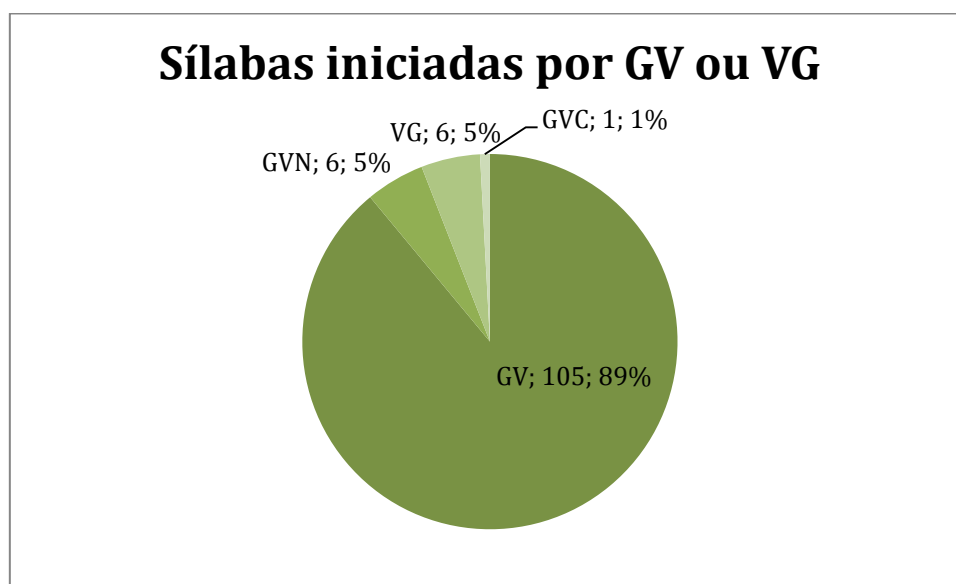


Figura V: Sílabas iniciadas por GV ou VG.

A Figura V mostra que, das sílabas iniciadas por GV e VG, 94% são GV e 6% são VG. Confrontando este dado com o de que sílabas CV são as mais comuns e sílabas VV são raras, podemos assumir que a estrutura GV funciona mais como CV do que como VV. Além

³⁶ Outra forma de análise prevê a interação de duas regras: primeiro ocorre uma ditongação com um glide epentético [u.'e] → [u.'we] e depois ocorre a elisão do primeiro elemento da palavra [u.'we] → [ʷwe].

disso, ela é também mais facilmente encontrada no meio de palavra, como em [sa'widi] CV.GV.CV 'saúde', ao contrário de sílabas sem onset preenchido. Além disso, os glides podem preceder qualquer vogal, o que é outro argumento para que sejam analisados como consoantes. Hiato são muito raros, há apenas três palavras dissílabas com hiato em nosso *corpus*, por exemplo, e estas palavras acionam um processo fonológico que insere um glide no onset, como meio de evitar o hiato (cf. seção 3.4.11).

Outro argumento para essa análise é o sândi vocálico externo (cf. seção 3.4.18). Em (126a), temos como resultado do sândi a fusão das duas vogais de mesma qualidade. Em (126b), temos o sândi ocorrendo com vogais de qualidade diferente e o resultado é o apagamento da primeira vogal e a manutenção da segunda³⁷. Em (126c), temos duas vogais de mesma qualidade, mas a primeira é precedida por um glide. O resultado do processo, nesse caso, é a fusão das duas vogais e a manutenção do glide. Como o sândi vocálico externo ocorre no núcleo, o onset não pode ser deletado. Dessa forma, o glide só pode estar no onset, já que não temos *[fi'garika], e sim [fi'gwarikɛ]. O mesmo ocorre em (126d), em que temos [kwise], e não *[kise], ou seja, o núcleo é deletado, mas o onset é mantido. Em (126e), o onset não é deletado, mas a sequência de /w/ mais /u/ é realizada como uma vogal longa [u:]. Ocorre o mesmo também em (126f), em que o onset também não é deletado, mas a sequência de /j/ mais /i/ é realizada como uma vogal longa [i:]. Em (126g-h), podemos observar que o núcleo ramificado pode sofrer ditongação e elisão da primeira vogal.

- | | | | |
|-------|----|--------------------------------------------------------|---------------------|
| (126) | a. | /keba arika/ → [ke'barikɛ] | 'quebrar a arca' |
| | b. | /pi'la ugba/ → [pi'luɣbe] | 'muitos cercados' |
| | c. | /figwa arika/ → [fi'gwarikɛ], *[fi'ga:rikɛ] | 'figura da arca' |
| | d. | /kwa ise/ → [kwise], *[ki:se] (Günther 1973: 38) | 'esta coisa, isto' |
| | e. | /figwa ugba/ → [fi'gu:ɣbe], *[fi'gwuɣbe], *[fi'gu:ɣbe] | 'figura do cercado' |
| | f. | /kaNdja izeti/ → [kɛdi:'zetɪ], *[kɛdji:'zetɪ] | 'tipo de candeeiro' |
| | g. | /maa umaN/ → [maw'mã], [mu:'mã] | 'casar' |
| | h. | /bii ubaaku/ → [biw'ba:ku], [bu:'ba:ku] | 'abrir buraco' |

³⁷ Para discussão sobre os glides, cf. seção 3.2.2.

Se o glide estivesse no núcleo, teríamos *[fi'ga:rɪka], *[ki:se] e *[fi'gu:gbe] em (126c-e), já que a elisão substitui as vogais do núcleo ramificado. Podemos observar o mesmo nos dados em (127)³⁸:

- (127) a. [pwe u'kwatu] → [pu:'kwatu] (Maurer 2009) 'por no quarto'
 b. [pwe u'matu] → [pu:'matu] (Günther 1973: 38) 'por no mato'
 c. [pwe 'uga] → [pu:ge] 'por na rua'
 d. [ka'dja i'ni] → [ka'di:ni] (Maurer 2009) 'nádegas do elefante'
 e. [u'fja iko'ko] → [ufi:ko'ko] (Günther 1973: 38) 'folha de cará'

Em (127a, b, c) temos /w/ + /u/ sendo realizado como [u:] e em (127d, e), temos /j/ + /i/ sendo realizado como [i:] na fronteira de palavras. Embora Maurer não tenha feito essa relação, Günther (1973: 38) faz: “a combinação /wu/ é foneticamente realizada como [u:] (...); a combinação /ji/ é foneticamente realizada como [i:]³⁹”. Dessa forma, podemos dizer que /w/ pode ser realizado como [u] na fonologia pós-lexical.

Se o *onglide* estivesse no núcleo, a regra que silabifica o /n/ como onset em uma forma subjacente como /upanu/ para [u.'pa.nu], a fim de evitar hiato, faria o mesmo em /paNwε/, cuja forma de superfície seria *[pa.'nwε]. No entanto, o fato de o glide se comportar como uma consoante faz com que essa palavra seja silabificada como [pẽ.'wε].

Como veremos nas seções 3.2.1 e 3.4.12, o espalhamento de nasalidade em lung'le ocorre na rima, tendo o núcleo como alvo. O fato de o *onglide* não sofrer nasalização é, portanto, um argumento para considerá-lo como parte do onset e não do núcleo, como corroboram os exemplos a seguir:

- (128) d. /betu waN/ [betu 'wẽ] ~ *[betu 'wẽ] 'muito aberto'
 e. /ljaN/ [ljẽ], *[ljẽ] 'leão'

A única palavra com *onglide* nasalizado foneticamente que encontramos é a palavra /uNa/ 'um', que pode ser realizada como [wã]. No entanto, podemos analisar este fenômeno de duas formas. Uma análise possível para esta palavra seria a variação de VV em hiato ser realizada como GV. Teríamos [ũ.a] → [wã]. Nesse caso, [w] seria um alofone de /u/. Nessa análise, a palavra /uNa/ poderia ser realizada como [wã], em que não há

³⁸ Transcrições nossas.

³⁹ Tradução nossa.

perda de segmentos, e como [u.^hũa], em que há uma epêntese de um glide. Outra forma de análise forma prevê a interação de duas regras. Primeiro, devido ao hiato, ocorre uma ditongação com um glide epentético [ʔ.ã] → [u.^hũa]; depois, ocorre a elisão do primeiro elemento da palavra, e temos [u.^hũa] → [ʔ.ũa].

Segundo Araujo e Agostinho (2014), jogos de linguagem são normalmente utilizados como argumento quanto à posição dos glides na sílaba (cf. Davis & Hammond 1995; Lee 1994). Araujo e Agostinho (2014) descrevem um jogo de linguagem em fa d'Ambô que serve como argumento de que os glides são tratados como consoantes nessa língua. O resultado da análise feita para o fa d'Ambô é que os *onglides* estão no onset e os *offglides* estão na coda. Foi possível encontrar um jogo de linguagem semelhante em lung'le. Uma sílaba com onset [p] mais vogal é inserida após a sílaba tônica de cada palavra. Portanto, o material segmental a ser copiado é o núcleo da sílaba tônica ou será inserido [u]⁴⁰, em casos de nasal silábica, e o acento será deslocado para a nova sílaba:

- (129) a. [u'dɛɖɔ] [udɛ'pɛɖɔ] 'dedo'
 b. [u'muɲɛ] [umu'puɲɛ] 'unha'
 c. [ka'be] [kaba'pa] 'acabar'
 d. [ʔ'primɔ] [pri'pimɔ] 'primo'

O onset da sílaba inserida será sempre apenas [p], mesmo após sílabas com onsets complexos:

- (130) e. [la'drã] [ladra'pã], *[ladra'prã] 'ladrão'
 f. [ʔ'primɔ] [pri'pimɔ], *[pri'primɔ] 'primo'

Em palavras com sílaba tônica com coda, a coda passa a fazer parte da sílaba inserida:

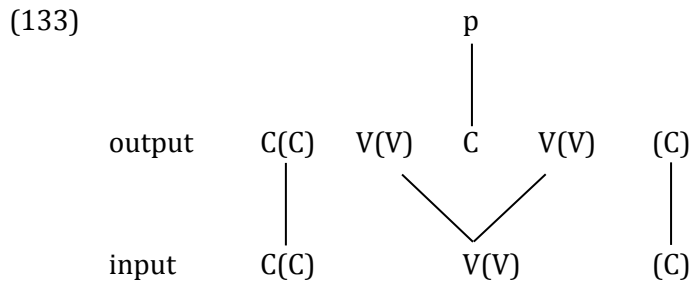
- (131) a. [ʔ'goʃ.to] [go.'poʃ.to], *[goʃ.'poʃ.to], *[goʃ.'po.to] 'gosto'
 b. [tu.'sã] [tu.sa'pã], *[tu.sã'pã], *[tu.sã'pa] 'sentar'

⁴⁰ A palavra [ŋ] 'eu' é realizada no jogo como [m'pu]. No entanto, quando esta palavra aparece com algum verbo, não recebe a sílaba do jogo, por ser átona: [ŋgɔ'gɔ] é realizado no jogo como [ŋgɔgɔ'pɔ].

Em palavras com vogal longa, a sílaba inserida é longa, ou seja, o núcleo ramificado é inteiramente copiado:

(132) [ˈpa:te] [pa:ˈpa:te], *[pa:ˈpate] ‘prata’

Podemos sistematizar a estrutura silábica do jogo de linguagem da seguinte maneira:



Os *onglides* se comportam como as consoantes em (129) e (130): o glide não é copiado na sílaba inserida. Temos a cópia apenas da vogal e não do glide, o que mostra que o *onglide* faz parte do onset, já que, se estivesse no núcleo, teríamos *[abjaˈpja], *[nwɛˈpwɛɛɛ] e *[wɛˈpwɛɛ]:

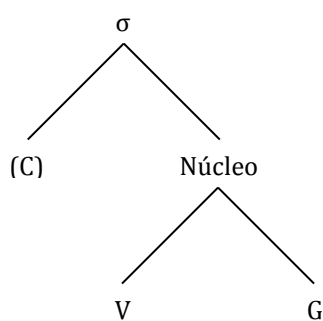
(134) a. [aˈbja] [abjaˈpa], *[abjaˈpja], *[abaˈpja] ‘ribeira’
 b. [ˈnwɛɛɛ] [nwɛˈpɛɛɛ], *[nwɛˈpwɛɛɛ], *[nɛˈpwɛɛɛ] ‘concha de
 coco’
 c. [ˈwɛ] [wɛˈpɛ], *[wɛˈpwɛ] ‘ir’

Finalmente, o fato de o *onglide* poder aparecer com vogal longa é outro argumento para que este elemento faça parte do onset, pois o núcleo da sílaba com vogal longa já é ramificado, por estar preenchido por duas moras.

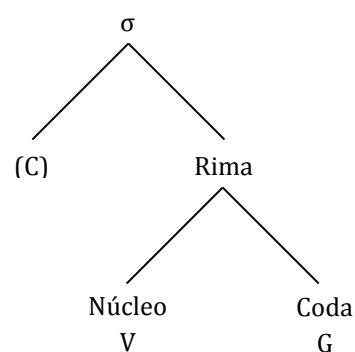
3.2.2.2. *Offglide* como parte da coda

Para os *offglides* também podemos ter diferentes representações. Cabe aqui discutir se o *offglide* é tido como parte do núcleo ou como parte da coda em lung’le. Em (135), temos a representação do glide no núcleo e, em (136), temos a representação do glide na coda. Argumentaremos aqui em favor da representação em (136):

(135)



(136)



Em lung'le, não é possível haver dois elementos na coda (cf. seção 3.2.1). Sendo assim, não foi possível encontrar sílabas fonológicas (C)VGC ou (C)VGN em nosso *corpus* ou na literatura. A única exceção a essa regra é o ideofone /kajNkajN/; no entanto, como argumentado anteriormente, é comum que os ideofones infrinjam regras fonológicas e fonotáticas das línguas. Observemos as seguintes palavras:

- (137) a. /fɛɛsku/ [fɛ:ʃku] 'fresco'
 b. /ubaaNku/ [u'bɛ:kʉ] 'branco'

Em (137a) e (137b), podemos observar que é possível ter sílabas com dois elementos no núcleo e um elemento na coda. Se os *offglides* fossem parte do núcleo, ou seja, se formassem um núcleo com dois elementos juntamente com uma vogal, poderíamos ter sílabas (C)VGC ou (C)VGN, o que não ocorre. Os fatos de CVVC e CVVN serem possíveis e de haver essa restrição quanto ao glide, demonstram que os *offglides* estão na coda, e não no núcleo.

Utilizando novamente argumentos do jogo de linguagem em lung'le acima (cf. 3.2.2.1), podemos observar que a coda das sílabas tônicas passam para a sílaba inserida.

A coda nasal em (131b) se comporta da mesma maneira que a coda em /S/ em (131a), o que corrobora a análise de que existe uma consoante e que não se trata de uma vogal nasal propriamente dita. Caso as vogais nasais fossem fonemas, teríamos *[tu.sã'pã], assim como temos [kaba'pa], em (129c). Os *offglides* têm o mesmo comportamento das codas, ou seja, passam a fazer parte da coda da sílaba inserida:

- (138) a. [u'baw] [uba'paw], *[ubaw'paw], *[ubaw'pa] 'barro'
 b. [ʃsej] [se'pej], *[sej'pej], *[sej'pe] 'seis'

Se o *offglide* fosse parte do núcleo, teríamos cópia do núcleo e o resultado seria *[ubaw^hpaw] e *[sej^hpej]. O fato do *offglide* ter o mesmo comportamento de uma consoante, demonstra que ele está na coda da sílaba.

Outro argumento para que o *offglide* seja parte da coda, é o fato de poder aparecer com vogal longa, pois o núcleo da sílaba com vogal longa já é ramificado, por estar preenchido por dois elementos.

3.2.3. Quantidade

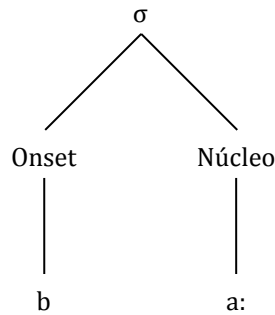
A quantidade vocálica define as vogais baseadas em sua duração como longas ou breves. Uma questão que se coloca sobre as vogais longas, é como representá-las: a vogal longa é uma única vogal /a:/ ou uma sequência de duas vogais breves /aa/, ou seja, uma vogal dupla? Odden (2011) cita argumentos fonológicos para a representação de vogais longas de uma ou outra maneira. Além disso, segundo Odden (2011), regras segmentais podem ‘ver’ a vogal longa como apenas um segmento, enquanto regras prosódicas podem ‘vê-la’ como uma sequência de dois segmentos.

Em lung’le, há uma contraparte longa/dupla para todas as vogais orais /i, e, ε, a, ɔ, o, u/ e para as nasalizadas [ẽ, õ]. Maurer (2009: 23) argumenta que para cada vogal da sequência é atribuído um tom, o que mostraria que a vogal longa é uma sequência de duas vogais breves e não uma vogal alongada, devendo ser representada como **aa** e não como **a:**⁴¹. Ferraz & Traill (1981: 207), no entanto, argumentam que só vogais longas podem ter tons dinâmicos (crescente e decrescente). Em nossa análise, utilizaremos a notação /aa/ para a forma subjacente, por compartilharmos com Maurer a hipótese de que existem dois tons sendo atribuídos à vogal longa, como será argumentado adiante, e a notação [a:] para a forma de superfície, já que foneticamente esses dois segmentos são realizados como uma vogal longa.

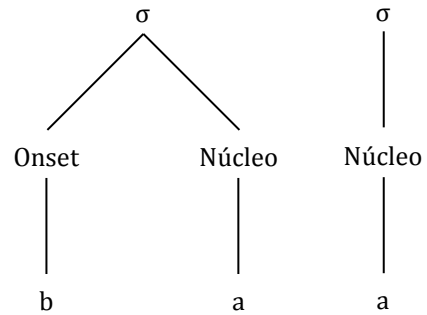
Maurer (2009: 13) parece considerar que a sequência de vogais estaria em sílabas diferentes, já que representa a palavra [‘ba:] como *ba-a* e a palavra [‘ko:su] como *kô-ô-su*. Já Ferraz & Traill (1981: 207) analisam a vogal como longa e como parte da mesma sílaba. Em (139), temos a estrutura assumida por Ferraz & Traill (1981), em (140), temos a estrutura que parece ser a assumida por Maurer (2009) e em (141) temos a estrutura assumida nesta tese:

⁴¹ O autor não explicita se a representação é fonológica, fonética, ou as duas.

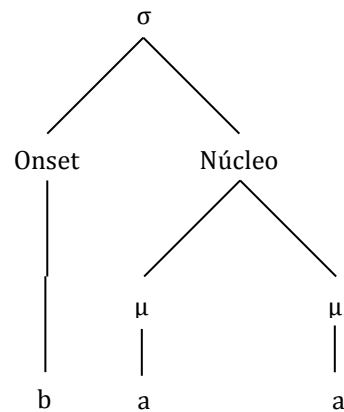
(139)



(140)



(141)



Nossa análise concorda com ambos autores em alguns pontos. Concordamos com Maurer na questão de que a vogal longa é uma sequência de dois segmentos, em que cada um carrega um tom. No entanto, ao invés de considerar que temos duas vogais, consideraremos que se trata de uma vogal com duas moras, e que uma sequência de dois tons é atribuído à sílaba com vogal longa e cada mora recebe um tom. Assumiremos aqui que os tons foneticamente dinâmicos, observados por Günther e Ferraz & Traill⁴², ocorrem em decorrência de LH (crescente) e HL⁴³ (decrecente) observados por estes autores na mesma sílaba. Como palavras com vogais longas perfazem menos de 1% de nosso *corpus*, parece que analisá-las como uma sequência de dois tons, sendo cada um deles atribuído a uma mora, é mais econômico do que assumir dois novos tipos de tons para dar conta de menos de cem palavras, num *corpus* de cerca de quatro mil. Concordamos com Ferraz & Traill (1981: 207) sobre a vogal longa estar dentro de uma sílaba, e não serem dois segmentos em sílabas distintas, como demonstra (140), já que as regras de acento não se sustentam em palavras como [ˈba:], que, se tivesse duas sílabas, de acordo com o seu

⁴² Maurer (2009: 14) descreve o *pitch* foneticamente crescente, mas diz não ter encontrado *pitch* foneticamente decrescente.

⁴³ As palavras com tons HL em Ferraz & Traill (1981) são normalmente descritas como LL por Maurer (2009). A possível relação entre esta diferença pode ser o fato de que o segundo tom L numa sequência de tons L é realizado como mais baixo que o segundo.

padrão tonal subjacente⁴⁴, seria acentuada na última sílaba *[ba.'a]. As interações entre tom e acento serão discutidas de forma mais detalhada na seção 3.3.1.

A elisão por sândi vocálico externo ocorre quando uma palavra terminada com sílaba aberta é seguida por uma palavra iniciada por uma vogal diferente, em que a primeira é elidida. Nos exemplos (142a, b), podemos observar que o núcleo de /maa/ e /bii/ é totalmente elidido, sendo substituído pelo [u] de /umaN/ e /ubaaku/, que sofre um alongamento compensatório. Dessa forma, este processo demonstra os dois segmentos estão no núcleo e fazem parte da mesma sílaba, já que podem ser substituídas.

- (142) a. /maa umaN/ [mu:'mã] 'casar'
 b. /bii ubaaku/ [bu:'ba:ku] 'abrir um buraco'

Outro argumento que corrobora a análise de que a vogal longa não se trata de duas vogais em sílabas diferentes é o jogo de linguagem apresentado em 3.2.2.1, já que temos a cópia do núcleo ramificado:

- (143) [pa:te] [pa:'pa:te], *[pa'pa:te], *[pa:'pate] 'prata'

Dessa forma, assumiremos aqui que os tons de contorno são fonéticos e que a língua possui apenas dois tons fonológicos (H e L), como detalhado no capítulo 3.3, mas que um tom será atribuído para cada mora da vogal longa, e sua forma subjacente será representada como dois segmentos vocálicos idênticos. Na superfície, as duas moras vocálicas serão realizados como uma vogal longa com tom de contorno. Sendo assim, as vogais longas são fonemas da língua, em nossa análise. No entanto, como explicitado anteriormente, utilizaremos a mesma notação de Maurer para representá-las fonologicamente /aa/, já que cada mora recebe um tom. Foneticamente, elas serão representadas por [a:]⁴⁵.

A seguir podemos observar algumas oposições de V e VV, exemplificadas em (144) - (150) abaixo:

- (144) [e] [i'g̃be] 'corpo'
 [e:] [i'g̃be:] 'quarto'

⁴⁴ Maurer (2009: 214).

⁴⁵ Quando o alongamento vocálico for fonético, também utilizaremos [a:].

(145)	[ɛ]	[ˈmɛ]	‘meu’
	[ɛ:]	[ˈmɛ:]	‘Manuel’
(146)	[ɛ]	[ˈpɛtʊ]	‘perto’
	[ɛ:]	[ˈpɛ:tʊ]	‘preto’
(147)	[i]	[ˈbi] ⁴⁶	‘empurrar’
	[i:]	[ˈbi:]	‘começar’
(148)	[a]	[ˈma]	‘colar’
	[a:]	[ˈma:]	‘Maria’
(149)	[a]	[ˈpatɛ]	‘pato’
	[a:]	[ˈpa:tɛ]	‘prata’
(150)	[o]	[ˈkosʊ]	‘coxa’
	[o:]	[ˈko:sʊ]	‘caroço’ ⁴⁷

Não há muitos pares mínimos com vogais breves e longas e não foi possível encontrar pares mínimos com [ɔ] e [ɔ:] e [u] e [u:]. Também não há pares mínimos de palavras com CVV com sequência tonal diferente, como [ˈbàà] (LL) e *[ˈbáà] (HL), por exemplo. O fato das vogais longas não poderem receber todas as sequências tonais possíveis corrobora nossa análise de que a sequência tonal seria atribuída fonologicamente para a sílaba e que a vogal longa é bimoraica e não duas vogais independentes.

As vogais longas estão sendo substituídas por vogais breves pelos falantes mais novos, no entanto há um processo de alongamento compensatório sincrônico realizado por alguns falantes (cf. 3.4.8). As vogais longas aparecem em palavras de origem não portuguesa e de origem portuguesa. Este trabalho não pretende fazer uma análise fonológica diacrônica da língua, já que para tanto deverá haver um estudo envolvendo todas as línguas do Golfo da Guiné e a reconstrução do PCGG. No entanto, assumindo que o *lung’le* provavelmente descende de uma forma antiga do santome ou do proto-crioulo do Golfo da Guiné, transplantado para a Ilha do Príncipe no início da colonização da ilha no

⁴⁶ Exemplo de Maurer (2009: 215).

⁴⁷ Exemplo de Maurer (2009: 23).

século XVI (Ferraz 1976, Hagemeijer 2009), podemos observar que há uma relação entre onsets complexos formados por oclusiva mais líquida no santome e vogais longas no lung'le nas palavras de origem portuguesa, como podemos notar no Quadro XVIII:

SANTOME ⁴⁸	LUNG'IE	GLOSA
fluta	[^h fu:ta]	'fruta-pão'
livla	[li ^h ve:]	'livrar'
blutu	[^h bu:tu]	'bruto'
xtlenu	[^h sɛ:nu]	'sereno'
dlêtu	[^h de:tu]	'direito'

Quadro XVIII: Relação entre onsets complexos em santome e vogais longas em lung'le.

Nestes casos o alongamento parece ocorrer para compensar o apagamento do segundo elemento do onset, o que entraria em contradição com o argumento de que apenas elementos na coda poderiam gerar alongamento compensatório (Hayes 1989). No exemplos no Quadro XIX, podemos observar que possivelmente há uma relação entre o apagamento de sílaba em santome e as vogais longas no lung'le:

Santome ⁴⁹	Lung'le	Glosa
valanda	[^h vɛ̃:de]	'varanda'
txizola	[tu: ^h ʒɛ̃]	'tesoura'

Quadro XIX: Possível relação entre apagamento de sílaba do santome e vogais longas em lung'le.

Este processo diacrônico de alongamento compensatório, ou seja, o alongamento de um elemento vocálico após a perda de um elemento em onset ou coda, ou de uma sílaba, pode servir para corroborar a análise que considera o lung'le como proveniente do PCGG e não do português (cf. 1.2). O fato de que algumas palavras de origem portuguesa com onset complexo ou que têm sílabas apagadas não gerarem o alongamento compensatório em lung'le, demonstram que o processo ocorreu do PCGG para o lung'le, e não do português para o lung'le. O fato das vogais longas serem fonêmicas e de aparecerem também em palavras de origem não portuguesa pode ser influência do substrato africano. No entanto, é preciso um estudo histórico para que se possa entender o processo de alongamento vocálico diacrônico, bem como as vogais longas de origem não portuguesa, e

⁴⁸ Exemplos retirados de Araujo & Hagemeijer (2013).

⁴⁹ Exemplos retirados de Araujo & Hagemeijer (2013).

estabelecer os contextos fonológicos, como, por exemplo, a qualidade da consoante seguinte, em que aparece.

3.2.4. Nasais silábicas

Consoantes silábicas são aquelas que podem constituir uma sílaba ou o núcleo de uma sílaba sem a presença de uma vogal. Em lung'Ie, temos a ocorrência de consoantes nasais silábicas. Estas consoantes silábicas foram atestadas em todas as línguas crioulas do Golfo da Guiné (Agostinho e Araujo 2014)⁵⁰.

Em lung'Ie, a nasal silábica /N/ ocorre em início de palavra precedendo as consoantes [p, b, t, d, k, g, z]. Ela também é o morfema de primeira pessoa do singular. Como argumentado em 3.1.1.11, a nasal silábica /N/ assimilará o ponto de articulação da consoante seguinte, sendo realizada como [ŋ] diante de coronais, como [m̩] diante de labiais e como [ŋ] diante de velares.

Maurer (2009: 7) aponta apenas [ŋ] e [m̩] e afirma que a escolha para **n** ~ **m** “vai depender da consoante em onset (...) e da velocidade de fala”⁵¹. Para nós, o fonema utilizado será fruto apenas da assimilação com a consoante que o sucede. Como dito anteriormente (cf. 3.1.1.11), Maurer atesta que a nasal silábica varia com [ĩ] e [ũ] (2009: 7), e, segundo o autor, a escolha entre os alomorfes [ũŋ] e [ĩŋ] para a palavra /N/ ‘eu’, “depende dos hábitos linguísticos do falante”. Para os falantes com quem trabalhamos, estes alofones estão em variação livre nesta palavra, embora [ũŋ]⁵² seja mais comum⁵³ (cf. 3.4.15).

Em lung'Ie, temos o jogo de linguagem apresentado em 3.2.2.1. No entanto, este jogo insere sílabas apenas após sílabas tônicas ou em palavras monossilábicas. Como a nasal silábica em palavras com mais de uma sílaba nunca é tónica, o único exemplo em que uma sílaba é inserida após nasal silábica é [ŋ] ‘eu’, que é realizado como [m̩'pu].

Araujo e Agostinho (2014) apresentam um argumento parecido para a existência de nasais silábicas em fa d'Ambô, a partir de dados de um jogo de linguagem. Resumidamente, o jogo em fa d'Ambô consiste em inserir uma sílaba -[pV], onde V é uma vogal cópia da vogal à esquerda ou uma vogal epentética [u], à direita de cada sílaba da palavra. Uma palavra como [ˈgavu] ‘você’, será realizada [ga'pavupu] no jogo de linguagem.

⁵⁰ Ferraz (1979: 72) não utiliza o termo ‘nasal silábica’ para o santome, mas utiliza um hífen para grafá-las. Já Barrena (1957) e Zamora (2010) não descrevem estas nasais como silábicas fa d'Ambô.

⁵¹ Tradução nossa.

⁵² Os informantes que sabem escrevem grafam esta palavra como <un>.

⁵³ Há esta variação em algumas palavras em português como [ũ'bigu] e [ĩ'bigu] ‘umbigo’.

Ao mesmo tempo, uma palavra com nasal silábica como [ŋ^lge]⁵⁴ ‘pessoa’, é realizada como [mpuge^lpe] no jogo, o que mostra que a nasal é vista como uma sílaba pelas regras do jogo de linguagem. Além disso, o acento cai sobre a sílaba inserida que sucede a sílaba acentuada original da palavra. Sendo assim, [ŋ^lge] não poderia ser um monossílabo *[ŋge], já que o acento da palavra no jogo recai na última sílaba da palavra, diferentemente de [ga^lpavupu]. Este argumento, que pode ser estendido ao lung’le, como proposto por Araujo e Agostinho (2014), somado ao dado [m^lpu] do lung’le acima, corroboram a existência da nasal silábica em lung’le⁵⁵.

3.2.5. A sílaba fonética

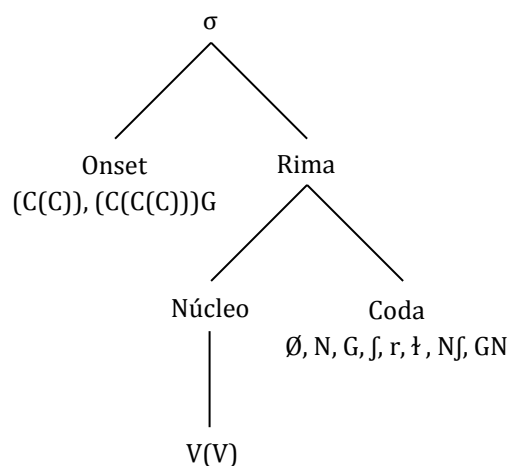
Em muitas línguas, a sílaba fonológica nem sempre corresponde à sílaba fonética; em outras palavras, a sílaba subjacente não é realizada da mesma maneira na superfície. Em lung’le, a sílaba fonética é mais permissiva do que a fonológica e pode ser observada nas formas resultantes de processos fonológicos sincrônicos. A diferença está no fato de que a sílaba fonética permite que o onset seja preenchido por três elementos, e a coda por dois. Na sílaba fonética, é possível haver onsets complexos em início de palavra com as configurações [[p], [ft], [jk], que violam o princípio da sonoridade na sílaba fonológica. Além disso, a sílaba fonética permite onsets com três elementos, como é o caso da palavra [ʃtɾi:ki] ‘nos trinquês’, que também pode ser pronunciada como [ʃt̥i:ki]. A coda pode ser preenchida por [r, ʔ] e pode ser foneticamente ramificada, podendo ser preenchida por um glide e uma nasal, ou por uma nasal e um [ʃ].

O núcleo da sílaba fonética pode conter uma vogal; uma vogal bimoraica realizada como [V:], ou uma vogal breve que se torna bimoraica em decorrência de um processo fonológico, como o sândi, por exemplo (cf. 3.4.18) ou uma nasal silábica. Em (151), podemos observar a estrutura da sílaba fonética em lung’le:

⁵⁴ É válido observar que esta palavra também é dissílaba em lung’le, mas não contém uma nasal silábica: [niŋ^lge].

⁵⁵ Além disso, é possível corroborar a hipótese de que o jogo de linguagem do fa d’Ambô tem origem portuguesa e não espanhola (Araujo & Agostinho 2014) através do jogo de linguagem do lung’le, já que são muito semelhantes entre si e ambos diferem da variedade espanhola.

(151)



O Quadro XX, apresenta os sete tipos de sílaba fonética encontradas em nosso *corpus*, que diferem das sílabas fonológicas descritas no Quadro IX, em 3.2.1:

TIPO DE SÍLABA	OCORRÊNCIAS NO <i>CORPUS</i>	EXEMPLOS	FORMA SUBJACENTE	GLOSA
ʃCV	33	[ʃkɔ.lɐ]	/Sikɔla/	‘escola’
ʃCVN	6	[ʃpẽ.ʔzɛ]	/SipaNzɛ/	‘chimpanzé’
ʃCCV	5	[ʃpli.ka.ʔsɛ]	/SiplikasaN/	‘explicação’
CVGN	4	[o.ʔbeʃ]	/obeN/	‘bem’
CVNC	4	[kũ.ʃ.tʃi.ʔpa.dɔ]	/kuNSitipadu/	‘constipado’
CCVGN	1	[ʔtreʃ]	/treN/	‘trem’
ʃCCVN	1	[ʃtrĩ.ki]	/SitriNki/	‘nos trinquês’

Quadro XX: Tipos de sílaba fonética, quantidade de ocorrências e exemplos.

No onset da sílaba fonética, temos [ʃ] ocorrendo diante de [p, t, k]. Na coda, temos ocorrência de glide seguido de nasal e de nasal seguido de [ʃ]. Na sílaba fonética, há mais ocorrências de palavras com codas, devido a processos de síncope (3.4.2), principalmente em relação às consoantes líquidas [r, l], que são muito raras na coda da sílaba fonológica (cf. 3.1.1.15, 3.1.1.16, 3.4.2). No Quadro XXI, apresentamos os 16 tipos de sílabas fonéticas encontradas em nosso *corpus*, considerando G e N como consoante, tal como proposto por Klein (2004), mas acrescentando também sílabas com vogais longas:

V	C	CV	CVC	VC	CCV	CCVC	CVCC	VCC	CCVCC	CCCV
✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	-	✓	✓
VV	CC	CVV	CVVC	VVC	CCVV	CCVVC	CVVCC	VVCC	CCVVCC	CCCVCC
✓	-	✓	✓	✓	✓	-	-	-	-	✓

Quadro XXI: Sílabas fonéticas possíveis em lung'le.

Podemos observar no Quadro XXI, que, se considerarmos sílabas somente com C e V, teremos quatro tipos de sílabas fonéticas que não são fonológicas: CVCC, CCVCC, CCCV e CCCVC. Essas sílabas envolvem coda ramificada e onset com três elementos.

A partir dos dados dessa seção, podemos dizer que a sílaba fonética em principense não difere muito da sílaba fonológica, além de não ocorrerem em grande quantidade em nosso *corpus*. A diferença está na quantidade de elementos possíveis em cada constituinte da sílaba. Os processos fonológicos que originaram essas sílabas estão descritos na seção 3.4.

3.3. Suprasegmentos

Nesta seção, apresentaremos algumas considerações sobre os suprasegmentos em lung'le. Após a introdução sobre o tema, discutiremos a relação entre tom e acento (3.3.1), o acento primário (3.3.2) e o acento secundário (3.3.3).

O tema do sistema suprasegmental do lung'le foi abordado por Günther (1973), Ferraz & Traill (1981), e por Maurer (2009).

Günther (1973) afirma que o lung'le é uma língua tonal com três tons: alto (H), baixo (L, não-marcado) e crescente (R). Segundo Maurer (2009: 14), Günther interpreta as sílabas acentuadas como tendo um tom alto e as sílabas não acentuadas como tendo um tom baixo, portanto não existiriam palavras com dois tons idênticos adjacentes, ou seja, HH ou LL. Günther (1973: 49) atribui a origem dos tons a processos diacrônicos: os tons altos seriam originários de sílabas acentuadas do português, e os tons baixos, de sílabas átonas em português. O tom ascendente apareceria em palavras de origem portuguesa em que uma sílaba intervocálica foi elidida. O autor não faz a correlação entre o tom dinâmico crescente e as vogais longas, tal como Ferraz & Traill (1981: 207) e Maurer (2009). Dessa forma, Günther (1973: 48-51) afirma que os tons em lung'le provêm do sistema acentual do português, ou seja, o tom alto corresponderia ao acento lexical, enquanto o tom baixo corresponderia às sílabas não acentuadas. Em sua análise, só é possível haver, portanto,

palavras com apenas um tom alto ou crescente, e não é possível haver palavras apenas com tons baixos.

Ferraz & Traill (1981), a partir dos dados de Günther e de dados coletados em trabalho de campo em 1969 e 1970, afirmam que o *lung'le* não pode ser considerada uma língua tonal. Os autores a consideram como uma língua *pitch accent* livre. A diferença entre uma língua tonal e uma língua *pitch accent* é que na primeira é possível haver, por exemplo, dois tons altos numa mesma palavra ou uma palavra com apenas tons baixos, e a segunda exige que haja apenas um tom alto (ou tons dinâmicos crescente e decrescente, já que são sequências de alto e baixo) por palavra ou que tons iguais sejam previsíveis pelo acento da palavra. Dessa forma, em línguas *pitch accent* não existiriam palavras HH ou LL, em que o padrão tonal não fosse previsível pelo acento. Já a diferença entre uma língua *pitch accent* e uma língua com acento é que na primeira o acento é marcado pela altura, ou seja, pela frequência da onda sonora, enquanto que, na segunda, o acento é marcado pela intensidade, ou seja, pela amplitude da onda sonora e pela duração (cf. Gordon 2014). Uma língua *pitch accent* em que o acento é idiossincrático, ou seja, não fixo, é então chamada de acento *pitch accent* livre (cf. Ferraz & Traill 1981).

Ferraz & Traill (1981: 207) apresentam quatro *pitches*: alto, baixo, crescente e decrescente. Os autores apontam que os tons dinâmicos (crescente e decrescente) só aparecem em vogais longas ou sequências de vogais. Para eles, em alguns casos, essa “quantidade extra” é resolvida sendo realizada como uma vogal rearticulada.

Segundo Ferraz & Traill (1981: 208), essa análise também difere da de Günther pelo fato de o acento em português nem sempre corresponder a um tom alto em seus dados. Além disso, os autores sugerem que o “acento”, ou seja, a intensidade, está presente, e que sempre é possível determinar uma sílaba proeminente nas palavras, que podem receber os *pitches* alto, crescente ou decrescente. Apenas sílabas sem proeminência podem receber *pitch* baixo. Além da intensidade e do *pitch* elevado, sílabas acentuadas são mais longas. Dessa forma, podemos observar a distribuição das sequências de *pitches* na análise de Ferraz & Traill (1981: 209) com os tons alto (H), baixo (L), crescente (R) e decrescente (F), para palavras CV.CV:

- (152) a. HL, RL, FL, LH, LR, LF
 b. *HH, *LL, *RR, *FF
 c. *HR, *HF, *RF, *RH, *FH, *FR

Em (152a), podemos observar que as sequências possíveis precisam necessariamente de um tom alto ou dinâmico. Em (152b), podemos observar que não podemos ter dois tons

altos ou dinâmicos iguais coocorrendo numa mesma palavra e que pelo menos um tom alto ou dinâmico é necessário em uma palavra, já que não podemos ter LL. Em (152c), podemos observar que não podemos ter dois tons altos ou dinâmicos coocorrendo numa mesma palavra. Os mesmo ocorre com palavras com três sílabas, em que deve haver apenas uma sílaba com tom alto ou dinâmico.

Ferraz & Traill (1981:211-214) dissertam também sobre a relação dos tons descritos com o português e as línguas de substrato. Como consideramos nesta tese que o *lung'le* provém do proto-crioulo do Golfo da Guiné, e não do português, esta seção não nos será relevante.

Para Maurer (2009: 14-26), o *lung'le* é uma língua tonal. A principal diferença entre a sua análise e as anteriores é que o autor argumenta que o *lung'le* tem apenas dois tons: alto e baixo, e que palavras dissilábicas podem ter todas as combinações de tons possíveis: HH, HL, LH e LL. O fato de haver palavras HH e LL em sua análise demonstra que, segundo o autor, esta língua é tonal e não *pitch accent*. No entanto, o padrão tonal oferecido pelo autor não é totalmente imprevisível pelo acento: se a palavra oxítônica tiver um *pitch* H na sílaba acentuada, seu padrão será LH; se tiver um L na sílaba acentuada, seu padrão será LL; já na palavra paroxítônica, seria possível dizer que o padrão HH e HL se realiza fonologicamente na sílaba acentuada e o segundo tom se realiza foneticamente na sílaba não acentuada por falta de lugar. O mesmo poderia ser dito para as palavras trissilábicas: as oxítonas com *pitch* H ou L na sílaba acentuada, recebem LL nas sílabas anteriores, as proparoxítonas têm sempre o padrão HHL, ou seja, se a sílaba acentuada é a antepenúltima, o padrão tonal será HHL, as paroxítonas recebem HH e HL na sílaba acentuada, com o segundo tom sendo realizado na última sílaba, e a antepenúltima sílaba da palavra recebe L. Já nas vogais longas em sílaba acentuada paroxítônica, de acordo com os tons de Maurer, dois *itches* seriam atribuídos fonologicamente para a sílaba acentuada, que podem ser LH, LL ou HH, e à segunda sílaba é atribuído um *pitch* H previsível. Os monossílabos com vogal longa receberiam os dois tons fonologicamente, sendo um atribuído a cada mora.

Há muita disparidade na notação do tom pelos três autores, o que dificulta uma análise da sua relação com o acento. Além disso, Maurer (2009: 16) explicita que gravou as sentenças com a palavra-alvo seguida da partícula de TAM **ka**, que tem tom variável H ou L, o que pode influenciar na atribuição dos tons. Não há informação sobre o experimento de gravação em Ferraz & Traill (1981). Observemos alguns exemplos:

- [kɔ'sa] 'coçar'
 - Günther (1973): LH

- Ferraz & Traill (1981): HL para ['kɔsa]
- Maurer (2009): LL
- [pe'ru] 'peru'
 - Ferraz & Traill (1981): HL
 - Maurer (2009): LL
- [fu'ta] 'roubar'
 - Günther (1973): LH
 - Ferraz & Traill (1981): FL
 - Maurer (2009): LL
- ['fu:ta] 'fruta-pão'
 - Günther (1973): LH
 - Ferraz & Traill (1981): RL
 - Maurer (2009): LHH

Maurer (2009) afirma que propriedades como intensidade podem ser observadas em lung'le e relaciona este fato ao de que 90% do léxico lung'le é derivado do português, uma língua de sistema de acento lexical. Sobre o acento, ele afirma que as sílabas acentuadas parecem corresponder ao acento original do português, embora isso não seja necessariamente verdade, já que há palavras que foram alteradas, como a palavra paroxítona em português 'alma', que é proparoxítona em lung'le ['alima] (cf. 3.3.2). Além disso, Maurer, assim como Günther e Ferraz & Traill, assumem que o lung'le descende diretamente do português, enquanto defendemos nesta tese que ele descende do proto-crioulo do Golfo da Guiné.

Tentaremos mostrar aqui que o sistema suprasegmental do lung'le é misto e que a língua não pode ser considerada como tonal propriamente dita, como fora proposto por Günther (1973) e Maurer (2009). Além do tom, o acento lexical também deve ser considerado, já que se mostra crucial nos processos de apócope (cf. 3.4.3), ditongação (cf. 3.4.11), nasalização (cf. 3.4.12), alçamento (cf. 3.4.14) e resolução de hiato (cf. 3.4.18). Não foi possível encontrar nenhum processo fonológico que dependesse do tom. Além disso, nas camadas mais jovens da população, permanece apenas o sistema acentual. Por estes motivos, consideramos o lung'le como uma língua de padrão acentual misto, em que o acento é a principal categoria suprasegmental.

3.3.1. Relação entre tom e acento

Tomando os nomes dissilábicos com os padrões tonais descritos por Maurer⁵⁶, podemos ter as seguintes combinações:

- (153) a. HH
b. HL
c. LH
d. LL

Nas palavras dissílabas, o acento é realizado no primeiro tom alto da esquerda para direita. Na ausência de um tom alto, o padrão é oxítono. Maurer (2009: 26) aponta que nomes dissilábicos com padrão tonal HH, como [ˈdʊʃi] ‘doce’, e HL, como [ˈgase] ‘garça’, são paroxítonos, enquanto nomes dissilábicos com padrão tonal LH, como [iˈfi] ‘fio’, e LL, como [duˈba] ‘derrubar’, são oxítonos, e afirma que a distribuição de acento nem sempre corresponde a esses padrões, sem, contudo, oferecer dados para corroborar esta afirmação. Tomando os padrões de acento de nosso *corpus* e comparando-os com os padrões tonais de Maurer (2009) para os nomes dissilábicos, não encontramos nenhuma correspondência de HH e HL como palavras oxítonas e de LH e LL como paroxítonas. As únicas exceções a esta regra seriam as palavras LL com vogal longa, como [ˈba:] e [ˈbi:], porém, estas palavras são consideradas monossílabas em nossa análise e a atribuição fonológica do tom seria LL para a sílaba acentuada. Se estas palavras fossem dissílabas, seu padrão acentual seria *[baˈa] e *[biˈi], como visto em 3.2.3.

De acordo com a porcentagem de cada padrão tonal apontada em Maurer para nomes dissilábicos (2009: 19), a saber, HH: 49%, LH: 30%, LL: 11%, HL: 10%, podemos inferir que entre nomes dissilábicos paroxítonos, HH e HL, 83% dos nomes serão HH e 17% HL, enquanto, entre os nomes dissilábicos oxítonos, LH e LL, 73% serão LH e 27% LL. Sendo assim, 59% dos nomes dissilábicos são acentuados na penúltima sílaba, enquanto 41% o são na última sílaba. Dessa forma, podemos afirmar que o acento de nomes dissilábicos pode ser deduzido de acordo com o padrão tonal e que o padrão tonal pode ser parcialmente deduzido a partir do acento da palavra, como visto em 3.3 acima.

Para os nomes trissilábicos, Maurer (2009: 21) descreve os seguintes padrões tonais:

⁵⁶ Os padrões tonais utilizados nesta tese são oriundos de Maurer (2009), a não ser que outro autor esteja explicitado.

- (154) a. LHH
 b. LHL
 c. LLH
 d. HHL
 e. HHH
 f. LLL

Para as palavras trissilábicas, o autor não faz uma relação com o padrão acentual. De acordo com o padrão acentual em nosso *corpus* e os padrões tonais descritos por Maurer (2009), podemos observar que os nomes trissilábicos proparoxítonos teriam, segundo dados do autor, padrão acentual HHL, como [ˈfologo] ‘respiração’; os paroxítonos teriam padrão LHH, como [suˈpade] ‘espada’ ou LHL, como [buˈluze] ‘blusa’ e os oxítonos poderiam ser LLH [falaˈdo] ou LLL [diʃpiˈdi]. Palavras trissilábicas HHH são raras⁵⁷, e, de acordo com os padrões tonais de Maurer, correspondem a palavras oxítonas⁵⁸, como [oroˈko] ‘espécie de rato pequeno’. Em nosso *corpus*, alguns nomes trissilábicos têm acento variável dependendo de sua posição na sentença⁵⁹, como é caso dos exemplos a seguir:

- (155) a. /mutaNbu/ [mutẽˈbu] ~ [muˈtẽbu] ‘armadilha’
 b. /ukuNdu/ [ukũˈdu] ~ [uˈkũdu] ‘feixo’
 c. /ukjabu/ [ukjaˈbu] ~ [uˈkjabu] ‘quiabo’
 d. /oroko/ [oroˈko] ~ [oˈroko] ‘espécie de rato pequeno’
 e. /usuda/ [usuˈda] ~ [uˈsude] ‘tipo de pimenta’

Comparando estas palavras com os padrões tonais encontrados em Maurer (2009), pudemos perceber que se tratam de palavras LLL e HHH. No entanto, ao submetê-las ao jogo de linguagem apresentado em 3.2.2.1, podemos observar que seu acento é oxítono, já que a sílaba é inserida após a sílaba tônica:

⁵⁷ a maioria das palavras HHH têm vogal longa, como [ˈtã:ɲa] ‘tainha’.

⁵⁸ De acordo com a relação entre tom e acento, palavras HHH trissilábicas deveriam ser proparoxítonas. Há duas ocorrências palavras com acento paxítono que fogem à regra e têm, segundo Maurer, padrão HHH: [sejˈsẽtu] ‘seiscentos’ e [bõˈfetu] ‘bem feito’.

⁵⁹ Esta mudança ocorre normalmente quando o substantivo trissilábico está em posição de foco. No entanto, é preciso mais estudo sobre a interface fonologia-sintaxe para um explicação deste fenômeno.

- (156) a. /mutaNbu/ [mutẽbu'pu], *[muta'pãbu] 'armadilha'
 b. /ukuNdu/ [ukũdu'pu], *[uku'pũdu] 'feixo'
 c. /ukjabu/ [ukjabu'pu], *[ukja'pabu] 'quiabo'
 d. /oroko/ [oroko'po], *[oro'poko] 'espécie de rato pequeno'
 e. /usuda/ [usuda'pa], *[usu'pude] 'tipo de pimenta'

A maioria dos verbos em lung'le recebe o padrão tonal LL ou LLL (Maurer 2009:24)⁶⁰. Maurer (2009: 24) dá alguns exemplos de verbos de padrão tonal HH: ['dake]⁶¹ 'trazer', ['fedi] 'feder', ['mẽdu] 'ter medo' e ['vike] 'vir'. Os verbos LL ou LLL são oxítonos e os verbos HH são paroxítonos. Dessa maneira, podemos dizer que o padrão tonal dos verbos em lung'le é previsível a partir do acento: (L)LL para verbos com acento final e HH para verbos com acento na penúltima sílaba. Sendo assim, o padrão tonal dos verbos pode ser inferido a partir do acento lexical, e vice-versa.

Não existem palavras oxítonas HH ou HL, ou palavras paroxítonas LL ou LH; ou seja, quando há pelo menos um tom alto numa palavra, nunca um tom baixo receberá o acento. Dessa forma, o padrão tonal é parcialmente previsível a partir do acento para nomes e totalmente previsível a partir do acento para verbos.

Em papiamentu (Castillo e Pickering 2004: 265), é possível haver tom alto na sílaba acentuada de uma palavra LH (157a) ou HL (157b), assim como em lung'le, mas uma palavra LH paroxítônica também pode ocorrer (157c):

- (157) a. ma'tá LH 'morto'
 b. 'máta HL 'planta'
 c. 'matá LH 'matar'

⁶⁰ Diacronicamente, é provável que a origem dos verbos em lung'le não tenha sido o infinitivo do português, já que não estaria tão presente no *input* dos falantes. Segundo Borges (2007), nas Cantigas de Santa Maria há apenas 3,4% de ocorrências de futuro analítico, em contrapartida com 92,6% de futuro sintético. Oliveira & Olinda (2008) analisam um *corpus* do século XIII em que há 104 ocorrências de futuro simples e 5 ocorrências de ir + infinitivo. Segundo Moreira, Votre & Oliveira (2001), "olhando para a frequência das construções em 'a'+ infinitivo, constatamos que os números desautorizam uma possível hipótese de tendência infinitiva para essa fase da língua". Dessa forma, nossa hipótese é a de que os verbos vieram da 3ª pessoa do singular do presente ou passado simples e sofreram mudança de acento, possivelmente a fim de evitar choques de acento com as partículas de TMA. No entanto, um estudo diacrônico se faz necessário para a eventual comprovação desta hipótese.

⁶¹ Transcrição nossa.

A partir dos exemplos em (157), os autores (Castillo e Pickering 2004) descrevem as categorias de tom e acento como sendo dissociadas em papiamentu. A partir desses resultados, os autores definem a língua como tonal, apesar de não descartarem a existência do acento (Castillo e Pickering 2004: 280). O fato de o *lung'le* não ter uma palavra como em (157c) demonstra que o tom não pode ser desassociado do acento, ou seja, as duas categorias estão intrinsecamente relacionadas, e que esta língua não pode ser considerada uma língua tonal tradicional.

Segundo Maurer (2009: 26), o tom gramatical distingue nomes HH de verbos LL. No entanto, a categoria de acento também os distingue, já que nomes HH são paroxítonos e verbos LL são oxítonos. Sendo assim, o fato de estes pares mínimos existirem não é um argumento para que esta língua seja considerada tonal. Dos outros pares mínimos oferecidos pelo autor (2009: 18), apenas três não podem ser explicados pelo acento:

(158)	a.	HH	[ˈmá sú]	‘maço’
		HL	[ˈmá sù]	‘março’
	b.	HH	[létá]	‘letra’
		HL	[lètá]	‘alerta’
	c.	LH	[ùˈsá]	‘chão’
		LL	[ùˈsã]	‘comida amanhecida’

O fato de esses pares mínimos existirem e de haver quatro possibilidades de padrão tonal para um nome dissilábico demonstra que o tom é relevante na língua, porém não da mesma maneira que o é em uma língua tonal propriamente dita. Caso o tom não fosse considerado, teríamos apenas três casos de homonímia na língua e isto não acarretaria em ambiguidade gramatical como seria o caso em uma língua tonal propriamente dita, já que seria possível inferir o sentido através do contexto, como ocorre com os homônimos em português. Muitos informantes não reconhecem as diferenças tonais em (158a-c), ou seja, as palavras nestes exemplos são consideradas homônimas por eles. Segundo Chelliah & Reuse (2011: 268), o informante ideal deve produzir e perceber distinções de tom de forma clara, o que não ocorre com a maioria de nossos informantes.

Outro argumento para o *lung'le* não ser considerado uma língua tonal tradicional é a falta de par mínimo em monossílabos com tons diferentes e de mais de duas atribuições tonais para a mesma sequência de segmentos. A partir dos fatos expostos nesta seção e nas seções 3.4.3, 3.4.11, 3.4.12, 0 e 3.4.18, podemos constatar que o acento é a categoria

suprasegmental principal nesta língua e não pode ser desconsiderado na análise de sua fonologia⁶². O sistema precisa da categoria do acento para explicar estes processos. Dessa forma, podemos constatar que o padrão acentual em lung'le é misto, com acento previsível a partir do tom. É válido também ressaltar que estamos utilizando as notações de tom de outro autor e que há muita disparidade na notação de tom na literatura, como visto acima. Sendo assim, um estudo mais aprofundado da relação entre tom e acento se faz necessário. Além disso, é preciso estabelecer como se dá o padrão tonal de palavras novas e empréstimos recentes e verificar como se dá o acento/tom em diferentes faixas etárias.

3.3.2. Acento primário

O lung'le possui um sistema de acento lexical livre, ou seja, cada palavra possui um acento idiossincrático e não é possível estabelecer uma regra fonológica para a atribuição deste acento na sílaba tônica original. Desta forma, assumimos a posição de Hayes (1995) na análise do espanhol, que analisa o acento primário desta língua como parte da informação lexical de cada palavra, não sendo atribuído metricamente. Como a língua está em contato direto com o português e não possui falantes monolíngues, os empréstimos recentes de origem portuguesa mantêm o acento original. Dessa forma, é difícil estabelecer qual seria o acento lexical *default* da língua. No caso dos verbos, o acento *default* é oxítono para palavras novas.

Os seguintes pares mínimos em (159) demonstram que o acento lexical pode ser distintivo:

⁶² O acento também se mostrou relevante na entonação de sentenças interrogativas sem partícula interrogativa, porém um estudo mais aprofundado se faz necessário.

- (159) a. [ˈkani] ‘carne’
 [kaˈni] ‘inclinara cabeça’
- b. [ˈzũte] ‘cotovelo’
 [zũˈta] ‘juntar’
- c. [ˈkabe] ‘cabra’
 [kaˈba] ‘acabar’
- d. [ˈuḡbe] ‘uma árvore’
 [uˈḡba] ‘cercado’

O acento pode ser atribuído à última, penúltima ou antepenúltima sílaba. Apesar disso, como argumentado acima, não é possível estabelecer uma análise métrica que dê conta de prever o *locus* do acento em lung’le. Em (160), podemos observar alguns exemplos de acento oxítono:

- (160) a. [tʃileˈle] ‘atordoado’
 b. [mutêˈde] ‘palmeira nova’
 c. [akaˈra] ‘banana verde frita’
 d. [molôˈbi] ‘amendoim’

Em (161), podemos observar alguns exemplos com acento na penúltima sílaba:

- (161) a. [maˈnĩga] ‘raiva’
 b. [ˈbukɔ] ‘mau’
 c. [uˈsuve] ‘chuva’
 d. [ˈbase] ‘onda’

Em (162), podemos observar alguns exemplos de palavras proparoxítonas⁶³.

⁶³A vogal mais comum em posição pós-tônica não final, ou seja, na penúltima sílaba de palavras proparoxítonas, é o /i/. Isto ocorreu provavelmente na passagem de algumas palavras com coda do português para o proto-crioulo do Golfo da Guiné (PCGG), numa fase em que o PCGG não aceitava codas, que tiveram a vogal epentética [i] inserida, como solução para evitá-las. Nestes casos, palavras dissílabas passaram a trissílabas.

- (162) a. [ˈarikɐ] ‘arca’
 b. [ˈalimɐ] ‘alma’
 c. [ˈaribɐ] ‘erva’
 d. [ˈfɔlogu] ‘fôlego’

O acento primário só pode cair em uma sílaba com pico vocálico, ou seja, não pode ser atribuído a uma sílaba com nasal silábica.

Os verbos são oxítonos em sua maioria. Os únicos paroxítonos em nosso *corpus* e na literatura são: [ˈdakɐ] ‘trazer’, [ˈfɛdi] ‘feder’, [ˈmɛdu] ‘ter medo’ e [ˈvikɐ] ‘vir’. Os verbos no particípio passado, com a inserção do morfema {-du}, são sempre paroxítonos, como [tuˈsãdu] ‘sentado’.

3.3.3. Acento secundário

O acento secundário em lung’le ocorre em palavras com três sílabas ou mais e é previsível a partir do acento primário. Como o acento primário é à direita, o acento secundário cairá sobre a segunda sílaba à sua esquerda.

- (163) a. [tʃa,muʃaˈmu] ‘ruído que se faz ao comer’
 b. [tʃĩ,tʃĩtʃɔˈlɔ] ‘tecelão-de-São-Tomé’
 c. [tʃi,bitʃɔˈbɔ] ‘maré que enche e esvazia logo, típica de lua crescente e minguante’
 d. [ˌpiriˈkitu] ‘periquito’
 e. [ˌpigiˈsɔzɔ] ‘preguiçoso’

3.4. Processos fonológicos sincrônicos

Nesta seção, discutiremos alguns processos fonológicos sincrônicos do lung’le que foram observados a partir da coleta de dados realizada em trabalho de campo, a saber, aférese (3.4.1), síncope (3.4.2), apócope (3.4.3), prótese (3.4.4), paragoge (3.4.5), alongamento compensatório sincrônico (3.4.6), palatalização (3.4.9), assimilação progressiva de /t/ (3.4.10), ditongação (3.4.11), nasalização (3.4.12), alçamento de vogais

átonas finais (3.4.14), vocalização das nasais silábicas (3.4.15), alternâncias fonéticas (3.4.16), vogais tautossilábicas idênticas (3.4.17) e sândi vocálico externo (3.4.18).

Observaremos aqui processos internos da língua, como palatalização, assimilação, ditongação, nasalização, entre outros, e processos relacionados à influência do português e ao *continuum* da língua. Holm (2004: 73) argumenta que o *continuum* pode se desenvolver em contextos em que a língua crioula convive com sua língua lexificadora, a partir da fala de indivíduos que utilizam características da língua lexificadora no crioulo ou evitam características típicas do crioulo, em vários graus. Contribuiu para a variação linguística o fato de o português ser a principal língua da comunidade, somado ao fato de a língua ter poucos falantes e de ter sido transmitida de forma variada por várias décadas, com muitas crianças aprendendo o *lung'le* tardiamente ou como jovens adultos, e alguns somente através do conhecimento passivo. Sendo assim, descreveremos aqui alguns dos processos fonológicos e variação observados em trabalho de campo.

3.4.1. Aférese

Aférese é a eliminação de material segmental em início de palavra. Em *lung'le* temos aférese ocorrendo, variavelmente, em palavras iniciadas por vogal átona:

- (164) a. /uzetu/ [u'zetu] ~ [zetu] 'jeito'
 b. /alimɔlada/ [alimɔ'lade] ~ [limɔ'lade] 'suco'

Diacronicamente, o artigo em português era incorporado à palavra no PCGG por várias questões que não cabem ser discutidas aqui. Sincronicamente, muitas destas palavras que tiveram o artigo incorporado sofrem um processo de aférese, relacionado à aproximação ao português, ou seja, da palavra sem a incorporação do artigo, e ao fato de o *lung'le* preferir palavras iniciadas por consoante, e com duas e três sílabas (cf. seção 3.2.1).

3.4.2. Síncope

Síncope é a perda de segmentos no meio da palavra. Em *lung'le*, podemos ter a síncope da vogal da sílaba [ji], diante de oclusiva surda /p/, /t/ ou /k/, em palavras iniciadas por /Si/ e da sílaba [zi] diantes de /m/, /n/ e oclusivas sonoras, em palavras iniciadas por /Zi/:

(165)	a.	/Sikɔla/	[ʃi'kɔlə] ~ [ʃkɔlə]	'escola'
	b.	/Sikeve/	[ʃi'keve] ~ [ʃkeve]	'escrever'
	c.	/SitwasaN/	[ʃitwa'sɛ̃] ~ [ʃtwa'sɛ̃]	'situação'
	d.	/SipikasaN/	[ʃipika'sɛ̃] ~ [ʃpika'sɛ̃]	'explicação'
	e.	/SiplikasaN/	[ʃiplika'sɛ̃] ~ [ʃplika'sɛ̃]	'explicação'
	f.	/Zimɔla/	[zi'mɔlə] ~ [ʒmɔlə]	'esmola'
	g.	/Zinɛla/	[zi'nɛlə] ~ [ʒnɛlə]	'janela'

A variação com [ʃi] foi rejeitada pelos falantes em algumas palavras com [ʃ] seguido de consoante oclusiva:

(166)	a.	/Sitrinki/	?[ʃi'trinki] ~ [ʃtrinki]	'nos trinquês'
	b.	/Situda/	?[ʃitu'da] ~ [ʃtu'da]	'estudar'
	c.	/Sikapa/	?[ʃika'pa] ~ [ʃka'pa]	'escapar'

No entanto, ao serem solicitados a dividir as palavras em segmentos batendo palmas, os informantes separavam o [ʃi] como sílaba, pronunciando-o. Alguns falantes pronunciavam apenas [ʃ] nestes casos, porém separando-o como sílaba, enquanto outros pronunciavam esta sílaba como [iʃ] ou [ɛʃ].

Nos casos em (165) e (166), o [ʃ] pode ser realizado como primeiro elemento do onset, formando um onset complexo com sonoridade decrescente, como [ʃi] e [ʃi̯], como uma consoante silábica [ʃ], ou como coda em [iʃ] ou [ɛʃ].

O mesmo pode ocorrer com as sílabas /Si/, /su/ e /Zi/ no meio da palavra. A vogal é elidida e a consoante /S/, /s/ ou /Z/ é ressilabificada como coda da sílaba anterior:

(167)	a.	/biSi'kɛta/	[biʃi'kɛtɛ] ~ [biʃ'kɛtɛ]	'bicicleta'
	b.	/miSi'kitu/	[miʃi'kitu] ~ [miʃ'kitu]	'mosquito'
	c.	/musuka/	[ʃmusuke] ~ [ʃmuʃke]	'mosca'
	d.	/kaSi'ka/	[kaʃi'ka] ~ [kaʃ'ka]	'descascar'
	e.	/diZigasa/	[diʒi'gase] ~ [diʒ'gase]	'desgraça'
	f.	/gaZiga/	[gaʒi'ga] ~ [gaʒ'ga]	'engasgar'

Outro exemplo deste tipo é a síncope da vogal em sílaba com /l/ diante de vogal, como visto em 3.1.1.15. Nestes casos, o /l/ pode ser realizado como [ɫ] ou como [w] (cf. 3.1.1.16) e passa a fazer parte da coda da palavra, como podemos observar em (168):

(168) a.	/alugudaN/	[alugu'dē] ~ [aɫgu'dē] ~ [awgu'dē]	'algodão'
b.	/balisama/	[balisa'ma] ~ [baɫsa'ma] ~ [bawsa'ma]	'embalsamar'
c.	/saliva/	[sali'va] ~ [saɫ'va] ~ [saw'va]	'salvar'
d.	/alifaNdega/	[alifē'deɣe] ~ [aɫfē'deɣe] ~ [awfē'deɣe]	'alfândega'
e.	/alimɔlada/	[alimɔ'lade] ~ [aɫmɔ'lade] ~ [awmɔ'lade]	'suco'
f.	/talivese/ ⁶⁴	[tali'vese] ~ [taɫ'vese] ~ [taw'vese]	'alfândega'
g.	/malimeNte/	[mali'mēte] ~ [maɫ'mēte] ~ [maw'mēte]	'tudo bem'
h.	/alivese/	[ali'vese] ~ [aɫ'vese] ~ [aw'vese]	'às vezes'

Podemos observar que em (168a-h), a palavra portuguesa tem um /R/ em coda e isso possivelmente influenciou a síncope nestas palavras. Já em (168f-g), não há uma palavra portuguesa correspondente. Em (168f), a apócope parece ter ocorrido devido ao número de sílabas da palavra e, em (168g), devido à semelhança com (168e). Estas são as duas únicas palavras em que este processo ocorre e não há um /R/ em coda correspondente na forma portuguesa. A coda em [ɫ] é uma aproximação do português, enquanto a coda em glide [w] é um meio de evitar uma consoante indesejável na coda.

O último exemplo de síncope é o apagamento da vogal em sílaba com /r/ em onset (cf. 3.1.1.15). Este processo também parece ocorrer por influência da palavra portuguesa, portanto é possível dizer que ele corrobora nossa análise sobre o /l/ acima:

(169)	/aruku/	[arukɔ] ~ [ʔarkɔ]	'arco'
-------	---------	-------------------	--------

Maurer (2009: 12) atenta para o fato de que algumas palavras “podem ser mal interpretadas” como tendo coda ou onset complexo, mas que quando se elicit a o padrão tonal das mesmas, i. e., um tom para cada sílaba, é possível observar que se trata de um processo fonológico de síncope de vogal. O que ocorre, nestes casos, é o processo de síncope descrito acima.

A síncope pode ocorrer em palavras CV.CV com acento final, em que se tem a mesma vogal. A consoante em ataque da segunda sílaba é apagada, restando então apenas uma

⁶⁴ Esta palavra ainda pode ser realizada como [taɫ'veze], o que mostra novamente a influência do português na língua.

sílaba. A sequência de duas vogais idênticas é realizada como uma vogal longa, como podemos observar em (170). As duas formas são utilizadas pelos falantes.

(170)	a.	/mara/	[ma'ra] ~ [ma:]	'amarrar'
	b.	/fala/	[fa'la] ~ [fa:]	'falar'
	c.	/mɛnɛ/	[mɛ'nɛ] ~ [mɛ:]	'Manuel'
	d.	/mese/	[me'se] ~ [me:]	'querer'
	e.	/feze/	[fe'ze] ~ [fe:]	'fazer'
	f.	/tama/	[ta'ma] ~ [tã:]	'tomar'

Em (170f), temos um caso com consoante nasal. Neste exemplo, o traço nasal permanece e a vogal longa é realizada como nasalizada.

3.4.3. Apócope

Apócope é o apagamento de segmentos no final da palavra. Foi possível observar apócope ocorrendo em lung'le nas palavras terminadas em [ɜi] e [ʃi] em sílabas átonas finais. A vogal [i] é elidida e a consoante pode ser desvozeada. Observemos os seguintes dados:

(171)	a.	/maɜi/	[maɜi] ~ [maɜ] ~ [maʃ]	'mas'
	b.	/depoɜi/	[de'poɜi] ~ [de'poz] ~ [de'poʃ]	'depois'
	c.	/deSi/ ⁶⁵	[deʃi] ~ [deʃ]	'dez'
	d.	/kaSi/ ⁶⁶	[kaʃi] ~ [kaʃ]	'casa'

Em (171a, b) temos a apócope de [i] na sílaba átona [ɜi]. O resultado pode ser um [ɜ] ou um [ʃ] em coda. Em (171c, d) temos a apócope ocorrendo em [ʃi], em que o resultado é um [ʃ] em coda.

⁶⁵ Exemplo de Maurer (2009: 13).

⁶⁶ Exemplo de Maurer (2009: 13).

3.4.4. Prótese

Prótese é a inserção de segmentos no início da palavra. A prótese pode ocorrer em algumas palavras a fim de aproximar-se da forma portuguesa. Os falantes mais velhos não aceitam a forma com prótese.

- (172) a. /SidɛNti/ [ʃi'dɛ̃tʃi] ~ [aʃi'dɛ̃tʃi] 'acidente'
 b. /rumazẽ/ [ruma'zẽ] ~ [aruma'zẽ] 'armazém'

3.4.5. Paragoge

Paragoge é a inserção de um elemento no final da palavra. Esse processo ocorre nos empréstimos de palavras recentes do português terminadas em /S/ e /l/, como podemos observar a partir dos seguintes dados, em (173):

- (173) a. [ra'iʃ] → [ra'iʃi] 'raiz quadrada'
 b. [ver'niʃ] → [ve'niʃi] 'verniz'
 c. [ʃafa'riʃ] → [ʃafa'riʃi] 'chafariz'
 d. [paʃ'tɛʃ] → [paʃ'tɛʃi] 'chafariz'

É inserida a vogal [i] no final da palavra e há, ao mesmo tempo, ressilabificação. A paragoge do [i], nesses casos, é encontrada em empréstimos recentes, a fim de acomodar a fonotática de uma sílaba (C)VC para a sílaba mais comum CV (cf. 3.2.1). Este processo parece ocorrer para afastar a palavra em lung'le da forma portuguesa, já que /S/ é coda possível na língua. A paragoge de [i] nestes casos é opcional e só é produzida por alguns falantes.

Este processo também ocorre nas palavras /fɛNza/ 'feijão' e /rope/ 'europeu', que podem ser realizadas como [fɛ'za] ~ [fɛ'zɛ] e [ro'pe] ~ [ro'pew], ou seja, com coda, aproximando-se da forma portuguesa:

- (177) [tʃi me'se li 'maʃi]
 2PS querer 2PS mais
 'Ela o quer mais.'

Ao mesmo tempo, podemos observar em (178) que, para alguns falantes, /maSi/ não pode ser realizado como [ma] no final da sentença sem a partícula de negação [ma] como em (176):

- (178) *[tʃi me'se li 'ma]
 2PS querer 2PS mais

Observando as ocorrências de [mɔdi] e [mɔ] em nosso *corpus*, obtivemos as seguintes ocorrências de sintagmas prosódicos com /mɔdi/:

- (179) a. [mɔdi 'oto] 'outra maneira'
 b. [mɔdi 'se] 'esta maneira'
 c. [mɔ fa'la] 'maneira de falar'
 d. [mɔ fi'ka] 'maneira de ficar'
 e. [mɔ ka'valɔ] 'como um cavalo'
 f. [mɔ ma'do] 'como um espertalhão'

Em (179a) e (179b), temos /mɔdi/ sendo realizado com duas sílabas. Se observarmos a palavra prosódica que vem a seguir, podemos perceber que ela tem acento à direita. Dessa forma, temos uma sequência de sílabas tônica - átona - tônica (- átona). Já em (179c-f), temos /mɔdi/ sendo realizado como [mɔ] em sintagmas prosódicos em que o padrão rítmico também corresponde à sequência tônica - átona - tônica (- átona).

A partir desses dados, podemos inferir que o lung'le parece evitar sequência de sílabas átonas entre duas palavras prosódicas, dentro de um sintagma prosódico, preferindo o padrão silábico tônica - átona - tônica (- átona). Além disso, o lung'le prefere duas sílabas tônicas em sequência do que duas sílabas átonas, já que podemos ter [ka,bɛsɛ'mɔtʃi] e [ka,bɛ'mɔtʃi], mas alguns informantes não aceitam *[ka,bɛsɛde'fütɔ].

Esse processo é mais um argumento para que o acento seja considerado como parte essencial da prosódia do lung'le. Tomando a palavra /mɔdi/ como exemplo, temos as seguintes sequências de tom⁶⁷:

- (180) a. [l'mɔ fa'la] H-LL
 b. [l'mɔ fi'ka] H-LL
 c. ?[l'mɔdi fa'la] HH-LL
 d. ?[l'mɔdi fi'ka] HH-LL

Nos quatro exemplos em (180), temos a mesma sequência de tons entre as palavras fonológicas H-L. Dessa forma, sem o acento seria impossível fazer esta análise.

Contudo, apenas uma pesquisa futura sobre a prosódia do lung'le poderá determinar os contextos em que a apócope de sílaba átona final pode ou não ocorrer.

3.4.7. Apagamento de coda nasal

Em lung'le, a coda nasal em sílaba tônica final pode ser apagada, como podemos observar:

- (181) a. /ozeN/ [o'zẽ] ~ [o'ze] 'joelho'
 b. /iNpiN/ [i'pĩ] ~ [i'pi] 'espinho'

Este processo é facultativo e ambas as formas são aceitas pelos informantes. O apagamento da coda nasal também pode ser observado em palavras com coda nasal em sílaba pré-tônica:

- (182) a. [kɛ'ta] ~ [ka'ta]⁶⁸ 'cantar'
 b. [lɛ'ta] ~ [lɛ'ta]⁶⁹ 'entrar'
 c. [mɔ'taɫa] ~ [mɔ'taɫa] 'mortalha'

No entanto, alguns falantes não aceitam as variantes sem a nasalização e sem consoante nasal. Maurer (2009: 8) observa que, segundo um informante, esta seria uma

⁶⁷ Tons anotados segundo Maurer (2009, 213-280).

⁶⁸ Exemplos de Maurer (2009: 8).

⁶⁹ Exemplos de Maurer (2009: 8).

variação dialetal, mas não especifica seu tipo. Este processo parece ser restrito a apenas algumas palavras, não sendo, portanto, um processo fonológico regular (Cf. 3.4.12).

3.4.8. Alongamento compensatório sincrônico

O alongamento compensatório (cf. 3.2.3) pode ocorrer sincronicamente em empréstimos recentes do português com onset complexo ou com coda. Este processo é possível porque a língua tem vogais longas em sua fonologia. Segundo Hayes (1989), só o apagamento da coda gera alongamento compensatório. No entanto, em *lung'le*, o apagamento do segundo elemento do onset também gera este processo. Dessa forma, o *lung'le* parece tratar o apagamento do segundo elemento do onset da mesma forma que o da coda. Podemos dizer, portanto, que o alongamento compensatório sincrônico em *lung'le* se dá dentro da sílaba como um todo, e não apenas dentro do núcleo, como proposto por Hayes (1989).

No exemplos a seguir, a segunda consoante do onset complexo (183a-c) ou a consoante em coda (183d-f) é apagada, e o núcleo vocálico desta sílaba é alongado:

(183)	a.	[^l broɐ]	→	[^l bo:ɐ]	'broa'
	b.	[^l promo ^l ve]	→	[^l po:mo ^l ve]	'promover'
	c.	[^l demo ^l kratiku]	→	[^l demo ^l ka:tʃiku]	'democrático'
	d.	[^l muɫta]	→	[^l mu:ta]	'multa'
	e.	[^l sɔɫda]	→	[^l sɔ:da]	'solda'
	f.	[^l fiɫmɪ]	→	[^l fi:mi]	'filme'

O alongamento compensatório sincrônico parece ser decorrente de uma noção linguística dos falantes de que palavras com onsets complexos e codas em português geraram palavras com vogal longa em *lung'le*.

3.4.9. Palatalização

Palatalização é um processo de assimilação que ocorre com algumas consoantes diante de vogal alta anterior e de consoante palatal aproximante. Em *lung'le*, este processo ocorre com a oclusiva alveolar surda /t/, que passa a ser realizada como a africada alveolopalatal [tʃ]; com a fricativa alveolar surda /s/, que passa a ser realizada como a

fricativa pós-alveolar surda [ʃ] e com a fricativa alveolar sonora /z/, que passa a ser realizada como a fricativa pós-alveolar sonora [ʒ].

Maurer oferece dados de Ribeiro (1888 *apud* Maurer 2009) e Valkhoff (1966 *apud* Maurer 2009), a fim de mostrar que a palatalização é um processo moderno. No Quadro XXII, além dos exemplos de Ribeiro e Valkhoff citados por Maurer, incluímos exemplos de Günther, para comparação. As transcrições utilizadas por Ribeiro e Valkhoff são ortográficas, e as utilizadas Günther são fonéticas.

RIBEIRO 1888	VALKHOFF 1966	GÜNTHER 1973	LUNG'IE MODERNO	GLOSA
<i>ati</i>	<i>ati</i>	<i>ací</i>	[a'tʃi]	'você'
<i>dwenti</i>	<i>dwinti</i>	<i>dwéci</i>	[ˈdwĩtʃi]	'doente'
<i>deci</i>	<i>desi</i>	<i>défi</i>	[ˈdɛʃi]	'dez'
<i>txa (t forte tch)</i>			[ˈtʃja]	'tirar'

Quadro XXII: Dados de /t/ diante de /i/ de Ribeiro, Valkhoff e Günther.

Como as transcrições usam sistemas diferentes, propomos as seguintes transcrições normalizadas utilizando o Alfabeto Fonético Internacional no Quadro XXIII:

RIBEIRO 1888	VALKHOFF 1966	GÜNTHER 1973	LUNG'IE MODERNO	GLOSA
[a'ti]	[a'ti]	[a'tʃi]	[a'tʃi]	'você'
[ˈdwɛ̃ti]	[ˈdwĩti]	[ˈdwɛ̃tʃi]	[ˈdwĩtʃi]	'doente'
[ˈdɛsi]	[ˈdɛsi]	[ˈdɛʃi]	[ˈdɛʃi]	'dez'
[ˈtʃa]			[ˈtʃja]	'tirar'

Quadro XXIII: Dados de /t/ diante de /i/ de Ribeiro, Valkhoff e Günther em IPA.

Podemos observar que os dados de Ribeiro não mostram palatalização de /t, s/ diante de /i/. Como o autor utiliza uma escrita ortográfica, seria possível argumentar que ele teria escolhido os grafemas <t> e <s> para representar [tʃ] e [ʃ]. No entanto, Maurer mostra que Ribeiro utiliza os grafemas <x> e <tx> nas palavras do santome. A palavra 'doente' em santome, por exemplo, é grafada <duentxi> por Ribeiro. A palavra 'assim', [a'ʃi] em lung'ie moderno, é grafada por Ribeiro <assi> para o lung'ie e <achi> para o santome. Isso seria uma indicação de que os grafemas <t> e <c>, diante de <i> ou <ss>, representam os sons [t] e [s], enquanto os grafemas <tx> e <ch> ou <x> representam [tʃ] e [ʃ].

Valkhoff (1966) também utiliza uma transcrição ortográfica e utiliza <x> em alguns exemplos como <maxi>, <kaxi>, <têxi> (Maurer 2009: 11), mas <s> em outros, como <desi>. Todas estas palavras são obrigatoriamente palatalizadas sincronicamente (cf. 3.4.9.2). Sendo assim, é difícil estabelecer se <s> representa [s] e <x> representa [ʃ], ou seja, que <desi> era realizado como [dɛsi] ou se <s> poderia representar [ʃ], em alguns casos. Sendo assim, assumiremos aqui que os dados são consistentes e que havia variação na palatalização de /S/ na época em que estes dados foram coletados.

Observando os dados de Günther (1973), é possível ver que a palatalização é atestada nas transcrições do autor. No entanto, o fato de os dados de Günther mostrarem a palatalização e os de Valkhoff não, causa estranhamento, já que a diferença de tempo é muito pequena entre os dois. Dessa maneira, novamente, o fato de Valkhoff apresentar dados com e sem a palatalização, possivelmente demonstra que havia variação entre as formas palatalizadas e as não palatalizadas naquela época.

3.4.9.1. Palatalização de /t/

A palatalização do /t/ diante de [i], [ɪ] e [j] é recorrente em lung'le. Maurer (2009: 11) argumenta que [tʃ] só ocorre diante de [i] ou [j], mas inclui este fone no quadro de fonemas e na lista de pares mínimos. O autor descreve o processo de palatalização do /t/ apenas como diacrônico.

Günther (1973) verifica que havia variação para esta consoante. O autor afirma que as palavras [l'mɔtʃɪ] e [u'notʃɪ] são sempre realizadas com [tʃ], enquanto as palavras [fiti'fjo] e [ku'tisɐ] são sempre realizadas sem a palatalização:

- | | | | |
|-------|----|--------------------------|--------------|
| (184) | a. | [l'mɔtʃɪ], *[l'mɔtɪ] | 'morte' |
| | b. | [u'notʃɪ], *[u'notɪ] | 'noite' |
| | c. | *[fitʃi'fjo], [fiti'fjo] | 'feiticeiro' |
| | d. | *[ku'tʃisɐ], [ku'tisɐ] | 'cortiça' |

A partir destes poucos exemplos em (184), seria possível inferir que a palatalização é obrigatória em sílabas átonas finais e proibida em sílabas tônicas ou pré-tônicas. Em nosso *corpus*, as palavras [l'mɔtʃɪ] e [u'notʃɪ] também não foram documentadas sem a palatalização do /t/, mas as palavras 'feiticeiro' e 'cortiça' foram coletadas das duas formas, ou seja, a palatalização é obrigatória nas palavras [l'mɔtʃɪ] e [u'notʃɪ] e opcional nas palavras [fitʃi'fjo] e [ku'tʃisɐ], como podemos observar em (185):

- (185) a. [l'mɔtʃɪ], *[l'mɔtɪ] 'morte'
 b. [u'hɔtʃɪ], *[u'hɔtɪ] 'noite'
 c. [fitʃi'ʃjo] ~ [fiti'ʃjo] 'feiticeiro'
 d. [ku'tʃisɐ] ~ [ku'tisɐ] 'cortiça'

Em (185) observamos que a palatalização de /t/ é obrigatória em sílabas átonas finais e opcional em sílaba tônica ou pré-tônica. Além disso, foi possível coletar, de um mesmo falante, as duas variantes, que demonstram que [t] e [tʃ] são alofones do fonema /t/, como é possível observar nos exemplos em (186):

- (186) a. [tʃɪ'zi] ~ [tɪ'zi] 'ficar roxo'
 b. [ti'ʃi] ~ [tʃi'ʃi] 'espirrar'
 c. [fitʃi'ʃjo] ~ [fiti'ʃjo] 'feiticeiro'

Os exemplos em (186) foram coletados com os dois alofones de /t/, [t] e [tʃ]. Em nosso *corpus*, [ti] ocorre apenas em sílaba tônica, pré-tônica ou pós-tônica não final. Sendo assim, o fonema /t/ é realizado obrigatoriamente como [tʃ] diante de [i] e [j] em sílaba átona final e ocorre um processo de neutralização dos fones [t] e [tʃ], diante de [i] e [j] em sílabas tônicas, pré-tônicas e pós-tônicas não finais, podendo haver variação entre [t] e [tʃ] nesses contextos.

Os dados de Maurer (2009: 12) também corroboram esta análise com exemplos de [ti] apenas em sílaba tônica: “há sincronicamente formas sem a palatalização, como por exemplo *tinha* ‘tinha’ (que tem uma variante fonologicamente integrada *txinha*), *lagartixa* ‘lagartixa’ (que não tem a variante fonologicamente integrada **lagatxisa*)”⁷⁰. Em nosso *corpus*, as palavras /tɪɲa/ e /lagatɪsa/ foram documentadas com e sem palatalização. Não há nenhuma ocorrência de /t/ diante de [i], [ɪ] ou [j] que não possa ser realizada como [tʃ] em nosso *corpus*, ou seja, não encontramos nenhum dado em que a palatalização de /t/ diante de /i, j/ fosse proibida⁷¹.

⁷⁰ Tradução nossa.

⁷¹ O fonema /d/ não sofre palatalização diante de [i], [ɪ] e [j] não constituindo portanto uma classe natural com /t/.

3.4.9.2. Palatalização de /S/

A palatalização de /S/ ocorre diante de [i] ou [j] e em coda, como podemos observar nos exemplos a seguir:

(187)	a.	/SiNku/	[ʃiŋku]	‘cinco’
	b.	/pasjɛNse/	[paʃjẽse]	‘paciência’
	c.	/gɔSta/	[gɔʃta]	‘gostar’
	d.	/kwɛSma/	[ʃkwɛzme]	‘quaresma’

Apenas algumas palavras do *corpus* foram coletadas com [si], como visto no Capítulo 6. Todas as palavras com /Si/ podem ser realizadas como [ʃi]. Como argumentado anteriormente, algumas palavras que parecem ser empréstimos recentes do português sofrem a despalatalização de [ʃ] para [s]; no entanto, não foi possível encontrar nenhuma palavra que pudesse ser pronunciada apenas como [si] (Cf. seção 3.1.1.20). Em Maurer (2009), não há nenhuma palavra com [si] ou [sj]. Já em Günther, embora muitas palavras sejam descritas como realizadas como [ʃi], a palavra [ʃi] ‘espremer’ é transcrita como [sĩ]; [ʃita] é transcrita como [sĩta], e [ʃitwasẽ] é transcrita como [sitwasã], o que demonstra que havia algum tipo de variação de [s] e [ʃ], na época. Os exemplos de Günther sem palatalização foram coletados com palatalização em nossos dados, o que pode indicar que houve uma mudança linguística que vinha ocorrendo desde o século anterior.

Tomaremos então os 14 dados com [si] em nosso *corpus* como uma despalatalização de [ʃi], que parece ser influência de algumas palavras do português, não constituindo, portanto, um processo fonológico regular. A coda em /S/ pode ser realizada como [ʃ, ʒ] e [s, z] (cf. 3.1.1.20), embora [ʃ, ʒ] sejam mais comuns. Dessa forma, tomaremos a coda em [s, z] como um processo de despalatalização (cf. 3.1.1.20).

3.4.9.3. Palatalização de /z/

A palatalização de /z/ ocorre diante de [i] ou [j] e em coda, após apócope, como podemos observar nos exemplos em (188):

(188)	a.	/ZiNku/	[ʒiŋku]	‘cinco’
	b.	/tuZjaN/	[tuʒjẽ]	‘tesoura’

Em (188), podemos observar /z/ sendo realizado como /ʒ/. Como argumentado na seção 3.1.1.21, o fonema /z/ tem dois alofones, [z] e [ʒ]. O alofone [ʒ] só poder ser realizado diante de /i/ e /j/. Já o alofone [z] pode ocorrer em todos os contextos para alguns falantes ou pode ocorrer diante das vogais /e, ε, a, ɔ, o, u/ e do glide /w/, para outros. Sendo assim, todas as palavras com /zi/ podem ser realizadas como [ʒi], que pode ser despalatalizado para [zi] para alguns falantes.

Não foi possível encontrar exemplos com [zi] em Günther. Maurer argumenta que [ʒ] só aparece diante [i] e [j] e que o alofone [z] é realizado nos demais casos. No entanto, em seus dados, há palavras como *putugêzi* (Maurer 2009: 40) ‘português’ e *pozisan* (Maurer 2009: 44) ‘posição’, grafadas com z, que corresponde ao fonema [z] (Maurer 2009: 7), que contrariam sua análise. O autor também apresenta os dados *onzi* (Maurer 2009: 43) ‘onze’ e *dôzi* (Maurer 2009: 43) ‘doze’ e argumenta que estes numerais são empréstimos recentes, justamente por não terem a palatalização do /z/. Este argumento não é válido, porque estes numerais grafados como *onze* e *dozé* já apareciam em Ribeiro em 1888 (*apud* Maurer 2009: 267), época em que, segundo Maurer (2009: 11), a palatalização quase não ocorria. Além disso, Maurer grafa ‘*onze-onji*’ (Maurer 2009: 230), ou seja, com a palatalização, em sua lista de palavras. Em nossa análise, as formas *onzi* e *dozi* são resultado de duas regras fonológicas: alçamento de vogal média pós-tônica e despalatalização de [ʒ]. Os exemplos em (189) mostram as variações possíveis para estas duas palavras:

- (189) a. /ɔNzε/ [ʔʒε] ~ [ʔʒɪ] ~ [ʔzi] ‘onze’
 b. /doze/ [ˈdoʒe] ~ [ˈdoʒɪ] ~ [ˈdozi] ‘doze’

Em nosso *corpus*, há 20 palavras em que [ʒi] é despalatalizado para [zi], porém este processo não é regular. A despalatalização de [ʒi], embora seja um pouco mais comum que a de [ʒ], também não pode ser sistematizada, por não ser um processo regular. Este processo pode ocorrer por influência sincrônica do português e constituir uma mudança em curso.

3.4.10. Assimilação progressiva de /t/

A assimilação progressiva de [t] para [tʃ] pode ocorrer quando há um fone [tʃ] ocorrendo no onset de uma sílaba à esquerda de um fone [t]. Os traços de [tʃ] são, então, assimilados por [t]. A regra em (190) sistematiza este processo:

(190) [t] → [tʃ] / (CV.)tʃV.(CV.)tV(CV)

Nos exemplos em (191), temos a ocorrência de duas regras. Primeiro temos a palatalização do /t/ diante de /i/ (cf. 3.4.9.1) resultando em [tʃ], e depois temos a palatalização do /t/ seguinte para [tʃ], a partir da assimilação do [tʃ] à esquerda:

- (191) a. /tiNtiNtɔlb/ [tʃiʃtiʃtʃɔ'lb] 'tecelão-de-São-Tomé'
 b. /tito/ [tʃi'tʃɔ] 'de manhã cedo'
 c. /tibatɔbɔ/ [tʃibatʃɔ'lbɔ] 'maré que enche e esvazia logo, típica de lua crescente e minguante'

Este processo faz com que o fone [tʃ], que é o alofone de /t/ que ocorre diante de [i, j, ɪ], ocorra diante de outras vogais, como diante de /ɔ/, por exemplo, como em (191). Este processo não é um caso de [t] → [tʃ] / i_, já que a palavra ['fitu] não é realizada como *[ʃitʃu].

3.4.11. Ditongação

A ditongação é um processo em que uma sequência de duas vogais é realizada como um ditongo ou em que um glide é inserido diante ou após uma vogal. Em lung'le, as vogais /u/ ou /i/ podem ser realizadas como [w] e [j] quando ocorrem antes ou depois de outra vogal, em sílabas diferentes, em palavras com quatro sílabas ou mais. Em (192), temos alguns exemplos deste fenômeno:

- (192) a. /biɔlbɔgu/ [bi. ɔ.lɔ.gu] ~ [ʃbjɔ.lɔ.gu] 'biólogo'
 b. /puZuizu/ [pu.zu. i.zu] ~ [pu.ʒwi.zu] 'prejuízo'
 c. /zinuinu/ [zi.nu. i.nu] ~ [zi. ʰwi.nu] 'genuíno'
 d. /alɛgria/ [a.lɛ. ʰgri.ɛ] ~ [a.lɛ. ʰgrjɛ] 'alegria'

Em (192a,b,c), temos exemplos do caso de ditongação mais comum: [i, u] não acentuados diante de outras vogais são realizados como [j, w]. Já em (192d), o [i] é acentuado em [alɛ'griɛ] e o acento passa para o [a] em [alɛ'grja]. Este processo parece

estar restrito a poucas palavras⁷². Não foi possível observar casos como esse com a vogal /u/ sendo realizada como [w].

Para palavras dissílabas, há outra opção: além de uma das vogais poder ser realizada como um glide, é possível inserir um glide [j] ou [w] epentético entre as duas vogais que formam o hiato:

(193)	a.	/iɛ/	[iɛ] ~ [jɛ] ~ [ijɛ]	‘ilha’
	b.	/uu/	[u ^h u] ~ [ʷu] ~ [u ^h wu]	‘linha’
	c.	/ue/	[u ^h e] ~ [ʷe] ~ [u ^h we]	‘olho’
	d.	/uari/	[u ^h ari] ~ [ʷari] ~ [u ^h wari]	‘ar’
	e.	/uNa/	[^h üa] ~ [^h üw̃a] ~ [^h w̃a]	‘um’

Na palavra /iɛ/, por exemplo, o /i/ pode ser realizado como [j], ou um [j] pode ser inserido entre as duas vogais. Günther transcreve /iɛ/ como [íye]⁷³ e alguns falantes escrevem esta palavra como ‘yé’, ou seja, com apenas uma sílaba. Já /ue/ é transcrito por Günther e Maurer com glide. Maurer (2009: 12) afirma que “o numeral *ũa*, que consiste claramente em duas sílabas em santome e angolar, tende a ser pronunciado com um glide nasal em lung’le, [^hw̃a]⁷⁴”, corroborando Ribeiro, que escreve “úá, talvez melhor wá” (Ribeiro 1888 *apud* Maurer 2009: 267). Como visto anteriormente (seção 3.2.2.1), há duas análises possíveis envolvendo ditongação para estas palavras.

Em casos de sândi externo vocálico (cf. seção 3.4.18), podemos ter ditongação ocorrendo dentro do sintagma nominal. Os exemplos em (194) mostram casos em que temos uma vogal /e, ɛ, a, o, ɔ/ diante ou após /i/ ou /u/ átonos. Nesses casos, as vogais /i/ e /u/ são realizadas como glides /j/ ou /w/ e o acento da segunda palavra é mantido:

(194)	a.	/inhemi ɔfɔ/	[inhɛ ^h mjɔfɔ]	‘tipo de inhame’
	b.	/inhemi usaN loNgo/	[inhɛ ^h mju ^h sã ^h lɔ ^h go]	‘tipo de inhame’
	c.	/iSima ubuka/	[i ^h fimaw ^h buka]	‘buço’

A ditongação como resultado de sândi vocálico externo também pode ocorrer dentro da frase prosódica. Temos, em (195), duas frases prosódicas em que a primeira palavra

⁷² A palavra [pie] ‘pia’, por exemplo, não pode ser realizada como a palavra [pja] ‘olhar’.

⁷³ O autor utiliza o Alfabeto Fonético Americanista em que [y] corresponde a [j], no Alfabeto fonético internacional.

⁷⁴ Tradução nossa.

termina com vogal [a] e a segunda começa com a vogal [u]. Nesses casos, a sequência de vogais podem sofrer um processo de sândi e serem realizadas como [aw].

- (195) a. /mwa umaN/ [mwaw'mẽ] 'pagar'
 b. /pasa ubuka/ [pasaw'bukẽ] 'comer'

Nos dois casos de sândi mostrados aqui, a ditongação não é a única opção. A seção 3.4.18 trará os outros processos de sândi vocálico externo. Contudo, é possível argumentar que o acento é fundamental para esta análise, já que /i/ e /u/ tônicos, independente de seus tons subjacentes oferecidos por Maurer (2009), não sofrem este processo de sândi vocálico externo.

3.4.12. Nasalização

Há dois tipos de nasalização em lung'le, como observado na seção 3.1.2. O primeiro tipo ocorre quando há um arquifonema nasal /N/ na coda que nasaliza a vogal que o precede, independente de sua tonicidade. Neste tipo, o espalhamento é para a esquerda. Neste tipo de nasalização, podemos ter diferença de significado nas realizações com vogal oral e nasal, como nas palavras [fi'kẽ] 'ficar' e [fi'kẽ] 'fincar'.

De acordo com Günther (1979: 37), as vogais nasais só ocorrem sem a consoante nasal em final de palavra, ou precedendo fricativas, ou líquidas: [lavĩ]⁷⁵ 'navio', [fi'zi] 'fingir', [ʒ'ra] 'honra'. Nos outros contextos, a vogal nasalizada ocorre com uma consoante nasal homorgânica ou a vogal se torna oral e ocorre com uma consoante homorgânica: [mẽ'ndu] ~ [mẽ'ndu] 'medo'. Maurer (2009: 8) argumenta que as vogais nasais podem ser realizadas como nasais em todos os contextos, mas que a nasalização não é obrigatória. Para o autor, a palavra 'pão' pode ser realizada como [ɸpã], [ɸm'pã] e [um'pã]⁷⁶.

Em nossa análise, a nasalização diante de /N/ é obrigatória em vogais que precedem /N/ em final de palavra, mas é facultativa se a vogal que precede /N/ não estiver no final da palavra. Já a realização da consoante homorgânica é sempre opcional. Em (196a), temos um exemplo de nasal no meio da palavra em /kaNsa/, que pode ser realizada de três formas: vogal nasalizada [kẽ'sa], vogal nasalizada + consoante nasal homorgânica [kẽn'sa] e vogal oral + consoante nasal homorgânica [kẽn'sa]. Já /kɔsaN/, em (196b), que possui /N/ no final da palavra, pode ser realizada de duas formas: vogal nasalizada [kɔ'sẽ],

⁷⁵ Transcrições de Günther (1973: 37).

⁷⁶ Transcrições de Maurer (2009: 8).

e vogal nasalizada + consoante nasal homorgânica [kɔ'sɛ̃ŋ]. A forma com vogal oral + consoante nasal homorgânica *[kɔ'saŋ] não é possível.

- (196) a. /kaNsa/ [kɛ'sa] ~ [kɛn'sa] ~ [kan'sa] 'cansar'
 b. /kɔsaN/ [kɔ'sɛ̃] ~ [kɔ'sɛ̃ŋ], *[kɔ'saŋ] 'coração'

O morfema de primeira pessoa do singular /N/, realizado no início da sentença como uma nasal silábica ou como [ũŋ] e [ĩŋ] (cf. 3.2.4), pode ser realizado como uma consoante em coda que assimila o ponto de articulação da consoante seguinte e nasaliza a vogal que o antecede quando ocorre após o verbo ou como apenas um traço nasal⁷⁷:

- (197) a. /da N kwise/ [da ŋ kwɪ'se] ~ [dãŋ kwɪ'se] ~ [dã kwɪ'se] 'me dê isto'
 b. /da N dɔʃi se/ [da ŋ 'dɔʃi 'se] ~ [dãŋ 'dɔʃi 'se] ~ [dã 'dɔʃi 'se] 'me dê este doce'

Como visto em 3.2.4, Maurer e Günther não mencionam a nasal velar [ŋ]. Maurer (2009: 56) descreve o pronome de primeira pessoa nesta posição como <n>, acrescentando que Günther utiliza a forma <m>. Segundo o autor, seus informantes rejeitam a forma <m>, aceitando apenas <da n kêtê> ou <da mi kêtê>, e não <da m kêtê>. Em nossos dados, é a nasal velar [ŋ] que aparecerá diante de [k, g] nestes casos. Sendo assim, [m] só apareceria diante de [p, b, w]. Em nossa análise, a consoante nasal assimilará o ponto de articulação da consoante que a sucede, sendo portanto realizada como [ŋ] diante das coronais, como [m̃] diante de consoantes labiais e como [ŋ] diante de consoantes velares (cf. 3.2.4).

A não nasalização da vogal é comum em sequências de vogal, coda nasal e oclusiva surda⁷⁸. Em casos deste tipo, podemos ter foneticamente [ṼC] ou [VNC]:

- (198) /ubaNku/ [u'bɛ̃kɔ] ~ [u'baŋkɔ] 'banco'

Na palavra /uNa/, a nasalização é obrigatória e a consoante nasal não é realizada. Esta é a única palavra que se comporta desta maneira, em nosso *corpus*. Dessa forma, esta palavra poderá ser realizada das seguintes formas (cf. 3.1.2.7 e 3.4.11):

⁷⁷ Nesta posição o morfema de primeira pessoa do singular também pode ser [mi]: [da 'mi kwɪ'se].

⁷⁸ O mesmo ocorre no português do Príncipe, como por exemplo em [baŋkɔ].

(199) /uNa/ [ʼüa] ~ [ʼw̃a] ~ [ʼüwa] ‘um’

A nasalização só ocorre dentro do domínio da rima, ou seja, no núcleo e na coda. Sendo assim, os segmentos passíveis de serem nasalizados são as vogais e os *offglides* (cf. 3.2.2.2). Em (200), podemos observar a nasalização nos *offglides*:

(200) a. /ukuru kajNkajN/ [uʼkuru kẽʼkẽʼ] ‘muito escuro’
 b. /oleN/ [oʼlẽ] ~ [oʼlẽʼ] ‘além’

Como os *onglides* estão no onset (cf. 3.2.2.1), eles não podem ser nasalizados pelo fonema nasal /N/ na coda da sílaba. Em (201), podemos observar que a nasalização é bloqueada fora da rima:

(201) a. /betu waN/ [ʼbetu ʼwẽ], *[ʼbetu ʼwẽ̃] ‘muito aberto’
 b. /ljaN/ [ʼljẽ], *[ʼljẽ̃] ‘leão’

No seguinte exemplo, em (202), Günther (1973: 40) também comprova este fato, mostrando o sândi com ditongação dentro do sintagma prosódico em que o *onglide* não é nasalizado, pois podemos ter [swẽʼre], mas não *[swẽ̃ʼre], já que a nasalização está restrita à rima:

(202) /suN are/ [swẽʼre] ‘senhor rei’

Como as vogais longas estão na mesma sílaba e, portanto, na rima (cf. 3.2.3), a nasalização é espalhada, como podemos observar em (203):

(203) /ubaaNku/ [uʼbẽ:ku] ~ [uʼba:ŋku] ‘branco’

Como foi visto em 3.2.3 e 3.2.1, o fato de a nasalização ser espalhada nas duas vogais é um argumento para considerá-las como parte do núcleo da mesma sílaba, já que a palavra /kaiN/ não pode ser realizada como *[kẽʼi], mas apenas como [kẽʼi], o que demonstra que a nasalização não ultrapassa a fronteira da sílaba.

A nasalização da vogal [ẽ] diante de /N/ pode gerar um processo de ditongação. Nesses casos, se a vogal [e] que precede a consoante nasal for realizada como uma vogal

nasalizada, há a epêntese do glide [j], que também é nasalizado pela consoante /N/, por estar na rima.

(204)	a.	/treN/	[ˈtrẽ] ~ [ˈtrẽ̃]	‘trem’
	b.	/oleN/	[oˈlẽ] ~ [oˈlẽ̃]	‘além’
	c.	/obeN/	[oˈbẽ] ~ [oˈbẽ̃]	‘bens’

O segundo tipo de nasalização nunca foi descrito na literatura sobre a fonologia do lung’le. Nesses casos, não há diferença de significado nas realizações com vogal oral e nasal em nenhum caso, como na palavra [ˈmẽne] e [ˈmane] ‘irmã’. O traço nasal não está presente na forma fonológica dessas palavras e a nasalidade provém de uma consoante nasal em onset da mesma sílaba ou de sílaba adjacente, e não de um arquifonema nasal em coda. Dessa forma, este segundo tipo de nasalidade pode ultrapassar a fronteira silábica, mas ainda está restrito à rima, ou seja, apenas segmentos da mesma sílaba ou de sílabas adjacentes que estejam dentro da rima poderão ser nasalizados. Este tipo de nasalidade é sempre opcional e o espalhamento pode ser para a esquerda ou para a direita.

Quando o espalhamento é para a esquerda, este processo ocorre em vogais em sílaba tônica que antecedem uma consoante nasal em onset na próxima sílaba à direita, como podemos observar em (205):

(205)	a.	/kama/	[ˈkame] ~ [ˈkẽme]	‘cama’
	b.	/afikanu/	[afiˈkenu] ~ [afiˈkẽnu]	‘africana’
	c.	/kɔnɔ/	[ˈkɔnɔ] ~ [ˈkõnɔ]	‘vagina’

Quando o espalhamento é para a direita, podemos ter o traço nasal da consoante em onset nasalizando a vogal tônica à direita, dentro da mesma sílaba, como demonstram os exemplos, em (206):

(206)	a.	/umwε/	[u'mwε] ~ [u'mwẽ]	'mar'
	b.	/unwa/	[u'nwa] ~ [u'nwẽ]	'lua'
	c.	/kanwa/	[ka'nwa] ~ [ka'nwẽ]	'canoa'
	d.	/nɔ/	[nɔ] ~ [nɔ̃]	'3PP'
	e.	/bana/	[ba'na] ~ [ba'nẽ]	'banana'
	f.	/kumi/	[ku'mi] ~ [ku'mĩ]	'lugar, caminho'
	g.	/kajma/	[kaj'ma] ~ [kaj'mẽ]	'goma de mandioca'
	h.	/lɛma/	[lɛ'ma] ~ [lɛ'mẽ]	'experimental'
	i.	/ɲa/	[ɲa] ~ [ɲẽ]	'sim'
	j.	/ɲε/	[ɲε] ~ [ɲẽ]	'apertar'
	k.	/kɔɲa/	[kɔ'ɲa] ~ [kɔ'ɲẽ]	'pênis'
	l.	/giɲa/	[gi'ɲa] ~ [gi'ɲẽ]	'galinha'

Em (206a-e), temos a nasalização por onset /n/, em (206f-h), por /m/, e, em (206i-l), por /ɲ/. Podemos observar em (206a-c), que o *on glide* não é nasalizado: [u'mwẽ], [u'nwẽ] e [ka'nwẽ]. As formas *[u'mwẽ̃], *[u'nwẽ̃] e [ka'nwẽ̃] não foram atestadas. Isto ocorre porque o processo de nasalização só pode ocorrer na rima, e o *on glide* está no onset (cf. 3.2.2.1).

Não foi possível encontrar nasalização do segundo tipo em sílabas átonas em nosso *corpus*, nem para a esquerda (207a, b), nem para a direita em (206c, d):

(207)	a.	/kana/	[ka'na], *[kẽ'na]	'cana-de-açúcar'
	b.	/bana/	[ba'na] ~ [ba'nã], *[bẽ'na]	'banana'
	c.	/kama/	[kame] ~ [kẽme], *[kamẽ], *[kẽmẽ]	'cama'
	d.	/ama/	[ame] ~ [ẽme], *[amẽ], *[kẽmẽ]	'ama'

Tomando os tons subjacentes descritos por Maurer (2009), as palavras /kana/ e /bana/ têm dois tons baixos LL e a palavra /kama/ tem dois tons altos HH. Como palavras dissílabas LL têm acento final, ou seja, a primeira sílaba é átona, a nasalização não pode ser espalhada à esquerda nessas palavras. Porém, a nasalização de uma palavra LL pode ser espalhada à direita, como no exemplo /bana/, em que podemos ter [ba'nẽ], mas não *[bẽ'na]. Em outras palavras, não é possível explicar o fato de [bànẽ] ser possível e *[bẽnã] não, se levarmos apenas o tom, e não o acento em consideração.

Podemos observar que o mesmo ocorre com a palavra /kama/, em que [kɛ̃mɛ̃] é possível, mas *[kàmɛ̃] não. Como a nasalização deste tipo pode ser espalhada para a esquerda e direita, e como podemos ter nasalização para a esquerda em uma sílaba H, por que não poderíamos ter a nasalização para a direita, em uma sílaba que também é H? Sendo assim, a noção de acento se mostra essencial para a compreensão do espalhamento de nasalidade. Além disso, a nasalização mostra que não existe consoante pré-nasalizada e que em uma sequência de consoante nasal + consoante cada segmento está em uma sílaba [n.C], porque nasaliza sílabas átonas, fazendo necessariamente parte da coda e não no onset.

3.4.13. Prevocalização homorgânica

A prevocalização ocorre em lung'le com a inserção da vogal [i] que herda a nasalidade da consoante em algumas palavras iniciadas por /ɲ/, como visto em 3.1.1.12 e repetido em (208), abaixo:

(208)	a.	/ɲɔ/	[ɲɔ̃] ~ [ĩɲɔ̃]	'nenhum'
	b.	/ɲa/	[ɲe] ~ [ĩɲe]	'sim'
	c.	/ɲaNSi/	[ɲẽfi] ~ [ĩɲẽfi]	'sim'

A vogal [ĩ] já é inserida nasalizada, pois não haveria nasalização à esquerda em sílaba pretônica (cf. 3.4.12).

3.4.14. Alçamento de vogais átonas finais

Alçamento é um processo fonológico que torna um elemento vocálico mais alto e fechado. Em lung'le, este processo ocorre com as vogais /e, ɛ, ɔ, o/ em sílabas átonas finais. Neste contextos, as vogais /ɛ/ e /e/ podem ser realizadas como [i] e /ɔ/ e /o/ podem ser realizadas como [u]. Este processo é mais comum nas camadas mais jovens e alguns falantes mais idosos não aceitam essa variação. Em (209), podemos observar exemplos de alçamento de /ɛ/ e /e/:

(209)	a.	/ɔNzɛ/	[ʔzɛ] ~ [ʔzɪ] ~ [ʔzi]	‘onze’
	b.	/muNkɛ/	[ʔmũkɛ] ~ [ʔmũki]	‘muncanha’
	c.	/vese/	[ʔvese] ~ [ʔvesɪ]	‘vez’
	d.	/zipe/	[ʔzipe] ~ [ʔzipɪ]	‘jipe’

Na palavra /ɔNzɛ/, ocorre outro processo. A vogal [ɪ] seguida de /z/ faz com que esta consoante seja realizada como [ʒ], através do processo de palatalização (cf. 3.4.9.3). Dessa forma, temos a forma de superfície [ʔzɪ], que pode ser despalatalizada e realizada como [ʔzi] (cf. 3.4.9.3).

Em (210), podemos observar o alçamento das vogais /ɔ/, /o/:

(210)	a.	/lufɔlufɔ/	[lufɔˈlufɔ] ~ [lufɔˈlufu]	‘depressa’
	b.	/defejtɔ/	[deˈfejɔ] ~ [deˈfejtu]	‘defeito’
	c.	/gofto/	[ˈgofto] ~ [ˈgoftu]	‘gosto’
	d.	/fologo/	[ˈfologo] ~ [ˈfologu]	‘fôlego’

Este processo só pode ser compreendido utilizando o conceito de acento, pois tanto palavras dissilábicas com os tons HL⁷⁹, como palavras HH, podem sofrer alçamento, ou seja, enquanto apenas sílabas átonas podem sofrer este processo, tanto o tom baixo quanto o tom alto o sofrem.

3.4.15. Vocalização das nasais silábicas

Em palavras com nasais silábicas (cf. seção 3.2.3), podemos ter a inserção de [i] ou [u] no início da palavra. Nesses casos, a consoante nasal é substituída por um traço nasal que nasaliza a vogal. Segundo Maurer (2009: 9), [ɱbaˈka] (211b) é a única palavra cujo alomorfe tem a vogal [u] e não [i]. No entanto, a palavra [ũbereˈre] também foi encontrada em nosso *corpus*. Para nossos informants, [u] ocorre. Dessa forma, parece haver variação entre [u] e [i] diante de [m, ŋ], sendo [u] mais aceito pelos falantes⁸⁰, e [i] ocorre diante de [n]. Alguns falantes não aceitam [i] diante de [m, ŋ].

⁷⁹ Utilizamos aqui as sequências de tons descritas em Maurer (2009).

⁸⁰ Esta variação também ocorre na palavra em português [ũˈbigu] ~ [iˈbigu].

- (211) a. /Nberere/ [ɱbere're] ~ [ũbere're] 'uma dança tradicional'
 b. /Nbaka/ [ɱba'ka] ~ [ũba'ka] 'machado'
 c. /Ndala/ [ɱda'la] ~ [ĩda'la] 'folha de palmeira'

3.4.16. Alternâncias fonéticas

Mostraremos aqui algumas alternâncias de fones encontradas, mas que não constituem processos fonológicos regulares, e são restritas a algumas palavras.

Pudemos observar a alternância dos fones [r] e [l] em sílabas pré-tônicas, como mostram os exemplos a seguir:

- (212) a. [alugu'dẽ] ~ [arugu'dẽ] 'algodão'
 b. [la'rja] ~ [ra'rja] 'ser/estar amargo'
 c. [la'ra] ~ [ra'ra] 'passar folhas no fogo para que fiquem maleáveis'

Os fones [k] e [g] podem ser alternados em algumas palavras em sílabas tônicas e átonas, como mostram os exemplos a seguir:

- (213) a. [ba'katʃi] ~ [ba'gatʃi] 'abacate'
 b. [ʔpesuku] ~ [pe'sugu] 'pêssego'

Os fones [l] e [n] também são alternados em algumas palavras em sílaba átona, como mostram os exemplos em (214), a seguir:

- (214) a. [lẽ'da] ~ [nẽ'da] 'nadar'
 b. [la'vĩ] ~ [na'vĩ] 'navio'
 c. [alimolada] ~ [animolada] 'suco'

Nos casos em (214a, b), é possível observar que as formas com [n] são mais parecidas com as formas portuguesas sincrônicas 'nadar' e 'navio'. Os falantes mais idosos consideram as formas com [n] erradas. Portanto, seria possível dizer que essa alternância se dá pela influência do português no principense moderno.

3.4.17. Vogais tautossilábicas idênticas

Alguns autores (Ferraz 1979, Maurer 1995, Segorbe 2007, Hagemeyer 2009b) defendem a existência de processos de harmonização vocálica nas línguas crioulas do Golfo da Guiné: santome, angolar, fa d'Ambô e lung'le.

Segundo Araujo (comunicação pessoal), o santome possui vogais paragógicas harmônicas, decorrentes de processos diacrônicos nos quais uma vogal-eco era inserida para evitar sílabas com codas. Seguem os exemplos do autor em que a sílaba em português CVC é ressilabificada como CVCV, com vogal-eco da sílaba tônica:

PORTUGUÊS	SANTOME	GLOSA
mel	→ [mɛɛ]	'muncanha'
azul	→ [zulu]	'vez'
corda	→ [kɔɔ]	'jipe'
doutor	→ [do'tolo]	'doutor'

Quadro XXIV: Vogais paragógicas harmônicas em santome.

Ainda segundo Araujo, a harmonia vocálica em santome é engatilhada sincronicamente por vogais [αATR] em sílabas tônicas, com espalhamento de traços à direita, tendo como alvo as vogais com traços [αATR] do grupo clítico, que concordam neste traço com a vogal da sílaba acentuada, como em (215), abaixo:

(215) a.	/gɔɔ	e/	→	[gɔ'ɛ]	'procure-o'
	procurar	3PS			
b.	/voɔ	e/	→	[vo'ɛ]	'fiquei bravo com ele'
	ficar bravo	3PS			

Podemos observar que, após o processo de sândi (cf. 3.4.18), em (215a), o pronome clítico [e] passa a [ɛ], devido ao traço [+ATR] da vogal final acentuada em [gɔ'ɔ]. Já em (215b), o pronome clítico [e] não sofre alteração, uma vez que o traço [-ATR] da vogal final em [vo'ɔ] não engatilha o processo, por haver concordância de traços. Sendo assim, a harmonia vocálica ocorre dentro do grupo clítico e é engatilhada pela vogal na sílaba tônica. O acento da palavra permanece oxítono.

No entanto, em santome, o mesmo processo não pode ser observado dentro da palavra fonológica, onde há ausência de concordância de traços [αATR], como é possível observar em (216), em que a aplicação da regra morfológica de nominalização não gera

harmonização de traços, resultando em uma palavra com vogais de traços [ATR] diferentes:

- (216) a. [fɛ] 'fazer'
 b. [fɛ^ldo] 'fazedor'

Já em lung'le, a concordância dos traços [ATR] não ocorre em nenhum dos casos acima. Podemos observar que não há concordância [ATR] do grupo clítico abaixo (cf. 3.4.18):

- (217) /feze ε/ → [fe^lzε] 'fazê-lo'
 fazer 3PS

Em (217), o [e] na sílaba átona de [fe^lze] permanece [-ATR] após o sândi em [fe^lzε], ou seja, a palavra [fɛ] não engatilha a concordância de [αATR] dentro do grupo clítico em lung'le.

Ao mesmo tempo, não há harmonia [ATR] em palavras fonológicas com mais de um morfema, como pode ser observado em (218):

- (218) a. [tɔ^lbja] 'capinar'
 [tɔ^lbja^ldo] 'trabalhador da roça'
- b. [pɛ^lka] 'pecar'
 [pɛka^ldo] 'pecador'
- c. [kɔ^lneta] 'corneta'
 [kɔnɛ^ltew] 'corneteiro'
- d. [mɔ^ltɔ] 'moto'
 [mɔtɔ^lkew] 'motoqueiro'

Em (218a), a vogal [ɔ] permanece [+ATR] após a inserção do morfema com vogal [-ATR] [o]. O mesmo ocorre em (218b), a vogal [ɛ] permanece [+ATR] após a inserção do morfema com vogal [-ATR] [o]. Já em (218c, d), as vogais [ɔ, ε] permanecem [+ATR] após a

inserção do morfema com vogal [-ATR] [e]. Este fato também é um argumento em favor da existência dos morfemas {do} e {ew} e contra o argumento de que [tɔbja'do], [peka'do], [kɔne'tew], [mɔtɔ'kew] seriam palavras cristalizadas que não podem ser divididas morfológicamente. Sendo assim, a concordância de traços [ATR] não ocorre em lung'le entre morfemas.

Ainda segundo Araujo (comunicação pessoal), o santome não possui vogais médias-altas [-ATR] coocorrendo com vogais médias-baixas [+ATR] no nível da palavra prosódica. O mesmo ocorre com o lung'le também no nível da palavra prosódica, a não ser alguns raros exemplos: [pɔbe] 'pobre', [bigɔde] 'bigode', [pɔde] 'podre' e [ɛkwa'do] 'Equador', como podemos observar no quadro de palavras monomorfêmicas a seguir, tal como proposto por Hagemeyer (2009):

V1/V2	i	u	e	ɛ	o	ɔ	a
i	[i'ni]	[i'ku]	[pi'kete]	[i'kpɛ]	[fi'lo]	[tʃi'pɔ]	[i'ne]
u	[bu'li]	[u'ku]	[ku'me]	[ku'mɛ]	[muro]	[lu'fɔ]	[u'kpɛ]
e	[te:ʃi]	[zetu]	[vede]	-	[de'pɔʒi]	-	[kweda]
ɛ	[pɛli]	[zɛdu]	-	[zɛ'mɛ]	[ɛkwa'do]	[nɛmɔ'ra]	[zɛ'da]
o	[u'hotʃi]	[bomu]	[fo'de]	-	[jo'lo]	-	[bose]
ɔ	[mɔtʃi]	[ɔmu]	[pɔbe]	[ɔ'pɛ]	-	[tʃɔ'fɔ]	[ʒɔ'le]
a	[a'di]	[atu]	[a'be]	[ʃa'lɛ]	[ka'so]	[a'vɔ]	[ʃa'ta]

Quadro XXV: Coocorrência de vogais no corpus.

Podemos observar que há lacunas com as combinações de [+ATR] com [-ATR] e vice-versa em nosso *corpus*, enquanto todas as outras são possíveis. Como estamos assumindo aqui que o lung'le surgiu a partir do proto-crioulo do Golfo da Guiné, as vogais paragógicas harmônicas já haviam sido inseridas antes da formação desta língua, ou seja, o lung'le apenas as manteve, como na língua fonte (PCGG). Portanto, embora não haja palavras dissilábicas com vogais sem concordância de traço [ATR], isso não implica, necessariamente, um processo de harmonia vocálica ativo sincronicamente. A palavra [ɛkwa'do], por exemplo, pode ser explicada como sendo um empréstimo recente na língua: como não há harmonia vocálica sincrônica e esta palavra não teria entrado com vogais harmônicas desde o PCGG, é possível haver discordância do traço [ATR]. Dessa forma, seria possível que outras palavras recentes entrassem na língua com traços [ATR]

diferentes. Não é possível dizer se as palavras [pɔbe] ‘pobre’, [bigɔde] ‘bigode’, [pɔde]⁸¹ ‘podre’ são empréstimos recentes sem um estudo histórico aprofundado, mas o fato delas terem vogais com traços [ATR] diferentes poderia ser um indício de que elas teriam entrado no lung’le após a transplantação da língua para a Ilha do Príncipe. Outra hipótese possível é a palavra [ɛkwaˈdo] ter sido interpretada pelos falantes como tendo um pseudo-sufixo, como as em (218a,b), o que explicaria o fato de ela conter duas vogais médias com traços [ATR] diferentes.

Sendo assim, podemos afirmar que não há harmonia vocálica sincrônica em lung’le. Vogais médias com traços [αATR] concordantes são resultados de processos diacrônicos e/ou de manutenção de características do PCGG, não fazendo parte da gramática do lung’le moderno, uma vez que não foi possível encontrar harmonização vocálica ocorrendo sincronicamente.

3.4.18. Sândi vocálico externo

O processo de sândi vocálico externo ocorre quando há o encontro de uma palavra terminada em vogal com uma palavra iniciada por outra vogal, em que essas duas vogais são realizadas como sendo uma, ou em que ocorre ditongação (Freire & Pais 2006). Bisol (1996) observa que o contexto ideal para a ocorrência de sândi vocálico externo em português é quando as vogais estão em sílabas átonas. Sendo assim, o domínio do processo é o núcleo da sílaba. Com o sândi vocálico externo, ocorre também o processo de ressilabificação pós-lexical, cujo domínio é a frase (Bisol 1999: 722). Podemos observar alguns exemplos em lung’le:

(219)	a.	[ˈlivu][ˈvɔwɔ]	→	[liˈvɔwɔ]	‘o livro de vocês’
	b.	[ˈlivu][ˈinɛ]	→	[liˈvinɛ]	‘o livro deles’
	c.	[ʃaˈma][ˈinɛ]	→	[ʃaˈminɛ]	‘chamar eles’
	d.	[feˈze][ˈɛnu]	→	[feˈzɛnu]	‘fazer aniversário’
	e.	[ˈminu][ˈũa]	→	[miˈnũɛ]	‘um menino’
	f.	[ˈbwɛgɛ][uˈmɛ]	→	[bwɛguˈmɛ]	‘palma da mão’

Podemos observar o processo de sândi ocorrendo também com monossílabos tônicos em (220), diferente do que ocorre em português. Em (220a, b) temos o sândi ocorrendo

⁸¹ Segundo alguns informantes, esta palavra é um empréstimo. A palavra derivada de um verbo para ‘podre’ seria [daˈnadu].

com a partícula interrogativa [ʼa] e em (220c, d), com o pronome de terceira pessoa do singular [ʼɛ]:

- (220) a. [ʼtudu][ʼpɛ] [ʼa] → [ʼtudu][ʼpa] ʼtudo?’
 b. [ʼte][ʼdjo] [ʼa] → [ʼte][ʼdja] ʼtem dinheiro?’
 c. [ʼaʼma][ʼɛ] → [ʼaʼmɛ] ʼchamá-lo’
 d. [ʼfeʼze][ʼɛ] → [ʼfeʼzɛ] ʼfazê-lo’

Há três opções para a resolução do hiato entre palavras em lungʼle: fusão, elisão e ditongação. A fusão (FS) ocorre com duas vogais de mesma qualidade, como em (221a). As duas vogais de mesma qualidade se fundem em uma vogal de mesma qualidade. A elisão (EL) ocorre com vogais de qualidade diferente em que a segunda vogal é mantida, como em (221b, c). A ditongação (DT) ocorre quando uma das vogais é /u/ ou /i/ átonos, como em (221d), em que estas vogais são realizadas como glides [j] ou [w].

- (221) a. [ʼpiʼɛ][ʼaʼdi] → [piʼɛaʼdi] ʼmuitos andins’
 b. [ʼna][ʼuʼmatu] → [nuʼmatu] ʼno mato’
 c. [ʼbwɛgɛ][ʼuʼmɛ̃] → [bwɛguʼmɛ̃] ʼpalma da mão’
 d. [ʼna][ʼuʼmatu] → [nawʼmatu] ʼno mato’

Em lungʼle, pode ocorrer a elisão da primeira ou da segunda vogal, dentro da palavra ou frase fonológica:

- (222) a. [ʼpiʼɛ][ʼugbe] → [piʼɛugbe] ʼmuitos cercados’
 b. [ʼtava][ʼugba] → [taʼvugbe] ʼestava no cercado’
 c. [ʼuʼpɛ][ʼuʼka] → [upuʼka] ʼpé de ocá⁸²’
 d. [ʼtaʼma][ʼuʼbwe] → [tamuʼbwe] ʼpegue o boi’

Em (222a, b), em que a primeira vogal é átona e a segunda é tônica, ocorre elisão da vogal átona e o acento permanece na vogal tônica da segunda palavra. Já em (222c, d), em que a primeira vogal é tônica e a segunda é átona, a vogal tônica é elidida e o acento permanece na vogal tônica da segunda palavra. A partir destes exemplos, podemos observar que, independente de sua tonicidade, a elisão sempre ocorre com a primeira

⁸² Espécie de árvore.

vogal. Casali (1997) observa que há uma tendência universal em preservar segmentos em início de palavra, dada sua proeminência acústica. Esta tendência é sempre válida nos processos de sândi vocálico externo em lung'Ie.

No Quadro XXVI, a primeira coluna e a primeira linha contêm as vogais do lung'Ie, demonstrando as sequências de contato possíveis. Cada célula traz as opções possíveis de resolução de hiato para cada sequência, em que cada vogal está em palavras prosódicas ou frases fonológicas diferentes. Para vogais iguais, a resolução será sempre fusão; para vogais diferentes em que /u/ e /i/ não estão em contanto, a resolução será o processo de elisão; para vogais diferentes em que uma delas é /u/ ou /i/ átonos, podemos ter elisão ou ditongação. Se /u/ ou /i/ forem tônicos, o processo de ditongação não é possível.

	/i/	/ɛ/	/e/	/a/	/ɔ/	/o/	/u/
/i/	FS	EL/DT	EL/DT	EL/DT	EL/DT	EL/DT	EL/DT
/ɛ/	EL/DT	FS	EL	EL	EL	EL	EL/DT
/e/	EL/DT	EL	FS	EL	EL	EL	EL/DT
/a/	EL/DT	EL	EL	FS	EL	EL	EL/DT
/ɔ/	EL/DT	EL	EL	EL	FS	EL	EL/DT
/o/	EL/DT	EL	EL	EL	EL	FS	EL/DT
/u/	EL/DT	EL/DT	EL/DT	EL/DT	EL/DT	EL/DT	FS

Quadro XXVI: Processos possíveis para cada combinação de duas vogais.

O processo de sândi em lung'Ie não é bloqueado entre palavras prosódicas e nem entre frases fonológicas (ϕ), como descrito por Agostinho *et al.* (2012). Segundo os autores, o sândi só é obrigatoriamente bloqueado quando as vogais estão em frases entoacionais (I) diferentes e uma delas é acentuada. A qualidade das vogais (diferentes ou não) não influencia no bloqueio do processo. Os autores também demonstram que o lung'Ie tende a preservar segmentos em início de palavra e que o gatilho do processo de sândi é uma combinação de contexto prosódico e acento. Agostinho *et al.* (2012) afirmam que “o tom não se mostrou um elemento engatilhador ou bloqueador do sândi vocálico” (Agostinho *et al.* 2012: 295).

Os autores analisaram também os seguintes contextos de qualidade da vogal (V): mesma qualidade /a/ e qualidade diferente /a/ e /u/; contextos de acento: duas vogais átonas, primeira vogal tônica e segunda vogal átona, primeira vogal átona e segunda vogal tônica, e duas vogais tônicas; e o contexto prosódico em que apareceram: dentro da mesma frase fonológica (ϕ), entre duas frases fonológicas não ramificadas, entre duas frases fonológicas ramificadas, e entre duas frases entoacionais (I). O quadro a seguir

resume os resultados obtidos por Agostinho *et al.* (2012: 301), a partir do experimento proposto por Tenani (2007), em cada um desses contextos:

	V = V				V ≠ V			
	V + V	'V + V	V + 'V	'V + 'V	V + V	'V + V	V + 'V	'V + 'V
mesmo φ	FS	FS	FS	FS	EL	EL	EL	EL
φ + φ não ramificado	FS	FS	FS	FS	EL	EL	EL	EL
φ + φ ramificado	FS	FS	FS	FS	EL	EL	EL	EL
I + I	FS	*FS	*FS	*FS	EL	*EL/*DT	*EL/*DT	*EL/*DT

Quadro XXVII: Processos de sândi, em que o sombreado marca bloqueio (Agostinho *et al.* 2012: 302).

Com vogais de mesma qualidade e em qualquer contexto de acento, podemos ter fusão dentro da frase fonológica e entre duas frases fonológicas, com uma ramificada ou não. O mesmo ocorre com vogais de qualidade diferente, em qualquer contexto de acento: podemos ter elisão dentro da frase fonológica e entre duas frases fonológicas, com uma ramificada ou não. Já entre duas frases entoacionais, só podemos ter elisão ou fusão se as duas vogais em questão forem átonas. Caso qualquer uma delas ou as duas sejam acentuadas, os processos de fusão, elisão e ditongação são bloqueados. Agostinho *et al.* (2012: 301) afirmam que a elisão é mais produtiva que a ditongação e não detalham este fenômeno.

Tomando os dados de Agostinho *et al.* (2012) e de nosso *corpus*, analisaremos o sândi de acordo com os tons subjacentes propostos por Maurer, a fim de corroborar a análise de que o padrão tonal não contribui para o bloqueio do processo de sândi (cf. Agostinho 2014). Os padrões tonais subjacentes de cada palavra foram retirados de Maurer (2009), a não ser pelas palavras [lu'za], [tɛ:zɐ] e [ʼarikɛ]. Como colocado por Maurer (2009: 27), é necessário que haja mais pesquisa nesta área, para se estabelecer as regras de sândi externo vocálico, bem como os sistemas de tom e acento interagem.

No Quadro XXVIII, cada tom (H: alto, L: baixo) representa uma das vogais em choque, então em [pɪáɛ a'di] temos HH LH, representado no quadro por H-L. Quando há dois padrões em uma célula, como em H-H/L-H, significa que havia mais de um dado para esta combinação de vogais e contexto prosódico.

	V = V				V ≠ V			
	V + V	'V + V	V + 'V	'V + 'V	V + V	'V + V	V + 'V	'V + 'V
mesmo ϕ	H-L	H-L	H-H/ L-H	H-H	H-L/ H-H	H-L	H-L	H-H/ H-L
$\phi + \phi$ não ramificado	L-L	L-L	L-H	L-H	L-L	L-H/ L-L	L-H/ L-L	L-L
$\phi + \phi$ ramificado	L-L	L-L	L-H	L-H	L-L	L-H/ L-L	L-H/ L-L	L-L
I + I	L-L	H-L/ L-L	L-H	H-H	L-L	H-L/ L-L	L-H	H-H

Quadro XXVIII: Processos de sândi com padrões tonais, em que o sombreado marca bloqueio.

É possível observar que o bloqueio pode ocorrer com todas as combinações de tom entre frases entoacionais: H-H, H-L, L-H, L-L. Dessa forma, podemos afirmar que o gatilho para o bloqueio não é o padrão tonal das vogais em questão, já que todas as combinações de tons podem ser bloqueadas.

Podemos notar, novamente, que o contexto para o bloqueio do processo de sândi é sempre entre frases entoacionais, tanto na análise feita a partir de padrões acentuais, como na análise feita a partir de padrões tonais. No entanto, no caso dos tons, qualquer combinação pode ser bloqueada.

Combinando as informações dos quadros anteriores, podemos analisar os dados de acordo com os contextos de qualidade da vogal, sequência de tons e contexto prosódico. É possível dizer que, tanto com vogais de mesma qualidade como com vogais de qualidade diferente, o único contexto prosódico que pode bloquear o sândi é novamente a frase entoacional. Contudo, ao tirar o contexto de acento da análise, todos os contextos de tom podem ou não ser bloqueados pela frase entoacional:

	V = V				V ≠ V			
	H-H	H-L	L-H	L-L	H-H	H-L	L-H	L-L
mesmo ϕ	EL	EL	EL	EL	FS/DT	FS/DT	FS/DT	FS/DT
$\phi + \phi$ não ramificado	EL	EL	EL	EL	FS/DT	FS/DT	FS/DT	FS/DT
$\phi + \phi$ ramificado	EL	EL	EL	EL	FS/DT	FS/DT	FS/DT	FS/DT
I + I	FS/*FS	FS/*FS	FS/*FS	FS/*FS	EL/*EL	EL/*EL DT/*DT	EL/*EL DT/*DT	EL/*EL DT/*DT

Quadro XXIX: Processos de sândi com padrões tonais subjacentes, em que o sombreado marca possibilidade de bloqueio.

Podemos também notar que é possível ter permissão ou bloqueio de sândi para todas as combinações possíveis de tom (H-H, H-L, L-H, L-L), o que demonstra que o bloqueio não depende do tom. Além disso, o contexto V + V permite o processo sândi em todas as combinações de tons possíveis para /a/ + /a/ e /a/ + /u/. Isto sugere novamente que é o acento e não o tom que determina a permissão ou o bloqueio do processo de sândi em lung'le, já que temos a mesma combinação de tom com resultados diferentes.

Outra maneira de examinar os dados é observando os processos que podem ou não ocorrer com as combinações de tons e acento subjacentes possíveis. Ao olhar para os tons subjacentes e acento, a sequência de duas vogais átonas é o único contexto em que não há bloqueio com qualquer combinação de tom. Já em contextos com pelo menos uma vogal tônica (^lV + V, V + ^lV e ^lV + ^lV), pode haver bloqueio com qualquer combinação de tom (H-H, H-L, L-H, L-L). As células em branco ocorrem devido à impossibilidade de se encontrar uma palavra com pelo menos duas sílabas em que o primeiro tom seja um L tônico⁸³ (cf. seção 3.3.1).

	V = V				V ≠ V			
	H-H	H-L	L-H	L-L	H-H	H-L	L-H	L-L
V + V	FS	FS	FS	FS	FS	EL	FS	EL
^l V + V	FS/*FS	FS/*FS	FS/*FS	FS/*FS	FS/*FS DT/*DT	FS/*FS DT/*DT	FS/*FS DT/*DT	FS/*FS DT/*DT
V + ^l V	FS/*FS	-	FS/*FS	-	FS/*FS, *DT	-	FS/*FS, *DT	-
^l V + ^l V	FS/*FS	-	FS/*FS	-	EL/*EL, DT	-	EL/*EL, DT	-

Quadro XXX: Processos de sândi de acordo com acento e tons subjacentes, em que o sombreado marca possibilidade de bloqueio.

Dessa forma, se podemos ter bloqueio com qualquer combinação de tom, mas não podemos ter bloqueio com V + V, é razoável supor que é o acento, e não o tom subjacente, que permite/bloqueia os processos de sândi.

O processo de sândi vocálico também pode engatilha um processo de nasalização, como nos seguintes exemplos:

⁸³ Palavras dissilábicas iniciadas por L são paroxítonas e palavras trissilábicas iniciadas por L podem ser paroxítonas ou oxítonas.

- (223) a. /tama ɔmi/ [tã: 'ɔmi]~ [tõ:mi] 'tomar homem'
 b. /sunu tama ε/ [sunu 'tã: 'ε]~ [sunu 'tẽ:] 'o sono tomou-lhe'
 c. /tεN ubuka/ [tẽ u'buke]~ [tũ'buke] 'até a boca'

Em (129a,b), a palavra /tama/ é realizada como [tã:] (cf. 3.4.2) e a vogal [ã:] sofre elisão. A vogal tônica que inicia a palavra seguinte é alongada por alongamento compensatório e o traço nasal de [ã:] passa para a vogal que permanece após a elisão. Em (129c), a vogal [ε] é elidida e o traço nasal passa para a primeira vogal da próxima palavra [u]. Este processo também pode ser visto como um argumento a favor de VN ou V + traço nasal, já que o traço nasal permanece na palavra. Se a vogal nasal fosse um fonema possível na língua, seria completamente elidida em casos como este e teríamos *[tõ:mi], *[tẽ:] e *[tu'buke].

Neste capítulo apresentou-se uma descrição do sistema fonológico do lung'le. Após a apresentação inventário fonológico da língua (3.1.1 e 3.1.2), discutimos a sílaba em lung'le (3.2). A partir do *corpus* e de dados de um jogo de linguagem, demonstramos que os glides são vistos pela língua como consoantes, fazendo parte do onset e da coda (3.2.1, 3.2.2.1 e 3.2.2.2). As vogais longas foram analisadas como sendo uma vogal com duas moras dentro de um núcleo ramificado (3.2.3), e a existência de nasais silábicas foi atestada (3.2.4). Observamos também as diferenças entre a sílaba fonológica e a sílaba fonética (3.2.4), decorrente dos processos fonológicos descritos nesta tese (3.4.1-3.4.15). Descrevemos o acento e sua relação com o tom (3.3.1, 3.3.2 e 3.3.3), demonstrando que o acento é crucial para os processos fonológicos de apócope (3.4.3), apagamento de sílaba átona final (3.4.6), ditongação (3.4.11), nasalização (3.4.12), alçamento de vogais átonas finais (3.4.14), e sândi vocálico externo (3.4.18).

4. Método pedagógico do lung'le

4.1. Introdução

O objetivo deste capítulo é apresentar um método pedagógico do lung'le que poderá auxiliar o aprendizado da língua nas escolas do Príncipe, além de servir como material linguístico para pessoas interessadas em aprender essa língua crioula. A língua lung'le (literalmente 'língua da Ilha'), também chamada de principense, lingw'le e lung'le, é uma língua crioula de base portuguesa falada na Ilha do Príncipe, na República de São Tomé e Príncipe.

A língua tem sido ensinada como disciplina optativa nas escolas da Ilha do Príncipe desde 2009, mas não há instrumentos linguísticos para apoiar seu ensino. Dessa forma, este método preencherá uma lacuna na educação do lung'le em São Tomé e Príncipe, além de servir como método para o público acadêmico e outros interessados em geral.

A estrutura do método foi livremente inspirada no método *Parlons Capverdien – langue et culture*, de Nicholas Quint (2003), por se tratar de um método de uma língua crioula de base portuguesa. Ademais, este método tem base científica, ou seja, não traz julgamentos de valor sobre as formas linguísticas. O *corpus* e as análises do método pedagógico são fruto do trabalho de campo realizado na Ilha do Príncipe durante os anos 2010, 2011, 2013 e 2014. As notas gramaticais são feitas de forma simplificada para ajudar no entendimento de alunos e professores nas escolas do Príncipe. O sistema de tempo-modo-aspecto utilizado nas notas gramaticais foi baseado no descrito por Maurer (2009).

As versões dos diálogos foram feitas tentando reproduzir o português local do Príncipe. Nas notas gramaticais, algumas traduções aparecem de outra forma, visando o melhor entendimento de cada ponto.

O conteúdo deste método pedagógico está dividido em quatro partes:

1) **Lições**

Este método pedagógico do lung'le contém uma apresentação do sistema ortográfico seguido por dezessete lições com textos e diálogos, além de notas gramaticais sobre a morfossintaxe do lung'le. Cada lição está dividida em:

- a) Texto em lung'le
- b) Vocabulário do texto
- c) Notas gramaticais
- d) Vocabulário temático
- e) Exercícios
- f) Texto de cultura
- g) Vocabulário do texto de cultura
- h) Traduções

2) **Apêndices**

- a) Textos de apoio ao professor
- b) Quadros de pronomes e verbos
- c) Chave de correção dos exercícios

3) **Índices**

- a) Um índice das notas gramaticais
- b) Um índice dos tópicos de cultura
- c) Um índice dos temas de vocabulário temático

4) **Glossários**

a) lung'le/português, composta por todas as palavras utilizadas nas lições e textos de cultura, com a tradução em português e a menção do número da lição na qual o termo aparece pela primeira vez, com cerca de 1.200 palavras.

b) português/lung'le, composta por todas as palavras que aparecem nas traduções para o português, permitindo uma pesquisa reversa.

4.2. Pronúncia e ortografia

Nesta seção, apresentaremos o alfabeto empregado neste método, de acordo com as regras do *Alfabeto Unificado para as Línguas Nativas de São Tomé e Príncipe* (ALUSTP).

Segundo Araújo & Agostinho (2010), “o anteprojeto do *Alfabeto Unificado para as Línguas Nativas de São Tomé e Príncipe*, apresentado ao Governo de STP por uma Comissão formada por acadêmicos e intelectuais⁸⁴, é uma proposta para se representar alfabeticamente as línguas Santome, Angolar e Lung’Ie. A Comissão, no preâmbulo do anteprojeto do Decreto, declara que, embora as línguas sejam mutuamente ininteligíveis, partilham um número substancial de propriedades lexicais e gramaticais, justificando, assim, uma ortografia unificada. Portanto, os cognatos lexicais, juntamente com o compartilhamento de propriedades gramaticais, justificam a adoção de um alfabeto unificado. O alfabeto adotado é de base fonético-fonológica, em detrimento de um alfabeto lusitanizado, pois o léxico de origem portuguesa sofreu ‘profundas alterações fonológicas’, há grande porcentagem de cognatos compartilhados pelas três línguas e não há tradição escrita.”

Todas as palavras em lung’Ie aparecerão em negrito ao longo do trabalho.

4.2.1. Grafia das vogais

Serão apresentados os fonemas vocálicos seguidos de seus grafemas e de exemplos em sílaba tônica e átona.

⁸⁴ Intelectuais falantes do santome participaram na formulação do ALUSTP.

FONEMA / GRAFEMA	EXEMPLO	TRANSCRIÇÃO FONÉTICA	GLOSA
/i/ → <i>	inhemi	[i ^h ɲɛmi]	‘inhame’
	ni	[^h ni]	‘aqui, agora’
/e/ → <ê>	ê	[^h e]	‘3PS’
	gêêza	[^h geeze]	‘igreja’
/ɛ/ → <e>	mye	[^h mje]	‘mulher’
	Mene	[mɛ ^h ɲɛ]	‘Manuel’
/a/ → <a>	kaxi	[^h kaɲi]	‘casa’
	ami	[a ^h mi]	‘1PS.DES’
/ɔ/ → <o>	nove	[^h nɔvɛ]	‘nove’
	owo	[^h ɔwɔ]	‘2PP’
/o/ → <ô>	pôkê	[pɔ ^h ke]	‘porque’
	ôô	[^h oto]	‘outro’
/u/ → <u>	unôtxi	[u ^h notɲi]	‘noite’
	udu	[u ^h du]	‘piolho’

A nasalização é indicada com <m> ou <n> precedido da vogal, ou seja, <an> ou <am>. Em casos de espalhamento de nasalidade da consoante nasal em onset para a vogal precedente, não é preciso marcação, como em:

kandja [^hkɛ̃dʒɛ] ‘candeeiro’

O espalhamento é opcional, como podemos observar em⁸⁵:

mana [^hmɛ̃ɲɛ] ou [^hmanɛ] ‘irmã’

mama [^hmɛ̃mɛ] ou [^hmamɛ] ‘seio’

A distinção entre vogais médias /e, o/ e /ɛ, ɔ/ antes de consoante nasal é neutralizada na ortografia:

⁸⁵ Para discussão sobre nasalização, ver 3.4.12.

/eN/ → <en>	benzê [bɛ̃ˈze] ‘benzer’
/ɛN/ → <en>	bensa [ˈbɛ̃sɛ] ‘bênção’
/ɔN/ → <on>	konfya [kɔ̃ˈfjɛ] ‘confiar’
/oN/ → <on>	bon [ˈbɔ̃] ‘bom’

Há apenas um caso excepcional, no qual o segmento nasal foi apagado historicamente, mas o traço de nasalidade foi mantido na ortografia. Usaremos, de acordo com o ALUSTP, um til <~> para marcar este traço.

ũa [ˈũɛ] ‘um’

Vogais longas⁸⁶ serão representadas pela sequência de duas vogais idênticas:

ubaaku [uˈba:ku] ‘buraco’

gaavi [ˈga:vi] ‘bonito’

4.2.2. Grafia das consoantes

A consoante oclusiva bilabial sonora, /b/, será representada pelo grafema .

baanku [ˈbɛ̃:ku] ‘branco’

ubaaku [uˈba:ku] ‘buraco’

A consoante oclusiva bilabial surda, /p/, será representada pelo grafema <p>.

pilha [ˈpiːɛ] ‘muito’

pontxi [ˈpɔ̃tʃɪ] ‘ponte’

Uma das particularidades da fonologia do lung’le é a presença das oclusivas co-articuladas velo-labiais /g̃b/ e /k̃p/. Serão tratadas como fonemas porque foi possível encontrar pares mínimos que opõem /g̃b/ e /k̃p/; /g̃b/ e /b/; /k̃p/ e /p/. Serão representadas por <kp> e <gb>, respectivamente.

⁸⁶ Para discussão sobre quantidade vocálica, ver seção 3.2.3.

ukpa [u'kpa] 'lâmpião'

ugba [u'gba] 'mondim'

ukpa [u'kpa] 'lâmpião'

gba [gba] 'ordenar'

A consoante oclusiva alveolar sonora, /d/, será representada pelo grafema <d>.

da [da] 'dar'

dêsê [de'se] 'descer'

A consoante oclusiva alveolar surda, /t/, será representada pelo grafema <t>.

tuđu [tuđu] 'tudo'

te [te] 'terra'

A consoante africada palato-alveolar surda, [tʃ]⁸⁷, será representada pelo grafema <tx>.

pontxi [põtʃi] 'ponte'

atxi [a'tʃi] 'você'

A consoante fricativa labio-dental sonora, /v/, será representada pelo grafema <v>.

valê [val'e] 'valer'

vansa [vẽ'sa] 'avançar'

A consoante fricativa labio-dental surda, /f/, será representada pelo grafema <f>.

fii [fi:] 'ferir'

fudu [fudu] 'limpo'

A consoante fricativa alveolar sonora, /z/, será representada pelo grafema <z>.

⁸⁷ A consoante [tʃ] é alofone de /t/ (cf. 3.1.1.3)

zulu [ˈzulu] ‘azul’

zunta [zũˈta] ‘juntar’

A consoante fricativa alveolar surda, /s/, será representada pelo grafema <s>. Esta consoante nunca se duplica para representar o fonema /s/, mesmo entre vogais. Na ALUSTP, todo <s>, em qualquer posição, representará o fonema /s/.

vansa [vãˈsa] ‘avançar’

se [ˈsɛ] ‘assar’

oso [ˈɔsɔ] ‘roça’

A consoante oclusiva velar sonora, /g/, é representada pelo grafema <g>.

ge [ˈgɛ] ‘guerra’

gêêza [ˈgɛ:zɛ] ‘igreja’

A consoante fricativa pós-alveolar sonora /ʒ/ é representada por <j>.

janga [ˈʒɛ̃gɛ] ‘junção entre os dedos’

kuruja [kuˈruʒɛ] ‘coruja’

A consoante oclusiva velar surda /k/ será representada como <k>.

baanku [ˈbɛ̃:ku] ‘branco’

ka [ˈka] ‘cara’

A consoante /r/ será representada por <r>.

rêgê [reˈgɛ] ‘levantar’

ranha [ˈraɲɛ] ‘rainha’

A consoante lateral-aproximante palatal /ʎ/ será representada por <lh>.

pilha [ˈpiʎɛ] ‘muito’

milho [mi'ʎɔ]⁸⁸ 'melhor'

A consoante fricativa pós-alveolar surda /ʃ/ será representada por <x>.

xa [ʃa] 'chá'

puxa [pu'ʃa] 'puxar'

gôxtô [ʃoʃto] 'gosto'

A consoante nasal bilabial sonora /m/ será representado por <m>:

mana [mẽna] ou [mana] 'irmã'

mama [mẽma] ou [mama] 'seio'

A consoante nasal palatal sonora, /ɲ/, que só ocorre na posição de começo de sílaba, será representada por <nh>.

ranha [raɲe] 'rainha'

ranhu [raɲu] 'barulho'

A consoante nasal alveolar sonora /n/ será representada por <n>:

Mene [mɛ'nɛ] 'Manuel'

unôtxi [u'notʃi] 'noite'

As nasais em coda silábica são representadas como <m>, antes de <p> e , e <n>, antes das demais consoantes:

pombô [põbo] 'pombo'

bambu [bãbu] 'bambu'

pontxi [põtʃi] 'ponte'

kondê [kõde] 'conde'

⁸⁸ Exemplo de Maurer 2009: 9.

As nasais silábicas são representadas como <m>, antes de <p> e , e <n>, antes das demais consoantes.

mbêrêrê [ᵐbere're] 'dança tradicional'

nda [ᵐda] 'andar'

O acento e o tom não são marcados na grafia do ALUSTP.

4.3. Lições

4.3.1. Lição 1: Fala ningê bê

FALA NINGÊ BÊ

- Mene- Modi a?**
- 2 **Sabina- Malmentê ô. I atxi bê?**
- Mene- Pô patxi me, malmentê ô.**
- 4 **Sabina- Ine kaxi tê bê, modi a?**
- Mene- Aa mosu, no sa lala na zuda Dêsu. Dêsu paga txi da ami.**
- 6 **Sabina- Nha. Nomi tê modi a?**
- Mene- Mene, i atxi?**
- 8 **Sabina- Sabina.**
- Mene- Atxi ningê Putuga a?**
- 10 **Sabina- Ade ô! Ami ningê Baji. N fo Baji. I atxi, kumi txi sa ta a?**
- Mene- Ami n sa ta na Pikan. I atxi a? Kaxi tê ba?**
- 12 **Sabina- Kaxi me sa ta na Santantoni. Ami biologu, i atxi?**
- Mene- Ami seradô.**

VOCABULÁRIO

a part. partícula interrogativa
ade adv. não
aa interj. ah
ami pro. 1PS.DES, 1PS.DAT
atxi pro. 2PS.DES, 2PS.DAT
ba loc. estar em algum lugar
Baji topo. Brasil
bê adv. também
bê n. cumprimento
biologu adj. biólogo
da v. dar
dêsu n. Deus
fala bê v. cumprimentar
fo v. vir de
i conj. e (entre orações)
ine art. artigo definido plural
kaxi n. casa
kumi, kumin pro. onde
lala adv. lá

malmentê adv. mais ou menos
me pro. 1PS.POSS
Mene n. Manuel
modi adj. como
mosu n. moço
n pro. 1PS.SUJ
na prep. em
nha, nhan adv. sim
ningê n. pessoa
no pro. 1PP.SUJ/OBJ/DES/POSS/OI
nomi n. nome
ô part. enfática
paga v. pagar
patxi n. parte
Pikan topo. Picão
pô prep. por
Putuga topo. Portugal
sa cop. ser
Sabina n. Sabrina

Santantoni topo. Santo Antônio
seradô n. marceneiro, serrador
ta v. ser (locativo)

tê v. ter
txi pro. 2PS.SUJ/OBJ
zuda n. ajuda

4.3.1.1. Notas Gramaticais

Na primeira lição, abordaremos os pronomes pessoais, a cópula e sua ausência, a posse e pronomes possessivos, partículas e pronomes interrogativos, a ausência de gênero, a conjunção **i** e o sufixo **-dô**.

I. Pronomes pessoais 1

Nesta lição, veremos alguns pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoa do singular. Em lung'le⁸⁹, os pronomes podem assumir diferentes formas de acordo com sua função. Os pronomes podem ser **sujeito**, **objeto direto**, **objeto indireto** (função dativa), **possessivos** ou aparecerem **deslocados**⁹⁰. A ordem canônica das sentenças em lung'le é sujeito-verbo-objeto, como veremos a seguir.

Os pronomes pessoais sujeito de 1ª pessoa **n** 'eu', e de 2ª pessoa **txi** 'você' sempre são antepostos à forma verbal. Note que o emprego do pronome pessoal sujeito é obrigatório. O pronome pessoal de objeto direto que aparece nesta lição é o da 2ª pessoa do singular: **txi** 'você'.

(8) **N** **fo** **Baji.**
 1PS.SUJ vir Brasil
 'Eu vim do Brasil'.

(9) **Txi** **tê** **kaxi.**
 2PS.SUJ ter casa
 'Você tem uma casa'.

(10) **N** **vê** **li.**
 1PS.SUJ ver 3PS.OBJ
 'Eu o/a vi'.

⁸⁹ Segundo Holm (1988: 202), o sistema pronominal das línguas crioulas do Golfo da Guiné é mais complexo do que dos crioulos de base francesa e inglesa. O autor afirma que esta complexidade pode ser vista em línguas do oeste da África. O autor denomina as formas de objeto indireto e topicalizadas de "formas marcadas". Maurer (2009: 56) os denomina "pronome independentes" (cf. 2.4).

⁹⁰ Os pronomes deslocados poderão ser topicalizados, estarem isolados ou clivados.

Outro pronome pessoal de objeto direto que aparece nessa lição é o de 3ª pessoa **li** ‘ele/ela’, mas este será visto na próxima lição.

Os pronomes de 1ª pessoa **ami** ‘eu’, e de 2ª pessoa **atxi** ‘você’ aparecem topicalizados nas sentenças (11)-(13) e isolado na sentença (14):

- (11) **Ami,** **n** **fo** **Baji.**
 1PS.DES 1PS.SUJ vir Brasil
 ‘Eu vim do Brasil’.
- (12) **Atxi,** **txi** **fo** **Ie.**
 2PS.DES 2PS.SUJ vir Brasil
 ‘Você veio do Príncipe’.
- (13) **Ami** **biologu,** **i** **atxi?**
 1PS.DES biólogo e 2PS.DES
 ‘Eu sou bióloga, e você?’
- (14) **Ami ?**
 1PS.DES
 ‘Eu?’

O pronome sujeito pode ou não aparecer após o pronome topicalizado⁹¹. Podemos então ter **Ami, n fo Baji** e **Ami fo Baji**⁹². Os pronomes topicalizados aparecem obrigatoriamente em construções afirmativas de sujeito-predicado, assim temos **Ami (n) biologu**, e não ***N biologu**. Em sentenças negativas podemos ter apenas **N biologu fa**.

Os pronomes de objeto indireto aparecem após uma preposição, como em **i atxi**:

- (15) **Ami** **n** **biologu,** **i** **atxi?**
 1PS.DES 1PS.SUJ biólogo e 2PS.DES
 ‘Eu sou bióloga, e você?’

⁹¹ Vale ressaltar que os pronomes topicalizados não tem traços de tópico como vemos em (296) e (298), já que somente elementos DP/NP podem ter essa função.

⁹² Segundo Holm (1988: 203), o “pronome marcado” não poderia aparecer sem o pronome sujeito. Já em Maurer (2009: 63) e em nosso *corpus* o pronome topicalizado ocorre sem o pronome sujeito em sentenças como **Ami fo Baji**. Nestes casos poderíamos ter as formas dos pronomes deslocados sendo utilizadas como pronomes sujeito ou o apagamento posterior do pronome sujeito na superfície. Como nosso foco nesta Tese não é a análise do sistema pronominal do lung’Ie, deixaremos esta questão em aberto.

- (16) **Ami n biologu fa, i atxi?**
 1PS.DES 1PS.SUJ biólogo NEG e 2PS.DES
 ‘Eu não sou bióloga, e você?’

A seguir podemos observar o quadro de pronomes apresentados nesta lição⁹³:

		ARGUMENTO		NÃO ARGUMENTO		DESLOCADOS
SUJEITO		OBJETO DIRETO	OBJETO INDIRETO	ADJUNTO DO NOME - POSSESSIVOS		
1PS	n		ami	me		ami
2PS	txi	txi	atxi	tê		atxi
3PS		li				

II. Cópula e ausência de cópula

A cópula é a forma verbal que liga o sujeito da sentença ao seu predicado ou complemento. Em lung'le, pode ser expressa pela forma **sa** para o imperfectivo e **era** para o perfectivo.

A cópula **sa** aparece em predicados que apresentam ideia de lugar, como em:

- (17) **Kumin txi sa ta vêvê a?**
 onde 2PS.SUJ COP estar viver INT
 ‘Onde você mora?’
- (18) **N sa ta vêvê na Pikan.**
 1PS.SUJ COP estar viver PREP.em Picão
 ‘Eu mro no Picão?’
- (19) **Kaxi me sa ta na Santantoni.**
 casa 1PS.POSS COP estar PREP.em Santo.Antônio
 ‘Minha casa fica em Santo Antônio’.

A cópula não ocorre em construções sujeito-predicado, como **ami biológú** ‘eu sou biólogo’/ **ami seradô** ‘eu sou marceneiro’. Assim, não é possível dizer ***ami sa biológú** / ***ami sa seradô**.

⁹³Nas lições seguintes preencheremos as lacunas.

Já a cópula perfectiva pode ocorrer em construções sujeito-predicado, como **ami era biôlôgu / ami era seradô**.

III. Posse e pronome possessivo

A relação de posse entre dois nomes é obtida colocando-se o possuidor seguido pelo possuído, como em **zuda dêsu** ‘ajuda de Deus’, **kaxi Maa** ‘casa da Maria’.

A posse entre pessoa e nome se dá pospondo o pronome pessoal possessivo após o objeto possuído, como em **kaxi me** ‘minha casa’, **ugatu tê** ‘o seu gato’.

IV. Partículas e pronomes interrogativos

Nesta lição, veremos a partícula interrogativa **a** e dois interrogativos de lugar, **kumi** e **ba**.

a) A

A partícula interrogativa **a** deve aparecer no final de frases interrogativas, como em **modi a** ‘como vai?’. Com esta partícula, a entonação é decrescente no final da sentença. A partícula pode ser omitida, mas nestes casos a entonação é crescente.

b) KUMI / KUMIN – LUGAR

Quando utilizado como nome pode ser traduzido por ‘caminho’ ou ‘lugar’. Além disso, tem função de pronome interrogativo, como em **kumi txi sa ta vêvê a?** ‘onde você mora?’

c) BA - FONTE

É um locativo (significa ‘estar em algum lugar’) e pode ser usado no final das sentenças, como em **kaxi tê ba?** ‘onde é sua casa?’. É usado somente em sentenças interrogativas.

V. Gênero

O gênero normalmente não é marcado morfológicamente nem sintaticamente. Nesta lição, temos, por exemplo, a palavra **biologu** e **seradô** para ambos os sexos, ou seja,

podendo se referir a um homem ou a uma mulher. Há algumas palavras em que encontramos oposição marcada na terminação, como em **kunhadu** e **kunhada**. Outra maneira de distinguir gênero é colocando os termos **omi** ‘homem’ e **mye** ‘mulher’ pospostos às palavras. Temos, então, **ugatu omi** ‘gato’ e **ugatu mye** ‘gata’. Há também casos em que verificamos uma palavra diferente para cada gênero, como **are** ‘rei’ e **ranha** ‘rainha’.

VI. Conjunção - i

A conjunção aditiva **i** ‘e’ inicia a sentença coordenada aditiva. Em lung’le essa conjunção é usada para introduzir orações. A conjunção aditiva usada entre nomes será vista mais adiante.

(20) **I atxi bê?**
 CONJ.e 2PS.DES também
 ‘E você?’

(21) **Mene, i atxi?**
 Manuel CONJ.e 2PS.DES
 ‘Manuel, e você?’

(22) **I atxi, kumi txi sa ta a?**
 CONJ.e 2PS.DES onde 2PS.SUJ COP morar INT
 ‘E você, onde você mora?’

VII. Morfema -dô

O morfema de formação de nomes agentivos **-dô** aparece nesta lição na palavra **seradô** ‘serrador’. Nesta palavra, temos o verbor **sera** ‘serrar’+ sufixo **-dô**. Outras palavras com este sufixo aparecerão mais adiante. Este morfema é produtivo em lung’le moderno e pode formar novas palavras.

4.3.1.2. Vocabulário Temático - Topônimos

Abya Fiminga Ribeira Formiga	Ponta Usolu Ponta do Sol
Abya Foka Ribeira Forca	Pôto Ryali Porto Real
Abya Fyô Ribeira Fria	Pôtxin Portinho
Abya Pipi Ribeira <i>Pipi</i>	Ramasan Armação
Abya San Kô Ribeira <i>San Kô</i>	San Zuan São João
Afika África	San Zwakin São Joaquim
Alifandiga Alfândega	Santa Maa Santa Maria
Awa Namôro Água Namoro	Santa Rita Santa Rita
Bela Vixta Bela Vista	Santa Roza Santa Rosa
Bon Vivê Bom Viver	Santana Santana
Budubudu Budubudu	Santantoni Santo Antônio
Bul'ufaka Bulufaka	Santantoni Pikan Santo Antônio Picão
Fundan Fundão	Santantoni Segundu Santo Antônio Segundo
Gaban Gabão	Santome São Tomé
Gaxpa Gaspar	Santome ki Ie São Tomé e Príncipe
Infantxi Don Enriki Infante Dom Henrique	Sulu Sul
Kampanha Campanha	Sundi Sundy
Kompanhya Companhia	Txyô Ve Terreiro Velho
Lapa Lapa	Ubadê Abade
Maa Kwaa Maria Correia	Uga Filix Rua Feliz
Mantalegi Monte Alegre	Uga Tabaladô Rua dos Trabalhadores
Nova Kuba Nova Cuba	Ukampu Avian Aeroporto
Nova Teela Nova Estrela	Umatu Mutendê <i>Umatu Mutendê</i>
Oba Oba	Upa Fita Pau Fita
Ôkyê Têêxi <i>Ôkyê Têêxi</i>	Ximalô Ximalô
Otakana <i>Otakana</i>	Xipitali Novu Hospital Novo
Pakê Ve Parque Velho	Xipitali Ve Hospital Velho
Pêdrêra Pedreira	Xperansa Esperança
Pinkête Pinkête	Xtalêw Estaleiro
Ponta Muzêw Ponta Museu	Zotona Azeitona

4.3.1.3. Exercícios

1) **Verta para o lung'le as seguintes frases.**

- a) Você mora em Santo Antônio?
- b) Onde você mora? - Eu moro no Picão.
- c) Eu moro no Brasil.
- d) Você se chama Manuel?
- e) Qual é o seu nome? - Meu nome é Sabrina.
- f) Você mora no Picão.
- g) Eu moro em Portugal.
- h) Eu, eu moro no Brasil.
- i) Você se chama Manuel.
- j) Eu sou a Sabrina.
- k) A sua casa fica em Portugal?
- l) A casa de Manuel fica no Picão.
- m) A casa de Sabrina fica em Santo Antônio.
- n) Onde é a casa dele?
- o) A minha casa fica no Brasil.
- p) Onde está a Sabrina?
- q) Cadê o Manuel?
- r) Onde é a sua casa?
- s) Cadê a casa?

2) **Modi txi kuxtumadu sa fala bêê pwe tê ki mwin tê ki migu tê a? Modi ki a ka fala na lung'le axi a? Pidi pôfêsôrô di zuda txi.**

3) **Xikêvê na modi sê di Kutwa ki no fala, dyalogo ũa ki bêê tudu pe.**

4.3.1.4. Kutwa - Modi di fala bê

MODI DI FALA BÊ⁹⁴

Na lisan sê, no sa vê modi ki a ka fala⁹⁵ bê na lung'le. Ûa sê 'modi a?'. Isê modi ki a ka fala bê na salasa entê kolesan. Modi ôtô ê ora ki a ka fala ningê-taamwin bê 'bensa sume' pô omi i 'bensa same' pô mye. Ora ki a ka fala bê na salasa, a ka kudi malimentê, ora ki a ka fala bê pa ningê-taamwin, a ka kudi 'bensa di Dêsu'.

Na modi sê di fala bê, êli axi mesu na lung'le i na putugêzê le: 'como vai', 'mais ou menos', 'benção, senhor/senhora', 'deus te abençõe'. Na modi ôtô bê di fala ê 'nunxya da no', i a ka kudi kwisê mesu, 'bensa'. Isê modi ki ningê dinora tava sa fala bê. Modi ôtô di fala bê ka podi vika sa pô dyentxi.

COMPREENSÃO DO TEXTO

- 1) Qual é a maneira antiga de cumprimentar alguém?
- 2) Qual a diferença de cumprimentar alguém mais velho? E alguém mais jovem?

VOCABULÁRIO

a pro. pronome indefinido
axi adv. assim
bensa n. bênção
di prep. de
dinora adv. antigamente
dyentxi adv. diante
ê pro. ele, ela, eles, elas
êli pro. ele, ela, eles, elas
entê prep. entre
fala v. falar
ie n. ilha, Príncipe
isê dem. esses
ka part. partícula de tempo, modo e aspecto
ki conj. que
kolesan n. colega, amigo
kudi v. responder
kwisê dem. isto, isso

⁹⁴ Texto de Manuel Salomé.

⁹⁵ O verbo **fala** pode ser pronunciado com vogal longa, sem a consoante [l] **faa**. No entanto, deve ser grafado como **fala** segundo as regras do ALUSTP.

lisan n. lição
lung'le n. lung'le, principense
malimentê adv. mais ou menos
mesu adv. mesmo
mye n. esposa
ningê-taamwin n. adulto
nunxya n. Nossa Senhora
omi n. homem, marido
ora adv. ora
ôô n. outro
pa conj. para
podì v. poder
putugêzê adj. português
salasa n. brincadeira, chalaça
same n. senhora
sê dem. este, esta, esse, essa
sume n. senhor
tava part. partícula de tempo, modo e aspecto
te n. país, terra
ũa art. um
vê n. vez
vika v. vir

4.3.1.5. Traduções

CUMPRIMENTAR ALGUÉM

M- Como vai?

S- Mais ou menos. E você?

M- Quanto a mim, mais ou menos.

S- E a sua família, como vai?

M- Ai, estamos bem, graças a Deus. Obrigado.

S- Ah. Como é seu nome?

M- Manuel, e o seu?

S- Sabrina.

M- Você é portuguesa?

S- Não! Sou brasileira. Vim do Brasil. E você, onde você mora?

M- Eu moro no Picão. E você? Onde é a sua casa?

S- Minha casa fica em Santo Antônio. Eu sou bióloga, e você?

M- Eu sou marceneiro.

CUMPRIMENTOS

Nesta lição, vimos algumas formas de se cumprimentar em lung'le. Uma é **modi a?** 'como vai?'. Essa é a maneira de cumprimentar entre amigos. Para se dirigir a pessoas mais velhas, utilizamos **bensa sume** para homens e **bensa same** para mulheres. Quando se cumprimenta pessoas próximas, a resposta é **malimentê**, e quando se cumprimenta pessoas mais velhas, a resposta é **bensa di dêsu**.

Dessa maneira, é assim que se cumprimento em português local também: 'como vai', 'mais ou menos', 'benção, senhor/senhora', 'Deus te abençoe'. Outra maneira de cumprimentar é dizer **nunxya da no**, e a resposta é a mesma, **bensa**. Esta é a maneira antiga de se cumprimentar. Outras expressões de saudação aparecerão mais adiante, em outras lições.

4.3.2. Lição 2: N we fya

N WE FYA

- 2 **Sabina- Bô tadi. Modi a?**
 Vendêdô- Malmentê!
 Sabina- Isê kantu a?
 4 **Vendêdô- Txinta mili doba.**
 Sabina- Êê karu ô!
 6 **Vendêdô- N ka podi fêzê vintxi mili doba da txi. N sa podi fêzê menu fa.**
 Sabina- Tama ô, same ningê. Mene, pya, isê kwêsa?
 8 **Mene- Txi sêbê isê kwêsa fa?**
 Sabina- Ade ô! N maxi vê li fa. Kusê sapusapu a?
 10 **Mene- Ade ô. Isê fuuta ãa. Fuuta sê ê doxi ki pasa. Txi mêsê li a?**
 Sabina-Ade ô. N mêsê li fô. N mêsê ko nho fa xya inhemi.
 12 **Vendêdô- Txi bê mêsê ban'omi a? Txi bê mêsê urumu a? Kali ki txi mêsê?**
 Sabina- Nha, da ami dôsu môyô ban'omi. N bê mêsê urumu ki maakita.

VOCABULÁRIO

ban'omi n. banana-pão, banana-da-terra
bô adv. bom
doba n. dobra (moeda de STP)
dôsu num. dois
doxi adj. Doce
ê pro. 3PS.SUJ
êê interj. nossa
fa part. partícula de negação
fêzê v. fazer
fô fa+ô
fuuta n. fruta-pão
inhemi n. inhame
isê pro. esse, este, isso, isto
ka part. partícula de tempo, modo e aspecto
kali pro. qual
kantu pro. quanto
karu adj. caro
ki pro. que
ki conj. que, e (entre nomes), com
ko nho n. nada
kusê pro. isto, isso
kwêsa pro. o quê

li pro. 3PS.OBJ
maakita n. malagueta
maxi...fa adv. nunca
menu adv. menos
mêsê v. querer, gostar
mili num. mil
môyô n. penca (de banana)
nho adv. nenhum
pasa v. passar
podu v. poder
pya v. olhar, ver
same n. senhora
sapusapu n. graviola
sê pro. isto, isso
sêbê v. saber
tadi n. tarde
tama v. tomar
txinta num. trinta
ãa art. um, uma
urumu n. safu
vê v. ver
vendêdô n. vendedor
vintxi num. vinte

xya adv. sem

4.3.2.1. Notas Gramaticais

Nesta lição, abordaremos novamente os pronomes pessoais, além do não-passado, da frase negativa, dos pronomes interrogativos, dos demonstrativos e dos artigos. Falaremos também sobre a ausência da marca de plural e da conjunção **ki**.

I. Pronomes Pessoais 2

Na lição anterior, vimos os pronomes de primeira e de segunda pessoa e suas várias formas. Nesta lição, veremos os pronomes de terceira pessoa do singular. Na posição de sujeito temos **ê** e na posição de objeto direto temos **li**. As outras posições serão vistas mais adiante.

(23) **Ê** **vê** **txi.**
 3PS.SUJ ver 2PS.OBJ
 ‘Ele viu você’.

(24) **Txi** **vê** **li.**
 2PS.SUJ ver 3PS.OBJ
 ‘Você viu ele’.

(25) **Sabina** **vê** **li.**
 Sabrina ver 3PS.OBJ
 ‘Sabrina viu ele’

(26) **Ê** **vê** **Sabina.**
 3PS.SUJ ver Sabrina
 ‘Ele viu a Sabrina’

Os pronomes pessoais que aparecem pela primeira vez em cada lição estão em **negrito**, para diferenciá-los dos vistos nas lições anteriores. Nesta lição, aparecem o pronome sujeito e objeto da terceira pessoa do singular.

		ARGUMENTO		NÃO ARGUMENTO	DESLOCADOS
SUJEITO		OBJETO DIRETO	OBJETO INDIRETO	ADJUNTO DO NOME - POSSESSIVOS	
1PS	n		ami	me	ami
2PS	txi	txi	atxi	tê	atxi
3PS	ê	li			

II. Verbos estativos

Em lung'le, verbos estativos⁹⁶ e verbos que denotam ação ou atividade se comportam de maneira diferente. Verbos que chamaremos aqui 'de ação' são aqueles que denotam uma ação ou atividade controlada ou não controlada, como **da** 'dar', **zuda** 'ajudar' e **fala** 'falar' enquanto verbos estativos são aqueles que não denotam ação nem atividade, mas um estado ou experiência, como **sêbê** 'saber', **mêsê** 'querer' e **podì** 'poder'. Nesta lição, estudaremos os verbos estativos. Os verbos de ação serão introduzidos nas lições 3 e 4.

Os verbos estativos podem ser divididos em duas classes: *zero-estativo* e *ka-estativo*:

a) TIPO ZERO-ESTATIVO:

Nesta lição, os verbos de *zero-estativo* que vimos são: **sêbê** 'saber' e **mêsê** 'querer'. Nessa classe, o imperfeito não é marcado.

(27) **Txi** **sêbê** **isê** **kwêsa** **fa** **a?**
 2PS.SUJ saber isto o.que NEG INT
 'Você não sabe o que é isto?'

(28) **Txi** **mesê** **li** **a?**
 2PS.SUJ querer 2PS.OBJ INT
 'Você o quer?'

b) TIPO KA-ESTATIVO: **PODI/PO**

Nesta lição, o verbo de *ka-estativo* que vimos é: **podì** 'poder'. Nessa outra classe de verbos estativos, o marcador aspectual **ka** (que tem outras funções além dessa, explicadas nas próximas lições) marca o não-passado. Em sentenças simples, o **ka** vem imediatamente depois do sujeito e antecede o verbo.

⁹⁶ Incluímos no conjunto de verbos estativos verbos do tipo experienciais e benefactivos de estado.

- (29) **N ka po fêzê vintxi mili doba da**
 1PS.SUJ N-PASS poder fazer vinte mil dobras PREP.para
atxi.
 2PS.DAT
 ‘Eu posso fazer por vinte mil dobras para você’

	TIPO ZERO-ESTATIVO	TIPO KA-ESTATIVO
NÃO-PASSADO	-	ka

Não há diferença semântica entre os verbos de *zero-estativo* e de *ka-estativo* (Maurer: 2009: 72), portanto não tem como saber se um verbo estativo pertence a uma ou outra classe. Sendo assim, é preciso aprender a classe de cada verbo.

III. Negação

A negação em lung’le é feita, normalmente, com a inserção da partícula negativa **fa** no final da sentença, como em:

- (30) **N mêsê li fa.**
 1PS.SUJ querer 2PS.OBJ NEG
 ‘Eu não o quero’.

As partículas enfática **ô** (**fa+ô** é sempre alterado para **fô**) e interrogativa **a** aparecem depois de **fa**, como em:

- (31) **N mêsê urumu fô!**
 1PS.SUJ querer safu NEG.ENF
 Eu não quero safu, não!
- (32) **Txi mêsê urumu fa a?**
 2PS.SUJ querer safu NEG INT
 ‘Você não quer safu?’

IV. Pronomes interrogativos

Há oito tipos de pronomes interrogativos em lung’le⁹⁷, a saber:

⁹⁷ Cf. Agostinho e Oliveira (2010).

TIPO	PRONOME INTERROGATIVO	GLOSA
PESSOA	ningê	'quem'
COISA	ki, kwa, kwêsa	'que', 'que coisa', 'o quê'
PROPRIEDADE	kali/kwali	'qual'
LUGAR	kumi / kumin	'onde'
TEMPO	kantora, kidya, kiora	'que horas', 'que dia', 'que horas'
MANEIRA	modi	'como'
QUANTIDADE	kantu	'quanto'
MOTIVO	pidi kwe manda, pidi kwêsa, pidi	'porque'

Nesta lição, veremos 4 desses tipos: de coisa, de propriedade, de maneira e de quantidade.

a) KWÊSA - O QUÊ

Este elemento pode ocorrer no início ou no fim da sentença.

(33) **Isê kwêsa?**

isto o.quê
'O que é isso?'

(34) **Kwêsa txi mêsê?**

o.quê 2PS.SUJ querer
'O que você quer?'

b) KALI - QUAL

O sintagma nominal com **kali** pode aparecer no início ou no final da sentença.

(35) **Kali txi mêsê?**

qual 2PS.SUJ querer
'Qual você quer?'

(36) **Txi mêsê kali?**

2PS.SUJ querer qual
'Você quer qual?'

(37) **Kali inhemi txi mêsê?**
 qual inhame 2PS.SUJ querer
 'Qual inhame você quer?'

(38) **Txi mêsê kali inhemi?**
 2PS.SUJ querer qual inhame
 'Você quer qual inhame?'

c) **MODI - COMO**

A palavra **modi** aparece na lição 1 e novamente na lição 2. O **modi** pode aparecer no início ou no final da sentença.

(39) **Modi a?**
 como INT
 'Como (vai)?'

(40) **Modi nomi te a?**
 como nome 2PS.POSS INT
 'Seu nome é qual?'

(41) **Nomi te modi ?**
 nome 2PS.POSS como
 'Qual é seu nome?'

d) **KANTU - QUANTO**

O sintagma nominal com **kantu** pode aparecer no início ou no final da sentença.

(42) **Isê kantu a?**
 isto quanto INT
 'Quanto é isso?'

(43) **Kantu isê a?**
 isto quanto INT
 'Quanto é isso?'

- (44) **Urumu** **kantu** **a?**
safu quanto INT
‘Quanto é o safu?’
- (45) **Kantu** **doba** **txi** **te** **a?**
quanto dobra 2PS.SUJ ter INT
‘Quantas dobras você tem?’
- (46) **Txi** **te** **kantu** **doba** **a?**
2PS.SUJ ter quanto dobra INT
‘Você tem quantas dobras?’

V. Demonstrativos

Há três tipos de pronomes demonstrativos em lung’le, que aparecem nesta lição.

a) **ISÊ** - ‘ISTO, ISSO’

Comporta-se como pronome nome, ou seja, não precisa de outro nome para formar um sintagma.

- (47) **Isê** **kantu** **a?**
DEM.isto quanto INT
‘Quanto é isso?’

- (48) **Isê** **kwêsa?**
DEM.isto o.quê
‘O que é isso?’

b) **SÊ** - ‘ESTE, ESSE’

Comporta-se como pronome adjetivo, ou seja, necessita qualificar um nome para formar um sintagma.

(49) **Urumu** **sê** **kantu** **a?**
 safu DEM.este quanto INT
 'Quanto é esse safu?'

(50) **Sapusapu** **sê** **karu** **ô!**
 graviola DEM.este caro ENF
 'Esta graviola está cara!'

c) **Kwisê/Kusê** - 'ESTA COISA, ISTO, ESSA COISA, ISSO'

Comporta-se como pronome nome, ou seja, não precisa de outro nome para formar um sintagma. É formado por **kwa** 'coisa' + **isê** 'isto, isso'.

(51) **Kusê** **sapusapu** **a?**
 DEM.coisa.este graviola INT
 'Esta coisa é uma graviola?'

(52) **Txi** **mêsê** **kusê** **a?**
 2PS.SUJ querer DEM.coisa.este INT
 'Você quer esta coisa?'

VI. Artigo

O lung'le não possui artigos definidos e indefinidos propriamente ditos. No entanto, o numeral **ũa** 'um' pode ser usado como um artigo e pode indefinir um sujeito. O **ũa** sempre ocorre depois do nome, seja qual for a sua função. Como veremos mais adiante, todos os outros numerais ocorrem antes do nome.

(53) **Isê** **fuuta** **ũa.**
 isto fruta.pão um
 'Isso é uma fruta-pão'.

(54) **Ningê** **ũa** **vê** **li.**
 alguém um ver 3PS.OBJ
 'Alguém viu ele'.

VII. Ausência de marca de plural

O lung'le não tem marca morfológica de plural. Normalmente, o contexto é suficiente para resolver a ambiguidade entre o singular e o plural. Assim, quando dizemos **N mêtê ban'omi** no contexto do diálogo acima, ou seja, comprando frutas e legumes em um mercado, queremos dizer 'eu quero bananas', pois não compraríamos apenas uma banana.

Outra estratégia é colocar o pronome de 3ª pessoa do plural antes do nome que será pluralizado, como em **ine afika** 'os africanos' e **ine minu** 'as crianças'. Neste caso, o **ine** funciona como um artigo definido plural. Além dessa, podemos ter a reduplicação como estratégia de plural, como em **minu kwa-kwa** 'cozinhas'. Nas lições seguintes, veremos estas construções com mais detalhes.

VIII. Conjunção - ki

O **ki** aparece no diálogo desta lição como a conjunção aditiva 'e'. É usado somente entre nomes. Vale lembrar que a conjunção aditiva oracional é **i**, e aparece nas notas gramaticais da lição 1.

(55) N **mêtê urumu** **ki** **maakita.**
 1PS.SUJ querer safu CONJ malagueta
 'Eu quero safu com malagueta'.

(56) N **kume urumu ki** **sapusapu** **ki** **fuuta.**
 1PS.SUJ comer safu CONJ graviola CONJ fruta-pão
 'Eu comi safu, graviola e fruta-pão'.

O **ki** tem outras funções além dessa, que serão vistas adiante.

4.3.2.2. Vocabulário Temático - Feira

bana	banana
bana-gamixeli	banana-gromichel
bana-kongô	banana-do-congo
bana-masan	banana-maçã
bana-mye	banana-pão pequenina
bana-paata	banana-prata
fenza	feijão
fenza-vêdê	vagem
fyan-mondyoko	farinha de mandioca
fyan-putuga	farinha de trigo
imin	milho
inhemi	inhame
kwentu	coentro
laanza	laranja
makêkê	jiló
maman	mamão
mantega	manteiga
masan	maçã
mixkitu	mosquito (tempero tradicional)
mondyoko	mandioca
nanaji	abacaxi, ananás
pipinu	pepino
txigu	trigo, farinha de trigo
tximatxi	tomate
ukyebu	quiabo
umpan	pão
upa-usuda	pau-pimenta (tempero tradicional)
usuda	pimenta
usuda-malaka	pimenta bolinha
utaji	<i>utaji</i> (tempero tradicional)

4.3.2.3. Exercícios

3) **Verta as seguintes frases para o lung'le e depois coloque na forma negativa.**

- a) Você quer safus.
- b) Eu, eu quero inhames.
- c) Sabrina mora em Santo Antônio.
- d) Os inhames estão caros.
- e) A banana-pão é gostosa demais.

4) **Verta para o lung'le.**

- a) Você sabe o que é isso? - Eu sei!
- b) Quanto custa os inhames?
- c) Você sabe quanto é?
- d) Você não quer safus? - Sim, eu quero!
- e) Você quer dois cachos de banana-pão? - Não, eu não quero!

5) **Complete com modi, kantu ou kali e depois traduza.**

- a) Maakita ____ a? Txinta mili doba.
- b) N pya urumu, n pya ban'omi. N sêbê ____ ki n mêsê fa.
- c) Maakita sê karu! I sapusapu sê ____ a?
- d) Mene ____ a? Malmentê!
- e) ____ txi mêsê? N mêsê isê!

6) **Complete com isê, sê ou kusê e depois traduza.**

- a) ____ fuuta a? Ade ô. ____ sapusapu.
- b) ____ tixi mêsê a?
- c) Fuuta ____ karu!
- d) Txi pya ____? ____ kantu a?
- e) Ningê ____ seradô.
- f) N mêsê sapusapu ____.

7) **Kwa ki txi sa kuxtumadu sa kopa na fya a? Pidi pôfêsôrô di zuda txi.**

8) **Konvesa na lung'le ki migu tê kwali kwa di kume txi goxta. Xikêvê palava sê ki txi xina.**

4.3.2.4. Kutwa - Fya⁹⁸

FYA

Na fya Ie sa bii dya tudu pe na sumana. Ningê tudu pe ka podi kopa pêxi feexku xya pa we fya pemya sedu. Txyan di pêxi a vya sa vendê kwa ô tô modi otalisa, fuuta, tempa Ie, izêtxi-pwema ki pilha kwa vya. Lala bê tê fya di vendê upanu, kwa pô xikola, kwa pô kuxan i ki pilha kwa ô tô vya.

Txyan di fya, a ka vê ningê mutu sa vendê pêxi, umpan, bôlô, paxte ki pilha kwa ô tô di kume na uga posan. Na modi ki a ka vê na santome, fya Ie ê kitxi, a sa vê pilha kwa sa vendê modi na santome fa. Maji wo sê, kêtê kêtê a sa vê kwa mutu sa vendê modi na santome. Maji ê vya tê kwa mutu ki sa pixiza di vendê na fya fa, mo fala makêkê, binzela, fuuta, maxkan, kola ki pilha kwa, pidi vijin ka da ô tô vijin, migu bê ka da migu.

COMPREENSÃO DO TEXTO

- 1) **O que se pode encontrar no mercado do Príncipe?**
- 2) **De que outra maneira é possível adquirir comida sem ir ao mercado?**

VOCABULÁRIO

binzela n. berinjela
bôlô n. bolo
fya n. feira
kitxi adj. pequeno
kola n. cola
kopa v. comprar
kume v. comer
kuxan n. cozinha
makêkê v. jiló
maxkan n. manjeriço
migu n. amigo
otalisa n. hortaliças
paxte n. pastel
pemyan adv. pela manhã
pêxi n. peixe
pixiza v. precisar

⁹⁸ Tradução para o lung'le de Manuel Salomé.

sedu n. cedo

tempa n. panela

upanu n. pano, roupa

vendê v. vender

vijin n. vizinho

wo sê adv. agora

xya adv. somente

4.3.2.5. Traduções

EU FUI À FEIRA

S- Boa tarde. Como vai?

V- Mais ou menos!

S- Me diz o preço desses inhames.

V- Trinta mil dobras.

S- Nossa, que caro!

V- Se você quiser, eu posso fazer por vinte mil dobras para você.

S- Toma, senhora. Manuel, olha, o que é isto?

M- Você não sabe o que é isto?

S- Não! Eu nunca vi. Isto é graviola?

M- Não. Isso é uma fruta-pão. Essa fruta-pão é boa demais. Você quer?

S- Não. Eu não quero. Eu não quero comprar nada além de inhames.

V- Você também quer banana-pão? Você também quer safu? Qual você quer?

S- Sim, me dê duas pencas de banana-pão. Eu também quero um pouco de safu

MERCADO

O mercado do Príncipe abre todos os dias da semana. Para comprar peixe fresco, é preciso ir ao mercado bem cedo. Além de peixe, são vendidos legumes, frutas, temperos tradicionais, azeite de palma, etc. Há também roupas, materiais escolares, utensílios para cozinha e uma infinidade de outros produtos.

Além do mercado, há sempre pessoas vendendo peixe, pães e bolos pelas ruas da cidade. Em comparação a São Tomé, o mercado do Príncipe é pequeno e não tem tanta variedade. Mas há muitos produtos que não é preciso vender no mercado, como jiló, berinjela, fruta-pão, manjerição, noz de cola, entre outros, pois é mais fácil negociar uma troca com vizinhos e amigos.

4.3.3. Lição 3: Txi mêsê xina baya a?

TXI MÊSÊ XINA BAYA A?

Sabina- Mene, modi a? Sumana kwê bon da txi a?

2 Mene- Nha.

Sabina- Kumi txi we a?

4 Mene- Ami, sabudu, n xivi na loza, dya dimingu n we paa ki migu me.

Sabina- Txi xivi dya dimingu fa?

6 Mene- Ade ô. N xivi dya dimingu fô. Txi tava sêbê ô!

Sabina- Ade ô, n tava sêbê fô. Kwa ki txi fêzê na paa?

8 Mene- Pemya no tama banhu n'umwe, za no kume pôkô sadu i no tama minu ivin. Za no zunta we posan pidi no vya we uvôdu. No baya kizomba unôtxi tudu pe.

10 Sabina- Kyê! Fala fa! Owo pwê ope na peleja!

Mene- Kyê minu! No baya mutu. I a txi bê, kwa txi fêzê a?

12 Sabina- Ami, n we kaxi Luja. Sabudu no zunta fêzê bôlu. Dimingu n kume minu kwa-kwa ki Zuan.

14 Mene- Atxi, txi baya na sumana fa? Kidya txi baya a?

Sabina- Ami, n maxi sêbê baya uvungu afinaku fa.

16 Mene- Ine uvungu sê, ê tê tabwe di baya fa. Txi vya pixiza xina bayu.

Sabina- Baya da mi vogyan mutu, pidi ine Afika baya ki pasa.

18 Mene- Ade ô! Txi pixiza tê vogyan fa. Ami mesu ka xina txi ô. Txi mêsê xina ku ami a?

20 Sabina- Kêy! Txi ka xina mi a? Txi sa foga a? Ê setu a? N mêsê!

VOCABULÁRIO

Afika n. África**afikanu** adj. africano, a**banhu** n. banho**baya** v. dançar**bayu** n. dança**bôlu** n. bolo**bon** adv. bom, bem**dimingu** n. domingo**dya** n. dia**fala** v. falar**foga** v. brincar, folgar**ine** pro. 3PP.SUJ/OBJ/DES/POSS/OI**ivin** n. vinho**kêy** interj. nossa!**kizomba** n. kizomba**ku** prep. com (ku ami/ ku atxi)**kume** v. comer**kwa** n. coisa**kwê** v. correr**kidya** pro. quando**kyê** interj. nossa!**loza** n. loja, mercearia**Luja** n. Luzia**maxi...fa** adv. ainda não**mutu** adv. muito**mesu** adv. mesmo

mi pro. 1PS.OBJ	sadu adj. assado
migu n. amigo	setu adj. certo
minu n. criança, menino	sumana n. semana
minu adv. um pouco	tabwe n. trabalho
minu diminutivo	tava part. PASS
ope n. pé	tudu adv. tudo
owo pro. 2PP.SUJ/OBJ/DES/POSS	umwe n. mar
paa n. praia	unôtxi n. noite
pe ideo. tudo	uvôdu n. festa
peleja n. brincadeira	uvungu n. dança
pemya n., adv. manhã, de manhã	vogyen n. vergonha
pidi conj., prep. porque, por causa de	vya v. tornar-se
pixiza v. precisar	we v. ir
pôkô n. porco	xina v. ensinar, aprender
pôkô sadu n. carne assada, churrasco	xivi v. trabalhar, servir
posan n. cidade	za adv. já
pwê v. pôr	Zuan n. João
sabudu n. sábado	zunta v. juntar

4.3.3.1. Notas Gramaticais

Nesta lição, abordaremos novamente os pronomes pessoais. Falaremos também sobre as classes dos verbos e sobre o tempo passado. Além disso, veremos a preposição **ki**, a conjunção **pidi**, as construções seriais com o verbo **zunta**, o verbo **xina** ‘ensinar’ e ‘aprender’, o verbo **we** ‘ir’, a construção **maxi...fa** ‘ainda não’, a interjeição **kyê** e o advérbio **minu** ‘um pouco’.

I. Pronomes pessoais 3

Na lição 1, vimos a diferença entre pronome pessoal sujeito e pronome pessoal topicalizados. Há também uma diferença entre pronome sujeito e objeto, como em: **txi ka xina mi a?** ‘você me ensina?’/ **n ka xina txi.** ‘eu te ensino’. Podemos ver nestes exemplos que para a 1ª pessoa o **n** funciona como sujeito e o **mi** como objeto e para a 2ª pessoa o **txi** funciona como sujeito e objeto. Para a 3ª pessoa, temos **e** para sujeito e **li** para objeto, como em: **e ka xina mi a?** ‘ele me ensina?’/ **n ka xina li** ‘eu lhe ensino’.

Nesta lição, também aparecem pela primeira vez os pronomes de sujeito das pessoas do plural: **no** ‘nós’, **owo** ‘vocês’ e **ine** ‘eles’, como em: **no tama banhu na umwe** ‘tomamos banho no mar’, **owo baya** ‘vocês dançaram’ e **ine mêsê xina bayu** ‘eles querem aprender a dançar’.

		ARGUMENTO		NÃO ARGUMENTO	DESLOCADOS
SUJEITO		OBJETO DIRETO	OBJETO INDIRETO	ADJUNTO DO NOME - POSSESSIVOS	
1PS	n	mi	ami	me	ami
2PS	txi	txi	atxi	tê	atxi
3PS	ê	li			
1PP	no				
2PP	owo				
3PP	ine				

II. Classes de verbo⁹⁹

Em lung'le, os verbos são divididos em 3 classes. As duas primeiras já foram vistas na lição 1. Aqui aparece a terceira classe, pela primeira vez. As duas primeiras classes trazem verbos estativos e a terceira, verbos de ação. No entanto, não é possível determinar nenhuma diferença semântica entre as classes de verbos estativos, mas podemos observar que eles se comportam de maneira distinta, recebendo partículas de tempo-aspecto-modo diferentes (Maurer 2009).

a) TIPO ZERO-ESTATIVO

São os verbos estativos que não precisam de partículas de TMA para o não-passado. Alguns exemplos são: **sêbê** 'saber', **mêsê** 'querer'.

(57) N **mêsê** **urumu.**
 1PS.SUJ querer safu
 'Eu quero safu'.

(58) N **sêbê** **za.**
 1PS.SUJ saber já
 'Eu já sei'.

b) TIPO KA-ESTATIVO:

São os verbos estativos que levam **ka** como marca de não-passado. Alguns exemplos são: **podi** – **po** 'poder', **ta** 'estar'.

⁹⁹ Cf. Maurer 2009.

- (59) N **ka** **po** **fa.**
 1PS.SUJ N-PASS poder NEG
 ‘Eu não posso’.

c) AÇÃO

São verbos de ação todos aqueles que denotam algum tipo de movimento e dinamicidade. Alguns exemplos são: **xivi** ‘trabalhar’, **ve** ‘ver’, **baya** ‘dançar’.

- (60) N **xivi** **na** **loza.**
 1PS.SUJ trabalhar em loja
 ‘Eu trabalhei na loja’

- (61) N **ve** **txi.**
 1PS.SUJ ver 2PS.OBJ
 ‘Eu vi você.’

III. Passado

O passado perfectivo não é marcado para os verbos de ação, ou seja, a forma *default* desses verbos é o tempo passado.

- (62) N **xivi** **na** **loza.**
 1PS.SUJ trabalhar em loja
 ‘Eu trabalhei na loja’

- (63) **No** **tama banhu** **na** **umwe.**
 1PP.SUJ tomar banho em mar
 ‘Tomamos banho no mar’

	AÇÃO
PASSADO PERFECTIVO	-

IV. Preposição - ki

Nesta lição, o **ki** aparece com o valor da preposição ‘com’.

- (64) **N we paa ki migu me.**
 1PS.SUJ ir praia PREP.com amigo 1PS.POSS
 ‘Fui à praia com meu amigo’.

- (65) **N kume minu kwa-kwa ki Zuan.**
 1PS.SUJ comer um.pouco coisas PREP.com João
 ‘Comi umas coisinhas com o João’.

V. Conjunção - pidi

Pidi ‘porque’ é uma conjunção que denota causa. Temos, no diálogo:

- (66) **Baya da mi vogyan mutu, pidi ine**
 dançar dar 1PS.OBJ vergonha muito porque 3PP.SUJ
Afika baya ki pasa.
 África dançar REL passar
 ‘Dançar me dá muita vergonha, porque os africanos dançam muito bem’.

VI. Construções seriais com zunta¹⁰⁰

O verbo **zunta** ‘juntar’, quando usado em série com outro verbo, tem o sentido comitativo e significa ‘junto’. Primeiramente, vejamos um exemplo com esse verbo sem ser serial, com o sentido de ‘juntar’:

- (67) **N zunta kwa tudu pe.**
 1PS.SUJ juntar coisa tudo IDEO
 ‘Eu juntei todas as coisas’.

Agora, vejamos exemplos em que ele é serial:

- (68) **No zunta we posan.**
 1PP.SUJ juntar ir cidade
 ‘Nós fomos juntos para a cidade’.

¹⁰⁰ Maurer 2009: 118

- (69) **No zunta fêzê bôlu.**
 1PP.SUJ juntar fazer bolo
 ‘Nós fizemos bolo juntos’.

VII. Ensinar/Aprender

Em lung’Ie, usamos o verbo **xina** tanto para ‘ensinar’ como para ‘aprender’. O sentido do verbo é dado pelo contexto da situação:

- (70) **Txi mêsê xina?**
 2PS.SUJ querer ensinar/aprender
 ‘Você quer ensinar/aprender?’
- (71) **N xina lung’Ie.**
 1PS.SUJ ensinar/aprender lung’Ie
 ‘Eu ensinei/aprendi lung’Ie’.
- (72) **Txi xina lung’Ie.**
 2PS.SUJ ensinar/aprender lung’Ie
 ‘Você ensinou/aprendeu lung’Ie’.

No entanto, o verbo **xina** com sentido de ‘ensinar’ é transitivo direto, enquanto que com o sentido de ‘aprender’, este verbo é intransitivo. Dessa forma, quando dizemos que vamos ‘ensinar alguém’, e ‘aprender de alguém’, a primeira sentença não tem preposição enquanto a segunda recebe a preposição **ki/ku** ‘com’:

- (73) **Ami mesu ka xina txi ô.**
 1PS.DES mesmo FUT ensinar 2PS.OBJ ENF
 ‘Eu mesmo te ensinarei!’
- (74) **Ami ka xina ku atxi ô.**
 1PS.DES FUT aprender PREP.com 2PS.DAT ENF
 ‘Eu aprenderei com você!’

VIII. Verbo ir - we

O verbo **we** ‘ir’ aparece no diálogo nas seguintes sentenças:

- (75) N **we** **paa.**
 1PS.SUJ ir praia
 ‘Fui à praia’
- (76) **No** **we** **posan.**
 1PP.SUJ ir cidade
 ‘Fomos à cidade’
- (77) N **we** **kaxi.**
 1PS.SUJ ir casa
 ‘Fui para casa’

IX. Maxi...fa - ‘ainda não’

A expressão **maxi...fa** ‘ainda não’ (lit. ‘mais...não’) trata-se de uma expressão descontínua, em que **maxi** precede a marca de aspecto do verbo e **fa** aparece no final da sentença. É usada no texto em:

- (78) N **maxi** **sêbê** **baya** **uvungu** **afinaku** **fa.**
 1PS.SUJ ainda saber dançar dança africano NEG
 ‘Eu ainda não sei dançar danças africanas’
- (79) N **maxi** **ka** **po** **xina** **txi** **fa.**
 1PS.SUJ ainda N-PASS poder ensinar 2PS.OBJ NEG
 ‘Eu ainda não posso te ensinar’

X. Interjeição - kyê ‘Nossa!’

A interjeição que indica surpresa **kyê** aparece neste diálogo em:

- (80) **Kyê! Fala fa!**
 nossa falar NEG
 ‘Nossa! Não diga!’

- (81) **Kyê minu! No baya mutu.**
 nossa menina 1PP.SUJ dança muito
 ‘Nossa, menina! Dançamos muito!’

XI. Minu ‘um pouco’

O advérbio **minu**, que é também a palavra para ‘criança’ ou ‘pequeno’, pode também significar ‘um pouco’.

- (82) **No tama minu ivin.**
 3PP.SUJ tomar um.pouco vinho
 ‘Nós tomamos um pouco de vinho’

4.3.3.2. Vocabulário Temático – Meses e dias da semana

abili abril
agôxtô agosto
dezembu dezembro
dya-dimingu domingo
fêvêrêw fevereiro
janêw janeiro
julyu julho
junhu junho
kinta-fya quinta-feira
kwata-fya quarta-feira
masu março
mayu maio
novembu novembro
ô tubu outubro
sabudu sábado
sêgunda-fya segunda-feira
setembu setembro
sêxta-fya sexta-feira
tesa-fya terça-feira

4.3.3.3. Exercícios**1) Verta as seguintes frases para o lung'le**

- a) Ele me ensinou a dança africana.
- b) Nós queremos ir na casa da Luzia com vocês.
- c) Eles não têm vergonha.
- d) Você trabalha sábado e domingo?
- e) Ele fez um bolo.

2) Diga qual a classe de cada verbo nas sentenças a seguir (1 = zero-estativo, 2 = ka-estativo, 3 = ação) e traduza.

- a) No zunta we posan. ()
- b) Txi mêsê kume bolo a? ()
- c) Txi baya na sumana sê a? ()
- d) N podi baya uvungu afinaku. ()
- e) Sabudu no tama banhu na umuwe. ()
- f) Ami, n xivi sabudu na loza. ()
- g) Owo fêzê bolo da mi. ()
- h) N tê ko nho fa. ()
- i) Ê tava sêbê za. ()
- j) N sa ta na Pican. ()

3) Xipika na lung'le modi ki a ka ruma dêxa i vya kanta sa baya.**4) Konvesa ki migu tê na lung'le kwali ki sa kantxika ki bayu maxi doxi da txi.**

4.3.3.4. Kutwa - Kantxiga na lung'Ie¹⁰¹

KANTXIGA NA LUNG'IE

Kantxiga na lung'Ie no tê dêxa, vindix mininu, bayu nunxya ô vijyamentu. No vya tê kantxiga ôtô isê na lung'Ie ma fa: dansu kongô, bulawê, puyta, sokope, tudu pe ki Santome i txyabeta ki Ukabu Vêdê.

Dêxa sê ê bayu ùa na dina tempu pimyo ê bayu maxi segwadu di Ie ki dinora minu Ie so ki tava sa baya. I dêxa dinora a tava sa baya li na sobadu kaxi nixima i era bayu ùa ki txinha kunvitxi ki konfarya. I no vya tê uvôdu sôkô ki n'êli mesu a sa baya dêxa. I txyan di ine bayu sê no txinha tôleja, mbêrêrê, lipeta. Ine têêxi sê kaba za. Uniku ki fika wo sê ê dêxa ki vindix mininu ki bayu nunxya.

Dêxa, bayu sê ê axi: minu mye ka bixi seya ki kimoni ô buluza, ulensu baanku ô kô ôtô i minu omi ka bixi kalisan ope, palito ki kazaku. I na bayu a ka da roda za na toki tambô ki koneta za gatxya ka bota, rextu ningê tudu ka kudi ka sa baya komesa na kutu ka xyê we metedi sala sapatxya kêtê za vya vika txya ningê ôtô na zuntu sê we fêzê kwisê mesu ten kabamentu. Za xi kantxiga munda ki ningê ùa na metedi sala, ningê sê êli ki tê di bota kantxiga pa vya tan roda.

Vindix mininu ê bayu fa. Ê manxa ùa ki a ka xyê vêsê ùa pô anu ki ê dya trinta i ùa di dezembu ki sa fêzê wêtu dya ki mininu Jezu nasê. Ê ta modi vijyamentu. Na vindix mininu omi ki sa bota kantxiga na lung'Ie za pa gupu entê mye ki omi kudi. Ê bê ka toka ki tambô ki koneta. A ka xyê li manxa sê na mê unôtxi di dya trinta i ùa komesandu na poto ximintew dêsê vika munda kêtê na poto gêêza fêzê bigasan za xyê we poto govenu we da bon fexta, za na nixi êli vindix mininu ka fika toka ningê tudu.

Bayu nunxya bê ê bayu ùa ki a ka baya na vijyamentu. A ka ruma li dina tadi patxya êli ki ka ruma kama anzu ki nasê i vijyamentu sê ê na wêtu dya ki ka fêzê anzu ki nasê na kaxi. Ora kwa tudu pe paryadu za a ka wada na banda dexi ora di unôtxi ki ugalu ka kanta pimyo vêsê di unôtxi, êli ki a ka saliva na vijyamentu ki gupu bayu nunxya i tudu pe na lung'Ie. A ka kanta vya baya tudu pe na modi di dêxa.

¹⁰¹ Texto de Manuel Salomé.

COMPREENSÃO DO TEXTO

- 1) **Qual é a dança mais tradicional do Príncipe?**
- 2) **O que é o vijyamentu?**
- 3) **Como funciona a dêxa?**

VOCABULÁRIO

anzu n. anjo
baanku adj. branco
banda n. banda musical
bayu nunxya n. festa tradicional
bigasan n. obrigação
bixi v. vestir
bulawê n. tipo de dança
buluza n. blusa
dansu kongô n. tipo de dança
dêxa n. tipo de dança
dexi num. dez
dezembu n. dezembro
fexta n. festa
gatxya n. voz principal
gêêza n. igreja
gupu n. grupo
jezu ant. Jesus
kabamentu n. fim
kalisan n. calção
kama n. cama
kanta v. cantar
kantxiga n. cantiga
kazaku n. casaco
kimoni n. blusa tradicional de manga comprida e cinta usada com saia
komesandu v. começando
koneta n. corneta
konfarya n. confraria
kunvitxi n. convite
kutu n. parte
lipeta n. tipo de dança
manxa n. marcha
mbêrêrê n. tipo de dança

mê v. querer
mundya v. parar
nêli pro. nele, nela
nixi adv. aqui
nixima prep. sobre
palito n. paletó
paryadu adj. pareado
patxya n. parteira
poto n. porta
puyta n. tipo de dança
roda n. roda
ruma v. arrumar
sala n. sala
saliva v. dar início
sapatxya v. sapatear
segwadu adj. tradicional, seguro
seya n. saia
sobadu n. casa de dois andares
sôkô n. Nossa Senhora do Socorro
sokope n. tipo de dança
tambô n. tambor
toki n. toque
tôlôja n. tipo de dança
trinta num. trinta
txyabeta n. tipo de dança
ugalu n. galo
ulensu n. lenço
uniku adj. único
vêsê n. vez
vijyamentu n. festa tradicional
vindix mininu n. festa tradicional
ximintew n. cemitério

4.3.3.5. Traduções

VOCÊ QUER DANÇAR?

S- Como vai, Manuel? Passou bem o final de semana?

M- Sim, com certeza.

S- Onde você foi?

M- Eu, no sábado eu trabalhei na mercearia e no domingo fui à praia com meu amigo.

S- O que você fez na praia?

M- De manhã tomamos banho no mar e depois comemos churrasco e tomamos cerveja. Depois, voltamos para cidade juntos, pois tinha festa na danceteria. Dançamos kizomba a noite toda.

S- Vocês se divertiram bastante!

M- É, foi muito legal. E você, o que fez?

S- Eu, eu fui para casa da Luzia no sábado e nós fizemos um bolo juntas. No domingo almocei com o João.

M- Você nem dançou nesse final de semana?

S- Eu ainda não aprendi a dançar as danças africanas.

M- Essas danças não são difíceis de aprender. Você precisa aprender a dançar!

S- Mas eu tenho muita vergonha, porque os africanos sabem dançar muito bem.

M- Não! Não precisa ter vergonha! Eu mesmo vou te ensinar! Você quer aprender comigo?

S- Verdade? É claro que eu quero!

MÚSICA EM LUNG'IE

As danças e músicas tradicionais do Príncipe em lung'ie são a **dêxa**, **vindix mininu**, **bayu nunxya** e **vijyamentu**. Há outras danças e músicas de São Tomé e Príncipe que não são em lung'ie, como o **dansu kongô**, **bulawê**, **puyta**, **sokope**, todas de São Tomé e a **txyabeta**, de Cabo Verde.

A dança **dêxa** é muito antiga e é a mais tradicional do Príncipe. Antigamente, só os principenses a dançavam. E quando as pessoas dançavam nas casas, antigamente, precisava de convite e tudo. Há também a Festa do Socorro, onde se dança **dêxa**. Além dessas, existia também a **tôlôja**, **mbêrêrê**, **lipeta**, que já não existem mais. As únicas que ficaram até hoje são a **dêxa**, **vindix mininu** e **bayu num xyá**.

A dança **dêxa** é assim: as mulheres vestem saia com **kimoni** ou blusa, lenço branco ou de outra cor e os homens vestem calça, paletó e casaco. Durante a dança, eles rodam ao toque do tambor e da corneta quando começa a primeira voz. As outras pessoas respondem em coro e dançam até a metade da roda, sapateando um pouco, voltam e tiram outra pessoa para ir fazer o mesmo até acabar toda a roda. Se a música parar, a pessoa que está no meio da roda deve começar a cantar a próxima canção.

Já **vindix mininu** não é uma dança. É uma marcha que se faz uma vez por ano no dia trinta e um de dezembro, quando faz oito dias que o menino Jesus nasceu. É como o **vijyamentu**. No **vindix mininu**, um homem começa a música em lung'le para o grupo de mulheres e homens responderem em coro. Também se toca tambor e corneta. Saem nesta marcha à meia noite do dia trinta e um, começando na porta do cemitério e descendo até parar na porta da igreja, onde se fazem orações. Depois, vão até a porta do governo para fazer a grande festa.

O **bayu nunxya** é uma dança que ocorre no **vijyamentu**. A dança é feita no início da tarde, no oitavo dia do nascimento de um bebê em casa. Quando tudo está pronto, as pessoas esperam o galo cantar pela primeira vez por volta das dez horas da noite, para então dar início ao **vijyamentu** com o grupo de **bayu nunxya** cantando em lung'le. Cantam e dançam como a **dêxa**.

4.3.4. Lição 4: Txi ka fala fansêji a?

TXI KA FALA FANSÊJI A?

- Mene- Sabina, n tê kwa ùa pa n fa txi.
- 2 Sabina- Ê kwêsa?
- Mene- N mêsê we xikola na xtangêw. Pidixi n mêsê pa txi da mi zuda.
- 4 Sabina- Nha, n ka zuda txi. N fala, kumi txi mêsê we?
- Mene- N mêsê we Ukabu-Vêdê ô Gaban.
- 6 Sabina- Txi sêbê fala ki lunge a? Txi ka fala fansêji a?
- Mene- N sêbê fala putugêzê ki lung'le ki minu fôrô.
- 8 Sabina- Txi sêbê fala fansêji a?
- Mene- Ade ô. N sa fala fansêji fa.
- 10 Sabina- Txi sêbê fansêji fa, modi txi ka we Gaban a?
- Mene- N mêsê xina fala fansêji. N ka gogo di lunge fansêji mutu. N we xikola
- 12 maji n kaba di xina fa. Txi ka po zuda mi a?
- Sabina- Êê. Xi txi mêsê, n ka po zuda txi. Txi ka po xina fansêji xinxa pidi ê
- 14 vya tê palava modi putugêzê, modi lung'le, modi fôrô. Xi txi xina fansêji, txi po we xikola Gaban.
- 16 Mene- I lunge ingêxi a? N bê ka po xina xinxa? N sa gogo di ingêxi montxi fa pidi ê tê tabwe mutu.
- 18 Sabina- Lunge ingêxi ê tê maxi tabwe pasa fansêji. Ê difêrentxi pasa lung'le.
- Mene- Dya ùa n we kume na kaxi amerikanu ùa, migu me, n tendê li sa palixa
- 20 ingêxi. N tendê ko nho ki êli fala fa. Lunge ingêxi ê tê tabwe mutu.
- Sabina- Txi mêsê xina ingêxi fa?
- 22 Mene- Ami, n mêsê xina fansêji ki ingêxi.
- Sabina- Ê sa ke da txi tabwe mutu na uê!
- 24 Mene- N vya ke xivi mutu pô kusê. Za pa n we Gaban ki Merica.

VOCABULÁRIO

amerikanu adj. americano

difêrentxi adj. diferente

êli pro. 3PS.DES

fala v. falar

fansêji n. francês

fôrô n. forro (grupo étnico de São Tomé)

Gaban topo. Gabão

gogo v. gostar

ingêxi n. inglês

kaba v. acabar

Ukabu-Vêdê topo. Cabo Verde

ke red. de **ka** + **we**

lunge n. língua

lung'le n. lung'le (lit. língua da Ilha)

maji conj. mas	po v. poder, redução de podí
maxi adv. mais	putugêzê n. português
Merica topo. Estados Unidos, América, Américas	xtangêw n. estrangeiro
montxi adv. muito	tendê v. entender, ouvir
nho adv. nada	uê n. olho
pa conj. para	xi conj., prep. se, sem
palava n. palavra	xikola n. escola
palixa n. conversar (íntimo)	xinxan adv. rapidamente
pidixi conj., prep. porque, por causa de	zuda v. ajuda

4.3.4.1. Notas Gramaticais

Nesta lição, falaremos sobre os pronomes pessoais, o aspecto habitual e o tempo futuro. Veremos também as conjunções **xi**, **maji** e **pa**, além da aglutinação **ka + we** e o comparativo **pasa**.

I. Pronomes pessoais 4

Nesta lição, aparece pela primeira vez o pronome topicalizados de 3ª pessoa do singular **êli**.

- (83) **Êli** **ki** **migu** **me** **baya** **ontxi**.
 3PS.DES CONJ amigo 1PS.POSS dançar ontem
 ‘Ela e meu amigo dançaram ontem’
- (84) **Ami** **ki** **êli** **we** **posan**.
 1PS.DES CONJ 3PS.DAT ir cidade
 ‘Eu e ele fomos à cidade’.
- (85) **N** **tendê** **ko** **nho** **ki** **êli**
 1PS.SUJ entender coisa nenhuma REL 2PS.DAT
fala **fa**.
 falar NEG.
 ‘Eu não entendi nada que ele falou’.

Assim, o quadro pronominal que temos até agora é este:

		ARGUMENTO		NÃO ARGUMENTO	DESLOCADOS
SUJEITO		OBJETO DIRETO	OBJETO INDIRETO	ADJUNTO DO NOME - POSSESSIVOS	
1PS	n	mi	ami	me	ami
2PS	txi	txi	atxi	tê	atxi
3PS	e	li	êli		êli
1PP	no				
2PP	owo				
3PP	ine				

II. Aspecto habitual 1

O aspecto habitual é utilizado quando queremos falar sobre alguma coisa que fazemos habitualmente, constantemente, ou que não muda. O aspecto habitual é feito da seguinte maneira para verbos de ação.

a) SE A SENTENÇA TROUXER UM VERBO DE AÇÃO, TEREMOS **KA** EM SENTENÇA AFIRMATIVA E **SA** EM SENTENÇA NEGATIVA.

(86) N **ka** **xina** **fôrô.**
 1PS.SUJ HAB ensinar santome
 'Eu ensino santome'.

(87) N **sa** **xina** **fôrô** **fa.**
 1PS.SUJ HAB ensinar santome NEG
 'Eu não ensino santome'./'Eu não aprendo santome'.

Dessa forma, podemos construir o seguinte paradigma para o aspecto habitual:

	AÇÃO
HABITUAL	ka/sa

Os verbos de estado não possuem aspecto habitual por não denotarem uma ação. Nesta lição vemos os verbos de estado no não-passado. O não-passado não é marcado nestes verbos:

a) SE O VERBO DA SENTENÇA FOR DO TIPO *ZERO-ESTATIVO*, ESTA SENTENÇA NÃO RECEBERÁ MARCAÇÃO.

(88) N **mêsê we** **Ukabu-Vêdê** **ô** **Gaban.**
 1PS.SUJ querer ir Cabo.Verde ou Gabão
 ‘Eu quero ir a Cabo Verde ou Gabão’.

(89) N **sêbê fala** **putugêzê** **ki** **lung’Ie** **ki**
 1PS.SUJ saber falar português e lung’Ie e
minu **fôrô.**
 um.pouco forro
 ‘Eu sei falar português, lung’Ie e um pouco de santome’.

b) SE O VERBO FOR DO TIPO *KA-ESTATIVO*, TEREMOS **KA** EM SENTENÇA AFIRMATIVA E **SA** EM SENTENÇA NEGATIVA.

(90) N **ka** **podi fala** **lung’Ie.**
 1PS.SUJ N-PASS poder falar lung’Ie
 ‘Eu posso falar lung’Ie’.

(91) N **sa** **podi fala** **fansêji** **fa.**
 1PS.SUJ N-PASS poder falar francês NEG
 ‘Eu não posso falar francês’.

III. Txi ka po

Nesta lição, aparece na expressão **txi ka po** ‘você pode/poderá’. O verbo **po** ‘poder’ é um verbo auxiliar do tipo *ka-estativo* e, para este tipo de verbo, utilizamos como marca de não-passado **ka** para a sentença afirmativa e com **sa** para a negativa.

(92) **Txi ka po xina fansêji xinxa.**
 2PS.SUJ N-PASS poder aprender francês rapidamente
 ‘Você poderá aprender francês rapidamente’.

(93) **Txi sa po xina fansêji xinxa fa.**
 2PS.SUJ N-PASS poder aprender francês rapidamente NEG
 ‘Você não poderá aprender francês rapidamente’.

TIPO KA-ESTATIVO	
NÃO-PASSADO	ka/sa

IV. Conjunção - xi

A conjunção **xi** ‘se’ exprime condição. É usada para introduzir orações subordinadas condicionais e aparece sempre no início dessas orações, que podem anteceder ou preceder a oração principal.

(94) **Xi txi mêsê, n ka po**
 CONJ.se 2PS.SUJ querer 1PS.SUJ N-PASS poder
zuda txi.
 ajudar 2PS.OBJ
 ‘Se você quiser, eu posso te ajudar’.

(95) **N ka po zuda txi, xi txi**
 1PS.SUJ FUT poder ajudar 2PS.OBJ CONJ.se 2PS.SUJ
mêsê.
 querer
 ‘Eu poderei te ajudar, se você quiser’.

(96) **Xi txi xina fansêji, txi**
 CONJ.se 2PS.SUJ aprender francês 2PS.SUJ
po we xikola Gaban.
 poder ir escola Gabão
 ‘Se você aprender francês, poderá ir estudar no Gabão’.

- (97) **Txi ka po we xikola Gaban , xi**
 2PS.SUJ FUT poder ir escola Gabão CONJ.se
txi xina fansêji.
 2PS.SUJ aprender francês
 ‘Você poderá ir estudar no Gabão, se aprender francês’.

V. Aglutinação - ka + we

Quando a marca de aspecto **ka** precede o verbo **we** ‘ir’, temos a aglutinação **ke**¹⁰². No texto, temos a expressão **sa ke**, que indica um futuro próximo:

- (98) **Ê sa ke da txi tabwe.**
 3PS.SUJ PROG ir.FUT dar 2PS.OBJ trabalho
 ‘Isso vai te dar trabalho’

Mais adiante, veremos esta construção com mais detalhes.

VI. Conjunção - maji

Maji é uma conjunção adversativa. Significa ‘mas’, ‘no entanto’ e introduz uma sentença coordenada adversativa. No texto, aparece em:

- (99) **N we xikola maji n kaba**
 1PS.SUJ ir escola CONJ.mas 1PS.SUJ acabar
di xina fa.
 PREP.de aprender NEG
 ‘Eu fui para a escola, mas eu não aprendi tudo’.

VII. Comparativo - pasa

Para fazer uma comparação, utilizamos o verbo **pasa** ‘passar, exceder’. Temos, para uma construção do tipo **X Y pasa Z**, que X é mais Y do que Z, como em:

- (100) **Luja maxi gaavi pasa Maa.**
 X Y Z
 Luzia mais bonito COMP Maria
 ‘A Luzia é mais bonita que a Maria’ (lit. ‘mais bonita, passa a Maria’).

¹⁰² Maurer (2009: 69).

No diálogo temos:

- (101) **Lunge ingêxi ê tê tabwe pasa fansêji.**
 língua inglês 3PS.SUJ tem trabalho COMP francês
 ‘A língua inglesa dá mais trabalho que a francesa’ (lit. ‘dá mais trabalho, passa a língua francesa’).

- (102) **Ê difêrentxi pasa lung’le.**
 3PS.SUJ diferente COMP lung’le
 ‘Ela é mais diferente que lung’le’ (lit. ‘mais diferente, passa lung’le’).

VIII. Conjunção - pa

A conjunção **pa** significa ‘para’.

- (103) **Kumê sê ê pa txi kume.**
 comida este 3PS.SUJ CONJ.para 2PS.SUJ comer
 ‘Esta comida é para você comer’

Pode iniciar uma oração subordinada que indica a finalidade da oração principal:

- (104) **N tê kwa ũa pa n fa**
 1PS.SUJ ter coisa DET CONJ.para 1PS.SUJ falar
txi.
 2PS.OBJ
 ‘Eu tenho uma coisa para te falar’.

- (105) **N tê ko nho pa fêzê fa.**
 1PS.SUJ ter coisa nada CONJ.para fazer NEG
 ‘Eu não tenho nada para fazer’.

4.3.4.2. Vocabulário Temático – Verbos de ação 1

alikansa Alcançar	kupa Culpar
baa Brilhar	lolo Lamber
baga Trocar dinheiro	manga Troçar
barwa Esconder	menda Emendar
basa Abaixar	mina Escorrer
batê Bater	montxya Caçar
baya Dançar	môxê Misturar
bêbê Beber	ndika Indicar
bera Berrar	pega Pregar
beza Beijar	poda Perdoar
biga Brigar	poxta Apostar
bii Abrir	poya Apoiar
bixi Vestir	pyoro Piorar
boka Derramar	reda Herdar
bôlô Esfregar	refoga Refogar
buli Mexer	remedya Remediar
dana Estragar	rêpendê Arrepender
dêvê Dever	reza Rezar
disa Deixar	rota Estragar
gajiga Engasgar	saka Vomitar
gansa Agarrar	sakapuli Escapar
juga Julgar	santa Alisar
kansa Repousar	tama Tomar
konvêsê Convencer	tempa Preparar comida
kopya Copiar	tolo Beliscar
kudi Responder	tono Beliscar
kunu Amarrar	

4.3.4.3. Exercícios**1) Verta para o lung'le.**

- a) Ele, ele fala francês.
- b) Eu não gosto muito de francês, mas eu sei falar.
- c) Se ele quiser, eu posso lhe ajudar.
- d) Eu não entendo inglês. Não entendi nada que ele falou.
- e) A Sabrina sabe falar português e um pouco de lung'le.

2) Complete as sentenças com o aspecto habitual para os verbos de ação e com o não-passado para os verbos de zero-estativo e diga qual a classe dos verbos em cada sentença.

- a) N ____ sêbê fala lung'le. ()
- b) Ê ____ tê migu amêrikanu. ()
- c) N ____ we xikola na Baji. ()
- d) N ____ gogo di fansêji fa. ()
- e) Sabina ____ we xikola na le fa. ()
- f) Txi ____ gogo di ingêxi? ()
- g) Ami, n ____ podi fala lung'le fa. ()
- h) Mene ____ sêbê ko nho fa. ()
- i) Owo ____ tê vogyan a? ()
- j) Ine ____ xina baya semana tudo pe. ()
- k) Txi ____ xivi na loza a? ()
- l) Ê ____ sêbê fala putugêzê. ()
- m) Ine ____ podi xina lung'le da txi. ()
- n) N ____ mêsê xina uvungu afinaku. ()
- o) Owo ____ xivi sabudu a? ()
- p) Mene ____ mêsê we xikola na Gaban. ()

3) Fala da no modi ki a na kumba sê di xina lung'le ki Govenu Rêginali sa fêzê a?**4) Xikêvê na lung'le modi i kumi ki jerasan tê vika fo, ente mwin tê, pwe tê, nani tê, pwe gaani tê. Pa txi fêzê ine kuisê txi ka po pidi ine familya tê maxi taamwin ki pôfêsôrô tê pa ine zuda txi.**

4.3.4.4. Kutwa - Lunge faladu na santome ki Ie¹⁰³

LUNGE FALADU NA SANTOME KI IE

Lunge ki a sa fala na Santome ki Ie pô xikêvê na pepelu i da dixkusu ê lunge putugêzê. No tê lung'Ie, lunge santome (fôrô), lunge ngola ki lunge Ukabu Vêdê. Lunge Ukabu Vêdê ê lunge ũa ki ningê mutu di Ie sa fala tandu na minu kêtê da ningê-taamwin maxi za na oso rôpê, pidi ine zuntadu ki ine desendentxi Ukabu Vêdê ki vika fo.

Dina dôsu mili nove, a sa xina lung'Ie pa ine minu kêtê na xikola tandu na pimarya da dexima pimyo kaaxi ki sêy pôfêsôrô so. Isê pojetu ũa ki govenu Ie tê di fêzê pa lung'Ie pêdê fa. Govenu vya tê pogama na radio rejyonali di fala lung'Ie. Govenu vya tê pojetu ôtô di xina kuxi kumê Ie.

Na xikola a bê sa xina ine minu kêtê na setxima kaaxi pô dyentxi lunge fansêji ki ingêxi, pidi no sa petu ki Gaban, Kamaan, Nijya i ki te ôtô vya ki ka fala ine lunge sê.

COMPREENSÃO DO TEXTO

- 1) **Que línguas são faladas em São Tomé e Príncipe?**
- 2) **O que tem sido feita para que o lung'Ie não desapareça?**

VOCABULÁRIO

desendentxi n. descendente
dixkusu n. discurso
fôrô n. forro, santome
kumê n. comida
kuxi v. cozinhar
ngola n. angular
Nijya topo. Nigéria
nove num. nove
pêdê v. perder
pepelu n. papel
pimarya n. escola primária
pôfêsôrô n. professor
pogama n. programa

¹⁰³ Texto de Manuel Salomé.

pojetu n. projeto

radio n. rádio

rôpê n. europeu, branco

tandu prep. desde

4.3.4.5. Traduções

VOCÊ FALA FRANCÊS?

M- Sabina, preciso conversar com você.

S- Sobre o quê?

M- Quero ir estudar fora do Príncipe. Por isso, preciso que você me ajude a estudar.

S- Claro que eu te ajudo. Mas para onde você quer ir?

M- Para Cabo Verde ou para o Gabão.

S- Que línguas você fala? Você fala francês?

M- Eu sei falar português, lung'le e um pouco de forro.

S- Você sabe falar francês?

M- Não, não sei falar francês.

S- Se você não sabe falar francês, como irá para o Gabão?

M- Eu quero aprender francês. Estudei um pouco na escola, mas não aprendi bem. Você me ajuda?

S- Claro. Você pode aprender francês rapidamente, pois é muito parecido com o português, com o lung'le e com o forro. Se você aprender francês, poderá ir estudar no Gabão.

M- E o inglês? Posso aprender rapidamente também? Eu não gosto muito de inglês porque é difícil de aprender.

S- O inglês é mais difícil porque tem muitas palavras diferentes do lung'le.

M- Outro dia, fui almoçar na casa de um amigo americano e ouvi-o falando no telefone, em inglês. Eu não entendi nada. Acho que o inglês é realmente muito difícil.

S- Então você não quer aprender inglês?

M- Eu quero aprender francês e inglês.

S- Você terá muito trabalho pela frente.

M- Vou trabalhar bastante para isso! E depois posso ir para o Gabão e para os Estados Unidos!

LÍNGUAS FALADAS EM STP

A língua oficial de São Tomé e Príncipe é o português. No arquipélago, são faladas quatro línguas crioulas: o **santome** (ou forro, ou são-tomense), o angolar, o lung'le e o kabuverdianu. O crioulo de Cabo Verde, kabuverdianu, é muito falado no Príncipe, devido ao grande número de imigrantes e descendentes caboverdianos.

Desde 2009, o lung'le é ensinado nas escolas do Príncipe em um projeto de incentivo à cultura do Governo Regional do Príncipe, mas há apenas seis professores. Esse é um projeto que o Governo Regional precisa fazer para que o lung'le não desapareça. O Governo também incluiu um programa na rádio em lung'le e o projeto de ensinar as comidas tradicionais do Príncipe.

Na escola, as crianças têm também aulas de inglês e de francês, devido à proximidade com o Gabão, Camarões, Nigéria e com outros países francófonos e anglófonos.

4.3.5. Lição 5: N mêsê we uvodu

N MÊSÊ WE UVODU

Luja- Bô tadi ô!

2 **Sabina- Bô tadi Luja.**

Luja- Pya, n kopa bela da mi da txi.

4 **Sabina- Dêsu paga txi da mi ô!**

Luja- Sabina, tendê. Ontxi no fala na txi.

6 **Sabina- Owo fala na mi a? Atxi ki ningê a? N sêbê txi ka konta ontxi fa.**

Luja- Ami ki Zuan. Êli we na kaxi me.

8 **Sabina- Pidi kwê manda? Ki owo konvesa?**

Luja- Txi sa ta na kaxi tê atxi so. Axi bon fa. Txi ka pudya we uvôdu we foga kêtê.

10 **Txi divya poveta Ie. Zuan fala ya 'n mêsê we uvôdu ki Sabina'. Txi mêsê we a?**

12 **Sabina- Xi owo we, n bê ka we. Maxi n sa ke xi owo fa!**

Luja- No konvesa za ô! I Mene, txi sa ke fala li pa ê baya ku atxi fa?

14 **Sabina- Nha. N sa ke sama li na telefoni.**

(na telefoni)

16 **Sabina- Mene, ami ki Luja ki Zuan, no we uvôdu. Txi bê mêsê we ki no a?**

Mene- Pô mi sa da fa. N sa po xyê fa.

18 **Sabina- Pidi kwêsa? Kwêsa ki da? Txi sa dwintxi a?**

Mene- Ami? Ade ô, n sa dwintxi fa. Uman dudi sa ke zubian fa!

20 **Sabina- Kwêsa¹⁰⁴!**

¹⁰⁴ Esta palavra significa literalmente 'o quê?', mas é utilizada aqui como expressão de espanto.

VOCABULÁRIO

axi adv. assim	ontxi adv. ontem
bela n. berla	poveta v. aproveitar
divya v. dever (FUT.PASS)	pudya v. poder FUT.PASS
dudi adv. vazio, sem motivo	sama v. chamar, chamar-se
dwintxi adj. doente	so adv. somente
Ie n. ilha, Príncipe	telefoni n. telefone
kêtê adj. pequeno	uman n. mão
konta v. contar	xyê v. sair
konvesa v. conversar	ya prep., comp. que
kopa v. comprar	zubian n. bolso
manda v. mandar	

4.3.5.1. Notas Gramaticais

Nesta lição, abordaremos o modo epistêmico. Veremos também alguns pronomes pessoais das pessoas do plural, as preposições **xi** e **na**, além do discurso direto, da interrogativa **pidi kwê manda** ‘por quê?’ e do adjetivo/advérbio **kêtê**.

I. Pronomes pessoais 5

Nesta lição, veremos os pronomes pessoais plurais objeto de 1ª pessoa **no**, de 2ª pessoa **owo** e de 3ª pessoa **ine** e topicalizados de 1ª pessoa **no**, de 2ª pessoa **owo** e de 3ª pessoa **ine**.

(106) **Txi** **vê** **no.**
 2PS.SUJ ver 1PP.OBJ
 ‘Você nos viu.’

(107) **Ê** **xina** **owo.**
 3PS.SUJ ensinar 2PP.OBJ
 ‘Ele ensinou a vocês’

(108) **Txi** **sama** **ine** **a?**
 2PS.SUJ chamar 3PP.OBJ INT
 ‘Você os chamou?’

(109) **N we paa ki ine.**
 1PS.SUJ ir praia CONJ.e 3PP.DAT
 ‘Eu fui à praia com eles’.

(110) **N mêsê we uvodu ki owo.**
 1PS.SUJ querer ir festa CONJ 2PP.DAT
 ‘Eu quero ir à festa com vocês’.

(111) **Txi ka we paa ki no a?**
 2PP.SUJ FUT ir praia CONJ 1PP.DAT INT
 ‘Você quer ir à praia conosco?’

Os pronomes deslocados **atxi** e **ami** aparecem novamente isolado nesta lição:

(112) **Atxi ki ami.**
 2PS.DES CONJ.e 1PP.DES
 ‘Eu e você’.

(113) **Ami ki Zuan.**
 1PS.DES CONJ.e João
 ‘Eu e João’.

Dessa maneira, o quadro atualizado dos pronomes fica da seguinte maneira:

		ARGUMENTO		NÃO ARGUMENTO	DESLOCADOS
SUJEITO		OBJETO DIRETO	OBJETO INDIRETO	ADJUNTO DO NOME - POSSESSIVOS	
1PS	n	mi	ami	me	ami
2PS	txi	txi	atxi	tê	atxi
3PS	e	li	êli		êli
1PP	no	no	no		no
2PP	owo	owo	owo		owo
3PP	ine	ine	ine		ine

II. Modo epistêmico 1

A marca de modo **ka** é usada em construções epistêmicas, ou seja, quando é expresso um evento ou situação que não aconteceu, mas poderia ter acontecido. Essa marca precede o verbo.

(114) N **sêbê** **txi** **ka** **konta** **ontxi** **fa.**
 1PS.SUJ saber 2PS.SUJ EPIS contar ontem NEG
 ‘Eu não sabia que vocês iam se encontrar ontem’.

(115) N **mêsê** **pa** **txi** **ka** **fêzê**
 1PS.SUJ querer CONJ.para 2PS.SUJ EPIS fazer
kumê **fa.**
 comida NEG
 ‘Eu não queria que você fizesse comida’.

Encontramos em lung’le formas fossilizadas do futuro do pretérito do português. São elas **pudya** ‘poderia’ e **divya** ‘deveria’. Apesar desta desinência **-ya** não ser produtiva no lung’le moderno, estas duas formas carregam a carga semântica de futuro do pretérito e são amplamente usadas em construções epistêmicas:

(116) **Txi** **ka** **pudya** **we** **uvôdu.**
 2PS.SUJ EPIS poder.FUT.PASS ir festa
 ‘Você poderia ir para a festa’

III. Discurso direto

O discurso direto é introduzido pela partícula **ya**, como podemos observar no exemplo a seguir:

- (117) **Zuan fala ya 'n mêsê we uvôdu**
 João falar QUOT 1PS.SUJ querer ir festa
ki Sabina'.
 PREP.com Sabrina
 'João disse: Eu quero ir para a festa com Sabrina'

IV. Preposição - xi

A preposição **xi** 'sem' denota subtração ou ausência, relacionando dois termos de uma oração. No texto, ela aparece em:

- (118) **N sa ke xi owo fa.**
 1PS.SUJ PROG ir.FUT PREP.sem 2PP.DAT NEG
 'Eu não vou sem vocês'

V. Preposição - na

Na é a preposição que indica lugar ou posição. Aqui estão alguns exemplos, que já apareceram nos textos:

- (119) **No sa lala na zuda Dêsu.**
 1PP.SUJ COP lá PREP.em ajuda Deus
 'Estamos (bem) com a ajuda de Deus'

- (120) **N xivi na loza.**
 1PS.SUJ trabalhar PREP.em loja
 'Trabalhei na loja'

- (121) **No tama banhu na umwe.**
 1PP.SUJ tomar banho PREP.em mar
 'Tomamos banho no mar'

E os que aparecem nesta lição:

- (122) **No** **fala** **na** **atxi.**
 1PP.SUJ falar PREP.em 2PS.DAT
 ‘Falamos sobre você’
- (123) **Êli** **we** **na** **kaxi** **me.**
 3PS.SUJ ir PREP.em casa 1PS.POSS
 ‘Ele foi à minha casa’
- (124) **N** **sa** **ke** **sama** **li** **na**
 1PS.SUJ PROG ir.FUT chamar 3PS.OBJ PREP.em
telefoni.
 telefone
 ‘Vou ligar para ele’ (lit. ‘Vou chamá-lo ao telefone)

VI. Pidi kwê manda?/ Pidi kwêsa?

Como já vimos na Lição 3, **pidi** significa ‘porque, por causa de’ e pode significar ‘pedir’ também. Agora veremos outras duas maneiras de fazer construções interrogativas de causa: as locuções interrogativas - **pidi kwê manda?** (lit. ‘por que o quê mandou?’) e **pidi kwêsa** (lit. ‘por que o quê?’).

VII. Kêê

A palavra **kêê** pode ser usada como adjetivo, significando ‘pequeno’ e como advérbio ‘um pouco’. No primeiro caso **kêê** aparece depois do nome que qualifica e no segundo caso, depois do verbo da oração.

- (125) **N** **vê** **minu** **kêê** **na** **kaxi.**
 1PS.SUJ ver criança pequeno PREP.em casa
 ‘Eu vi a criança pequena na casa’.
- (126) **Txi** **we** **foga** **kêê.**
 2PS.SUJ ir descansar um.pouco
 ‘Você foi descansar um pouco’.

No segundo caso, temos também **kêê-kêê** que é um advérbio e significa ‘pouco a pouco’ ou ‘um pouco’. Nesse caso, aparece no final da oração.

(127) N sa fala lung'le kêtê-kêtê
1PS.SUJ PROG falar lung'le pouco.a.pouco
'Eu estou falando lung'le pouco a pouco'.

4.3.5.2. Vocabulário Temático – Verbos estativos (Maurer 2009: 72)

goxta di gostar
kêê acreditar, crer
konsê conhecer
kuxta custar
mêrêsê merecer
mêsê querer, amar
podî poder
sa ser, estar
sêbê saber
tê ter
gogo gostar
kuda pensar
mendu ter medo
parêsê parecer
sama chamar-se
ta ficar, viver
valê valer

4.3.5.3. Exercícios**1) Verta para o português**

- a) N we na umwe.
- b) Sabina fala na owo.
- c) Pidi kwêsa?
- d) Minu kêtê xivi na loza fa.
- e) Sabina fala ya 'n mêsê we tama banhu na umwe'.
- f) Mene ka pudya baya ki Sabina.

2) Verta para o lung'le

- a) Vocês não vão à festa? Por quê?
- b) A Sabrina poderia ir à festa com vocês.
- c) Eu não vou sem eles.
- d) A Sabrina falou com a gente ontem.
- e) Eu descansei um pouco ontem.
- f) Manuel disse: 'Eu não estou doente'.
- g) Nós vamos telefonar para ele (chamá-lo ao telefone).
- h) Eles não sabiam que nós nos encontraríamos ontem.

3) Verta para o lung'le passando para o discurso direto

- a) O Manuel disse que não irá sem eles.
- b) A Sabrina disse que telefonará para você.
- c) Eles disseram que poderiam ir à festa conosco.
- d) Eu disse que estava doente.

4) Kwali ki sa uvôdu le ki txi goxta maxi a? Pidi kwêsa? Konvesa ki migu tê na lung'le.**5) Kwali uvôdu ôtô ki txi vya konsê a? Xikêvê na lung'le nomi ine uvôdu sê i ki dya ki a sa fêzê ine uvôdu sê. Modi ki ine uvôdu sê sa kwali xintidu ki ine uvôdu sê a?**

4.3.5.4. Kutwa - Uvôdu pôvô¹⁰⁵

UVÔDU PÔVÔ

Uvôdu Pikan sa komesa na segunda sumana di mêzê di zunhu. Pimyô ê kotada di upa za saada di upa bandya. Za na dya vintxi nove di zunhu dya San Pedu êli ki a ka rêgê upa bandya, ora ki a rêgê upa bandya êli ki uvôdu pikan ka bii ubuka. I na biida sê sa komesa na Santa Kuuzu Fyan Izêtxi (gêêza Pikan) za êli ki a ka tan na novena pô dya sabudu. Na novena kêdê fêxtêw ka tama meze ten zo ki a ka xiga dya sabudu.

Uvôdu Santantoni tê dôsu: Santantoni Pimyô ki Santantoni Segundu. Ora ki a ka kaba uvôdu Santantoni, êli ki utximu ê Santu Maxi di Xintxidu i maxi montxi di fêxtêw sê ê ine minu kêtê xikola di bii ine xintxidu pô kwa xikola di lê. Uvôdu sa komesa dina zunhu da fin di zulyu za pa no lenta uvôdu Sonlensu na mêzê di agôxtô. Swa Sonlensu ka vika sa na lisan ôtô pô dyentxi. Ora ki a ka kaba Sonlensu na mêzê di agôxtô a ka lenta uvôdu Sôkô na setembu. Pidi uvôdu sôkô tê modoma ki pôvêdô i modoma êli ki sa bixi Sonlensu ine pari mwêru.

Uvôdu Pikan ki uvôdu Sôkô ki Sonlensu tudu pe êli uvôdu ãa dina tempu pimyo ê vya tê ten dya di ôzê.

COMPREENSÃO DO TEXTO

- 1) Quais são as principais festas do Príncipe?
- 2) Como é a Festa do Picão?

VOCABULÁRIO

bandya n. bandeira

biida n. abertura

fêxtêw n. festeiro

fin n. fim

fyan n. farinha

kêdê adj. cada

kotada n. corte

kuuzu n. cruz

lê v. estudar, ler

¹⁰⁵ Texto de Manuel Salomé.

meze n. mesa
modoma n. confraria de festa
novena n. novena
ôzê n. hoje
pari n. par
pedu ant. Pedro
pôvêdô n. confraria de festa
rêgê v. levantar
saada n. puxada
santa n. santa
segundu num. segundo
setembu n. setembro
xiga v. chegar
zulyu n. julho
zunhu n. junho

4.3.5.5. Traduções

QUERO IR À FESTA.

L- Boa tarde, Sabrina.

S- Boa tarde, Luzia.

L- Olha, comprei berlas¹⁰⁶ para mim e para você.

S- Obrigada!

L- Escute, Sabrina. Ontem falamos sobre você.

S- Vocês falaram sobre mim? Você e quem mais?

L- Eu e João.

S- E o que ele disse? O que vocês tanto conversaram?

L- Você fica sempre na sua casa sozinha e isso não é bom. Você deveria se divertir, sair mais. Você poderia aproveitar o Príncipe. O João disse: “Vamos levar a Sabrina na danceteria conosco amanhã”. O que você acha?

S- Se vocês forem eu também irei. Eu nunca iria sem vocês.

L- Combinado. E Manuel, você não vai o chamar para dançar com você?

S- Sim. Vou ligar para ele.

(ao telefone)

S- Manuel, amanhã eu, Luzia e João vamos à danceteria. Você quer ir conosco?

M- Não vai dar. Não vou poder sair nesse final de semana.

S- Por quê? Você está doente?

M- Eu? Não, eu não estou doente. O problema é que não tenho dinheiro.

S- Que coisa!

FESTAS POPULARES

A Festa do Picão começa na segunda semana do mês de junho. Primeiro ocorre o corte e a puxada do pau-bandeira. No dia 29 de junho, dia de São Pedro, ergue-se o pau-bandeira. Só quando o pau-bandeira é erguido é que a festa do Picão começa oficialmente. A abertura da festa começa na Igreja de Santa Cruz Farinha de Azeite com a novena do sábado. Na novena, cada festeiro toma seu compromisso para um dia, até chegar no sábado.

¹⁰⁶ Tipo de bolo doce frito.

Há duas festas de Santo Antônio: Santo Antônio Primeiro e Santo Antônio Segundo. Quando acaba a festa de Santo Antônio, a última festa é de São Tomás de Aquino e a maioria dos festeiros desta festa são alunos da escola que pedem ajuda com os estudos. Esta festa começa no início de junho e termina no final de julho, já para a entrada da festa de São Lourenço no mês de agosto. A história de São Lourenço virá em outra lição, mais adiante. Quando o São Lourenço termina, no mês de agosto, entra a Festa do Socorro em setembro. A Festa do Socorro tem **modoma** e **pôvêdô** (confrarias das festas) e os **modoma** são responsáveis pela roupas dos pares mouros de São Lourenço para o próximo ano.

As Festas do Picão, do Socorro e de São Lourenço são festas muito antigas e continuam até os dias de hoje.

4.3.6. Lição 6: Kwa ki txi sa fêzê wo sê a?

KWA KI TXI SA FÊZÊ WO SÊ A?

Mene- Modi a, Sabina?

2 Sabina- Malmentê. Nova sawidi ê?

Mene- Malmentê. Sabina, kwa txi sa fêzê wo sê a?

4 Sabina- N sa xtuda kêtê.

Mene- Kwa ki txi sa xtuda?

6 Sabina- N sa xtuda kwa paage Ie. N goxta di xibi Ie ki bisu Ie mutu. N sa xtuda
li na xikola na Baji.

8 Mene- Txi tê tempu ôzê di we paxya ku ami fa?

10 Sabina- Ade ô. N sa po we ku atxi fô. Mene, logu tadi n mêsê pa txi we lêlê mi
na kaxi me.

Mene- Inhan. Te logu.

12 (...)

Mene- Sabina, kwa txi sa fêzê wo sê a?

14 Sabina- Ami a? N sa kuxi.

Mene- Kwa txi sa kuxi a?

16 Sabina- N sa kuxi kumê Baji.

Mene- Ê modi kumê no a?

18 Sabina- Kumê sê n sa pwê li pimentan montxi fa. Txi po pova. Yêlê.

Mene- Weee, kumê doxi ki pasa.

20 Sabina- Mene, txi sa fêzê ko nho a?

22 Mene- Ade ô! N sa fêzê ko nho fa. N tava sa limpa kaxi ki tava sa suzu
kotokoto maji n kaba za. Wo sê vya gaavi-gaavi. Txi bê tava sa limpa kaxi tê a?

24 Sabina- Ade ô! N tava sa limpa kaxi me fa. N tava sa kuxi dêêtu. N mêsê pa txi
vya mundya kêtê pa no kume. Bamu tama ugafu ki sa ubasu pia i bamu pwê paatu
ixima mêtê.

VOCABULÁRIO

bamu v. ir 1PP.IMP	paage n. papagaio
bisu n. bicho	paxya v. passear
dêêtu adj. direito	pia n. pia
ê part. enfática	pimentan n. pimenta
gaavi adj. bonito	pova v. provar, experimentar
goxta v. gostar	sawidi n. saúde
inhan adv. sim	xtuda v. estudar
ixima adv. em cima	suzu adj. sujo
kotokoto (suzu) ideo. muito (sujo)	te pro. 2PS.POSS
kumê n. comida	tempu n. tempo
kuxi v. cozinhar	ubasu adv. embaixo
lêlê v. visitar, acompanhar	ugafu n. garfo
limpa v. limpar	paatu n. prato
logu adv. logo	weee interj. nossa
mêzê n. mesa	wo adv. agora
mundya v. levantar, ficar de pé	xibi n. tipo de pássaro
nova n. novidade	yêlê interj. aqui está
ôzê adv. hoje	

4.3.6.1. Notas Gramaticais

Nesta lição, falaremos sobre pronomes pessoais sobre o aspecto progressivo. Veremos também os ideofones, a construção **ki pasa**, a reduplicação, as preposições **ku** e **ixima / ubasu**, além da forma verbal **bamu** ‘vamos’.

I. Pronomes pessoais 6

Neste diálogo, aparece o pronome possessivo de primeira pessoa do plural **no**:

(128) **Isê karu no.**

este carro 1PP.POSS

‘Este é nosso carro’

(129) **Ê modi kumê no a?**

3PS.SUJ como comida 1PP.POSS INT

‘Ela é como a nossa comida?’

(130) **Kaxi no suzu kotokoto.**

casa 1PP.POSS sujo IDEO

‘Nossa casa está muito suja’.

Como vimos na Lição 1 e observamos nos exemplos acima, o pronome possessivo aparece depois do nome possuído.

O quadro com os pronomes que vimos até agora é:

		ARGUMENTO		NÃO ARGUMENTO	DESLOCADOS
SUJEITO		OBJETO DIRETO	OBJETO INDIRETO	ADJUNTO DO NOME - POSSESSIVOS	
1PS	n	mi	ami	me	ami
2PS	txi	txi	atxi	tê	atxi
3PS	e	li	êli		êli
1PP	no	no	no	no	no
2PP	owo	owo	owo		owo
3PP	ine	ine	ine		ine

II. Aspecto progressivo

O aspecto progressivo aparece nos verbos de ação.

a) PROGRESSIVO: É FORMADO COM A PARTÍCULA DE PROGRESSIVO **SA** ANTECEDENDO O VERBO:

(131) N **sa** **kuxi** **kumê** **Baji.**
 1PS.SUJ PROG cozinhar comida Brasil
 ‘Estou cozinhando comida brasileira’

(132) N **sa** **fêzê** **ko** **nho** **fa.**
 1PS.SUJ PROG fazer coisa nada NEG
 ‘Não estou fazendo nada’

b) PASSADO PROGRESSIVO: É FORMADO COM A MARCA DE PASSADO **TAVA**, CUJA ETIMOLOGIA É O VERBO PORTUGUÊS ‘ESTAR’ NO PASSADO + A PARTÍCULA PROGRESSIVA **SA** ANTECEDENDO O VERBO:

(133) N tava sa limpa kaxi ki tava sa suzu kotokoto.
 1PS.SUJ PASS PROG limpa casa REL PASS PROG sujo IDEO
 ‘Eu estava a limpar a casa que estava muitíssimo suja’.

(134) N tava sa limpa kaxi me fa, n
 1PS.SUJ PASS PROG limpar casa 1PS.POSS NEG 1PS.SUJ
tava sa kuxi.
 PASS PROG cozinhar
 ‘Eu não estava a limpar minha casa, estava cozinhando’.

AÇÃO	
PROGRESSIVO	sa
PASSADO PROGRESSIVO	tava sa

Advérbios como **maxi (...fa)** ‘ainda (não)’ e **kwaji** ‘quase’ podem vir antes ou depois de **tava** e de **sa**, quando estes estão sozinhos. No entanto, em combinações como **tava sa** e **ka sa**, esses advérbios devem vir à direita¹⁰⁷. Resumindo, temos o seguinte¹⁰⁸:

- a) **Tava:** kwaji/maxi tava, tava kwaji/maxi
- b) **Sa:** kwaji/maxi sa, sa kwaji/maxi
- c) **Tava sa:** tava sa kwaji/maxi
- d) **Ka sa:** ka sa kwaji/maxi

III. Ideofones

Ideofones são palavras que modificam o elemento que os precede, que pode ser um nome, adjetivo ou verbo. Normalmente, seu sentido é de intensificação positiva, ou seja, ‘muito; completamente’ (Araujo 2009). Os ideofones modificam uma palavra exclusivamente, ou seja, **kokoko** é o ideofone de **fyo**; temos, portanto, **fyô kokoko**. Já

¹⁰⁷ Maurer (2009).

¹⁰⁸ Maurer (2009).

zuzuzu modifica **kentxi**; temos então **kentxi zuzuzu**. Não podemos ter ***fyô zuzuzu**, nem ***kentxi kokoko**. Temos, no texto:

(135) N	tava	sa	limpa	kaxi	ki	tava	sa	suzu
	1PS.SUJ	PASS	PROG	limpar casa	REL	PASS	PROG	sujo
	kotokoto	maji	n	kaba	za.			
	IDEO	CONJ.mas	1PS.SUJ	acabar	já			

‘Eu estava a limpar a casa que estava sujíssima’.

Na frase acima o ideofone **kotokoto** combina com o nome **suzu**, intensificando seu significado. Quer dizer, portanto, ‘sujíssimo’.

IV. Ki pasa – ‘demais’

Uma outra maneira de intensificar um adjetivo, verbo ou nome é o uso da expressão **ki pasa** (lit. ‘que passa, que excede’). É normalmente usado para intensificar um adjetivo, verbo ou nome. Os exemplos que vimos até agora são:

(136) Vêmê	ki	pasa.
vermelho	REL	passar

‘É muito vermelho!’

O adjetivo **vêmê** tem um ideofone próprio, **rarara**. Podemos ter então:

(137) Vêmê	rarara.
vermelho	IDEO

‘É muito vermelho!’

Porém, o verbo ‘dançar’ não tem um ideofone correspondente. Assim, a única possibilidade para o verbo ‘dançar’ é usar o **pasa**:

(138) Ine	Afika	baya	ki	pasa.
3PP.SUJ	África	dançar	REP	passar

‘Os africanos dançaram muito’.

V. Reduplicação

A reduplicação é outra estratégia que pode intensificar um adjetivo, nome ou verbo. No texto temos uma reduplicação de adjetivo e o resultado é a sua intensificação:

- (139) **Wo sê vya gaavi-gaavi.**
 momento este virar bonito-RED
 ‘Agora ficou muito bonito’.

Também podemos ter casos de reduplicação funcionando como pluralizador para nomes. Encontramos essa construção na lição 3:

- (140) **N kume minu kwa-kwa ki Zuan.**
 1PS.SUJ comer um.pouco coisa-REDP PREP.com João
 ‘Comi umas coisinhas com o João’.

Já quando utilizada em verbos, a reduplicação traz um sentido de iteratividade. Maurer (2009) dá o exemplo¹⁰⁹:

- (141) **Mene sa udentu umatu sa vya-vya.**
 Manuel COP dentro mato PROG virar-REDP
 ‘Manuel está dentro do mato virando-se’.

O sentido de iteratividade temporal também pode ser expresso por reduplicação:

- (142) **N fêzê li satadu-satadu.**
 1PS fazer 3PS saltado-REDP
 ‘Eu fazia isso de vez em quando’.
- (143) **N we dôtô xinku-xinku dya.**
 1PS ir médico cinco-REDP dia
 ‘Eu vou ao médico de cinco em cinco dias’.

VI. Preposição – ku

Já vimos algumas construções do tipo **ki** + pronome pessoal, como:

¹⁰⁹ Modificado de Maurer (2009: 79).

- (144) **N** **mêsê** **we uvodu** **ki** **ine.**
 1PS.SUJ querer ir festa PREP.com 3PP.DAT
 ‘Eu quero ir à festa com eles’.

No entanto, para a primeira e segunda pessoa do singular, a preposição usada é **ku** ‘com’:

- a) **KU AMI** ‘COMIGO’:

- (145) **Txi** **ka** **we** **ku** **ami** **a?**
 2PS.SUJ FUT ir PREP.com 1PS.DAT INT
 ‘Você vai comigo?’

- b) **KU ATXI** ‘COM VOCÊ’:

- (146) **N** **vê** **li** **ku** **atxi**
 1PS.SUJ ver 2PS.SUJ PREP.com 2PS.DAT
 ‘Eu vi ele com você’.

VII. Preposições - **ixima** / **ubasu**

As preposições **ixima** ‘em cima’ e **ubasu** ‘embaixo’ precedem o objeto de sua referência. Temos no texto as preposições **ixima** e **ubasu**, como na seguinte sentença:

- (147) **Bamu** **tama ugafu ki** **sa** **ubasu** **pia i**
 ir.1PP.FUT.IMP tomar garfo REL COP PREP.embaixo pia e
bamu **pwê** **paatu ixima** **mêzê.**
 ir.1PP.SUJ PREP.por prato PREP.em.cima mesa
 ‘Vamos pegar os garfos que estão debaixo da pia e colocar os pratos em cima da mesa’.

VIII. **Bamu**

O verbo ‘ir’ tem a forma imperativa plural futura **bamu**¹¹⁰ ‘vamos’. Sendo assim, ele não apresenta marcas de outros tempo/modo/aspecto. Vejamos alguns exemplos:

¹¹⁰ Há também a forma **bômu**, variação de **bamu**.

- (148) **Bamu** **tama ugafu ki sa ubasu pia i**
 ir.1PP.FUT.IMP tomar garfo REL COP PREP.embaixo pia e
bamu pwê paatu ixima mêtê.
 ir.1PP.SUJ PREP.por prato PREP.em.cima mesa
 ‘Vamos pegar os garfos que estão debaixo da pia e colocar os pratos em cima da mesa’.
- (149) **Bamu** **fêzê bôlu.**
 ir.1PP.FUT.IMP fazer bolo
 ‘Vamos fazer um bolo’.
- (150) **Bamu** **lêlê txi na kaxi tê.**
 ir.1PP.FUT.IMP acompanhar 2PS.SUJ PREP. em casa 2PS.POSS
 ‘Vamos te acompanhar a sua casa’.

4.3.6.2. Vocabulário Temático - Pássaros

andorinha Andorinha	pata-awa Pata-d'água
beza-fole Beija-flor	pata-umwe Pato-marinho
fakan / falakan Falcão	pedixi Perdiz
fuselu <i>Fuselo</i>	pikan-pêxi Conóbia
gasa-abya Garça-ribeirinha	pikitu Periquito
gasa-baanku Garça-branca	pombô Pombo
gasa-peatu Garça-preta	pomb'umatu Rola
gasa-umwe Garça-marinha	pomb'usan Rola
ginhan-awa Galinha-d'água	sêlêlê <i>Sêlêlê</i>
ginhan-gene Galinha-d'angola	sesa-ie Cécia-do-Príncipe
ginhan-umatu Galinha-do-mato	sesa-santome Cécia-de-São-Tomé
govina Caié	suysuy <i>Suysuy</i>
kamusela <i>Kamusela</i>	tôdô-ie Tordo-do-Príncipe
kanariw Canário	tôdô-santome Tordo-de-São-Tomé
kebankana-peatu Freirinha	tôni Estorninho-do-Príncipe
kitôli Coruja	tôni-bôbô Estorninho-do-Príncipe
kôdôni Codorniz	txintxintxolo Tecelão-de-São-Tomé
kukuku Coruja	txitxi-paa Maçarico-das-rochas
kuruja Coruja	txyonso <i>Txyonso</i>
kurukuku Rola-do-senegal	txyotxyo <i>txyotxyo</i>
lola Rola	upêtu-baanku Peito-branco
lola-ize Rola	urabu-tujyan Rabo-de-tesoura
lola-peatu Rola	uê-goosu Olho-grosso
lola-umwe Rola-do-mar	vyuva Viúva
maakpalu <i>Maakpalu</i>	vyuvinha Viuvinha
masariku Maçarico-galego	xibi Passarinho, Melro
melu Melro	xibi-bana Barbeiro
munke Muncanha	xibi-fixa <i>Xibi-fixa</i>
nêginha Negrinha	xibi-igigu Andorinha-das-chaminés
ope-vêdê Perna-verde-comum	xibi-ubuka-longu Beija-flor
ôsôbô Ossobô, cuco-esmeraldinho	xibi-umatu Bico-de-lacre
paage Papagaio	xyota-kafe <i>Xyota-kafe</i>
pasu-kuuzu Andorinha	

4.3.6.3. Exercícios

- 1) **Verta para o português.**
- Kwa ki txi sa fêzê a?
 - N tava sa paxya.
 - N sa fêzê ko nho fa.
 - Kaxi ki n tava sa limpa suzu kotokoto.
 - N mêse pa Mene lêlê mi na kaxi me.
 - No sa kuxi urumu.

2) Verta para o lung'Ie.

- a) Eu estou conversando com o Manuel.
- b) Eu ainda não estou entendendo nada de lung'Ie.
- c) Nós estamos estudando lung'Ie.
- d) O que ele está fazendo agora?
- e) Eu posso provar essa comida?
- f) Os pratos estão muito sujos.

3) Complete com sa ou tava sa e traduza.

- a) Mene _____ kume wo sê.
- b) Ontxi, n _____ limpa kaxi me.
- c) Pemya, n _____ kuxi, wo sê no po pova.
- d) Sabina _____ xtuda paage Ie.
- e) Mene _____ fala ki migu sê ontxi.

4) Kwali pasu ôtô ki txi konsê a? Punta pôfêsôrô tê nomi pasu sê na lung'Ie. Fêzê lixta ũa na lung'Ie ki ka tê nomi ine pasu sê ki ine daman tê konsê na umatu.**5) Kwê manda ki a sa vê tetuuga warenga foyadu na ie fa? Fala na lung'Ie.**

4.3.6.4. Kutwa - Bisu umatu ôvyô¹¹¹

BISU UMATU ÔVYÔ

Na Ie a sa vê seysentu noventa maka pasu na umatu. Modi paage, pikan-pêxi, tôdô, beza-foli, tônin, maakpalu, melu ki pilha ôtô vya. Bisu bê ki sa mama, no tê okyê, ugatu-lagan, uratu, musegu ki a sa vê na Afika na kutu ubasu. I no vya tê pôkô, ubwê, kasô, ugatu kaxi ki pilha ôtô vya.

Bisu ki sa saa bwega na usan, no tê lagatxixa ki ozege ê tê dôsu maka kobo: mufinu ô kobo-usan ki kobo-ufya.

I na umwe no tê pilha pêxi, modi atun, sabônêtê, seni, gapan, tuban, vwadô, konkon, vêmê ki pilha ôtô vya.

Tetuuga no tê têêxi maka: tetuuga-baanku, tetuuga-ukaku ki tetuuga-warenga.

COMPREENSÃO DO TEXTO

- 1) Quais os animais terrestres encontrados no Príncipe?
- 2) Quais são as três espécies de tartarugas encontradas no Príncipe?

VOCABULÁRIO

atun n. atum
beza-foli n. beija-flor
bisu n. animal
bwega n. barriga
gapan n. carapau
kasô n. cachorro
kobo n. cobra
kobo-ufya n. cobra soá-soá
kobo-usan n. cobra gita
konkon n. peixe konkon
lagatxixa n. lagartixa
maakpalu n. crequetché
mama v. mamar
melu n. melro
mufinu n. cobra gita
musegu n. morcego

¹¹¹ Texto de Carlos Gomes, tradução para o lung'le de Manuel Salomé.

ôkyê n. macaco
ozege n. osga
paage n. papagaio
pasu n. pássaro
pikan-pêxi n. conóbia
pôkô adv. porco
saa v. arrastar
sabônêtê n. peixe sabonete
seni n. cherne
sêysentu num. seiscentos
têtuuga n. tartaruga
têtuuga-baanku n. tartaruga mão branca
têtuuga-ukaku n. tartaruga sada, tartaruga de casco
têtuuga-warenga n. tartaruga ambulância
tôdô adj. todo
tônin n. estorninho
tuban n. tubarão
ubasu adv. embaixo
ugatu-lagan n. lagaia
uratu n. rato
vêmê n. peixe vermelho
vwadô n. peixe voador

4.3.6.5. Traduções

O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO?

M- Como vai, Sabrina?

S- Tudo bem, e você?

M- Mais ou menos. Sabrina, o que você está fazendo agora?

S- Estou estudando.

M- Está estudando o quê?

S- Estou estudando o papagaio do Príncipe. Eu gosto muito dos pássaros e animais do Príncipe. Eu estou estudando sobre ele na faculdade no Brasil.

M- Então você não tem tempo para ir num passeio comigo?

S- Não. Não, não posso ir com você. Manuel, venha me visitar aqui em casa mais tarde.

M- Tudo bem, até mais tarde.

(...)

M- Oi Sabrina, o que você está fazendo agora?

S- Eu, eu estou cozinhando.

M- O que você está cozinhando?

S- Comida típica brasileira.

M- É diferente da nossa?

S- Não é tão apimentada. Você pode provar. Aqui.

M- Nossa, muito gostosa.

S- Manuel, você não tem nada para fazer agora?

M- Não. Eu estava a limpar a minha casa que estava muito suja mas já terminei. Ficou tudo bem limpo.

S- Então fique para jantar comigo. Vamos pegar os garfos que estão debaixo da pia e colocar os pratos em cima da mesa.

FAUNA

Na ilha do Príncipe são encontradas mais de 690 espécies de aves, como o papagaio do Príncipe (*Psittacus Erythacos princeps*), a conóbia, o tordo, o beija-flor, o estorninho, a maria-palu-feiticeira, o melro, entre vários outros. Os mamíferos selvagens mais comuns são os macacos, a lagaia, os ratos do mato e espécies raras de morcegos que são

encontrado apenas na África subsaariana. Na ilha há também mamíferos não endêmicos como porcos, vacas, cachorros, gatos, etc.

Quanto aos répteis, há algumas espécies de lagartixas, osgas e duas de cobras, a gita e a soá-soá.

Já no mar há o atum, o salmonete, o cherne, o carapau, os tubarões, o peixe-voador, o **konkon**, o vermelho, entre outros.

Há três espécies de tartaruga: a mão-branca (*Chelonia mydas*), a sada ou tartaruga de casco (*Eretmochelys imbricata*) e a ambulância (*Dermochelys coriacea*).

4.3.7. Lição 7: Txi ka bêbê a?

TXI KA BÊBÊ A?

Mene- Zuan, txi vê Sabina fa?

2 Zuan- Ade ô. N vê li fô.

4 Mene- No tava konvesa ya no ka vê ôzê na gêêza dôzi ora. Maji ten wo sê ê
maxi vika nixi fa. Ami, ka n we ki me.6 Zuan- Mene, bamu lenta lala na butxikin sê pa no tama minu ivin na lala. Txi
ka bêbê a?

Mene- Inhan, n ka bêbê. Bamu poveta kume palapala.

8 Zuan- N goxta di palapala montxi fa, maji n ka kume li. Mwin me zo tudu pe
ka fêzê li da mi.

10 Mene- Bamu wada Sabina. Bamu kume ton zo Sabina ka xiga.

(...)

12 Sabina- Ine jentxi me, owo ka po da mi. N tada kêtê. Moto me dana, n wada
ukaru.

14 Mene- Inhan no kuda ya kwa ãa da ku atxi.

Sabina- Bamu ki no we kume a?

16 Mene- Pô mi sa da fa. Wo sê n pixiza we xivi.

Sabina- Kyê! Pidi kwê manda?

VOCABULÁRIO

bêbê v. beber**butxikin** n. botequim, bar**dana** v. quebrar, estragar**dôzê** num. doze**gêêza** n. igreja**jentxi** n. gente**kuda** v. achar, imaginar**lenta** v. entrar**moto** n. moto**mwin** n. mãe**nixi** adv. aqui**ora** conj. quando**palapala** n. banana frita**tada** v. tardar, atrasar**ten** adv. até**ton** adv. até**ukaru** n. carro**vika** v. vir**wada** v. esperar**xiga** v. chegar**zo** n. momento

4.3.7.1. Notas Gramaticais

Nesta lição, abordaremos novamente o aspecto habitual, bem como a expressão **we ki** ‘ir embora’, alguns advérbios de lugar, a redução de **fêzê** para **fê**, locuções verbais com o verbo **we**, o complementizador **ya** e as preposições **pô** e **ten**.

I. Aspecto Habitual 2

Para entendermos melhor o uso do aspecto habitual, esta lição traz algumas ocorrências ilustrativas desta forma.

(151) A: **Txi** **ka** **bêbê** **ivin** **a?**
 2PS.SUJ HAB beber vinho INT
 ‘Você bebe vinho?’

(152) B: **Nhan, n** **ka** **bêbê**.
 sim 1PS.SUJ HAB beber
 ‘Sim, eu bebo.’

Quando dizemos a sentença acima, queremos saber se a pessoa bebe vinho habitualmente, ou seja, se ela tem esse costume. Ela responde **inhan, n ka bêbê**, querendo dizer que tem o costume de beber. No entanto, esta sentença também pode significar ‘você vai beber vinho?’, ou seja, com o verbo de ação no futuro, que veremos mais adiante. Dessa forma, a diferença será dada pelo contexto em que a sentença é encontrada.

(153) N **goxta di** **palapala** **montxi** **fa,** **maji**
 1PS.SUJ gostar de **palapala** muito NEG mas
 n **ka** **kume li**.
 1PS.SUJ HAB comer 2PS.SUJ
 ‘Eu não gosto muito de **palapala**, mas eu como’.

Na sentença acima, temos **ka** querendo dizer que ‘eu consigo/posso/sou capaz de comer **palapala**’, ou seja, que é um hábito e não que ocorre em algum tempo específico. Na sentença a seguir, o ato de fazer **palapala** é também um ato habitual, pois ela o faz todos os dias.

- (154) **Mwin me zo tudu pe ka fêzê palapala**
 mãe 1PS.POSS ora tudo IDEO HAB fazer palapala
da mi.
 PREP.para 1PS.OBJ
 ‘Minha mãe sempre faz **palapala** para mim.’

II. We ki/ Bômu ki

A construção **we/bômu ki** (lit. ‘ir com’) seguida por um pronome possessivo significa ‘ir embora’. No texto temos:

- (155) **N we ki me.**
 1PS.SUJ ir com 1PS.POSS
 ‘Fui-me embora’ (lit. ‘fui comigo’).

- (156) **Ê we ki sê.**
 3PS.SUJ ir com 3PS.POSS
 ‘Ele foi-se embora’.

- (157) **Bômu ki no.**
 ir.1PP.FUT.IMP com 1PP.POSS
 ‘Vamos embora’ (lit. ‘vamos conosco’).

- (158) **Bômu ki no we kume a?**
 ir.1PP.FUT.IMP com 1PP.POSS ir comer INT
 ‘Vamos embora comer?’

Os pronomes possessivos ainda não vistos serão abordados na lição seguinte. No entanto, veremos aqui como usar esta construção com cada uma das pessoas:

1PS: **N we ki me:** ‘Eu fui embora’.

2PS: **Txi we ki tê:** ‘Você foi embora’.

3PS: **Ê we ki sê:** ‘Ele foi embora’.

1PP: **No we ki no:** ‘Nós fomos embora’.

2PP: **Owo we ki owo:** ‘Vocês foram embora’.

3PP: **Ine we ki ine:** ‘Eles foram embora’.

III. Advérbios de lugar

Nesta lição, veremos alguns advérbios de lugar:

- a) **NIXI**: SIGNIFICA 'AQUI', É A AGLUTINAÇÃO DE **NA** 'EM' + **IXI** 'ESSE'

(159) **Ê** **maxi vika nixi fa.**
 3PS.SUJ mais vir aqui NEG
 'Ela ainda não veio aqui'

- b) **NA LALA** SIGNIFICA 'LÁ'.

(160) **No** **tama minu** **ivin na** **lala.**
 1PP.SUJ tomar pequeno vinho PREP.em lá
 'Nós tomamos vinho lá'.

IV. Redução - fêzê/fê

O verbo **fêzê** tem a forma reduzida **fê**, que pode ser usada em seu lugar. Temos, então:

(161) **N** **sa fêzê kumê.**
 1PS.SUJ PROG fazer comida
 'Estou fazendo comida'

(162) **N** **sa fê kumê.**
 1PS.SUJ PROG fazer comida
 'Estou fazendo comida'

V. Locuções verbais com **we**

O verbo **we** 'ir' pode preceder outro verbo de ação, como em **we xivi** 'ir trabalhar', **we xtuda** 'ir estudar' e **we lêlê** 'ir acompanhar'.

VI. O complementizador **ya**

O complementizador **ya** 'que', visto anteriormente na Lição 5 como introdutor de discurso direto, é usado em sentenças em que aparecem verbos declarativos e

epistêmicos, como **fala** ‘falar, **kuda** ‘pensar’ e **sêbê** ‘saber’ (Maurer 2009: 161). Vejamos alguns exemplos:

(163) **No** **kuda** **ya** **kwa** **ũa** **da** **ku**
 1PP.SUJ pensar COMPL coisa um dar com
atxi
 2PS.DAT

‘Nós pensamos que alguma coisa tinha acontecido com você’.

(164) **No** **tava** **konvesa** **ya** **no** **ka**
 1PP.SUJ PASS conversar COMPL 1PP.SUJ CONTR
vê **ôzê** **na** **gêêza** **dôzê** **ora.**
 ver hoje PREP.em igreja doze hora

‘Nós tínhamos combinado de nos encontrar na igreja hoje, ao meio-dia’.

(165) **N** **tava** **sêbê** **ya** **Sabina** **tê** **moto** **ũa.**
 1PS.SUJ PASS saber COMPL Sabrina ter moto um

‘Eu sabia que a Sabrina tinha uma moto’.

VII. Preposição - pô

A preposição **pô** ‘para/pela/pelo/por’ aparece no diálogo em:

(166) **Pô** **mi,** **sa** **da** **fa**
 PREP.para 1PS.SUJ FUT dar NEG

‘Para mim não vai dar’.

(167) **Pô** **Sabina,** **ê** **we** **ki** **sê.**
 PREP.para Sabrina 3PS.SUJ ir PREP.com 2PS.POSS

‘Pela Sabrina, ela iria embora’.

(168) **Txi** **ka** **po** **we** **ki** **tê,** **pô**
 2PS.SUJ FUT poder ir PREP.com 2PS.POSS PREP.por
mi.

1PS.SUJ

‘Você pode ir embora, por mim’.

VIII. Preposição - ten

A preposição **ten** 'até, ainda' aparece no diálogo em:

- (169) **Maji ten wo sê, ê maxi vika nixi fa.**
 mas até momento este 3PS.SUJ mais vir aqui NEG
 'Mas até agora, ela ainda não veio'.

Existe também a forma **ton**, que no texto aparece combinada com a conjunção **zo** 'quando'.

- (170) **Bômu kume ton zo Sabina ka xiga.**
 ir.1PP.FUT.IMP comer até quando Sabrina FUT chegar
 'Vamos comer até quando a Sabrina chegar'.

4.3.7.2. Vocabulário Temático – Fauna

akpawa	Pargo
azunu	Peixe asno
bônitu	Bonito
bubu	Espécie de peixe
bumbu-baanku	Abelha branca
bumbu-peetu	Abelha preta
bumbu-wangadu	Espécie de abelha
bwê-bwê	Larvas de peixe
gôôpa	Garoupa
goopin	Garoupinha
kaba	Cabra
kabe-gaani	Tartaruga-cabeçuda
karibu	Tarântula de São Tomé
kokovadu	Peixe corcovado
kuvina	Corvina
kwê	Peixe-coelho
kwêlhu	Coelho
lambê	Peixe pega-na-pedra
lobadu-ngoma	Espécie de peixe
lôbô	Formigão, Formiga-vermelha
maxipombô	Espécie de peixe
paampôlê	Espécie de peixe
pêxi-paage	Peixe-papagaio
pêxi-paata	Peixe prata
ranha	Peixe rainha
sabônêtê	Peixe sabonete
sada	Tartaruga-de-couro
saka	Espécie de formiga
saka-peetu	Espécie de formiga
saka-udôdô	Espécie de formiga
taanha	Peixe tainha
ubwê	Boi
vwadô	Peixe voador

4.3.7.3. Exercícios

- 1) **Verta para o português:**
 - a) Ten wo sê Sabina maxi vika fa.
 - b) Bômu fê kumê Ie a?
 - c) N pixiza we kuxi.
 - d) Bômu kume ton zo mwin me ka xiga.
 - e) Mene ka bêbê dya tudu pe.
 - f) Bômu lenta na gêêza.

2) Verta para o lung'le

- a) Eu não bebo vinho.
- b) A Sabrina já foi embora.
- c) Vamos esperar o Manuel.
- d) Eu não como banana, e você?
- e) Vou embora, minha gente.
- f) Para mim não vai dar, porque preciso ir para casa.

3) Complete com o pronome possessivo correspondente e traduza:

- a) N we ki ____.
- b) Owo we ki ____.
- c) No we ki ____.
- d) Sabina we ki ____.
- e) Ine we ki ____.
- f) Txi we ki ____.
- g) Sabina ki Mene we ki ____.
- h) Ê we ki ____.
- i) Ami ki Mene we ki ____.
- j) Atxi ki Sabina we ki ____.

4) Xikêvê na lung'le na kadenu tê nomi mêzê tudu pe i kwali ki sa mêzê usuva ki ventanha.**5) Buka kwali ki se mêzê maxi dêtu di kava: bana ki mondyoko ki ikôkô. Musa isê da pôfêsôru tê na lung'le.**

4.3.7.4. Kutwa - Kiima Ie¹¹²

KIIMA IE

Kiima Santome ki Ie ê kiima ùa ki sa ta na metedi, sulu ki notxi. Ê sa munda ora pô ora i usuva ka sôvê ka kyê kêtê, ta kêtê usolu ka baa. Usuva ka sôvê maxi dêkê usolu na anu intêru. I usuva sê sa keka maxi na ukwatu sulu.

No tê dôsu kiima na te: usuva ki ventenha. Usuva sa komesa na ôtubu ten fin di anu. Na mêzê di zanêw usuva ka manya pa usolu lenta kêtê ki a ka sama minu ventenha. Ventenha ka komesa na zunhu da setembu.

COMPREENSÃO DO TEXTO

- 1) **Quais são as estações no Príncipe?**
- 2) **O que é e quando ocorre a gravana?**

VOCABULÁRIO

baa v. arder
dêkê prep. de que
kiima n. clima
manya v. manejar
ôtubu n. outubro
sôvê v. chover
ventenha n. gravana
zanêw n. janeiro

¹¹² Texto de Carlos Gomes, tradução de Manuel Salomé.

4.3.7.5. Traduções

VOCÊ BEBE?

M- Como vai, João? Você viu a Sabrina?

J- Não, eu não a vi.

M- Nós combinamos de nos encontrar hoje ao meio dia, mas ela não apareceu. Eu não vou esperar mais por ela. Acho que ela não vem. Eu vou embora.

J- Manuel, vamos então entrar ali no bar para bebermos um pouco de vinho? Você bebe?

M- Sim, eu bebo. Vamos então aproveitar e comer **palapala**?

J- Eu não gosto muito de **palapala**, mas eu como. Minha mãe faz **palapala** para mim todos os dias.

M- Então vamos esperar pela Sabrina enquanto comemos.

(..)

S- Oi gente, vocês não acreditam! Demorei um pouco. Minha moto quebrou e eu esperei um carro.

M- Tudo bem. Que bom que deu tudo certo.

S- Vamos sair para jantar?

M- Ih, não vou poder. Preciso trabalhar agora.

S- Nossa! Mas por quê?

CLIMA

O clima de São Tomé e Príncipe é equatorial. O clima varia muito com chuva, garoa e sol forte. Durante o ano, há mais épocas de chuva do que de seca e chove mais no sul da Ilha.

Há somente duas estações climáticas: a estação seca e a estação das chuvas. A estação das chuvas começa em outubro e vai até o final do ano. No mês de janeiro, a chuva começa a diminuir, dando lugar ao sol. Essa interrupção é chamada de 'gavanita'. A estação seca, conhecida localmente por 'gravana', ocorre entre os meses de junho a setembro.

4.3.8. Lição 8: N tava ka gogo...

N TAVA KA GOGO...

Sabina- Mene ê, txi kopa moto ãa a?

2 Mene- Nha, moto ôtô keba. Ê valê mutu fa. Maji isê novu fa. Ki me maxi ve ki ki tê.

4 Sabina- Ade ô! N gogo li!

Mene-Ê na maxi ve! Pya modi ê dana pe za! Pya modi ki ki tê maxi novu.

6 Sabina- Pô mi, dôdôsu gaavi. Zuan bê tê moto ãa novu. Moto sê gaavi bê.

Mene- Xi n ka sa riku sônôsônô n ka kopa ukaru ãa.

8 (...)

Mene- Sabina ê.

10 Sabina- Êê!

Mene- Txi goxta di Baji ô txi goxta di Ie?

12 Sabina- Pô mi, dôdôsu bon da mi.

Mene- Baji ê maxi gaani pasa Ie.

14 Sabina- Paa Ie ê maxi gaavi dêkê paa Baji.

Mene- Ningê mutu a goxta di paa Ie. Maji no mutu bê mêsê we te ôtô.

16 Sabina- N sa vê ya, ningê mutu sa gogo di ki isê ki a tê fa. Pô mi so, n ka sa Ie sa vêvê. N goxta di Ie pasa te ôtô.

18 (...)

Zuan- Sabina ê, kwa txi ka kuda di kumê Ie a?

20 Sabina- N goxta di kumê Ie mutu ki pasa, maji pimentan sê ka boka pwê li ka rêdê mutu.

22 Mene- Txi goxta di kumê Baji pasa kumê no?

Sabina- Ade ô. N na goxta di dôdôsu! Kumê owo doxi mutu. Maji n sa xintxi

24 fata di kume kumê Baji.

Mene- Ôzê n sa ke kuxi zagwa da txi.

26 Sabina- Êê! N maxi kume li fa.

Mene- Txi bê goxta di kumê santome fa?

28 Sabina- N maxi kume kumê ine fa... Ora n era minu kêtê, mwin me tava ka kuxi kumê Baji da mi.

30 Mene- Vedadi a? Ora n tava minu kêtê, mwin me tava sa kuxi da mi fa. Nani ki tava ka kuxi. N tava ka gogo di kumê mwin gaani. Mwin me sêbê kuxi fa, n tava sa
32 gogo di kumê mwin me fa.

VOCABULÁRIO

a part., redução de ka ou sa	ôô pro. outro
boka v. derramar	rêdê v. arder
dêkê prep. de que (comparação)	riku adj. rico
dôdôsu pro. ambos	Santome topo. São Tomé
ê voc.	sônôsônô (riku) ide. muito (rico)
era v. cópula PASS	valê v. valer
fata n. falta	ve adj. velho
gaani adj. grande	vedadi n. verdade
keba v. quebrar	vêvê v. viver
kôli prep. + pro. red. de ku + êli	xintxi v. sentir
na part. assertiva	zagwa n. azagoo. Prato típico feito com folhas, carne e temperos da terra
nani n. avó	
novu adj. novo	

4.3.8.1. Notas Gramaticais

Nesta lição, abordaremos novamente os pronomes pessoais. Veremos também o passado habitual, o passado imperfectivo e novamente o modo epistêmico, já visto na Lição 5. Apresentaremos a partícula discursiva **ê**, a partícula assertiva **na**, alguns comparativos e a redução de **ka** / **sa** para **a**. Falaremos também novamente sobre a posse.

I. Pronomes pessoais 7

Nesta lição, aparecem os pronomes possessivos restantes **sê**, **owo** e **ine**. Vejamos suas ocorrências no diálogo:

(171) **Moto sê gaavi bê.**
 moto 3PP.POSS bonito também
 ‘A sua moto também é bonita’.

(172) **Kumê owo doxi mutu.**
 comida 2PP.POSS gostoso muito
 ‘A comida de vocês é muito gostosa’.

(173) **N maxi kume kumê ine fa.**
 1PS.SUJ ainda comer comida 3PP.POSS NEG
 ‘Eu ainda não comi a comida deles’.

Temos, então, o quadro a seguir:

		ARGUMENTO		NÃO ARGUMENTO	DESLOCADOS
SUJEITO		OBJETO DIRETO	OBJETO INDIRETO	ADJUNTO DO NOME - POSSESSIVOS	
1PS	n	mi	ami	me	ami
2PS	txi	txi	atxi	tê	atxi
3PS	e	li	êli	sê	êli
1PP	no	no	no	no	no
2PP	owo	owo	owo	owo	owo
3PP	ine	ine	ine	ine	ine

II. Passado habitual e imperfectivo

Esta lição traz o aspecto habitual passado dos verbos tipo dos verbos de ação. Utilizamos **tava ka** para a sentença afirmativa e **tava sa** para a sentença negativa:

(174) **Nani ki tava ka kuxi.**
 avó REL PASS HAB cozinhar
 'Era a avó quem cozinava'.

(175) **Mwin me tava sa kuxi da mi fa.**
 mãe 1PS.POSS PASS HAB cozinhar dar 1PS.OBJ NEG
 'Minha mãe não cozinava para mim'.

AÇÃO	
PASSADO HABITUAL	tava ka/tava sa

O passado imperfectivo dos verbos ka-estativos é feito da mesma maneira: **tava ka** para a sentença afirmativa e **tava sa** para a sentença negativa:

(176) **N tava.ka gogo di kumê mwin gaani.**
 1PS.SUJ PASS.IPFV gostar PREP.de comida mãe grande
 'Eu gostava da comida da avó'.

- (177) **N tava .sa gogo di kumê mwin me**
 1PS.SUJ PASS.IPFV gostar de comida mãe 1PS.POSS
fa.
 NEG
 ‘Eu não gostava da comida da minha mãe’.

TIPO KA-ESTATIVO	
PASSADO IMPERFECTIVO	tava ka/tava sa

III. Modo epistêmico 2

Na lição 5, vimos que a marca de modo **ka** pode ser usada em construções epistêmicas. O **ka** também é utilizado quando é expressado um evento ou situação que não aconteceu, mas poderia ter acontecido, ou seja, em casos de condicional. Nesta lição, trazemos mais alguns exemplos deste modo:

- (178) **N ka sa riku sônôsônô, n ka**
 1PS.SUJ EPIS COP rico IDEO 1PS.SUJ EPIS
kopa ukaru ãa.
 comprar carro um
 ‘Se eu fosse muito rico, compraria um carro’.

- (179) **Pô mi so, n ka sa Ie sa**
 por 1PS.SUJ só 1PS.SUJ EPIS COP Príncipe COP
vêvê.
 viver
 ‘Por mim, eu viveria no Príncipe’.

IV. Partícula discursiva - ê

Quando chamamos uma pessoa pelo nome, normalmente utilizamos a partícula discursiva **ê** logo após o nome, como um vocativo. Como em **Mene ê**. Como resposta, normalmente, dizemos **ê-ê** [eʔ.e]. Sendo assim, o diálogo seria o seguinte:

A: **Mene ê!**

A: Ei, Manuel!

B: Ê-ê.

B: Oi.

V. Partícula assertiva - *na*¹¹³

A partícula assertiva **na** é usada em sentenças afirmativas quando se quer reafirmar ou enfatizar o que está sendo dito. É colocada antes do verbo. Vejamos o diálogo:

A: **Ki me maxi ve ki ki tê.**

B: **Ade ô!**

A: **Ê na maxi ve!**

Agora, com as glosas e tradução:

(180) **Ki me maxi ve ki ki te.**
 POSS 1PS.POSS mais velho REL POSS 2PS.POSS
 'A minha é mais velha que a sua'.

(181) **Ade ô!**
 não ENF
 'Não'

(182) **Ê na maxi ve!**
 3PS.SUJ ASS mais velho
 'É mais velha, sim!'

VI. Posse 2

Como vimos na Lição 1, a posse pode ser expressa pela ordem das palavras *nome + pronome possessivo*, como em:

(183) **Kaxi me.**
 Casa 1PS.POSS
 'Minha casa.'

¹¹³ Cf. Maurer 2009: 67.

Nesta lição, veremos como expressar posse sem o substantivo possuído. Usaremos **ki** ‘com’ + pronome possessivo:

- (184) **Ki me maxi ve ki ki te.**
 POSS 1PS.POSS mais velho REL POSS 2PS.POSS
 ‘O meu é mais velho que o seu.’

VII. Comparativos

Anteriormente, na Lição 4, vimos o verbo **passa** sendo utilizado para fazer comparações, como nas seguintes sentenças:

- (185) **Baji ê maxi gaani pasa Ie.**
 Brasil 3PS.SUJ mais grande COMP Príncipe
 ‘O Brasil é maior que o Príncipe’

- (186) **Txi goxta di kumê Baji pasa kumê**
 2PS.SUJ gostar de comida Brasil COMP comida
Ie a?
 Príncipe INT
 ‘Você gosta mais da comida brasileira do que da do Príncipe?’

Agora, veremos outro jeito de fazer uma comparação, usando o **dêkê**.

- (187) **Paa Ie ê maxi gaavi dêkê paa Baji.**
 praia Príncipe 3PS.SUJ mais bonita COMP praia Brasil
 ‘As praias do Príncipe são mais bonitas do que as praias do Brasil’

VIII. Redução ka/sa → a

As partículas **ka** e **sa** podem ser reduzidas ambas para **a**. Portanto, podemos ter:

- (188) **N ka kume.**
 1PS.SUJ FUT comer
 ‘Eu vou comer’.
- (189) **N a kume.**
 1PS.SUJ FUT comer
 ‘Eu vou comer’.

(190) N **sa** **kume.**
 1PS.SUJ PROG comer
 ‘Eu estou a comer’.

(191) N **a** **kume.**
 1PS.SUJ PROG comer
 ‘Eu estou comendo’.

Podemos observar que a sentença **n a kume** tem, portanto, dois significados. Ela pode estar no futuro ou ser progressiva, dependendo do contexto. No texto desta lição, temos:

(192) **Ningê** **mutu a** **goxta di** **paa** **le.**
 pessoa muito HAB gostar de praia Príncipe
 ‘Gostam muito das praias do Príncipe’.

(193) **Ningê** **mutu sa** **gogo di** **ki** **isê** **ki** **a** **tê**
 Pessoa muito HAB gostar de com isto REL HAB ter
fa.
 NEG
 ‘Não gostam daquilo que têm’.

Que poderiam ser:

(194) **Ningê** **mutu sa** **goxta di** **paa** **le.**
 pessoa muito HAB gostar de praia Príncipe
 ‘Gostam muito das praias do Príncipe’.

(195) **Ningê** **mutu a** **gogo di** **ki** **isê** **ki** **a** **tê**
 pessoa muito HAB gostar de com isto REL HAB ter
fa.
 NEG
 ‘Não gostam daquilo que têm’.

4.3.8.2. Vocabulário Temático – Culinária do Príncipe

bôbô-fitu Doce de banana frita tradicional da ilha do Príncipe

bwêbwê Prato feito com larvas de peixe, localmente denominadas ‘peixinho’

fyân-izêtxi Prato típico do Picão com farinha de mandioca

fyoji Prato à base de banana madura e farinha de milho

ifigbô Prato típico feito de mandioca ou milho, malagueta, sal, açúcar, cozido envolto em folha de bananeira

kadadu Escaldado (prato local feito à base de peixe, caldo de peixe e farinha)

kufungu Prato à base de banana madura, sal, farinha de milho cozida

makunga Doce típico feito com milho, coco, malagueta, açúcar e sal, cozido em folha de bananeira

môyô kangadu Prato tradicional do Príncipe feito com peixe defumado, óleo de palma, jiló e temperos da terra

môyô n'ufôgu Molho no fogo. Prato tradicional do Príncipe feito com peixe defumado, óleo de palma, jiló e temperos da terra

muzenge Prato típico de São Tomé

obobo Prato típico do Príncipe feito com farinha de milho e feijão

pintadu Prato de arroz com feijão

ranxu-te Rancho-da-terra. Prato tradicional feito com feijão, arroz, farinha de mandioca e óleo de palma

senge Prato tradicional de farinha de milho com peixe

sôwô Prato típico feito de peixe, vegetais e óleo de palma

ufundi Prato local à base de matabala ou mandioca

ufundi-maakita / ufundi-magita Prato típico feito com matabala, azeite de palma, peixe e temperos da terra

4.3.8.3. Exercícios**1) Verta para o português:**

- a) Ukaru sê gaavi mutu.
- b) N we kaxi ine ontxi.
- c) N tava ka gogo (di) bana, maji wo sê n gogo li fa.
- d) Ora n tava minu kêtê, migu me tava ka kuxi da mi.
- e) Nani owo tava sa kuxi da owo fa.
- f) Pô mi so, n ka sa kaxi ine sa vêvê.

2) Verta para o lung'le:

- a) Eu sou mais rico, certamente!
- b) Por mim, eu iria embora.
- c) Se eu fosse rico, compraria uma casa no Príncipe.
- d) O seu é mais velho que o meu.
- e) Meu carro é maior do que o seu.
- f) Gostam muito do Brasil.

3) Kwali ki sê kumê Ie ki bon da txi maxi a? Buka di sêbê nomi tempa tudu i modi di kuxi ine kumê sê i xikêvê na lung'Ie.

4) Kwali ki sa verasan kuxida di ize ki txi lê na Kutwa a? Entê ize tudu pe, xikêvê na lung'Ie modi di kuxida.

4.3.8.4. Kutwa - Kumê Ie¹¹⁴

KUMÊ IE

No tê kumê Ie na modi mutu. I kumê Ie sa tê tempa tudu di te, modi usami, upa-usuda, ufya-mikoko, ufya-maxkan, maakita ki ôtô vya. Kumê Ie ê modi ôtô za modi kumê santome. Kumê Ie sa podi faata izêtxi-pwema fa. Izêtxi-pwema sa xyê na adi ki a ka febenta, dumu, lava paya sê, fiji i kwaa izêtxi. I na kumê Ie a vya ka pwê ikôkô, inhemî, bana-umpan ô ban'omi.

Ikôkô sa fêzê dôsu xivisu. Êli mesu sa kutu kumê vya êli mesu bê mantximentu kotadu kutu kutu na kumê. Ora ki a ka kumê kaba, êli ki a ka fêzê ubuka ki urumu febentadu ki kajamanga ki jaka ki manga ki bana bôbôdu ki kwa ôtô vya.

I no tê nomi kumê Ie modi zagwa, ufundi-maakita ki a sa pwê ikôkô moladu di kutu kumê. A sa kume li ki fyan mondyoko. No vya tê fenza-kukundya, obobo, ize-kukundya, ize-izêtxi, ize-sukê, mukeka, urôsu-Ie, ranxu-Ie i ki môyô-n'ufôgô ki pilha ôtô vya.

Ize ê impin ũa ki a ka disa bôbô pôdê za êli ki a ka lava di fika ikpe za ikpe sê a ka kaada, gbê, sanu za kuxi. Ê ka byê vya leke. Ize tê têêxi modi di kuxi. Pimyô ize izêtxi ki a sa kuxi ki izêtxi-pwema, ikôkô, pêxi fumadu, usami, upa-usuda, maakita, ufya-maxkan ki ôtô vya. Za no tê ize kukundya ki a sa kuxi ki lêtê kukundya, a bê sa pwê tempa tudu di ize izêtxi ki sukê pô ningê ki ka mêsê. Za utximu ê ize sukê. Isê a sa pwê kanela, lêtê kukundya ki sukê i a sa pwê li tempa fa. A ka lega ê byê vya leke.

No tê pô sawidi no na poxi ningê tudu pêxi ki pôlôvô. Za no bê sa vê kani pôkô, ubwê, ginhan, maji ine sê a sa vê ningê mutu kôli fa, pidi pesu karu. Ovu, lêtê ine kwisê ê rompê dyô êli manda ki ningê mutu sa vê li fa.

COMPREENSÃO DO TEXTO

- 1) Pra que serve o matabala?
- 2) Quais são os tipos de isaquente e as diferenças entre eles?

¹¹⁴ Texto e tradução de Manuel Salomé.

VOCABULÁRIO

adi n. andim, dendê	leke adj. mole, desmanchando
bana-umpan n. banana-da-terra	lêté n. leite
bôbô v. amadurecer	mantximentu n. mantimento
bôbôdu adj. maduro	moladu adj. amassado
byê v. cozinhar na água	môyô-n'ufôgô n. molho no fogo
dumu v. amassar	mukeka n. moqueca
febenta v. aferventar	obobo n. prato típico
febentadu adj. cozido	ovu n. ovo
fenza-kukundya n. feijão de coco	paya n. palha
fiji v. fritar	pesu n. custo
gbê v. amassar, pisar	pôdê adj. podre
ginhan n. galinha	pôlôvô n. polvo
ikpe n. semente, grão	poxi n. capacidade
impin n. pinha	ranxu-le n. rancho do Príncipe
ize-izêtxi n. isaquente de azeite	rompê adv. em abundância
ize-kukundya n. isaquente de coco	sanu v. escolher
ize-sukê n. isaquente de açúcar	sukê n. açúcar
kaada v. escaldar	ufundi-maakita n. prato típico
kanela n. canela	ufya-maxkan n. folha mosquito
kotadu adj. cortado	ufya-mikoko n. folha de micocó
kwaa n. corda	upa-usuda n. pau-pimenta
lava v. lavar	urôsu-le n. arroz do Príncipe
lega v. deixar, largar	usami n. óssame

4.3.8.5. Traduções

EU GOSTARIA DE...

S- Manuel, você comprou uma moto?

M- Sim, a outra moto quebrou. Ela não valia muito. Mas essa não é nova. A minha é mais velha que a sua.

S- Não! Eu gosto dela!

M- É sim! Olha como já está estragada. E veja como a sua é mais nova!

S- Para mim as duas são bem bonitas! João também tem uma moto. Sua moto é muito bonita também.

M- Se eu fosse muito rico, compraria um carro.

(...)

M- Sabrina!

S- Oi!

M- Sabrina, entre o Brasil e o Príncipe, qual você prefere?

S- Para mim, os dois são bons!

M- Mas o Brasil é maior que aqui.

S- Mas as praias do Príncipe são mais bonitas do que as do Brasil.

M- As pessoas gostam das praias, mas muitas pessoas querem ir para fora.

S- Acho que as pessoas nunca estão felizes com o que têm. Eu, por mim, moraria para sempre no Príncipe! Gosto mais daqui do que de qualquer outro lugar.

(...)

M- Sabrina, o que você achou da comida do Príncipe?

S- Eu gostei muito, mas ainda não me acostumei com a pimenta. É muito ardida!

M- Então você gosta mais da comida do Brasil do que da nossa?

S- Não! Eu realmente gosto das duas. Os pratos típicos do Príncipe são muito gostosos! Mas também sinto muita falta da comida brasileira.

M- Hoje vou fazer azagoo para você.

S- Nossa! Eu nunca comi.

M- Você também gosta da comida de São Tomé?

S- Eu nunca comi a comida deles... Quando eu era criança, minha mãe cozinhava comida brasileira para mim.

M- É mesmo? Quando eu era criança, minha mãe não cozinhava para mim. Era minha avó quem cozinhava. Minha mãe não sabe cozinhar, eu não gostava da comida da minha mãe.

PRATOS TÍPICOS

Os pratos típicos do Príncipe são muito variados. Normalmente são bem apimentados, devido aos “temperos da terra”, tais como óssame, pau-pimenta, folha de micocó, folha mosquito, malagueta etc. O Príncipe se distingue muito de São Tomé na culinária. Um ingrediente que não pode faltar é o azeite de palma (dendê), que é extraído do andim que foi fervido, amassado, lavado, frito e coado. Na comida do Príncipe também é comum encontrar matabala, inhame, safu, banana-da-terra ou fruta-pão.

O matabala faz dois serviços. Além de engrossar os pratos tradicionais, ele também é utilizado em pedaços nas comidas. Quando a comida acaba, ele também pode servir de sobremesa, tal como safu cozido, cajá-manga, jaca, manga, banana madura, entre outros.

Alguns pratos como a *asagoa* e o **ufundi-maakita** levam matabala amassada para engrossar o caldo. Esses caldos são normalmente acompanhados por farinha de mandioca grossa. Há também o feijão de coco, **obobo**, isaquente de coco, isaquente de azeite, isaquente de açúcar, moqueca, arroz do Príncipe, rancho do Príncipe, molho no fogo, entre outros.

O isaquente é uma pinha que deve amadurecer até ficar podre para então ser lavado para que reste apenas suas sementes, que são escaldadas, amassadas e escolhidas para serem cozidas. Deve ser bem cozido até ficar mole. Há três maneiras de cozinhar isaquente. A primeira é o de azeite que é feito com azeite de palma, matabala, peixe defumado, óssame, pau-pimenta, malagueta, folha mosquito, entre outros temperos. Há também o isaquente de coco, que é cozido com leite de coco, temperos da terra, azeite de palma e açúcar, para quem quiser. O último é o isaquente de açúcar. Neste, coloca-se canela, leite de coco, açúcar e não coloca-se temperos da terra. Deve ser cozido até ficar bem mole como uma papa.

Quanto às proteínas, as mais comuns são peixe e polvo. Mas é possível encontrar também carne de porco, de boi e de frango, apesar de serem bem mais caras que os peixes. Ovos e leite também são caros e, por isso, não muito comuns.

4.3.9. Lição 9: Bamu fêzê li xina lung'ie!

BAMU FÊZÊ LI XINA LUNG'IE!

- Sabina- Mene ê, isê riman me. Ê vika fala mi bêê. Nomi sê Rôdrigi.
 2 Mene- Upuru! Vedadi a? Kantora ê xiga?
 Sabina- Vedadi! Ê xiga ontxi.
 4 Mene- Sabina ê, kantu riman txi tê?
 Sabina- No têêxi. No dôsu mye, omi ũa.
 6 Mene- Kêdê ũa owo tê pwe sê a?
 Sabina- Ade ô. No têêxi minu pwe minu mwin ô.
 8 (...)
 Mene- Êê! Kantora ê xiga n tava sêbê fô. Pazê ô! N ka sama Mene.
 10 Zuan- Modi a? Txi goxta di Ie a?
 Rodrigo- ...
 12 Mene- Sabina ê, riman tê sêbê fala lung'ie fa?
 Sabina- Ade ô, ê sêbê fala fa. Xya pô owo fala putugêzê kôli.
 14 Mene- Ade! No sa ka fala putugêzê kôli fa. Ê toka di xina fala lung'ie.
 Sabina- Owo mêzê fêzê li xina lug'ie a?
 16 Zuan- Inhanxi. Ê tê di fala kwa tudu pe na lung'ie, ũa-ũa.
 Sabina- *Rodrigo, eis aqui seus professores de lung'ie.*
 18 Rodrigo- *Bom dia, muito prazer!*
 Zuan- Xi txi fala na putugêzê, no ka fêzê modi ningê ki sêbê fala putugêzê fa.
 20 Dini za txi tê di xina xinxan fala lung'ie. Txi ka po xina lung'ie modi mana tê ki xina
 fala xi tabwe.
 22 Mene- Dini za ora txi ke Baji txi madô za.

VOCABULÁRIO

di prep. de	pazê n. prazer
dini adv. então	pwe n. pai
inhanxi adv. sim	riman n. irmão
kantora pro. quando	Rôdrigi n. Rodrigo
kêdê pro. cada	têêxi num. três
madô adj. esperto	toka v. tratar
mana n. irmã	ũa num. um, uma
minu n. filho	ũa-ũa adv. um por um
myê n. mulher	upuru interj. espanto
omi n. homem	

4.3.9.1. Notas Gramaticais

Nesta lição, abordaremos as sentenças causativas, os numerais, a expressão **fêzê modi** 'fazer como se', o determinante **kêdê** 'cada' e a interjeição **upuru**. Apresentaremos também os numerais e alguns termos de parentesco (membros da família).

I. Causativas¹¹⁵

A sentença causativa é uma expressão de um agente que faz um sujeito realizar uma ação ou estar em uma determinada condição. Para construir uma sentença causativa utilizamos o verbo **fêzê** 'fazer', como aparece no texto:

(196) **Owo** **mêsê fêzê li** **xina** **lung'ie**
 2PP.SUJ querer fazer 3PS.OBJ aprender lung'ie
 a?
 INT
 'Vocês querem ensinar lung'ie para ele?'

(197) **Mwin me** **fêzê mi** **xtuda** **dya** **tudu** mãe
 mãe 1PS.POSS fazer 1PS.OBJ estudar dia tudo **pe.**
 IDEO
 'Minha mãe me faz estudar todos os dias'

II. Numerais

Como visto na Lição 2, o numeral **ũa** 'um' vem depois do nome, enquanto os demais numerais vêm antes, como observamos no exemplo a seguir:

(198) **No** **dôsu mye,** **omi** **ũa.**
 1PP.SUJ dois mulher homem um
 'Somos duas mulheres e um homem'.

(199) **N** **mêsê** **têêxi urumu,** **fuuta** **ũa.**
 1PS.SUJ querer três safu fruta-pão um
 'Quero três safus e uma fruta-pão'.

Usa-se também numerais cardinais. Os numerais cardinais de 1 a 29 são:

¹¹⁵ Cf. Maurer 2009: 153.

1 ũa	16 dizasêy
2 dôsu	17 dizasetxi
3 têêxi	18 dizawêtu
4 kwatu	19 dizanove
5 xinku	20 vintxi
6 sêy	21 vintxi ũa
7 setxi	22 vintxi dôsu
8 wêtu	23 vintxi têêxi
9 nove	24 vintxi kwatu
10 dexi	25 vintxi xinku
11 onze	26 vintxi sêy
12 dôzê	27 vintxi setxi
13 trêzê	28 vintxi wêtu
14 katôzê	29 vintxi nove
15 kinji	

Os demais numerais serão vistos na Lição 10.

III. Fazer como se - fêzê modi

A expressão **fêzê modi** 'fazer como se' aparece no texto em:

(200) No	ka	fêzê	modi	ningê	ki	sêbê	fala
1PP.SUJ	EPIS	fazer	como	alguém	REL	saber	falar
putugêzê	fa.						
português	NEG						

'Vamos fazer como se não falássemos português'.

(201) Txi	fêzê	modi	ningê	supetu.
2PS.SUJ	fazer	como	alguém	esperto

'Você fez como se fosse esperto'.

(202) N	ka	fêzê	modi	ningê	ki	sêbê	kuda
1PS.SUJ	EPIS	fazer	como	alguém	REL	saber	responder
fa.							
NEG							

'Eu fiz como se não soubesse responder'.

IV. Cada - kêdê

Em lung'ie a palavra 'cada' é **kêdê** e aparece precedendo a palavra que modifica, como em:

(203) **Kêdê ùa owo tê pwe sê a?**
 cada um 2PP.SUJ ter pai 2PP.POSS INT
 'Cada um de vocês tem seu próprio pai?'

(204) **Kêdê dya n ka kume kumê difêrentxi.**
 cada dia 1PS.SUJ HAB comer comida diferente
 'Cada dia eu como uma comida diferente'.

(205) **N ka sama kêdê migu me.**
 1PS.SUJ FUT chamar cada amigo 1PS.POSS
 'Eu vou chamar cada um dos meus amigos'.

V. Termos de parentesco

Veremos agora algumas palavras para termos de parentesco em lung'ie:

mwin Mãe
pwe Pai
minu Filho/filha
riman, manu Irmão
riman, mana Irmã
txiw Tio
txya Tia
mwin gaani, nani Avó
pwe gaani Avô
primu Primo
prima Prima
mandya Madrinha
padin Padrinho

VI. Interjeição - upuru

O nome **upuru**, literalmente 'fezes, merda', é usado como interjeição que exprime surpresa:

(206) **Upuru! Vedadi a?**
 merda verdade INT
 'Nossa! Verdade?'

4.3.9.2. Vocabulário Temático – Flora 1

ariba-kasô Capim-de-burro	oso-moli <i>Oso-moli</i>
babudu Barbudo	otaji <i>Otaji</i>
bika Bica	ototo <i>Ototo</i>
bweba-baata Barba-de-barata	oyobo Noz-moscada da Jamaica
gigô Glicô	pega-pega Picão preto
igbêtê Bordão-de-São-José	pwema Palmeira de andim
ikôkô Matabala	pwema-kitxi <i>Pwema-kitxi</i>
ikpene Urtiga	roza-bilanza Dama-da-noite
ikpêtê Bordão-de-São-José	txintxin <i>Txintxin</i>
jêgumba Amendoim	uba-mye Sucupira
jibôa Jimboa	ufya-alimanha Coentro
kafe-baabu Café-do-mato	ufya-amiso <i>Ufya-amiso</i>
kalipitu Eucalipto	ufya-azêdinha Azedinha
kanafixtula Cássia-oficinal	ufya-bambi Chile branco
karamujo Caramujo.	ufya-bengi Bengue
kimi-peetu <i>Kimi-peetu</i>	ufya-bengi-doxi Bengue-doce
kokovadu Corcovado	ufya-boba Begonia ampla
kosa-kosa Comigo-ninguém-pode	ufya-boba-baanku Begônia
kosan-usan Coração-do-chão	ufya-boba-vêmê Begônia
kukumba Saltão	ufya-bola-mye Erva-de-São-João
kume-mwê Come-morre	ufya-bola-omi Folha-manuel-homem
kwa-kaxi Corda-de-casa-do-mato	ufya-bolelega Beldroega-grande
lembalemba <i>Lembalemba</i>	ufya-bolelega-mye Beldroega-pequena
libô <i>Libô</i>	ufya-bolelega-omi Beldroega-grande
libô-awa <i>Libô-awa</i>	ufya-budu Folha-pedra
likatxi Alicate	ufya-d'orya <i>Ufya-d'orya</i>
manga-makaku Manga-maluca	ufya-fakêza Vassourinha-doce
marapyan Unha-preta	ufya-fitxisu Saia-roxa
minu-pwema <i>Minu-pwema</i>	ufya-fôgêtê Folha-foguete
môsan Erva-cacho	ufya-fugia Mamona
muba Fedegoso	ufya-gêêza Samambaia
musafi Musafi	ufya-gêêza-bentu Samambaia
musan Azeda-da-Guiné	ufya-gêêza-mye Folha-de-igreja
musanda Musanda	ufya-gêêza-omi Folha-de-igreja
musan-ipin Batata-pim-pim	ufya-gêêza-zuden Samambaia
mwin-kaki Mãe-de-caqui	ufya-gôgô Andiroba
nona Anona	ufya-gôgô-vêmê Andiroba
nona-konxa Araticum-da-praia	ufya-idintxi <i>Ufya-idintxi</i>
olosaka Jiló	ufya-jimboa Jimboa
ôrôrô Canga	ufya-jimboa Jimboa-do-mato

4.3.9.3. Exercícios

1) **Verta para o português:**

- a) Upuru! N tava sêbê fa!
- b) N fê kêdê ùa kumê sê: palapala, bela, bôlu.

- c) Txi fêzê modi ningê ki vê fa.
- d) No dexi mye, sêy omi.
- e) Mene, kantu riman txi tê a?

2) **Verta para o lung'ie:**

- a) Minha tia me fez estudar inglês.
- b) Cada um deles tem sua própria casa.
- c) Meu avô e minha avó chegaram ontem.
- d) Minha madrinha fez minha irmã aprender francês.
- e) Nós somos cinco homens e uma mulher.

3) **Xikêvê na lung'ie kwa ũa ki txi sêbê di autonomya Ie.**

4) **Konvesa ki kolesan tê kwêsa ki txi sa vê ki pudya munda na Ie.**

4.3.9.4. Kutwa - Atonomya Ie¹¹⁶

ATONOMYA IE

Modi kwa tudu tê ora sê, vya tê pô zo êli ki manda no minu Ie tansa udedu gaani na usan ten zo ki na dya vintxi nove di abili di mili noventa xinku, atonomya xiga. I atonomya sê tava maxi sa kwa ùa dêêtu fa, manda ki lutu pô atonomya munda fa ten zo ki a vya kwê uê na pepelu wo sê êli ki atonomya vya tan pujisan ôtô. I ki ê maxi munda fa, atonomya vya sa faata pa minu Ie na govenu govena dyô, ki ê atonomya finansêw.

Uvôdu atonomya ê na dya vintxi nove di abili na anu tudu pe. Uvôdu sê sa movimenta Ie ki gôxtô ki alêgia pô ningê tudu di te na santome ki Ie. Na pogama uvôdu a ka tê kunjuntu, guupu kuturali, dêxa, bulawê, dansu-kongô, puyta, txyabeta i ki pilha kwa vya. Wo sê na uvôdu atonomya di dôsu mili onze ê anu ki pimyo vêsê a tendê inu Ie ki bandya atonomya Ie ki a ka vê zulu na ponta, baanku na metedi, vêdê na ponta ôtô. I na ine kô sê, zulu sa musa umwe, baanku sa deeja paji i vêdê sa musa ya te no tê upa na umatu, ariba ki pilha kwa kô vêdê na umatu. Na metedi bandya a ka vê paage ki aza betu sa musa ya no minu Ie sa di bii ubasu basa ningê tudu.

COMPREENSÃO DO TEXTO

- 1) **O que ocorre todos os anos no dia 29 de abril?**
- 2) **Descreva a bandeira do Príncipe.**

VOCABULÁRIO

abili n. abril
alêgia n. alegria
ariba n. capim
atomya n. autonomia
aza n. asa
basa v. abaixar
betu adj. aberto
dansu-kongô n. tipo de dança
finansêw adj. financeiro
govena v. governar

¹¹⁶ Texto e tradução de Manuel Salomé.

gôxtô n. felicidade, gosto
inu n. hino
kunjuntu n. conjunto musical
kuturali adj. cultural
lutu n. luta
muvementa v. movimentar
onze num. onze
paji n. paz
pimyô num. primeiro
ponta n. ponta
pujisan n. posição
tansa v. calcar
udedu n. dedo
xinku num. cinco
zulu n. azul

4.3.9.5. Traduções

VAMOS ENSINAR-LHE LUNG'IE!

S- Manuel, este é meu irmão. Ele veio para me visitar. O nome dele é Rodrigo.

M- Nossa! Verdade? Quando ele chegou?

S- Verdade! Ele chegou ontem.

M- Sabrina, quantos irmãos você tem?

S- Somos três. Duas mulheres e um homem.

M- Cada um tem um pai diferente?

S- Não. Somos os três filhos do mesmo pai e da mesma mãe.

(...)

M- Oi! Eu não sabia que você já tinha chegado. Muito prazer. Eu me chamo Manuel.

J- Como vai? Você está gostando do Príncipe?

R- ...

M- Sabrina, seu irmão não fala lung'ie?

S- Não, ele não fala. Mas vocês podem falar português com ele.

M- Não, Sabrina. Não vamos falar português com ele. Ele precisa aprender lung'ie.

S- Vocês querem ensinar sua língua a ele?

J- Claro! Ele vai ter que falar tudo só em lung'ie!

S- Rodrigo, eis aqui seus professores de lung'ie.

R- Bom dia, muito prazer!

M- Se você falar português nós vamos fingir que não entendemos. Assim você vai aprender o lung'ie facilmente. Você vai seguir o exemplo de sua irmã e vai aprender rapidinho!

J- E quando você voltar para o Brasil, você será um especialista!

AUTONOMIA DO PRÍNCIPE

Como tudo tem a sua hora, chegou o tempo em que nós, principenses, calcamos os pés no chão até que no dia 29 de abril de 1995 a autonomia chegou. Mas a autonomia não era completa, por isso a luta pela autonomia não parou até que houve uma revisão e a autonomia tomou outra posição. Não obstante, a luta ainda continua, o Príncipe não governa seu capital, pois ainda não há autonomia financeira.

A festa da Autonomia do Príncipe é todo ano no dia 29 de abril. Essa festa envolve as ilhas com gosto e alegria por todos os nativos, em São Tomé e no Príncipe. No programa

da festa há conjuntos, grupos culturais, **dêxa, bulawê, dansu kongô, puyta, txyabeta** e várias outras coisas. Na festa da Autonomia de 2011, foi tocado pela primeira vez o hino do Príncipe e hasteada a bandeira da Autonomia do Príncipe. A bandeira é azul de um lado, branca no meio e verde do outro lado. E dentre essas cores, o azul representa o mar, o branco deseja paz e o verde representa as árvores da floresta, as plantas, e tudo de verde da floresta. No meio da bandeira, há um papagaio do Príncipe com as asas abertas, mostrando que nós, principenses, estamos abrindo os braços para todos.

4.3.10. Lição 10: Kantu ê ka da?

KANTU Ê KA DA?

Ningê ùa batê na poto kaxi Sabina. Ê Txiagu, vijan Sabina.

2 Sabina- Ningê me ê?

Txiagu- Ami ô, Txiagu.

4 Sabina- Bô tadi Txiagu, lenta ô.

6 Txiagu- Sabina ê, amanhan n tê pova matximatxika na xikola. N vya mêsê fêzê
konta sê. Txi ka po zuda mi a?

Sabina- Inhan. Setxi ki xinku kantu ê ka da?

8 Txiagu- Xi txi zunta setxi ki xinku ê ka da dôzê.

Sabina- Txi fala setu. I kinji menu kwatu kantu ê ka da?

10 Txiagu- Ê a da onze.

Sabina- Wo ê ùa maxi rizu. Onze vêzi têêxi kantu ê ka da?

12 Txiagu- Ê ka da txinta têêxi.

Sabina- Aa i ora wo! Ê setu. I sêsenta divididu pô têêxi kantu ê ka da?

14 Txiagu- Ê ka da vintxi.

16 Sabina- N vê za ya txi sêbê kwa tudu pe di matximatxika. Ora txi ka komesa
fêzê pova, txi tê mendu fa. N sêbê ya txi sa ke txya bon nota.

Txiagu- Zo n ka fêzê pova n ka tê mendu maji kwa tudu pe ka da setu!

18 (...)

Sabina- Txiagu ê, modi a? I pova fansêji?

20 Txiagu- Levi-levi. Ora pova tava sa komesa, n tava ka mendu. Dêpôji pova
komesa, n tava sa mendu fa.

VOCABULÁRIO

amanhan, aman adv. amanhã

batê v. bater

dêpôji adv. depois

divididu adj. dividido

kinji num. quinze

komesa v. comer

kwatu n. quarto

levi adj. leve

matximatxika n. matemática

mendu n. medo

nota n. nota

onze num. onze

poto n. porta

pova n. prova

rizu adj. duro, rijo

sêsenta num. sessenta

setxi num. sete

têêzê num. treze

Txiagu n. Tiago

txya v. tirar

udu n. piolho

vêzi n. vezes

vijan n. vizinho

xinku num. cinco

4.3.10.1. Notas Gramaticais

Nesta lição, abordaremos os numerais, as orações completivas com **ya** e mais alguns advérbios de tempo. Falaremos também sobre como fazer operações matemáticas e veremos os numerais novamente.

I. Numerais 2

Na Lição 9, vimos os numerais de 1 a 29. Nesta lição, veremos os numerais cardinais a partir de 30.

30 txinta
40 kwarenta
50 xinkwenta
60 sesenta
70 setenta
80 wêtenta
90 noventa
100 sen
101 sentxi-ũa
102 sentxi-dôsu
103 sentxi-têêxi
200 duzentu
300 trezentu
400 kwatusentu
500 kinhentu
600 sêysentu
700 setxisentu
800 wêtusentu
900 novesentu
1000 mili
2000 dôsu-mili
3000 têêxi-mili
10000 dexi-mili
100000 sen-mili

II. Operações matemáticas

Nesta lição, vimos como se constroem algumas operações matemáticas. Para a soma podemos usar **ki** ‘com’ entre os numerais em questão ou **xi...zunta** ‘se juntar’.

(207) **Setxi ki xinku, kantu ê ka da?**
 sete com cinco quanto 3PS.SUJ FUT dar
 ‘Quanto dá sete mais cinco?’

(208) **Kantu ê ka da setxi ki xinku?**
 quanto 3PS.SUJ FUT dar sete com cinco
 ‘Sete mais cinco dá quanto?’

(209) **Xi txi zunta setxi ki xinku ê ka**
 CONJ.se 2PS.SUJ juntar sete com cinco 3PS.SUJ FUT
da dôzê.
 dar doze
 ‘Se você somar sete com cinco dá doze’.

(210) **Ê ka da dôzê xi txi zunta setxi**
 3PS.SUJ FUT dar doze CONJ.se 2PS.SUJ juntar sete
ki xinku.
 com cinco
 ‘Dá doze se você somar sete com cinco’.

Para a subtração usamos **menus** ‘menos’:

(211) **I kinji menus kwatu, kantu ê ka da?**
 e quinze menos quatro quanto 3PS.SUJ FUT dar
 ‘E quinze menos quatro, quanto dá?’

Para a multiplicação usamos **vêzi** ‘vezes’:

(212) **Têêzê vêzi têêxi kantu ê ka da?**
 treze vezes três quanto 3PS.SUJ FUT dar
 ‘Treze vezes três dá quanto?’

E para a divisão usamos **divididu pô** ‘dividido por’

(213) **I sêsenta divididu pô têêxi, kantu ê ka**
 CONJ.e sessenta dividido por três quanto 3PS.SUJ FUT
da?
 dar
 ‘E sessenta dividido por três, quanto dá?’

III. Oração completiva com ya

Em lung'le, usamos o complementizador **ya** 'que' para formar sentenças subordinadas completivas, como em:

(214) N **vê** **za** **ya** **txi** **sêbê.**
 1PS.SUJ ver já COMPL 2PS.SUJ saber
 'Já vi que você sabe'.

(215) N **sêbê** **ya** **txi** **sa** **ke** **txya**
 1PS.SUJ saber COMPL2PS.SUJ PROG ir.FUT tirar
bon **nota.**
 bom nota
 'Eu sei que você vai tirar uma boa nota'.

Repare que em lung'le **ki** é somente relativizador e **ya** somente complementizador, ou seja, **ki** não pode ter a função de complementizador.

IV. Quando - ora (ki) / zo (ki)

Os nomes **ora** 'hora' e **zo** 'momento', funcionam como conjunções temporais. Podem ocorrer seguidos ou não de **ki** 'que'. Eles aparecem no diálogo nas sentenças a seguir:

(216) **Ora** **pova** **tava** **sa** **komesa...**
 hora prova PASS PROG começar
 'Quando a prova estava começando...'

(217) **Zo** **n** **ka** **fêzê** **pova** **n** **ka** **tê**
 momento 1PS.SUJ FUT fazer prova 1PS.SUJ FUT ter
mendu.
 medo
 'Quando eu fizer a prova, terei medo'.

(218) **Ora** **ki** **pova** **tava** **sa** **komesa...**
 hora REL prova PASS PROG começar
 'Quando a prova estava começando...'

(219) **Zo ki n ka fêzê pova n ka**
 momento REL 1PS.SUJ FUT fazer prova 1PS.SUJ FUT
tê mendu.
 ter medo
 'Quando eu fizer a prova, terei medo'.

4.3.10.2. Vocabulário Temático – Expressões 1

aja vida ki sawidi Haja vida com saúde!	bôbô minu Colocar uma criança às costas
batê ubuka Coachar	bôlô kura Esfregar remédio
batê uman Bater palma	bôlô pwede Pintar a parede
bensa ô Bênção	bôlô ufya Fazer massagem tradicional, Passar remédio da terra
bii agama Espancar	da abôtô Abortar
bii gô Começar a chorar	da bofetan Bater
bii idintxi Abrir os dentes, Dar risada, Enraivar-se	da fogan Cavar buraco para plantar tubérculos
bii idintxi ngeeeeen Ficar muito enervado	da fôkôtô Espancar, Teimar
bii mintxya Contar mentiras	da ka-fini Dar cambalhota
bii mya Escancarar	da keba Gargalhar, Rachar
bii redya Fugir de um animal	da keletu Aprovar, Confirmar, Dar certeza
bii txyô Começar a construir num terreno	da kidarê Gritar por socorro
bii ubaaku Cavar	da kô dêsê Convalescer, Melhorar
bii uman Começar	da kôkô Dar batidas na cabeça, Gritar
bii uman Iniciar	da koni Chifrar, Trair
bii uê Ficar atento, Perceber	da konsê Aconselhar
bii xivisu Começar a trabalhar	da kunfyansa Dar mole

4.3.10.3. Exercícios

1) **Verta para o português:**

- a) Ukaru me tava sa vale mutu fa, n vende li.
- b) Têêxi mili ki wêtusentu, kantu ê ka da?
- c) Xi txi zunta duzentu ki sêysentu, kantu ê ka da?
- d) Sen mili divididu pô kwatu, kantu ê ka da?
- e) Mili vêzi dexi, kantu ê ka da?
- f) Senti ãa menus txinta, kantu ê ka da?

2) **Verta para o lung'le**

- a) Eu sei que você precisa ir embora.
- b) Quando Manuel fizer a prova, ele vai tirar uma boa nota.
- c) Meu irmão estava com medo, mas eu não estava.
- d) Ela sabe que você não vai à festa.
- e) Quanto é dez vezes trinta?
- f) E se você juntar dez mil com oito mil, quanto dá?

3) **Escreva por extenso em lung'le as operações matemáticas a seguir, utilizando as expressões estudadas na lição:**

- a) $560 + 189 = 749$
- b) $5.610 - 310 = 5.300$
- c) $1.000 \times 100 = 100.000$
- d) $605 + 1.000 = 1.605$
- e) $3.745 - 328 = 3.417$
- f) $101 \times 4 = 404$
- g) $985 + 327 = 1.312$
- h) $500 \div 2 = 250$
- i) $503 \times 3 = 1.509$
- j) $78 - 21 = 57$
- k) $840 \div 8 = 105$
- l) $127 \times 5 = 635$
- m) $80.231 + 13.314 = 93.545$
- n) $3.030 \div 6 = 505$
- o) $2.500 - 290 = 2.210$
- p) $108 \div 9 = 12$

4) **Kantu xikola ki tê na le a? Fêzê lixta ãa na lung'le di kantu xikola ki tê na le, nomi ine xikola sê i kumi ki ine xikola sê sa fêzêdu i pô kwali kaaxi.**

5) **Konvesa ki daman tê na lung'le na kwa ki txi mêsê sêbê ora txi ka vya taamwin i xi txi mêsê xigi xtdu tê na Santome ô na te ôtô.**

4.3.10.4. Kutwa - Xikola na Ie¹¹⁷

XIKOLA NA IE

Na Ie tê pilha xikola pô minu kêtê ki ningê-taamwin: Ine xikola sê tê nomi Pala Lavi, Budubudu, Uga Filix ine xikola ê pô xina pimarya isê na posan. Santantoni Segundu ki Padran tê dôsu xikola pô lisêw na posan mesu. Xikola pô lisêw na oso ê paa inhemi ki Sundi. Xikola ôtô na oso ê Santu Kixtu, Ubadê, San Zwakin, Ukampu Avian ki Xperansa ô Pôtô Ryali, ine sê ê pô pimarya.

Xikola na posan sa komesa dina pimyo kaaxi da sêxtu kaaxi i za lisêw sa komesa na setximu da deximu pimyo. Ora ki ine minu kêtê na oso ka kaba pimarya, ine tê di vika posan vika xigi xtudu na setxima pô dyentxi.

Anu xikola sa komesa na ôtubu ten zulyu. Na pimyo ferya ki a ka da ê na munsan natali, segundu ê na munsan paxkwa i utximu ê na nzami. Anu xikola ka kaba na mêzê di zulyu di anu.

No maxi tê na Ie xikola ten deximu segundu anu fa, maji govenu rejyonali sa fêzê na modi tudu pa ine pôfêsôrô Ukabu Vêdê vika da xikola na kaaxi sê. Inkwantu ki ine pôfêsôrô sê maxi vika fa, ine alunu tê di we Santome we xigi xtudu. Ora ki ine ka kaba di lê gan nzami ine ka wada di gan bowsa na te kwalke ki ka podi sa Putuga, Baji, Ukabu-Vêdê, Kuba, Xina, Taywan i te ôtô vya.

COMPREENSÃO DO TEXTO

- 1) O que as crianças das roças fazem quando terminam a escola primária?
- 2) Quando começa e termina o ano letivo?

VOCABULÁRIO

alunu n. aluno

anu n. ano

bowsa n. bolsa de estudos

Budubudu topo. Budubudu

deximu num. décimo

dina prep. desde

ferya n. férias

¹¹⁷ Tradução para lung'le de Manuel Salomé.

gan v. ganhar
govenu n. governo
inkwantu conj. enquanto
kaaxi n. classe
komesa v. começar
kwalke adj. qualquer
lisêw n. liceu
munsan n. época
natali n. natal
Nova Kuba topo. Nova Cuba
nzami n. exame
oso n. roça
padran n. padrão
Pala Lavi n. escola Paula Lavres
paxkwa n. páscoa
pilha adv. muito
Pôtô Ryali topo. Porto Real
rejyonali adj. regional
San Zwaki DES. São Joaquim
Santantoni Segundu topo. Santo Antônio Segundo
Santu Kixtu topo. Santo Cristo
setximu num. sétimo
sêxtu num. sexto
Sundi topo. Sundy
Taywan topo. Taiwan
ubadê DES. abade
uga n. rua
Uga Filix topo. Rua Feliz
ukampu n. campo
Ukampu Avyan topo. Aeroporto
utximu adj. último
xigi v. continuar
xperansa DES. esperança
xtudu n. estudo

4.3.10.5. Traduções

QUANTO QUE DÁ?

Alguém bate à porta de Sabrina. É Tiago, filho de Luzia.

S- Quem é?

T- Sou eu, Tiago.

S- Boa tarde, Tiago! Entra!

T- Sabrina, amanhã eu tenho prova de matemática na escola. Preciso fazer contas.

Você pode me ajudar, por favor?

S- Mas é claro! Quanto é sete mais cinco?

T- Sete mais cinco são doze.

S- Muito bem! E quinze menos quatro?

T- Quinze menos quatro dá onze.

S- Agora uma mais difícil. Quanto é onze vezes três?

T- Trinta e três.

S- Muito bem! E sessenta dividido por três?

T- Vinte.

S- Você não tem nenhum problema com matemática! Quando estiver fazendo a prova, você pode ficar bem tranquilo. Com certeza vai tirar uma boa nota!

T- Estou um pouco preocupado, mas acho que vai dar tudo certo!

(...)

S- Tiago, como vai? E a prova de francês?

T- Tudo bem. Quando a prova começou, eu estava com medo. Mas depois que começou, eu não estava mais com medo.

ESCOLAS E O SISTEMA DE ENSINO

No Príncipe há várias escolas para as crianças e adultos. São elas: Paula Lavres, Budubudu, Rua Feliz. Essas escolas primárias ficam na cidade de Santo Antônio. Santo Antônio Segundo e Padrão são as escolas secundárias da cidade. Nas roças, as escolas secundárias são: Praia Inhame e Sundry e as primárias são: Santo Cristo, Abade, São Joaquim, Aeroporto e Porto Real.

As escolas da cidade de Santo Antônio começam desde a primeira classe até a sexta classe, enquanto as secundárias começam da sétima até a décima primeira¹¹⁸. Quando as crianças que moram na roça terminam a primária, precisam ir à cidade seguir seus estudos na sétima classe em diante.

O ano letivo começa em outubro e vai até julho. As primeiras férias são na época de Natal, as segundas na época da Páscoa e as últimas nos exames. O ano letivo termina em julho.

Não há, no Príncipe, escola que tenha o décimo segundo ano, mas o Governo Regional está fazendo de tudo para que professores de Cabo Verde venham dar aula para essa classe. Enquanto esses professores não vêm, os alunos têm que ir a São Tomé seguir seus estudos. Quando os alunos terminam os exames, eles aguardam para ganharem uma bolsa para algum país como Portugal, Brasil, Cabo Verde, Cuba, China, Taiwan, entre outros.¹¹⁹

¹¹⁸ O décimo segundo ano foi implantado no Príncipe em 2014.

¹¹⁹ Texto de Josué Tavares.

4.3.11. Lição 11: Uvôdu Sonlensu

UVÔDU SONLENSU

Sabina- Mene, modi a?

2 Mene- Malmentê ô. N tava mesu sa buka txi. Txi sêbê za ya sumana ki keka
ten Sonlensu a?

4 Sabina- Êê? N kênsê bôrôrô. Kusê xemi na kabese! Txi bê ka we pya?

6 Mene- Inhan. Anu tudu pe n sa pya li. Di vêsê sê n sa ke tama patxi, n sa ke xyê
môrô.

8 Sabina- Kêy! N bê sa ke pya. N tava mêsê pa txi xipika mi swa Sonlensu pôkê n
bê mêsê xyê li.

Mene- N ka konta txi kwa tudu pe.

10 Sabina- Dêsu paga txi da mi. Ora uvôdu Sonlensu ka bii, rôpê mutu keka Ie?

12 Mene- A keka. Pilha ningê keka. Uvôdu ãa gaavi mutu. Ine ki sa xyê Sonlensu
ropa ine ka luji mutu zo tudu pe.

Sabina- Txi tê ropa tê za?

14 Mene- N sa ke manda fêzê ki me amanhan. Logu n ka tê ropa me.

Sabina- Ami, n maxi sa tê ropa Sonlensu ãa.

16 Mene- Txi ka po manda fêzê ki tê bê. Txi mêsê lêlê mi?

18 Sabina- Pô mi sa da fa. N sa ke rêgê pemya vya kukuru pa n we ten ixima
kabese Piku Paage. N ka mendu!

20 Mene- Ade ô! Txi sa mendu fa. Ora txi keka, n ka musa txi ropa me. Xi txi
mêsê, txi bê manda fêzê ropa ãa da txi. Wo sê n pixiza kwê pwê we kaxi pa we kuxi
da mana me. Xi n ka sa kuxi wo sê, no ka tê kumê za. Paasô.

22 Sabina- Paasô.

VOCABULÁRIO

a pro. indf., eles (indf.)	paasô adv. tchau
anu n. ano	Piku Paage topo. Pico Papagaio
bii v. abrir	pilha adv. muito
bôrô (seku) ideo. muito (seco)	pôkê conj. porque
buka v. buscar, procurar	rêgê v. levantar
kabese n. cabeça	ropa n. roupa
keka v. ka + vika	rôpê n. europeu, branco
kensê v. esquecer	Sonlensu n. São Lourenço
kukuru adj. escuro	xipika v. explicar
luji v. brilhar, luzir	swa n. história, conto
môrô n. mouro	vêsê n. vez
musa v. mostrar	xemi v. sumir, desaparecer

4.3.11.1. Notas Gramaticais

Nesta lição, abordaremos o pronome indefinido **a**, completando assim o quadro dos pronomes. Falaremos também sobre os tempos futuro e do modo epistêmico com verbos no progressivo, algumas contrações com o verbo **we**, o complementizador **pa**, verbos seriais, **vya** com sentido de ‘ainda’ e as conjunções **pôkê** e **ki**.

I. Pronomes pessoais 8

Nesta lição aparece, pela primeira vez, o pronome indefinido **a**. O pronome **a** é usado quando não queremos definir ou especificar o agente de uma ação, como nos exemplos a seguir:

(220) **A keka.**
 INDF vir.FUT
 ‘Eles (indf.) virão’.

(221) **A sama mi.**
 INDF chamar 1PS.OBJ
 ‘Me chamaram’.

(222) **A fêzê kaxi ũa na lala.**
 INDF fazer casa um PREP.em lá
 ‘Fizeram (indf.) uma casa lá’.

Temos agora o quadro completo dos pronomes pessoais:

	ARGUMENTO			NÃO ARGUMENTO	DESLOCADOS
	SUJEITO	OBJETO DIRETO	OBJETO INDIRETO	ADJUNTO DO NOME - POSSESSIVOS	
1PS	n	mi	ami	me	ami
2PS	txi	txi	atxi	tê	atxi
3PS	e	li	êli	sê	êli
1PP	no	no	no	no	no
2PP	owo	owo	owo	owo	owo
3PP	ine	ine	ine	ine	ine
Indefinido	a	a	a	a	a

II. Futuro 1

O tempo futuro em lung'le é marcado por **ka**. Nesta lição, veremos os tipos *zero-estativo* e *ka-estativo*. Para os verbos zero-estativos, temos **ka** e **sa** como marca de futuro, já para os ka-estativos, utilizamos a marca de não-passado.

(223) N **ka** **tê** **ropa** **me.**
 1PS.SUJ FUT ter roupa 1PS.POSS
 'Terei minha roupa (pronta)'.

(224) N **maxi sa** **tê** **ropa** **Sonlensu** **fa.**
 1PS.SUJ ainda FUT ter roupa são.lourenço NEG
 'Ainda não terei uma roupa de São Lourenço'.

(225) N **ka** **mendu.**
 1PS.SUJ N-PASS ter.medo
 'Terei/tenho medo'.

(226) **Txi** **sa** **mendu** **fa.**
 2PS.SUJ N-PASS ter.medo NEG
 'Voce não terá/tem medo'.

TIPO ZERO-ESTATIVO	
FUTURO	ka/sa

TIPO KA-ESTATIVO	
NÃO-PASSADO	ka/sa

III. Contrações - ke / keka

Em lung'le, há alguns casos de contração de partículas de tempo/modo/aspecto com formas verbais. Nesta lição, veremos duas contrações deste tipo, uma com o verbo **we** 'ir' e outra com o verbo **vika** 'vir'.

a) KA + WE = KE

FUT + ir

(227) **Txi sa ke txya bon nota.**
 2PS.SUJ PROG ir.FUT tirar bom nota
 'Você vai tirar uma boa nota'.

b) KA + VIKA = KEKA

FUT + vir

(228) **Ê keka.**
 2PS.SUJ vir.FUT
 'Ele virá'.

Nesses casos, o **ka** também pode ser a marca de habitual, imperfectivo ou futuro, dependendo do caso. Na lição 13, sistematizaremos o futuro não-progressivo para os verbos de ação.

IV. Oração completiva com *pa*

Na lição anterior, vimos o complementizador *ya*. Esse complementizador, visto anteriormente também como introdutor de discurso direto na Lição 5, é usado em sentenças em que aparecem verbos declarativos e epistêmicos, como *fala* ‘falar’, *kuda* ‘pensar’ e *sêbê* ‘saber’ (Maurer 2009).

Agora veremos o complementizador *pa* ‘para’, que traz a noção de finalidade da oração principal.

(229)	N	tava	mêsê	pa	atxi	xipika
	1PS.SUJ	PASS	querer	COMPL	2PS.DAT	explicar
	mi	swa	Sonlensu.			
	1PS.OBJ	história	são.lourenço			

‘Eu queria que você me explicasse a história de São Lourenço’.

(230)	N	sa	ke	rêgê	pemya	vya	kukuru
	1ps	PROG	ir.N-PASS	levantar	de.manhã	ainda	escuro
	pa	n	we	ten	xima	kabese	piku
	COMPL	1PS.SUJ	ir	até	em.cima	cabeça	pico

paage.
papagaio

‘Eu me levantarei de manhã ainda quando estiver escuro para ir até o cume do pico Papagaio’.

(231)	N	we	kaxi	pa	n	kuxi.
	1PS.SUJ	ir	casa	COMPL	1PS.SUJ	cozinhar

‘Vou para casa para cozinhar’.

V. *Vya* com sentido de ‘ainda’

O verbo *vya* ‘virar, tornar-se’ pode significar ‘ainda’:

(232)	N	sa	ke	rêgê	pemya	vya	kukuru.
	1PS.SUJ	PROG	ir.N-PASS	levantar	amanhã	ainda	escuro

‘Vou levantar amanhã quando ainda estiver escuro’.

- (233) **Sabina vya sa kuxi**¹²⁰.
 Sabrina ainda PROG cozinhar
 ‘Sabrina ainda está cozinhando’.

VI. Construções seriais com pwê

O verbo **pwê** ‘por’ pode dar ideia de objetivo ou destino quando usado em série:

- (234) **N pixiza kwê pwê we kaxi**.
 1PS.SUJ precisar correr por ir casa
 ‘Preciso ir correndo para casa’.

- (235) **Ê kwê pwê umatu**¹²¹.
 3PS.SUJ correr por mato
 ‘Ele correu para dentro da floresta’.

VII. Conjunção - pôkê

A conjunção explicativa **pôkê** ‘porque’ inicia orações subordinadas explicativas, como podemos ver nos exemplos a seguir:

- (236) **N tava mêsê pa txi xipika**
 1PS.SUJ PASS querer COMPL 2PS.SUJ explicar
mi swa Sonlensu pôkê n bê
 1PS.OBJ história são.lourenço porque 1PS.SUJ também
mêsê xyê li.
 querer sair 3PS.OBJ

‘Eu queria que você me explicasse a história da festa de São Lourenço porque eu também quero participar’.

VIII. Modo epistêmico 3

Nas lições 5 e 8, anteriores vimos o modo epistêmico. Agora veremos sua forma com verbos na forma progressiva, utilizando **ka sa**. A marca de modo **ka** é usada da mesma maneira: quando é expressado um evento ou situação que não aconteceu, mas poderia ter acontecido. A marca de progressivo **sa** dá noção de progressividade ao verbo.

¹²⁰Exemplo adaptado de Maurer (2009).

¹²¹Exemplo de Maurer (2009).

(237) **Xi n ka sa kuxi wo**
 CONJ.se 1PS.SUJ EPIS PROG cozinhar momento
sê, no ka tê kumê za.
 este 3PP.SUJ MOD ter comida já
 ‘Se eu tivesse cozinhando agora, nós já teríamos comida’.

(238) **Txi ka sa pudya we uvôdu.**
 2PS.SUJ EPIS PROG poder.FUT.PASS ir festa
 ‘Você poderia estar indo para a festa’.

(239) **Xi n ka sa xtuda wo sê,**
 se 1PS.SUJ EPIS PROG estudar momento este
n ka sêbê fala lung’Ie za.
 1PS.SUJ EPIS saber falar lung’Ie já
 ‘Se eu tivesse estudando agora, eu já saberia falar lung’Ie’.

IX. Usos do ki

Até agora, o **ki** apareceu nas notas gramaticais das Lições 2, 3 e 6. Agora veremos, novamente, todos os usos de **ki** mencionados anteriormente a fim de sistematizar seu uso e suas diferenças.

a) CONJUNÇÃO NOMINAL ‘E’

(240) **N mêsê urumu ki maakita.**
 1PS.SUJ querer safu CONJ.e malagueta
 ‘Eu quero safu e malagueta’.

b) PREPOSIÇÃO ‘COM’

(241) **N we paa ki migu me.**
 1PS.SUJ ir praia PREP.com amigo 1PS.POSS
 ‘Fui à praia com meu amigo’.

c) PRONOME RELATIVO 'QUE, O QUAL'

(242) **Doxi ki pasa.**

doce REL passar

lit: 'Doce que passa'.

'Muito doce'.

d) PRONOME INTERROGATIVO 'QUE, QUAL'

(243) **Txi sêbê fala ki lunge a?**

2PS.SUJ saber falar qual língua INT

'Quais línguas você sabe falar?'

4.3.11.2. Vocabulário Temático – Expressões 2

da mali Falar mal	dêsu kize Adeus, Até amanhã
da urya Ouvir (alguém)	dêsu paga Obrigado
da ôzen Ajoelhar	di rêpentê De repente
da pazuma Ficar inerte	dya-dya Com o passar dos dias
da pedan Perdoar	fala bê Cumprimentar, Visitar
da reva Aborrecer	fala vonvon Falar à toa, Fofocar, Mexericar
da tabwe Ser difícil	fê favô Faz favor, Por favor
da taponá Bater	fê lufulufu Tirar vantagem, Tomar algo antes de outra pessoa
da topi Tropeçar	fê mangasan Caçoar, Troçar
da ubuka Conversar	fê poxta Apostar
da ukabu Acabar, Matar	fê vogyan Envergonhar
da uman Ajudar, Cumprimentar, Socar	fêê fora Defecar
da upegu Pular, Saltar	fêzê anu Fazer aniversário
da uê Dar vista, Nascer, Ter filho, Ver	fêzê bôrôro Fazer tudo
da vaa Chicotear	fêzê fasanha Exibir-se, fazer arte, Fazer drama
da vese Dar errado, Ficar ao avesso	fêzê fora Defecar
da viva Dar vivas a, Parabenizar	
da vunga Balançar	
dêsê ôtô Conversar	

4.3.11.3. Exercícios

- 1) **Verta para o português:**
- Amanhan n ka tê pova matximatkika.
 - Xi Sabina ka sa kuxi wo sê, ine ka tê kumê za.
 - Amanhan txi ka tê pova, maji txi sa mendu fa.
 - Owo we paa pa foga kêtê.
 - Mene vya sa bêbê.
 - N sa xtuda dya tudu pe pôkê n mêsê we xtuda na Baji.

2) Verta para o lung'le:

- a) Sabrina precisa ir para a igreja correndo.
- b) Eu vou cozinhar para minha irmã porque minha mãe foi para São Tomé.
- c) Amanhã eu vou saber a nota que tirei na prova.
- d) Um dia, minha casa valerá muitas dobras.
- e) Eu nunca vou ter um carro.
- f) Eu quero que você me ensine lung'le.

3) Fêzê minu fasanha txyatu na lung'le di Sonlensu na udentu sala xikola. Pidi pôfêsôrô da zuda owo.**4) Konvesa ki daman na lung'le tê kwa ki bon da txi na mêzê di agôxtô.**

4.3.11.4. Kutwa - Uvôdu Sonlensu¹²²

UVÔDU SONLENSU

Uvôdu Sonlensu ê uvôdu ùa ki a sa fêzê na anu tudu pe na dya kinji di agôxtô. Ê uvôdu maxi gaani di Ie, uvôdu ki ningê tudu di toka tudu sa xyê na kaxi we pya. Entê uvôdu tudu anu sonlensu na ie êli ki ningê mutu sa keka fo te ôtô vika pya. Sonlensu ê txyatu ùa ki na lunge putugêzê a sa sama li “Auto de Floripes” i ê vika fo Putuga na sekulu dizanovi. I Sonlensu zuntadu ki txiloli ki bê fo Putuga pô Santome.

Uvôdu Sonlensu ê pô dôsu dya: pimyo dya ê pô dya kinji za xi dya kinji batê na dya sumana, dya ôtô ka sa pô dya dimingu xigintxi di mêzê di agôxtô. Xi ê batê na sabudu, ê ka podi sa na dya dimingu xigintxi. Mêzê di agôxtô na ie ê mêzê ki govenu rejyonali pwê pô mêzê di kutwa i na mêzê sê mesu txyan di Sonlensu govenu vya sa fêzê pilha uvôdu di fisa mêzê.

I kontu swa Sonlensu ê da na munsan ki ine rôpê putugêzê lenta ie di musa modi ki kixtan luta na ge ki ine mwêru na te gaani. Sonlensu vya tê kontu di Kalu Maginu ê arê kixtan i Almirantxi Balan ê arê mwêru. Almirantxi Balan tê dôsu minu, ùa omi ki mye ùa. Omi ê Fêrêbrax, mye Floripi. Na ge sê, ê tê Olivêru na patxi kixtan ki luta ki Fêrêbrax ten ê vensê Ferebrax, maji ê mata e fa. Ê fêzê ki Fêrêbrax butxiza. I Floripi bê tava na kôtê pwe sê ê vê ine kixtan sa batalha ê goxta pilha modi ki ê vê kavalêw ùa di kixtan sa peleja ki supada, xikudu ki lansa i mata pilha vasalu mwêru. Na modi sê, Floripi deja na kosan pô kixtan sê i ê buka modi tudu di konsê kixtan sê ten zo ki ê kunxigi sêbê nomi sê ki e Gwi di Bergonha. I na modi sê, Floripi rôzôvê butxiza, kaza ki sê ki kixtan. Na modi sê Almirantxi Balan fika êli so ine vasalu sê tudu mwê pe ê fika êli so na ukampu i ine vasalu kixtan seka li pwê li pezu i kwa tudu kaba.

¹²² Texto de Manuel Salomé.

COMPREENSÃO DO TEXTO

- 1) **Quando é realizada a Festa de São Lourenço?**
- 2) **O que acontece com Floripes?**
- 3) **O que acontece com o Almirante Balão?**

VOCABULÁRIO

agôxtô n. agosto	kunxigi v. conseguir
almirantxi n. almirante	kutwa n. cultura
arê n. rei	lansa n. lança
balan ant. Balão	luta v. lutar
batalha v. lutar	maginu ant. Magno
Bergonha ant. Bergonha	mata v. matar
butxiza v. batizar	mwê v. morrer
deja v. desejar	mwêru n. mouro
dizanovi num. dezenove	olivêru ant. Oliveiro
e pro. o, a, os, as	pezu adj. preso
fêrêbrax ant. Ferebraz	rôpêw n. branco, europeu
fika v. ficar	rôzôvê v. resolver
fisa v. encerrar	seka v. cercar
floripi ant. Floripes	sekulu n. século
ge n. guerra	Sonlensu n. São Lourenço
gwi ant. Gui	supada n. espada
kalu ant. Carlos	Txiloli n. Txiloli
kavalêw n. cavaleiro	txyan adv. além de
kaza v. casar	txyatu n. teatro
kixtan n. cristão	vasalu n. soldado
konsê v. conhecer	vensê v. vencer
kontu n. conto	xigintxi adj. seguinte
kosan n. coração	xikudu n. escudo
kôtê n. castelo do Auto de Floripes, na festa de São Lourenço	zuntadu adj. junto

4.3.11.5. Traduções

FESTA DE SÃO LOURENÇO

S- Manuel, tudo bem?

M- Mais ou menos. Eu estava mesmo te procurando, Sabrina. Você já sabe que semana que vem tem a festa de São Lourenço?

S- Ah é! Eu quase me esqueci. Me sumiu da cabeça! Você vai assistir?

M- Claro, eu assisto todos os anos. E, dessa vez, eu vou participar, eu vou sair de mouro.

S- Que legal! Eu vou assistir também. Olha, eu queria que você me explicasse a história para eu participar da próxima vez.

M- Então eu vou te contar tudinho.

S- Obrigada. Na época de São Lourenço vêm muitos estrangeiros para o Príncipe?

M- Vêm sim. O Príncipe fica cheio de gente. É uma festa bem bonita. Os atores estão sempre fantasiados com roupas bem coloridas.

S- Você já tem sua fantasia?

M- Eu vou amanhã na costureira para mandar fazer minha roupa.

S- Eu, eu ainda não tenho uma roupa de São Lourenço.

M- Você também pode mandar fazer. Você quer me acompanhar?

S- Eu não posso. Vou acordar bem cedo para subir o Pico Papagaio. Vou ficar com medo!

M- Não! Você não ficará com medo. Quando você voltar, eu te mostro minha roupa. Agora preciso ir correndo para casa para cozinhar para minha irmãzinha. Se eu estivesse a cozinhar agora, a gente já teria comida pronta. Tchau.

S- Tchau.

FESTA DE SÃO LOURENÇO

A Festa de São Lourenço é realizada todos os anos no dia 15 de agosto. É a maior festa do Príncipe, em que todas as pessoas saem de suas casas para assistir. Pessoas de todo o mundo participam e vêm assistir. Há música e dança na ruas e barracas de pratos típicos na praça central. A festa consiste na encenação do Auto de Floripes, que chegou de Portugal à Ilha no século XIX, juntamente com o Tchiloli de São Tomé.

A Festa de São Lourenço se realiza em dois dias: a primeira é no dia 15 de agosto e a segunda é no próximo domingo de agosto. Se dia 15 for sábado, a segunda pode ser no

domingo seguinte. O mês de agosto no Príncipe é o mês que o Governo Regional instituiu como mês da cultura e, além de São Lourenço, o Governo promove várias outras festas durante agosto para concluir o mês.

A história de São Lourenço se dá na época da guerras entre cristãos e mouros na Europa. O conto é sobre Carlos Magno, rei dos cristãos, e Almirante Balão, rei dos mouros. O Almirante Balão tem dois filhos, um homem e uma mulher. O homem é Ferebraz e a mulher, Floripes. Na guerra, há o Oliveiro, cristão que luta e vence Ferebraz, mas não o mata. Ele faz com que Ferebraz seja batizado. E Floripes, que também estava na corte de seu pai, vê os cristãos na batalha e gosta muito da maneira como um cavaleiro luta, com espada, escudo e lança, contra os soldados mouros. Então, Floripes torce em seu coração por seu cristão e busca de toda maneira conhecê-lo, até que descobre seu nome, Gui de Bergonha. E, sendo assim, Floripes resolve se batizar e se casar com esse cristão. Assim, sobra somente o Almirante Balão, pois todos os seus vassalos morreram e ele fica sozinho no campo até que os soldados cristãos os cercam, prenderam-no e a história acaba.

4.3.12. Lição 12: Isê kwêsa?

ISÊ KWÊSA?

Sabina- Luja, modi a?

2 Luja- Malmentê ô. Ôzê n sa ke pya migu me ten Sundy. Txi konsê oso ãa na Ie
za?

4 Sabina- N konsê Bôa Xpêransa ki San Zwakin, maxi n we Sundi fa.

Luja- Modi txi maxi we fa, n fa, txi mêsê lêlê mi fa?

6 Sabina- Axi mesu ki n mêsê mutu sa da pa n we fa ô. N mêsê we di fya pôkê
kaxi me sa seku bôrô.

8 Luja- N bê ke kwa txi fya za no ke Sundi.

(na Sundy)

10 Sabina- N fa, kaxi xila ê kaxi kwê sa?

Luja- Ixila kaxi gaani. Kaxi xila ê kaxi patran.

12 Sabina- I kwisê, kwêsa? Txi sêbê a?

14 Luja- Êê, n sa sêbê. Kusê sekadô kakaw. Txi akidita ya kakaw Ie ê tê kakaw
modi êli fa? Txi kume li za?

16 Sabina- Êê! Doxi mene mene! N sa mêsê kume li wo sê! N goxta di fuuta Ie ki
pasa. I atxi, txi mêsê kume li a?

Luja- Ade, n sa mêsê kume li wo sê fa. N mêsê kume li dêpôji.

VOCABULÁRIO

akidita v. acreditar**Bôa Xpêransa** topo. Boa Esperança**fuuta** n. fruta**ixila** pro. aquele**kakaw** n. cacau**konsê** v. conhecer**mene** v. ser doce**oso** n. roça**patran** n. patrão**sekadô** n. secador (de peixe)**seku** adj. seco**Sundi** topo. Sundy**xila** pro. aquilo**San Zwakin** topo. São Joaquim

4.3.12.1. Notas Gramaticais

Nesta lição, abordaremos o uso da cópula com verbos de estado, as construções adversativas, os demonstrativos e valo de verdade. Falaremos novamente sobre os ideofones, reduplicação e a conjunção **pôkê**.

I. Uso de sa com verbo de estado

A partícula progressiva **sa** pode aparecer em construções com verbos do tipo zero-estativo. Segundo Maurer (2009: 82), este **sa** indica um “presente relevante” apenas para esta classe de verbo.

(244) N **sa** **mêsê** **kume li** **wo** **sê!**
 1PS.SUJ PROG querer comer 3PS.OBJ momento este
 ‘Eu estou querendo comê-lo agora mesmo!’

(245) N **sa** **mêsê kume li** **wo** **sê** **fa!**
 1PS.SUJ PROG querer comer 3PS.OBJ momento este NEG
 ‘Eu não estou querendo comê-lo agora!’

II. Adversativas

Como vimos na Lição 4, a conjunção adversativa **maji** ‘mas’ introduz uma sentença coordenada adversativa.

(246) N **mêsê** **urumu** **maji n** **mêsê**
 1PS.SUJ querer safu mas 1PS.SUJ querer
fuuta **fa.**
 fruta-pão NEG
 ‘Eu quero safu, mas não quero fruta-pão.’

Nesta lição, veremos mais um tipo de conjunção adversativa, a locução **axi mesu**, que significa ‘embora’ e inicia a sentença subordinada concessiva.

(247)	Axi	mesu	ki	n	mêsê mutu
	CONJ.embora	mesmo	REL	1PS.SUJ	querer muito
	sa da pa n			we fa.	
	COP dar	para	1PS.SUJ	ir	NEG
	'Embora eu queira muito, não dá para eu ir'.				

III. Demonstrativos (Dêíticos)

Nesta seção, abordaremos os pronomes demonstrativos, também conhecidos como dêíticos.

Para falar sobre algo que está distante de nós, utilizamos **ixila** 'aquilo'. Quando utilizamos o demonstrativo modificando um nome, usamos apenas **xila** 'aquele'.

a) **IXILA** 'AQUILO': SE COMPORTA COMO PRONOME NOME, OU SEJA, NÃO PRECISA DE OUTRO NOME PARA FORMAR UM SINTAGMA.

(248)	Ixila kaxi gaani.
	aquilo casa grande
	'Aquilo é a casa grande'.

b) **XILA** 'AQUELE, AQUELA': SE COMPORTA COMO PRONOME ADJETIVO, OU SEJA, NECESSITA QUALIFICAR UM NOME PARA FORMAR UM SINTAGMA.

(249)	Kaxi xila ê	kaxi patran.
	casa aquele 3PS.SUJ	casa patrão
	'Aquela casa, ela é a casa do patrão'.	

O demonstrativo **kusê** (ou **kwisê**) 'isto' é a aglutinação de **kwa** 'coisa' + **sê** 'este'. Funciona da mesma maneira que **isê**: estas duas formas (**kusê** e **isê**) não pode modificar um nome. Neste caso, teríamos **sê** 'este'.

(250)	* Kaxi isê
	casa este
	*'Esta casa'.

(251) I **kwisê?** **Txi** **sêbê a?**
 e isto? 2PS.SUJ saber INT
 ‘E isto? Você sabe (o que é)?’

(252) **Kusê sekadô kakaw.**
 isto secador cacau
 ‘Isto é um secador de cacau.’

(253) **Sekadô sê ê sêkado kakaw.**
 secador este 3PS.SUJ secador cacau
 ‘Este secador, ele é um secador de cacau.’

IV. Conjunção – pôkê 2

A conjunção **pôkê** ‘porque’ denota causa. Inicia a sentença coordenada explicativa e a sentença subordinada causal. Aparece no texto em:

(254) N **mêsê** **we fya** **pôkê** **kaxi**
 1PS.SUJ querer ir mercado porque casa
me sa seku bôrôrô.
 1PS.POSS COP seco IDEO
 ‘Eu quero ir no mercado porque minha casa está muito vazia.’

(255) **Sabina we kaxi pôkê mwin sê**
 Sabrina ir casa porque mãe 3PS.POSS
sama li.
 chamar 3PS.OBJ
 ‘Sabrina foi para casa porque sua mãe lhe chamou.’

V. Ideofones 2

Nesta lição, aparece o ideofone **bôrôrô**, que é usado com o adjetivo **seku** ‘seco’. No texto, Luzia diz que sua casa está muito seca, ou seja, vazia, sem nada.

(256) N **mêsê** **we fya** **pôkê** **kaxi**
 1PS.SUJ querer ir mercado porque casa
me sa seku bôrôrô.
 1PS.POSS COP seco IDEO
 ‘Eu quero ir ao mercado porque minha casa está muito vazia.’

Vejamos outros ideofones em lung'le:

baa fefefe 'muito brilhante'

baanku fenene 'muito branco'

fyô kokoko 'muito frio'

kentxi zuzuzu 'muito quente'

kitxi totolo 'muito pequeno'

mwadu potopoto 'muito molhado'

peetu gbin 'muito preto'

seku bôrôô 'muito seco'

seku kparara 'muito seco'

sêndê byororo 'todo deitado'

suzu kotokoto 'muito sujo'

teme tatata 'tremar muito'

tudu pe 'tudo'

ukuru din 'muito escuro'

unotxi pi 'noite cerrada'

vêmê rarara 'muito vermelho'

VI. Intensificação com reduplicação

O verbo **mene** 'ser.estar doce' é reduplicado e utilizado com o adjetivo **doxi** 'doce, gostoso'. Existe em lung'le o verbo **mene** 'ser doce'.

(257) **Doxi** **mene** **mene!**
gostoso ser.doce RED
'É muito gostoso!'

(258) **Bôlô** **sê** **sa** **mene** **mene.**
bolo DEM PROG ser.doce RED
'Esse bolo está muito doce!'

VII. Valor de verdade

Com alguns verbos como **sêbê** 'saber', por exemplo, **sa** pode ter uma função modal de valor de verdade. No texto, temos o seguinte diálogo:

(259) **A:** **Txi** **sêbê** **a?**
2PS.SUJ saber INT
'Você sabe?'

(260) **B:** **Êê,** **n** **sa** **sêbê!**
sim 1PS.SUJ PROG saber
'Sim, eu estou sabendo!'

Outro tipo de situação em que podemos usar o **sa**, é quando alguém nos contradiz, como em:

(261) **A:** **N** **sêbê.**
 2PS.SUJ saber
 ‘Eu sei’.

(262) **B:** **Txi** **sêbê fo!**
 2PS.SUJ saber NEG.ENF
 ‘Você não sabe!’

(263) **A:** **Êê, n** **sa sêbê!**
 sim 1PS.SUJ PROG saber
 ‘Sim, eu estou sabendo!’

4.3.12.2. Vocabulário Temático - Ideofones

bababa (vêmê) muito vermelho
barara (vêmê) muito vermelho
bin (peetu) muito preto
bôrôô (kyensê) esquecer completamente
byororo (sendê) estender completamente
fefefe (baa) brilhar muito
fenene (baanku) muito branco
gbin (peetu) muito preto
gidigidi (têmê) tremer muito
jigijigi (umatu) floresta densa
kaynkayn (ukuru) muito escuro
ketekete (ve) muito velho
kôkôkô (fyô) muito frio
kotokoto (danadu) muito estragado
kotokoto (suzu) muito sujo
kparara (seku) muito seco
lekeleke (finu) muito fino
penepene (limpu) muito limpo

petepete (kubi) todo coberto (dia)
petepete (novu) muito novo
petepete (tadi) muito tarde
petepete (vêdê) muito verde
pi (unôtxi) noite cerrada
potopoto (mwadu) muito molhado
potopoto (swa) muito suado
pyenepyene (limpu) muito limpo
rarara (vêmê) muito vermelho
sônôsônô (fedi) muito fedido
sônôsônô (riku) muito rico
tantan (ufôgu) fogo muito forte
tantan (usolu) sol muito forte
tatata (têmê) tremer muito
ton (tezadu) muito tensionado
tololo (kitxi) muito pequeno
wan (betu) muito aberto
wan (pemya) manhã muito cedo
zezezeze (keba) estilhaçar
zuzuzu (kentxi) muito quente

4.3.12.3. Exercícios

1) Verta para o português:

- Axi mesu ki n mêsê kume kakaw, n mêsê we buka li fa.
- Ixila pôkô Sabina.
- Kaxi xila kaxi Mene.
- Sabina we fya kopa kumê pôkê kaxi sê sa seku bôrôô.
- Kusê avian patran.
- Loza sê ê loza mwin me.

2) Verta para o lung'le:

- Palapala** é muito gostoso!
- Eu vou sair de casa porque vou encontrar o Manuel.
- Embora eu queira dormir, eu preciso ir trabalhar.
- Este carro é o carro da Sabrina?
- Isto é um livro de matemática.
- O que é aquilo?

3) Complete com xila ou ixila e depois traduza:

- a) _____ xikola Pican.
- b) Ukaru _____ karu mutu.
- c) Paage _____ gaavi ki pasa.
- d) Mene, _____ kwêsa?

4) Complete com sê ou kusê/kwisê e depois traduza:

- a) Sapusapu _____ doxi ki pasa.
- b) Omi _____ mêsê fala kwa mi fa.
- c) Sabina, _____ ropa tê a?
- d) _____ fuuta a?

5) Buka di sêbê kwa ki sa da klipixi usolu i xikêvê na lung'Ie.

6) Kwê manda ki êli Sir Arthur Eddington mase xtanjêw vika Ie? Na modi sê fala na lung'Ie xi kwa ki ine vika fêzê na Klipixi xi ê ka da kwa dêêtu modi ki ine mêsê. I ine xtanjêw ki we Baji?

4.3.12.4. Kutwa - Klipixi¹²³

KLIPIXI

Na mêzê di mayu di mili novesentu dizanovi, Sir Arthur Eddington di xuxadadi axtronomiku vika fo Inglate fêzê oba ãa pô vijya klipixi usolu. I klipixi sê a tava sa vê li na ukwatu metedi atlantiku. Ine manse xtanjew we Baji ki ie Pinxipi.

Na anu sê na dya vintxi nove di mayu ine fêzê li na Baji pa po pya klipixi maji ê da kwa dêêtu fa, maji ki ine fêzê na ie êli ki da. Na modi sê ine manse sê pwê pimyo tentu di txyôria di relatividadi pô ôbisêvasan klipixi na oso Sundy ki sa fika lonji di posan le nove kilometu.

Na dya sê mesu di anu dôsu mili nove, ine vya vika ie fêzê uvôdu di tantu anu di oba sê i na uvôdu sê ine fêzê palexta na Sundi mesu i vya da keletu ya na ie na udentu txyô Sundy êli ki a ka vê ose na metedi. I na atura sê mesu êli ki bota sêlu pô kômêmôrasan di noventa anu di oba sê.

COMPREENSÃO DO TEXTO

- 1) Onde o eclipse de 1919 foi observado?
- 2) Por que a expedição no Príncipe foi mais importante?
- 3) O que acontece no aniversário de 90 anos do eclipse?

VOCABULÁRIO

atlantiku n. oceano atlântico

atura n. altura

axtronomiku adj. astronômico

bota v. sair

Inglate topo. Inglaterra

keletu n. confirmação

kilometu n. km

klipixi n. eclipse

kômêmôrasan n. comemoração

lonji adj. longe

manse n. rapaz

mayu n. maio

¹²³Tradução para o lung'le de Manuel Salomé.

metedi n. meio
noventa num. noventa
novesentu num. novecentos
oba n. obra
ôbisêvasan n. observação
ose n. céu
palexta n. palestra
pinxipi n. príncipe
relatividadi n. relatividade
sêlu n. selo
tantu adv. tanto
tentu n. tentativa
txyô n. quintal
txyôria n. teoria
udêntu adv. dentro
ukwatu n. lado
usolu n. sol
vijya v. vigiar
xtanjêw n. estrangeiro
xuxadadi n. sociedade

4.3.12.5. Traduções

O QUE É ISTO?

S- Luzia, tudo bem?

L- Mais ou menos. Hoje vou visitar um amigo meu em Sundy. Você já conhece alguma roça do Príncipe?

S- Conheço só a Porto Real e a São Joaquim. Nunca fui a Sundy.

L- Já que você nunca foi, você não quer me acompanhar?

S- Embora eu queira muito, hoje não posso. Preciso ir ao mercado porque já não há nada para comer na minha casa.

L- Então vou com você ao mercado e depois vamos para Sundy.

(na Roça Sundy)

S- Olha, que casa é aquela?

L- Aquilo é a casa grande. Aquela casa é onde morava o proprietário.

S- E o que é isso? Você sabe?

L- Sim, eu sei. Isso é onde se secava o cacau. Você acredita que o cacau do Príncipe é um dos melhores do mundo? Você já provou?

S- Sim! É uma delícia! Eu quero comer um agora mesmo! Eu adoro as frutas do Príncipe! E você, você quer comer cacau?

L- Não, eu não quero comer agora. Quero comer depois.

ECLIPSE DE 1919

Em maio de 1919, Sir Arthur Eddington e a Sociedade Astronômica Real da Inglaterra lançaram uma expedição para observar um eclipse solar¹²⁴. O eclipse era visível das regiões equatoriais dos dois lados do Atlântico. Eddington mandou uma expedição para Sobral, no Brasil, e foi para a ilha do Príncipe.

O eclipse ocorreu no dia 29 de maio de 1919. A expedição que foi ao Brasil não teve sucesso, mas a que foi para o Príncipe foi bem sucedida. Assim, a expedição de Eddington proporcionou a primeira verificação experimental da teoria da relatividade de Albert Einstein. A observação foi feita da Roça Sundy, que fica a 9 km ao norte da capital, Santo Antônio.

¹²⁴Fonte: <http://www.1919eclipse.org/index.php>

Em 2009, houve uma festa em comemoração da expedição. Especialistas deram palestras na Sundry, lugar onde ocorreram as primeiras observações. Na ocasião, foram impressos selos em comemoração aos 90 anos deste feito.

4.3.13. Lição 13: Sumana sê n sa ke foga!

SUMANA SÊ N SA KE FOGA!

Sabina- Mene, modi a?

2 Mene- Levi-levi ô.

Sabina- N goxta di ventenha mutu pa paxya. Pya, sumana sê, migu me vika fo
4 Santome, vika pya mi na Ie. Ê ka pasa sumana sê tudu pe ku ami. Ê ka xiga amanhan,
kinta-fya.

6 Mene- Maji txi sa ke xivi na sumana sê fa?

Sabina- Dina minu sa keka lêlê mi, n sa ke mundya xivisu na sumana ki keka.

8 Mene- Modi a? Owo sêbê ki owo sa ke fêzê za?

Sabina- Na kinta-fya, dya pimyô, n sa ke ukampu-avian we buka li. I di lala no
10 ke kaxi me pa no ruma kagu sê. Za no ke Paa Eva ô Paa Pôtxin.

Mene- Sêgundu dya, ki owo sa ke fêzê a?

12 Sabina- Na sêxta-fya no sa ke yew Bonbon, no sa ke dimi lala. Sabudu, txisêru
dya, no sa ke ki no posan tadi. Dya dimingu, kwatu dya, no sa ke bôbô ten Piku
14 Paage. I na sêgunda-fya, kintu dya, no sa ke ten Belu Montxi i ten paa Bana. I tesa-fya
no sa ke San Zwakin. I na dya sê ki sa kaba, na kwata-fya, no ke da voota Ie na vapô.
16 Kinta-fya, utximu dya, za ê sa ke ki sê Santome.

Mene- Êê, owo sa ke juga kosan we lonji ô! N bê ka po we ki owo a?

18 Sabina- Kwêsa? No we ki no! N ka sama Zuan bê.

Mene- No sa sama Zuan fa. Zuan dwintxi. Ê vya bôsêdu.

20 Sabina- Dina, no ka vê amanhan ô!

Mene- Dêsu kize ô. Paasô.

22 Sabina- Paasô!

VOCABULÁRIO

avyan n. avião	Paa Pôtxin topo. Praia Portinho
Belu Montxi topo. Belo Monte	pimyô num. primeiro
bôbô adv. direto	ruma v. arrumar
bôsêdu adj. chateado, entediado, bravo	san n. senhora
dimi v. dormir	sêgunda-fya n. segunda-feira
dina prep. já que	sêgundu num. segundo
juga v. jogar	sêxta-fya n. sexta-feira
kagu n. carga, bagagem	tesa-fya n. terça-feira
kinta-fya n. quinta-feira	txisêru num. terceiro
kintu num. quinto	ukampu avian n. aeroporto
kize v. querer SUBJ	utximu adj. último
kosan n. coração	vapô n. barco
kwata-fya n. quarta-feira	ventenha n. estação seca (gravana)
lonji adj. longe	voota n. volta
Paa Bana topo. Praia Banana	xivisu n. trabalho, serviço
Paa d'Eva topo. Praia Évora	yew n. ilhéu

4.3.13.1. Notas Gramaticais

Nesta lição, abordaremos novamente o tempo futuro, bem como os números ordinais, os dias da semana e a preposição **dina**.

I. Futuro 2

Nas lições 4 e 11, vimos um pouco sobre o tempo futuro. Agora, veremos o futuro não-progressivo dos verbos de ação. Utilizamos **ka** para a sentença afirmativa e **sa** para a negativa.

(264) N **ka** **sama** **Zuan** **bê.**
 1PS.SUJ FUT chamar João também
 'Eu chamarei o João também'

(265) **No** **sa** **sama** **Zuan** **fa.**
 1PP.SUJ FUT chamar João NEG
 'Nós não chamaremos o João'

(266) **No** **ka** **vê** **amanhan** **ô!**
 1PP.SUJ FUT ver amanhã ENF
 'Nós nos veremos amanhã!'

	AÇÃO
FUTURO	ka/sa

Retornemos às contrações com o verbo 'ir' no futuro: **ka** 'FUT' + **we** 'ir' = **ke**. Na lição a seguir veremos o futuro progressivo para os verbos de ação.

II. Números ordinais

A seguir, veremos alguns numerais ordinais de um a cinco, em lung'Ie:

pimyô primeiro

sêgundu segundo

txisêru terceiro

kwatu quarto

kintu quinto

utximu último

III. Dias da semana

A seguir, veremos os sete dias da semana em lung'Ie:

sêgunda-fya segunda-feira

tesa-fya terça-feira

kwata-fya quarta-feira

kinta-fya quinta-feira

sêxta-fya sexta-feira

sabudu sábado

dya-dimingu domingo

IV. Preposição - dina

A preposição **dina** significa 'já que, uma vez que' ou 'então'. Aparece no texto em:

(267) **Dina minu sa keka lêlê mi,**
 então criança PROG vir.FUT acompanhar 1PS.OBJ
n sa ke mundya xivisu na
 1PS.SUJ PROG ir.FUT parar serviço em
sumana ki keka.
 semana REL vir.FUT

‘Já que ela vai vir eu resolvi não trabalhar semana que vem’.

(268) **Dina, no ka vê amanha!**
 então 1PP.SUJ FUT ver amanhã
 ‘Então nos vemos amanhã’.

4.3.13.2. Vocabulário Temático – Praias do Príncipe

Paa Bana Praia Banana
Paa Belu Montxi Praia Belo Monte
Paa Bumbu Praia Abelha
Paa Bura Praia Burra
Paa Gaani Praia Grande
Paa Gaani Sulu Praia Grande Sul
Paa Jênêral Fonseka Praia General Fonseca
Paa Kasan Praia Caixão
Paa Kazu Praia Caju
Paa Kêê Praia Pequena
Paa Lapa Praia Lapa
Paa Maa Kwaa Praia Maria Correia
Paa Magarida Praia Margarida
Paa Makaku Praia Macaco
Paa Ôryô Santome Praia Rio de São Tomé
Paa Saagada Praia Salgada
Paa Seka Praia Seca
Paa Sundi Praia Sundy
Paa Têtuuga Praia Tartaruga
Paa Ubadê Praia Abade
Paa Uva Praia Uva
Paa Xyaba Praia *Xyaba*
Paynha Prainha

4.3.13.3. Exercícios

- 1) **Verta para português.**
 - a) Kwata-fya n ka foga kêtê.
 - b) Amanhan no sa ruma kaxi no fa.
 - c) Txisêru dya Sabina ki migu sê ke Sundy.
 - d) Bômu ka sama Mene ki Sabina bê.
 - e) Dina txi sa keka lêlê mi na kaxi, n sa ke kuxi da txi.
 - f) Sabudu n sa dimi fa.

2) **Verta para o lung'Ie.**

- a) Amanhã eu vou à praia com meu amigo.
- b) Eu não vou fazer a prova de inglês.
- c) Eu vou ficar em casa segunda-feira, terça-feira e quinta-feira.
- d) Então nos vemos sábado?
- e) Sabrina vai comer na minha casa na sexta-feira.
- f) Vocês não vão dormir aqui amanhã?

3) **Passe as sentenças a seguir para o futuro, modificando o que for necessário.**

Marque o tipo de verbo (1 = zero-estativo, 2 = ka-estativo, 3 = ação) e depois traduza:

- a) N fêzê bolu ũa da txi. ()
- b) Sabina tava sêbê nomi tê fa. ()
- c) Kaxi me valê mutu fa. ()
- d) N tava tê ukaru ũa. ()
- e) No tava ka xivi fa. ()
- f) Ine tava sa gogo di lunge fansêji fa. ()
- g) Sabina tava sa dimi ora ki n we kaxi sê. ()
- h) Ontxi n tava ka mendu. ()
- i) Owo tava goxta di palapala fa. ()
- j) N tava mêsê pa txi we paa ku ami. ()
- k) Mene kume kumê Baji fa. ()
- l) Ê sama Zuan fa. ()

4) **Konvesa na lung'Ie ki daman tê kwali paa na Ie ki bon da txi maxi.**5) **Konvesa na lung'Ie ki daman tê ki txi mêsê fêzê na paa. Pidi pôfêsôrô da zuda txi.**

4.3.13.4. Kutwa - Paa Ie

PAA IE

Na ie no, no tê pilha ubuka paa rodyadu na te intêru. No ka komesa na paa notxi da sulu. Na notxi no tê Santantoni, Paa Xtalêw, Paa Inhemi, Paa Gaani, Novu Dixtinu, za no ka sata we Paanha, Paa Bana, Paa Ubwê, Paa Bwa, Paa Belu Montxi, Paa Yew Bombo i pilha ôtô. Na Paa Gaani, a sa vê pilha têtuga sa pwê ovu. Paa Bana sê ê paa ãa ki ine turixta ki konsê paa pilha na umundu fala ya entê pilha paa isê ê paa ãa gaavi mutu na metedi. Na Yew Bombo sê êli ki tê kumi pa ine turixta ta ora ki ine keka konsê ie.

Na ukwatu sulu, no tê Paa d'Eva, Paa Ibi, Paa Pôtxin, Paa Ubadê, Paa Seku, Paa Saagada, Paa Bumbu, Jênêrali Fonseka, ki pilha ôtô. Na ine paa sê, paa ki tava maxi gaavi era Paa d'Eva, ki ningê mutu tava sa ke pidi ê paa ãa maxi petu ki posan.

Ine paa sê tudu pe na ie no ê paa limpu mutu, sun ka sa udentu awa ê sa fêzê pa sun xyê ma fa da limpu ki paa sa. Ubuka ine paa sê tudu sa faata kukundya fa. Na lala mesu, a ka tama banhu vya subi upa kukundya, golo dawa bêbê di firya kalô. Arya ine paa sê bê limpu mutu. Ine arya sê tê verasan kô ki maka. Arya ôtô goosu, ôtô finu, ôtô ki ubudu. Txyan di arya, a vya tê brita bê. I na ine paa sê mesu vya tê ubudu gaani gaani ki sa segwa te ki sa fo vika na vulukan.

COMPREENSÃO DO TEXTO

- 1) Dê o nome de três praias no norte e três praias no sul do Príncipe.
- 2) Por que não dá vontade de sair da água das praias do Príncipe?

VOCABULÁRIO

arya n. areia
awa n. água
bana n. banana
Belu Montxi topo. Belo Monte
Bombo topo. Bombom
brita n. pedra
dawa n. coco
faata v. faltar
finu adj. fino
firya v. arrefecer

golo v. apanhar na árvore
goosu adj. grosso
ibi n. carvão
intêru n. inteiro
kalô n. calor
kô n. cor
kukundya n. coco
limpu adj. limpo
ma conj. cf. maxi
maka n. tipo
notxi adj. norte
Novu Dixtxinu topo. Novo Destino
Paa Bwa n. praia Burra
Paa Bumbu n. abelha
Paa d'Eva topo. Praia Évora
Paa Jênêrali Fonseka topo. Praia General Fonseca
Paa Pôtxin topo. Praia Portinho
Paa Saagada topo. Praia Salgada
Paa Ubwê topo. Praia Boi
Paanha topo. Prainha
petu adv. perto
rodyadu adj. rodeado
sata v. atravessar
segwa v. segurar
subi v. subir
sulu n. sul
sun n. senhor
turixta n. turista
ubudu n. pedra
ubuka n. beira
umundu n. mundo
upa n. árvore
verasan n. variedade
vulkan n. vulcão
xtalêw DES. estaleiro

4.3.13.5. Traduções

ESSA SEMANA EU VOU DESCANSAR!

S- Manuel, tudo bem?

M- Mais ou menos, Sabrina, e você?

S- Eu gosto muito da gravana¹²⁵ para ir passear! Olha, essa semana minha amiga de São Tomé vem me visitar no Príncipe. Ela vai ficar uma semana comigo. Ela chega amanhã, quinta-feira.

M- Mas você não vai trabalhar essa semana?

S- Já que ela virá eu resolvi não trabalhar na semana que vem.

M- E vocês já sabem o que vão fazer?

S- Na quinta-feira vou buscá-la no aeroporto e depois vamos para minha casa arrumar a bagagem. Depois vamos para a praia Évora ou Portinho.

M- O que vocês farão no segundo dia?

S- Na sexta, nós vamos para o ilhéu Bom-Bom para passar a noite lá. No sábado, terceiro dia, voltamos para a cidade, no fim da tarde. No domingo, quarto dia, vamos subir o Pico Papagaio. Depois, na segunda-feira, quinto dia, vamos para Belo Monte e Praia Banana. Na terça-feira, nós vamos para a São Joaquim. Na quarta-feira, vamos dar uma volta à ilha de barco. E na quinta-feira, último dia, ela vai embora para São Tomé!

M- Nossa! Vocês vão se divertir muito! Posso ir junto com vocês?

S- Que? Claro que pode! Vou chamar o João também.

M- Não vamos chamar o João. O João está doente, ficará chateado.

S- Então, nos veremos amanhã!

M- Até amanhã. Tchau.

S- Tchau.

PRAIAS

No Príncipe há muitas praias ao longo de toda a ilha. Vamos começar do norte para o sul. No norte, temos Praia Santo Antônio, Praia Estaleiro, Praia Inhamé, Praia Grande, Praia Novo Destino; então saltamos para Prainha, Praia Banana, Praia Boi, Praia Burra, Praia Belo Monte, Praia Ilhéu Bom-bom, entre outras. Na Praia Grande, é possível ver muitas tartarugas desovando. A Praia Banana é a que os turistas conhecedores de outras

¹²⁵ Estação de seca.

praias do mundo consideram uma das belas do mundo. No Ilhéu Bom-bom há um *resort* para os turistas ficarem quando vêm conhecer o Príncipe.

Na parte sul, temos a Praia Évora, Praia Carvão, Praia Portinho, Praia Abade, Praia Seca, Praia Salgada, Praia Abelha, Praia General Fonseca, entre outras. Dentre estas, a Praia Évora é uma das mais bonitas e muitas pessoas vão nela, pois é muito perto da cidade.

Todas essas praias do Príncipe são muito limpas. Se você entra na água, não quer mais sair, de tão limpa que ela é. Na beira dessas praias, não faltam coqueiros. Lá se pode tomar banho e então subir no coqueiro para tomar água de coco para se refrescar do calor. A areia dessas praias também é muito limpa e pode ser de diferentes cores e tipos. Há areia grossa, fina e com pedras. Além da areia, há também brita e pedras muito grandes, de origem vulcânica.

4.3.14. Lição 14: Kwa txi sa ke fêzê?

KWA TXI SA KE FÊZÊ?

Sabina- Txiagu ê, pova fansêji ê amanhan a?

2 Luja- Nha, ê amanhan ô! N sa ke pesa livu na biblyoteka za pa n xtuda.

Sabina- Ine kusê ki txi sa xtuda, sa lenta txi kabese a?

4 Txiagu- Ê sa nda. Pova sê di fansêji sa da mi tabwe mutu. Kwa vedadi ki n goxta di ê xikola lung'le. Ami goxta di ê xikola fansêji fa.

6 Sabina- Xtuda ô! Txi tê di xina dôdôsu. We pya kadenu tê, daka kadenu ni pa n da txi zuda. Pesa livu na biblyoteka bê daka. Amanhan bê n ka lêlê txi na kaxi pa n zuda txi. Amanhan ora n keka txi sa xtuda za a?

Mene- Ade ô, ora txi keka n sa xtuda fa ô. N sa kuxi matabisu da txi.

10 (...)

Sabina- Luja ê, txi ka po we fya da mi a?

12 Luja- Inhan, n ka po we.

14 Sabina- We i kopa urumu ki gaava za pa n kume ki ize pa n gbê. Kopa izêtxi-pwema bê, fenza, upa-usuda, usami bê.

Luja- Kwa txi sa ke kuxi ôzê a?

16 Sabina- N sa buka xina kuxi kumê le. N sa ke fêzê fenza te.

Luja- N fa, txi konsê zêtu di fêzê li a?

18 Sabina- Maxi fa. N tava vê miga me sa fêzê li, n pya, wo sê n ka fêzê li.

20 Luja- Na tava sêbê ya txi goxta di kumê no. Wo sê n sa ke fya we kopa tempa pa no pwê na tempi, n vya keka zuda txi kuxi.

VOCABULÁRIO

biblyoteka n. biblioteca

fenza n. feijão

gaava n. goiaba

gbê v. amassar, pisar

daka v. trazer

ize n. isaquente

izêtxi n. azeite

kadenu n. caderno

livu n. livro

matabisu n. matabicho, café-da-manhã, pequeno almoço

miga n. amiga

nda v. andar

ni adv. aqui, agora

usami n. óssame

pesa v. emprestar

pwema n. palma

tempa n. panela

tempi n. tempero

upa n. árvore

upa-usuda n. pau pimenta

zêtu n. jeito

4.3.14.1. Notas Gramaticais

Nessa lição, falaremos sobre o tempo futuro progressivo para os verbos de ação. Abordaremos também a conjunção **za pa**, a expressão **n fa** e o modo imperativo afirmativo e negativo.

I. Futuro 3

Na lição anterior, vimos o futuro não-progressivo dos verbos de ação. Nesta lição, veremos o futuro progressivo para os verbos de ação. Utilizamos a partícula **sa** tanto para a sentença afirmativa como para a negativa.

(269) **Amanhan ora n keka txi sa xtuda**
 amanhã hora 1PS.SUJ vir.FUT 2PS.SUJ PROG estudar
za a?
 já INT
 ‘Amanhã, na hora que eu vier, você vai estar estudando?’

(270) **Ade ô, ora txi keka n sa xtuda**
 não ENF hora 2PS.SUJ vir.FUT 1PS.SUJ PROG estudar
fa ô.
 NEG ENF
 ‘Não, na hora que você vier eu não vou estar a estudar’.

(271) **N sa kuxi matabisu da txi.**
 1PS.SUJ PROG cozinhar café-da-manhã dar 2PS.OBJ
 ‘Eu vou estar cozinhando o café-da-manhã para você’.

AÇÃO	
FUTURO PROGRESSIVO	sa

II. Conjunção za pa

A conjunção **za pa**, que apareceu pela primeira vez na Lição 4, aparece novamente nessa lição. Observemos os seus exemplos de uso:

(272) **N** **tava** **na** **biblioteca** **za** **pa**
 1PS.SUJ COP.PASS PREP.em biblioteca já para
n **xtuda.**
 1PS.SUJ estudar
 ‘Eu estava na biblioteca para então estudar’.

(273) **We** **kopa** **gaava** **za** **pa** **n** **kume.**
 ir comprar goiaba já para 1PS.SUJ comer
 ‘Vá comprar goiaba para então comer’.

A partir dos exemplos acima, podemos observar o uso de **za pa**. Essa conjunção aparece quando uma ação gera outra. No caso, ir à biblioteca gera a possibilidade de estudar e comprar uma goiaba faz com que haja a possibilidade de comê-la.

III. Expressão ‘n fa’

A expressão **n fa**, que aparece pela primeira vez na lição 12, funciona como um marcador de discurso. É utilizada pelo falante para chamar à atenção o seu ouvinte. Pode ser traduzida como: ‘olha’, ‘vem cá’, ‘ouça’, entre outras.

(274) **N** **fa,** **txi** **konsê** **zêtu** **di** **fêzê**
 1PS.SUJ falar 2PS.SUJ conhecer jeito de fazer
li **a?**
 2PS.OBJ INT
 ‘Olha, você sabe como se faz?’

IV. Imperativo

O modo imperativo é utilizado quando se quer dar uma ordem, orientação, conselho ou fazer um pedido. Em lung’le, o imperativo é construído com o verbo e sem nenhum pronome pessoal. Observemos os exemplos:

(275) **Xtuda** **ô!**
 estudar ENF
 ‘Estude!’

- (276) **We pya kadenu tê.**
 ir olhar caderno 2PS.POSS
 'Vá olhar o seu caderno'
- (277) **Daka kadenu.**
 trazer caderno
 'Traga o caderno'
- (278) **Pesa livu na biblyoteka.**
 emprestar livro PREP.em biblioteca
 'Pegue emprestado o livro na biblioteca.'
- (279) **Kopa izêtxi.**
 comprar azeite
 'Compre óleo de palma.'

No texto, todas as ocorrências de imperativo estão no afirmativo. Para construir o imperativo negativo, basta colocar o partícula de negação **fa** no final da oração.

- (280) **Xtuda fô!**
 estudar NEG.ENF
 'Não estude!'
- (281) **Daka kadenu fa.**
 trazer caderno NEG
 'Não traga o caderno'
- (282) **Kopa izêtxi fa.**
 comprar azeite NEG
 'Não compre óleo de palma.'

4.3.14.2. Vocabulário Temático – Expressões 3

fêzê konta Contabilizar, Contar	kani vya Dar cambalhota
fêzê konta Fazer conta	sa seda Estar no cio
fêzê luxu Exibir, Ostentar	keba kitxi-kitxi Estilhaçar
fêzê mangasan Tirar sarro	keba winiwini Estilhaçar
fêzê migu Fazer amigos	keba zezezege Estilhaçar
fêzê mixtura Misturar	ki fôlôgô ixima-ixima Ansioso, Precipitado
fêzê mosa Exibir-se (para mulheres)	konta ope Andar na ponta dos pés
fêzê omi Exibir-se (para homens)	kôsê pêxi Escalar peixe
fêzê reparu Reparar	kubi upa Defender uma causa
fêzê ugalu Exibir, Ostentar	kume awa Beber álcool, Embriagar-se
fêzê umatu Defecar	kume idintxi Rilhar os dentes, zangar, enervar
fika ki dêsu Fique com Deus!	kutu kumê Engrossar a comida
fika pana'pana Ficar fraco	kwa fala O que conta?
fu txubun Cair dentro d'água	kwê ki Correr com, Espantar
gbene uê Piscar os olhos	kwê lenta Correr para dentro
guli ôtô Engolir fazendo barulho	kwê manda Por que
kadyadu da vese Dar errado	kwê taaxi Correr atrás de, Perseguir
kala pêxi Cortar o peixe ao meio, Escalar peixe	kyê d'ôkyê Rebaixar num emprego
kala pi Calar-se completamente, Calar-se sem dar um pio	kyensê bôrôrô Esquecer tudo
kala ubuka Calar a boca	kyenta kaseda Beber bebida alcoólica
kani kabese Abaixar a cabeça, Colocar-se de cabeça para baixo	

4.3.14.3. Exercícios

- 1) **Verta para o português:**
- a) Amanhan ora ki Sabina keka, n sa xtuda lung'le.
 - b) Mene sa buka xina fansêji.
 - c) Bômu kume za pa no we xivisu.
 - d) N ka xtuda za pa n txya bon nota na pova.
 - e) N mêsê we Baji, maji modi n pixiza fêzê a?

2) Verta para o lung'le:

- a) Estude!
- b) Vou à minha casa para dormir.
- c) O que você vai estar fazendo amanhã de manhã?
- d) Empreste o livro na biblioteca e venha aqui.
- e) Eu não conheço a receita (modo de fazer) de feijão da terra.

3) Xikêvê na lung'le ente atxi ki daman tê na kwali fisu txi mêtê xina ora txi ka vya taamwin. Fêzê fasanha têtenu ki daman tê na kwisê na sala xikola i musa na modi fasanha sê.

4) Familya tê tê kwali fisu a? Xikêvê na lung'le.

4.3.14.4. Kutwa - Pofisan¹²⁶

POFISAN

Maxi montxi fisu ki a sa xina na Ie ê: kapintêw, pêdêw, maxinêw, fêêw, lêtxixixta, kanalizadô, pintôru, lifyatxi, kunjêw, limpadô pwema, vyantêw, pixkadô, agikutwa, komexyantxi, vendêdô, kôvêw, têsêdô ukperi, têsêdô ise, fêzêdô upa kwe, nwese, kwadô ki ôtô vya. Fisu ki a tê ki xina na xikola ê: infimêw, dôôtô, injiêw, pôfêsôrô, mekaniku, jonalixta, bankêw, xoferi, xivisu repatxisan, infomatxiku ki pilha ôtô vya.

Govenu na Ie ê rumadu pô pêzêdentê govenu rejyonali, seketaryu pô finansa, seketaryu pô sosiali, seketaryu pô kunxtusan ki seketaryu odenamentu di te, ê vya tê na seembleya rejyonali tê pêzêdentê seembleya ki setxi dêputadu.

Na Ie tê ningê mutu ki sa faata di tê fomasan na atxi i ine kuxtumadu sa ke Santome pô kwisê. I govenu rejyonali sa buka modi tudu di pwê ine kwisê na ie pa ê podi pya xi a ka disa di ka sa ke Santome we txya kuusu, maxi montxi atxi ki ka fêzê faata na ie. Txyan di Santome, govenu bê ka da modi di we te ôtô di xina ine atxi sê i txya kuusu baaûa.

COMPREENSÃO DO TEXTO

- 1) **Dê o nome de três profissões comuns no Príncipe.**
- 2) **Quais são os membros do Governo Regional do Príncipe?**

VOCABULÁRIO

agikutwa n. agricultura
baaûa adv. de uma só vez
bankêw n. banqueiro
dêputadu n. deputado
disa v. abandonar
dôôtô n. médico
fêêw n. ferreiro
fêzêdô n. fazedor
finansa n. finanças
fisu n. ofício

¹²⁶ Tradução para o lung'Ie de Manuel Salomé.

fomasan n. curso
infirmêw n. enfermeiro
infomatxiku n. técnico de informática
injiêw n. engenheiro
ise n. esteira tradicional
jonalixta n. jornalista
kanalizadô n. encanador
kapintêw n. carpinteiro
komexyantxi n. comerciante
kôvêw n. coveiro
kunjêw n. cozinheiro
kunxtusan n. construção
kuusu n. curso
kuxtumadu adj. acostumado
kwadô n. coador
kwe n. colher
lêtxixixta n. eletricista
lifyatxi n. alfaiate
limpadô n. limpador
maxinêw n. marceneiro
mekaniku n. mecânico
nwese n. concha de coco
odenamentu n. ordenamento
pêdêw n. pedreiro
pêzêdentê n. presidente
pintôru n. pintor
pixkadô n. pescador
repatxisan n. repartição
rumadu adj. composto
seketaryu n. secretário
sembleya n. assembleia
sosiali adj. social
têsêdô n. tecedor
ukperi n. cesta tradicional feita de folhas
vendêdô n. vendedor
vyantêw n. vinhateiro
xoferi n. motorista

4.3.14.5. Traduções

O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO AGORA?

S- Tiago, a prova de francês é amanhã?

L- Sim, amanhã! Vou pegar um livro emprestado na biblioteca para eu estudar.

S- Isso que você está estudando, você está conseguindo entender?

T- Vai indo. Esta prova de francês está me dando muito trabalho. Eu gosto mesmo é das aulas de lung'le. Não gosto de ter aulas de francês.

S- Estude! Você tem que aprender os dois! Vá olhar o seu caderno, traga ele aqui para eu te ajudar. Empréstimo o livro da biblioteca e traga ele aqui também. Amanhã eu vou na sua casa para te ajudar. Amanhã, na hora em que eu chegar, você já vai estar estudando?

M- Não. Na hora que você chegar eu não vou estar estudando. Vou estar preparando o café-da-manhã para você.

(...)

S- Luzia, você pode ir na feira para mim?

L- Sim, eu posso ir.

S- Vá e compre safu e goiaba para eu comer e isaquente para eu moer. Compre também azeite de palma, feijão, pau-pimenta e óssame.

L- O que você vai cozinhar hoje?

S- Eu estou tentando aprender as comidas do Príncipe. Vou fazer feijão da terra.

L- Vem cá, você sabe como se faz?

S- Ainda não. Eu estava vendo minha amiga fazer. Eu observei, agora sei fazer!

L- Eu não sabia que você gostava de nossa comida. Agora vou na feira comprar os ingredientes para colocarmos na panela. E volto para te ajudar a cozinhar.

CULTURA - PROFISSÕES

Muitas profissões podem ser aprendidas no Príncipe, entre elas: carpinteiro, pedreiro, marceneiro, ferreiro, eletricitista, encanador, pintor, alfaiate, cozinheiro, limpador de palma, vinhateiro, pescador, agricultor, comerciante, vendedor, coveiro, tecedor de cesto, tecedor de esteira tradicional, fazedor de utensílios, de coador, entre outros. As profissões que tem que ser aprendidas na escola são: enfermeiro, médico, engenheiro, professor, mecânico, jornalista, banqueiro, motorista, serviço de repartição pública, informática, entre outros.

O Governo do Príncipe é composto pelo presidente do Governo Regional, pelo secretário das finanças, pelo secretário dos assuntos sociais, pelo secretário de construção civil e pelo secretário de distribuição de terra. Na Assembléia Regional há o presidente da Assembléia e sete deputados.

No Príncipe faltam muitas pessoas qualificadas e então muitos vão a São Tomé para obter uma formação. O Governo Regional está buscando formas de trazer estas formações que não existem e estão fazendo falta no Príncipe. Além de São Tomé, o Governo tem programas para se estudar fora do país.¹²⁷

¹²⁷ Texto de Josué Tavares.

4.3.15. Lição 15: Ami mesu kota uman me!

AMI MESU KOTA UMAN ME!

Mene- Modi a?

2 Luja- N sa axi ô!

Mene- Luja ê, Sabina ba?

4 Luja- Ê fala ya ê keka tadi. Ê we abya we mani upanu sê.

Mene- N tava mêsê fala li ya n sa ke kumi nho ôzê fa. Ami mesu fii igbê me. N
6 kota ami mesu na uman. Ê sa dwa mi mutu.

Luja- Atxi mesu fii kabese tê ki ufaka a? Ufaka sê sa kota ũa! Modi txi kota
8 uman tê a?

Mene- Ôzê nengu me vika fa. Pidixi n tava sa kota pêxi fumadu pa n po kume,
10 ufaka fii mi. N mêsê we pwê uman kura.

Luja- Dinixi n sa ke fala Sabina ya txi sa ke fa.

12 (na xipitali)

Mene- Dôtô, n kota ixima uman me ki ufaka. N kota uman mali kotadu.

14 D- Uman tê kota ki ufaka ne? No sa ke bôlô li kura pa ê vya limpu. Ten
amanhan txi yogo za.

16 Mene- Ê sa dwa mi mutu, dôtô. Nixi tê kura ũa ka ka po bôlô mi pa n yogo za?
Fiida sê fôfôdu za.

18 D- Yêlê. Tama isê, dô ka kaba. Fêmêra sê ka di uê na atxi.

Mene- Dêsu paga txi da mi ô, dôtô!

20 (na kaxi)

Sabina- Mene ê, n vya vika. Upanu me lava za. A da txi kura lala na xipitali a?

22 Mene- Êê! A da mi ô! Uman me ki n fii lava, kuratxivu fêzê. N tama kura da dô,
n yogo za!

24 Sabina- Txi vê? Dêsu ka yogo txi ô!

VOCABULÁRIO

abya n. rio**bôlô** v. passar (remédio)**dinixi** adv. então**dô** n. dor**dôtô** n. médico**dwa** v. doer**fêmêra** n. enfermeira**fii** v. ferir, machucar**fiida** n. ferida, machucado**fôfôdu** adj. inflamado**fumadu** adj. defumado**igbê** n. corpo**kota** v. cortar**kotadu** adj. cortado**kumi, kumin** adv. lugar**kumi nho** adv. lugar nenhum**kura** n. remédio**kuratxivu** n. curativo**lava** v. lavar**limpu** adj. limpo**mali** adv., adj. mal**mani** v. lavar (roupa)**ne** adv. né**nengu** n. empregado**pêxi** n. peixe**ufaka** n. faca**upanu** n. pano, roupa**uêxipitali** n. hospital**yogo** v. melhorar, curar-se

4.3.15.1. Notas Gramaticais

Nesta lição, estudaremos as vozes reflexiva e passiva. Abordaremos também o particípio passado, o enfatizador **ũa** e a conjunção **dinixi**.

I. Reflexiva 1

A voz reflexiva¹²⁸ aparece de várias maneiras nesta lição. Alguns verbos precisam de um pronome de objeto direto e outros não. O verbo **dwa** ‘doer’, por exemplo, sempre aparecerá com um pronome reflexivo:

(283) Ê sa dwa mi.
 1PS.SUJ PROG doer 1PS.OD
 ‘Está a (me) doer’.

Para verbos que não precisam do pronome de objeto direto correspondente, há outras maneiras de dar a ideia de reflexão. Uma maneira é utilizando as expressões **ami mesu** ‘eu mesmo’, **atxi mesu** ‘você mesmo, etc, e as palavras **kabese** ‘cabeça’ ou **igbê** ‘corpo’¹²⁹, para se referir ao próprio corpo.

¹²⁸ Cf. Maurer 2009: 151-152.

¹²⁹ Maurer (2009).

- (284) **Ami mesu fii igbê me.**
 1PS.DES mesmo ferir corpo 1PS.POSS
 ‘Eu mesmo me feri’.
- (285) **N kota ami mesu na uman.**
 1PS.SUJ cortar 1PS.DES mesmo PREP.em mão
 ‘Eu mesmo me cortei na mão’.
- (286) **Atxi mesu fii kabese tê ki ufaka a?**
 2PS.DES mesmo ferir cabeça 2PS.POSS com faca INT
 ‘Você mesmo se feriu com a faca?’

II. Passiva

Não há morfema de voz passiva em lung’le (Maurer 2009: 153). O que ocorre é a inversão do receptor da ação para a posição de sujeito no início da sentença¹³⁰, como em:

- (287) **Uman tê kota ki ufaka.**
 mão 2PS.POSS cortar REL faca
 ‘Sua mão foi cortada com a faca’.
- (288) **Upanu me lava za.**
 roupa 1PS.POSS lavar já
 ‘Minha roupa já foi lavada’.
- (289) **Uman me ki n fii lava, kuratxivu**
 roupa 1PS.POSS REL 1PS.SUJ feiri lavar curativo
fêzê.
 fazer
 ‘A minha mão foi lavada e foi feito um curativo nela’.

III. Particípio passado

Em lung’le, temos alguns processos de derivação deverbal. Uma delas é o particípio passado. Para tanto, utilizamos a forma **-du**, derivada da forma de particípio em português. A forma **-du** pode ser usada em todos os verbos e é invariável. Os exemplos que aparecem nesta lição são:

¹³⁰ Cf. Maurer 2009: 153-155.

(290) N **tava sa kota pêxi fumadu.**
 1PS.SUJ PASS PROG cortar peixe fumar.PART
 ‘Eu estava cortando peixe defumado’.

(291) N **kota uman mali kotadu.**
 1PS.SUJ cortar mão mal cortar.PART
 ‘Eu cortei a mão bem cortada’.

IV. Enfatizador ãa

O enfatizador **ãa** é utilizado para intensificar a ação de um verbo. No texto temos:

(292) **Ufaka sê sa kota ãa.**
 faca DEM PROG cortar ENF
 ‘Esta faca está a cortar muito’.

V. Conjunção dinixi

A conjunção **dinixi** significa ‘então’, ‘sendo assim’. Ela aparece no diálogo, na seguinte fala:

(293) **Dinixi, n sa ke fala Sabina.**
 sendo.assim 1PS.SUJ PROG ir.N-PASS falar Sabrina
 ‘Sendo assim, eu vou falar pra Sabrina’.

4.3.15.2. Vocabulário Temático – Flora II

ufya-kabese	Folha-da-mina	upa-viru	Upa-viru
ufya-kabese-kadê	Folha da fortuna	vinka	Atum-judeu
ufya-kabese-kitxi	Folha da fortuna	wagawaga	Erva-boi
ufya-kata-kikitxi	Ufya-kata-kikitxi	xoxo	Pica-peixe-de-peito-azul
ufya-kata-subi	Ufya-kata-subi	zenze	Zenze
ufya-keza-mye	Vassourinha-doce		
ufya-keza-omi	Ufya-keza-omi		
ufya-klémentê-baanku	Quebra-pedras		
ufya-kwentu	Coentro de São Tomé		
ufya-landê	Simão-Correia		
ufya-levi	Musgo do mato.		
ufya-levi-omi	Ufya-levi-omi		
ufya-madê	Mastruço		
ufya-makabali	Erva-de-colégio		
ufya-mal-bêbê	Malêbêbê		
ufya-malixa	Folha-malícia		
ufya-manjôlô	Manjôlô		
ufya-mawva	Malva		
ufya-muba	Maioba		
ufya-ômi-osuan	Homem-de-um-osso-só		
ufya-peetu	Saia-roxa		
ufya-peetu-baanku	Trombeteira		
ufya-pinikanu	Cordão-de-frade		
ufya-pôkô	Folha porco		
ufya-pôkô-usan	Erva-tostão		
ufya-ribu-baabu	Kata-grande		
ufya-santaji-ubasu-kafe	Ufya- santaji-ubasu-kafe		
ufya-santope	Eufórbia		
ufya-sôfi	Melão-de-São-Caetano		
ufya-tximija	Natruja		
ufya-ugalu	Heliotrópio-indiano		
ufya-ugêdê	ufya-ugêdê		
ufya-uguya-pobi	Uguya-pobi		
ufya-vintê	Folha-vintém		
ufya-xa-gaban	Chá-Gabão		
ufya-zaya	Ufya-zaya		
untwe	Untwe		
upa-ama	Pau-ama, Pau-lírio		
upa-awkasi	Acácia		
upa-fita	Pau-sabão		
upa-gofi	Embaúba		
upa-gofi-baabu	Pau-sabrina		
upa-isê	Pau-esteira		
upa-kaba	Pau-cabra		
upa-kukundya	Coqueiro		
upa-kwêdanu	Pau-fede		
upa-paage	Pau-ferro		
upa-saban	Pau-sabão		
upa-têxi	Pau-três		
upa-ufew	Pau-ferro		
upa-ugêgê	Cajazeiro		

4.3.15.3. Exercícios**1) Complete:**

- a) N fii ____ mesu, ê sa dwa ____.
- b) N kota ____ mesu.
- c) Maa fii ____ mesu, ê sa dwa ____.
- d) Atxi kota ____ mesu.
- e) Owo fii ____ mesu, ê sa dwa ____.
- f) Pedu ki Mese fii ____ mesu, ê sa dwa ____.

2) Xikêvê na lung'Ie kwali upa ki kwa kavadu ki txi tê na txyô tê. I fala ine daman tê na lung'Ie.

3) Kwali ki sa upa na umatu maxi konsêdu na Ie a? Pidi pôfêsôrô tê pa ê zuda txi da nomi ine upa sê tudu na lung'Ie.

4.3.15.4. Kutwa - Umatu ôvyô¹³¹**UMATU ÔVYÔ**

Na ie no tê umatu maxi montxi. Umatu ki no tê na ukwatu sulu ki ukwatu notxi tudu pe rudyadu di awa umwe. Na metedi no, dina ubuka paa ten xima piku umatu ôvyô ki pilha upa modi fuuta-umpan, jaka, ize, pwema, kukundya, uka, môrêra, alikasi, gôgô, uribubabu, upa-bodi, urumu, manga, laanza, bana, kakaw ki pilha ôtô vya. I na umatu sê, ê tê kumi ki na tempu rôpê ine na oso duba umatu, bii di ximya kakaw, kafe ki ôtô vya. Ine ropêw vya ximya upa-fenza di fêzê somba di mantê pô kakaw mo fika feexku. Ine vya tê kumi di ximya kukundya, pwema ki ôtô vya. I ropêw tava tê na oso kwa ki ine tava sa da valô era kakaw, kafe, kukundya ki pwema. Ine txinha konta ki ine pudutu sê di da dyô so. Pwema era di vendê izêtxi na Sundi ki Pôtô Ryali i di vya fêzê saban di te. Pôtô Ryali ki Sundi êli ki tava sa da kakaw ki kafe montxi. Kukundya sa ta ubuka paa pô ixima, na oso Kompanya, êli ki tava sa da kukundya maxi pidi ê oso ũa ki tava zuntu piku dêsê we xyê paa êli ki manda ki a tava sa vê kukundya na lala maxi. Oso Kompanhya sa ta na ukwatu sulu.

Txyan di kakaw ki kafe, ine oso sê bê tava sa da pwema. Rôpê oso tava sa da valô na pudutu ki sa da dyô, rextu ki era manga, kajamanga, urumu, jaka, fuuta, bana ki ôtô vya, ki tava sa da di manda we te fa ine tava sa da valô fa. Na kumi ki ine ropêw duba maxi ê na ukwatu notxi pidi pantasan kakaw ki pwema ki kafe ki kukundya, rextu da umatu fika pô agikutwa familya ki ê mondyoko, ikôkô, bana ki pilha ôtô vya.

¹³¹ Texto de Manuel Salomé.

COMPREENSÃO DO TEXTO

- 1) **Dê o nome de cinco plantas encontradas no Príncipe.**
- 2) **Que produtos eram produzidos nas roças para exportação?**
- 3) **Quais produtos não eram exportados?**

VOCABULÁRIO

alikasi n. acácia
bii v. abrir
dêsê v. descer
duba v. cortar
dyô n. dinheiro
familya n. família
feexku adj. fresco
gôgô n. gôgô
ikôkô n. matabala, inhame-coco
jaka n. jaca
kafe n. café
kajamanga n. cajá-manga
Kompanhya topo. Companhia
laanza n. laranja
manga n. manga
mantê v. manter
mo adv. cf. modi
mondyoko n. mandioca
môrêra n. amoreira
ôvyô n. floresta
pantasan n. plantação
piku n. pico
pudutu n. produto
rextu n. resto
saban n. sabão
somba n. sombra
txinha v. tinha
uka n. ocá
umatu n. floresta
umpan n. fruta-pão
upa-bodi n. árvore-bode
upa-fenza n. pé de feijão
uribubabu n. uribabu
valô n. valor
ximya v. plantar
zuntu adj. junto

4.3.15.5. Traduções

EU ME CORTEI!

M- Como vai?

L- Vou indo.

M- Luzia, onde está a Sabrina?

L- Ela me disse que ia se atrasar. Ela voltou para casa para lavar roupa.

M- Eu queria dizer a ela que não vou poder sair hoje. Eu me machuquei. Cortei minha mão e estou com muita dor.

L- Você se cortou com a faca? Essa faca está a cortar muito! Como você se cortou?

M- É, minha cozinheira não veio hoje, então eu estava cortando peixe seco para almoçar e a faca escapou. Preciso fazer um curativo.

L- Sendo assim, eu vou avisar a Sabrina que você não vai sair porque foi ao hospital.

(no hospital)

M- Doutor, eu cortei meu dedo com uma faca.

D- Seu dedo foi cortado pela faca né? Vamos passar um remédio para limpar a ferida e colocar um curativo. Amanhã você já estará melhor.

M- Estou com muita dor, doutor. Tem algum remédio que o senhor possa me dar para a dor passar?

D- Claro. Tome esse aqui. A dor vai passar logo. A enfermeira vai cuidar de você.

M- Obrigado!

(em casa)

S- Manuel, voltei. Minha roupa já está lavada. Já está melhor? Te deram remédio no hospital?

M- Sim! Me deram. Minha mão foi lavada e foi feito um curativo nela. Tomei um remédio para dor, já melhorei!

S- Você viu? Deus já te fez melhorar.

FLORA

Em nossa ilha há muitas florestas. As matas que temos, do sul ao norte, estão rodeadas de água do mar. No meio da ilha, das praias até os cumes dos picos, há mata densa com muitas árvores, como fruteiras, jaqueiras, isaquiteiras, palmeiras, coqueiros, ocás, amoreiras, alcácias, **gôgô**, **uribubabu**, árvores-bode, safuzeiros, mangueiras,

laranjeiras, bananeiras, pés de cacau e várias outras. E nessas florestas há lugares onde, na época colonial, se derrubava o mato para plantar cacau, café, entre outros. Os portugueses plantavam árvores para fazer sombra e manter o cacau fresco. Tinha lugares para plantar coco, palmeira e outras árvores. E os produtos das roças que os portugueses mais davam valor era cacau, café, coco e dendê. Eles sabiam que esses produtos davam lucro. O dendê era para fazer e vender azeite de palma na Sundry e Porto Real e era usado para fazer sabão da terra. Porto Real e Sundry produziam muito cacau e café. Coco era produzido perto das praias, principalmente na Roça Companhia, em razão da sua localização perto do pico e de fácil acesso à praia. A Roça Companhia fica na região Sul.

Tirando cacau e café, essas roças também produziam dendê. Os portugueses das roças só davam valor aos produtos que davam lucro; de resto havia manga, cajá-manga, safu, jaca, banana, entre outros, que não eram exportados e vendidos. A região que foi mais desmatada pelos portugueses é a região Norte, pois era onde ficavam as plantações de cacau, café, dendê e coco. O resto da mata ficou para a agricultura familiar, que consistia em plantações de mandioca, matabala, banana e outras coisas.

4.3.16. Lição 16: Kazamentu

KAZAMENTU

Mene- Sabina ê, txi tava sêbê ya Luja sa ke mara uman ki Zuan.

2 Sabina- Ade ô, n tava sêbê fa. Êê, i ora ê pensa wo. Ine ôto mêsê ôto a?

Mene- Êê, Luja ki Zuan ôto mêsê ôto ô! Kazamentu ine ê mêzê sê ki sa keka,
4 na gêêza Santantoni.

Sabina- N tava kuda ya Luja ê diventxixta ô.

6 Mene- Ade ô, ine dôdôsu gêêza katoliku.

Sabina- Zuan, êli ki pidi li kazamentu a?

8 Mene- Êê, Zuan ki pidi. Luja ki Zuan, ine sa ki gôxtô mutu.

Sabina- Kumi ine sa ke ta?

10 Mene- Ora ine ka kaba di kaza, ine sa ke Santome. Modi ine tê kaxi lala. Antxi
pa ine we, ine pixiza di manda kaga ine na vapô pô Santome.

12 Sabina- Dya n ke Santome, n ke fa ine bê.

Mene- Zuan sa xivi mutu, pidixi n sêbê ya ê ka vê xivisu xinxan na Santome.

14 Sabina- N bê we ku atxi. Zuan êli supetu mutu.

Mene- N bê sêbê ya Luja ê bon mwin. Luja, êli ki tama konta ine riman.

16 Sabina- Ora Luja era minu, ê tava rêxponsavêw muntu ê!

VOCABULÁRIO

antxi adv. antes

diventxixta adj. adventista

gôxtô n. gosto

kaga n. carga, bagagem

katoliku adj. católico

kaza v. casar

kazamentu n. casamento

mara / maa v. amarrar

pensa v. pensar

rêxponsavêw adj. responsável

supetu adj. esperto

4.3.16.1. Notas Gramaticais

Nesta lição, abordaremos novamente a voz reflexiva. Falaremos também sobre construções de tópico, sobre a locução conjuntiva **antxi pa** e sobre outro significado do verbo **kaba**.

I. Reflexiva 2

A voz reflexiva recíproca em lung'le é formada com **ôtô** + verbo + **ôtô**. Vejamos os exemplos do texto:

(294) **Ine** **ôtô** **mêsê** **ôtô** **a?**
 3PP.SUJ outro querer outro INT
 'Eles se gostam?'

(295) **Êê,** **Luja** **ki** **Zuan** **ôtô** **mêsê** **ôtô** **ô!**
 sim Luzia CONJ.e João outro querer outro ENF
 'Sim, eles se gostam!'

II. Construções de tópico

A topicalização é muito comum e amplamente usada em lung'le. O tópico é colocado no início da sentença, seguido normalmente de uma pausa e do pronome correspondente ao sujeito. Esse tipo de construção pode ser chamada de tópico com cópia pronominal ou duplo sujeito. Observemos os exemplos desse diálogo:

(296) **Zuan,** **êli** **ki** **pidi** **li** **kazamentu.**
 João 3PS.DES REL pedir 3PS.OD casamento
 'João, foi ele que a pediu em casamento.'

(297) **Luja,** **êli** **ki** **tama.konta** **ine** **riman.**
 Luzia 3PS.DES REL tomar.conta 3PP irmãos
 'Luzia, era ela que tomava conta dos irmãos.'

(298) **Luja** **ki** **Zuan,** **ine** **sa** **ki** **gôxtô** **mutu.**
 Luzia CONJ.e João 2PP.SUJ COP CONJ.com gosto muito
 'Luzia e João, eles estão muito felizes.'

III. Pronomes pessoais 9

Nesta lição aparecem o pronome deslocado **êli** em sentenças clivadas:

- (299) **Zuan, êli ki pidi li kazamentu.**
 João 3PS.DES REL pedir 3PS.OD casamento
 ‘João, foi ele que a pediu em casamento.’
- (300) **Luja, êli ki tama.konta ine riman.**
 Luzia 3PS.DES REL tomar.conta 3PP irmãos
 ‘Luzia, era ela que tomava conta dos irmãos.’

IV. Locução conjuntiva antxi pa

A locução conjuntiva **antxi pa** pode ser traduzida como ‘antes de’, ‘antes que’.
 Vejamos o exemplo que aparece no texto:

- (301) **Antxi pa ine we, ine pixiza di**
 antes para 3PP.SUJ ir 3PP.SUJ precisar PREP.de
manda kaga ine.
 mandar carga 3PP.POSS
 ‘Antes de eles irem, precisam mandar as suas malas.’

V. Verbo kaba

O verbo **kaba** ‘acabar’ aparece nesta lição na sentença:

- (302) **Ora ine ka kaba di kaza**
 hora 3PP.SUJ FUT acabar PREP.de casar
 ‘Depois de eles casarem’.

Literalmente, a tradução seria ‘quando eles terminarem de casar’. Mas o significado aqui é de ‘depois de eles casarem’.

4.3.16.2. Vocabulário Temático – Expressões 4

roga paaga Rogar praga
ruma kidarê Começar a gritar
ruma ope Juntar os pés
saa fôlôgô Inspirar
sagwa igbê Tomar banho
sama reparu Reparar
sata olêyn Viajar
sata sata Ir de um lado pra outro
sendê pigisa Espreguiçar(-se)
sera doxi Cheirar bem
sera tententen Cheirar bem
sôfê kosan Ficar triste, ter coragem
sôfê xidentxi Acidentar-se
sopa pingada Dar tiro
sopa urya Contar um segredo, namorar
sôvê upa Bater com um pau
sôvê upa Espancar
tama banhu Tomar banho
tama fosa Tomar fôlego
tama jambi Entrar em transe
tama kintxiba Fumar cachimbo
tama minu Engravidar
tama mye Amigar
tama omi Amigar
tama rede Tomar as rédeas
tama santu Entrar em transe, ficar possuído, montar
tama supitu Suspirar
tama upêtu bala Assumir compromisso
tê afe Acreditar
tê dya Há dias, há tempos
tê dya Há muito tempo
tê fitxi Ser arrogante, ser cabeça-dura
tê konta ki Assumir responsabilidade, ter responsabilidade
tê papu Cantar bem, falar bem
tê pene Ter dó, ter pena
tê tabwe Dar trabalho
tê tema Teimar
tê xikindi Ser arrogante, ser convencido, ser fresco
to kêtê pwê Adicionar um pouco (um líquido)
toka awa Beber muito álcool
toka pitu Apitar
tolo fala Explorar, fofocar, jogar verde, puxar conversa
tutu pwê (uga) Aglomerar (na rua), juntar
txya bweba Barbear
txya d'ubuka Discutir, falar malcriações
txya kidarê Gritar por socorro

txya n'ôtô Cantar
txya toxi Tossir
txya ukpaka Descascar
txya ventoza Fazer tratamento tradicional com ventosas
txya vuguvugu Atirar um pedaço de madeira ou uma pedra
ubuka seka Calar
uman dudi De mãos vazias
uman n'ukpami Ficar sem fazer nada
unôtxi petepete Noite escura
vani uman Despedir-se
vê unwa/vê unwan Menstruar
vya ka-kubi Pôr de cabeça para baixo, virar de bruços, virar de cabeça para baixo
vya uman Roubar
vya uê Virar ao contrário
vya we Voltar a vir
vya vya Ir indo
we vika Vai e vem
xyadu txibika Cheio até a boca
xyê ki (+POSS) Ir-se embora
xyê ki kwêda Fugir, sair correndo
zuga bola Jogar futebol
zuga bota Jogar fora
zunta kabese Pensar em coletivo
zunta udêdu Rezar

4.3.16.3. Exercícios**1) Complete:**

- a) Maa, ____ ki sa keka.
- b) Ami ki Mene, ____ we paa.
- c) Sabina ki Mene, ____ we bayu.
- d) Maa ki Mene, ____ mêsê ____.
- e) Ami ki atxi, ____ fêzê bôlô.
- f) Atxi, ____ we kaxi.

2) Buka di sêbê kwa montxi na vida di Maselu Veja i xikêvê kontu ùa di vida sê na lung'le. Alunu tudu pe deve lê kontu sê na xikola pa ine tudu sêbê.

3) Kwê manda ki Maelu Veja tê valô pô minu ie a? Palixya ki ine daman tê na vida di Maselu Veja tudu pe na lung'le.

4.3.16.4. Kutwa - Poeta Maselu Vega¹³²

POETA MASELU VEGA

Maselu Vega nomi sê butxizadu ê Maselu Faxiku Vega da Mata. Ê nasê na ie Pinxipi na dya têêxi di ôtubu di mili wêtusentu noventa dôsu i mwê na dya têêxi di masu di mili novesentu setenta sêy.

Ê tava na gupu ine afikanu ki tava sa fêzê pwêjya na modi di txya kwa na kosan. Isê kwa ki ka batê ki ine ningê tudu ki ka tê xina di xikêvê ora ki kwa ùa mesu ka sa ine fumadu na upêtu pô libedadi pôvô i maxi montxi ine pwêjya sê sa voga pô vida pôvô. Na modi sê ine pwêjya sê sa podi tê valô xi kani no ki vya sen tê valô sê na kosan i na xintxidú fa. Ine kwisê tudu ki Maselu xikêvê sa da pazê pa no zunta igbê ki lunge ki fala na xyense ki fêzê li xikêvê ine pwêma sê.

Livu ùa ki ê xikêvê ine pwêjya sê tê nomi “kantu ôsobô” i livu sê a pwê li gba maji ora ki ê mwê za. Livu sê tê trezentu setenta dôsu pwêma ki a txya na kumi ki ê txinha ine pwêma sê xikêvêdu. Ê xikêvê maxi montxi na lunge putugêzê za ùa-ùa na lung’le.

COMPREENSÃO DO TEXTO

- 1) Em que línguas o poeta Marcelo da Veiga escrevia?
- 2) Por que sua poesia é importante para o Príncipe?

VOCABULÁRIO

butxizadu adj. batizado
faxiku ant. Francisco
gba v. publicar
kani adj. próprio
libedadi n. liberdade
maselu ant. Marcelo
masu n. março
nasê v. nascer
ôsobô n. ossobô, cuco-esmeraldinho
pôvô n. povo
pwêjya n. poesia
pwêma n. poema

¹³² Tradução para o lung’le de Manuel Salomé.

sen v. existir, haver
setenta num. setenta
sêy num. seis
trezentu num. trezentos
ũa-ũa adv. cada um
upêtu n. peito
vega ant. Veiga
vida n. vida
voga v. servir
wêtusentu num. oitocentos
xintxidu n. atenção
xikêvê v. escrever
xikêvêdu adj. escrito
xyense n. ciência

4.3.16.5. Traduções

O CASAMENTO

M- Sabrina, você sabia que a Luzia vai se casar com o João?

S- Não, eu não sabia. Já não era sem tempo! Eles se gostam?

M- Sim! Luzia e João se gostam, certamente! O casamento deles será no mês que vem, na igreja de Santo Antônio.

S- Eu achava que a Luzia era adventista.

M- Não, eles dois são da igreja católica.

S- O João a pediu em casamento?

M- É, ele que pediu. Luzia e João estão muitos felizes.

S- Onde eles vão morar?

M- Depois de casarem, vão para São Tomé, já que têm uma casa lá. Antes de eles irem, precisam mandar suas coisas de navio para lá.

S- No dia em que eu for para São Tomé vou lhes cumprimentar.

M- O João trabalha muito, então sei que vai logo arranjar um emprego em São Tomé.

S- Estou com você. O João é muito esperto.

M- Sei também que Luzia é uma boa mãe. Ela que tomava conta dos irmãos.

S- Mesmo criança, Luzia já era muito responsável!

MARCELO DA VEIGA – POETA

Marcelo da Veiga, nome de batismo Marcelo Francisco Veiga da Mata, nasceu na Ilha do Príncipe em 3 de Outubro de 1892 e faleceu em 3 de Março de 1976¹³³.

“Ele pertence a essa raça de bardos africanos que entenderam fazer da sua poesia um acto de participação na vida cívica, como aliás sempre acontece com os poetas de todas as latitudes quando estão em causa os valores da liberdade e daí que fatalmente grande parte da sua poesia seja estruturada ao sopro do vivo social, com particular incidência para o ideograma. Daí que ela não possa ser suficientemente avaliada sem termos bem presentes os valores estéticos que derivam das forças sociais que lhe deram vida. Será em

¹³³ Texto adaptado de: Ferreira, Manuel. 1989. Prefácio. In Veiga, Marcelo da. *O canto do ossôbó*. Linda-a-Velha: ALAC - África, Literatura, Arte e Cultura.

grande parte isso que explicará as séries que organizamos e a articulação que lhe imprimimos”. (Ferreira 1989: 17)

O livro que ele escreveu com suas poesias é intitulado “O canto do ossobô” e foi publicado postumamente. Contém 372 poemas, retirados dos arquivos pessoais do poeta. Ele escrevia majoritariamente em português e um pouco em lung’le.

4.3.17. Lição 17: Kaata

KAATA

Ôzê, 19/02/2010

Sabina, nova ê? Nova igbê ê? Nova familya te tudu pe na kaxi a? Mo kavalu sa kwê a? Ine ningê tê ki txi tava lega, modi txi xiga, modi a? Ine sa bon a?

N xintxi faata te ki sawdadi mutu ki n sa kôli di txi. Ora no tava zuntu, no tava sa fêzê kwa-kwa i wo sê ki txi sa lala pidi dêsu kênsê di mi fô! Pôkê n sa xintxi faata tê mutu ô!

Wo se ki txi xiga lala za, modi a? Txi sa ke ta lala ô txi vya sa keka za? Minu Ie tudu pe sa ki uê na ufikumi sa wada txi ô! Xivisu sê ki txi sa fêzê, no goxta mutu. Pidi dêsu pa xivisu fika bon fêtu. Pidi dêsu pa txi kênsê lung'le fa. Na modi ki txi sa fala lung'le, ningê tudu pe ki tava sa da li valô fa, ôzê sa da li. Owo ê, minu Ie, bamu buka modi pa no bi uê na lung'le, lega li fuxi fa. Ê xiga ora wo, pôkê lung'le ê bilête no.

N tê ko nho de fala ma fa, wo sê n sa wada kwa txi ka po fala. N sa ki uê na ufikumi sa wada kaata tê ô! Ami n mêsê pa txi tê gôxtô na kosan zo txi ka tama kaata me.

Paasô, Mene¹³⁴

VOCABULÁRIO

bilête n. cartão, bilhete de identidade

ê pro. expletivo

faata v. faltar

familya n. família

fêtu adj. feito

fika v. ficar

fuxi v. fugir

kaata n. carta

kavalu n. cavalo

lega v. deixar, largar

mo adv. cf. modi

nove num. nove

sawdadi n. saudade

se v. assar

ufikumi n. caminho

valô n. valor

zuntu adj. junto

¹³⁴ Texto de Frutuoso dos Santos.

4.3.17.1. Notas Gramaticais

Nesta lição, veremos algumas expressões idiomáticas em lung'Ie. Abordaremos também a pluralização com repetição e a redução do verbo **podì** para **po**.

I. Expressões idiomáticas

Veremos agora algumas expressões que aparecem no texto:

(303) **Mo kavalu sa kwê a?**
 como cavalo PROG correr INT
 'Como vão as coisas?'
 lit.: 'Como o cavalo está correndo?'

(304) **N sa ki uê na ufikumi sa wada**
 1PS.SUJ COP com olho em caminho PROG esperar
txi ô!
 2PS.OBJ ENF
 'Estou te esperando ansiosamente'.
 lit: 'Estou te esperando com os olhos no caminho!'

(305) **Bamu buka modi pa no bi uê na**
 ir.1PP.SUJ buscar como para 1PP.SUJ abrir olhos PREP.em
lung'Ie.
 lung'Ie
 'Vamos buscar uma maneira para prestarmos mais atenção ao lung'Ie'.
 lit: 'Vamos buscar uma maneira para abirmos os olhos no lung'Ie'.

(306) **Ami n mêsê pa txi tê goxtu**
 1PS.DES 1PS.SUJ querer para 2PS.SUJ ter gosto
na kosan.
 em coração
 'Quero que você tenha alegria no coração'.
 lit: 'Quero que você tenha gosto no coração'.

II. Pluralização com repetição

- (307) **No tava sa fêzê kwa-kwa.**
 1PP.SUJ PASS PROG fazer coisa.coisa
 ‘Nós estávamos fazendo várias coisas’

III. Redução – **podì/po**

O verbo **podì** pode aparecer em sua forma reduzida **po**:

- (308) **N sa wada kwa txi ka po fala.**
 1PS.SUJ PROG aguardar coisa 2PS.POSS FUT poder falar
 ‘Estou aguardando o que você poderá me dizer.’

- (309) **N sa wada kwa txi ka podì fala.**
 1PS.SUJ PROG aguardar coisa 2PS.POSS FUT poder falar
 ‘Estou aguardando o que você poderá me dizer.’

IV. Negação 2 – **nho**

O **nho** ‘nenhum’, que aparece nas lições 2, 3, 4, 6 e 15, e nesta lição, nas expressões **ko nho** ‘nada’ e **kumi nho** ‘lugar nenhum’. Além destas, ele pode ser usado com qualquer nome. Vejamos alguns casos:

- ningê nho** ninguém
ine nho ninguém
dya nho nunca
ora nho nunca
kaxi nho nenhuma casa
mye nho nenhuma mulher

V. Pronome expletivo

O pronome expletivo é aquele que não possui referencial na sentença, ou seja, não está referenciando um nome. Em lung’le, o pronome de terceira pessoa do singular **ê** exerce esta função (cf. Maurer 2009: 58). Na sentença a seguir, retirada do texto desta lição, o verbo **xiga** ‘chegar’ é inacusativo e o pronome **ê** não é sujeito da sentença e funciona como pronome expletivo, apenas para completar o lugar do sujeito:

- (310) Ê xiga ora wo.
EXPL chegar hora momento
'Chegou o momento.'

4.3.17.2. Vocabulário Temático – Expressões 5

limpa vogyan Desenvergonhar, Limpar a barra

manda ubuka Insultar

mara uman Casar

mata igbê Suicidar-se

maxi fa Ainda não

maxi fa Nunca

môxê ope Ir depressa

mwa uman Dar dinheiro, Pagar

na sêbê De fato

nda dêsê Ir para baixo

nda subi Ir para cima

nhe kadya Sentar

nhe uku Sentar

palipa usan Apalpar o terreno, sondar o terreno

pana utabu Aplanar

panha fooza Enferrujar

para mize Segurar a urina para fazer remédio tradicional

pasa ubuka Comer

pêdê kabe Ficar louco

pêdê mêzê Engravidar

pêdê xintxidu Desmaiar

pega pwe Pregar na parede

pega ufogu Confusão

po ma fa Não aguentar mais

pô sempi Para sempre

pô zempu Por exemplo

pobi vantenadu Paupérrimo

poda mi Desculpe-me

ponta pyôpyô Ponta aguçada

prepara usan Preparar o território

pwe divida Contrair dívidas

pwê manha Pôr defeito

pwê n'ubaaku Enterrar

pwê n'usan Plantar

pwê poxta Apostar

pwê taaxi Colocar uma criança às costas

ranka uê Abrir a vista

rêgê fasu Caluniar

rêgê fasufasu Caluniar

rêgê fasufasu Difamar

rema kaxi Começar a construir uma casa

rin da keba Rachar de rir

4.3.17.3. Exercícios

- 1) **Xikêvé kaata da migu, riman, mwin, pwe ô pôfêsôrô tê.**

- 2) **Modi ôtô no ka po komesa kaata a? I modi ki no po kaba li? Lemba modi di fala bê tudu pe ki no xtuda za.**

4.3.17.4. Kutwa – Ie Pinxipi¹³⁵

IE PINXIPI

Ie Pinxipi zuntadu ki Ie Santome, êli ki sa da modi pa sama Repubika Demokaatiku Santome ki Ie. Maji modi ki umwen lenta na metedi, êli ki manda ki Ie fika ugani ki Santome, ki da kwa ki no tê ufikumi ope fa. Na modi sê, umwen tama usan ki ka pudya da pô Ie, sentu xinkwenta kilometu di longu intêru.

Ie Pinxipi tê sentu kwarenta dôsu kilometu na kwatu ukantu di te, zuntadu ki Iyew Bombo, Bone Joka, ki Dôsu Riman. Ie Pinxipi sa fika bwega-bwega te gaani ki a ka sama kontxinentxi, ki ê Golfu Gine, na kwêda Ekwadô.

Ie Pinxipi ê sa fêzê fyô so fa ni ê bê sa fêzê kalô so fa: ê kentxi kêtê ê fyô kêtê. Ora kwalke ê ka munda pô kentxi ô pô fyô, ke usuva ô usolu. I usan te ê tê vulukan.

Na bwega-bwega Afika, na ukwatu notxi Ie, pô Nijya sa sendê pô kwatusentu kilometu, Ie pô Gaban, na ukwatu lexti, sa sendê trezentu kilometu, Ie pô Kamaan ki Gine Kwatoriali ô Fanand'opo, na ukwatu nodexti, sa sendê duzentu xinkwenta kilometu.

Usan te Ie Pinxipi tê ôkyê, te ôgbôgôdô, tê barara, za ê tê usan petee. Na ôkyê ki sa subi ixima piku, sa mindi we ten novesentu kwarenta wêtu metu. I piku sê a ka sama Piku Pinxipi. I Piku Menkoni zuntadu ki ixima kabese ôkyê Karyotxi, tê wêtusentu metu. I na kani metedi posan Ie, a ka vya ka pô piku, a ka vê Piku Mwin Gaani (Piku Paage), i piku sê tê sêysentu wêtenta metu pa subi ten ixima sê.

¹³⁵ Texto de Carlos Gomes, tradução para o lung'le de Manuel Salomé.

COMPREENSÃO DO TEXTO

- 1) **Qual o pico que fica na cidade de Santo Antônio?**
- 2) **Cite alguns países que estão próximos ao Príncipe.**

VOCABULÁRIO

barara n. precipício
Bone Joka topo. Boné de Jóquei
bwega-bwega adj. encostado
demokaatiku adj. democrático
duzentu num. duzentos
Fanandopo topo. Fernando Pó, Bioko
fyô adj. frio
Gine topo. Guiné
Gine Kwatoriali topo. Guiné Equatorial
golfu n. golfo
Kamaan topo. Camarões
Karyotxi topo. karyotxi
kentxi adj. quente
kontxinentxi n. continente
kwarenta num. quarenta
kwatusentu num. quatrocentos
Kwêda Ekwadô topo. Linha do Equador
lexti n. leste
longu n. largura
Menkoni topo. Pico Menkoni
metu n. metro
mindî v. medir
munda v. mudar(-se)
nodexti n. nordeste
ôgbôgôdô n. barranco
ôkyê n. morro
Paage topo. Pico Papagaio
petee adj. plano
repubika n. república
sendê v. estender
sentu num. cem
ugani adv. à parte
ukantu n. canto
usan n. terreno, chão
usuva n. chuva
wêtentá num. oitenta
wêtu num. oito
xinkwenta num. cinquenta

4.3.17.5. Traduções

CARTA

Hoje, 19/02/2010

Sabrina, alguma novidade? Como você está? Sua família está bem? Como as coisas vão correndo? As pessoas que você havia deixado, como elas estão depois que você chegou? Estão bem?

Eu sinto sua falta e estou com muitas saudades de ti. Quando estávamos juntos, a gente fazia várias coisas, e agora que você está aí, peço a Deus, não se esqueça de mim! Porque eu estou sentindo muito a sua falta!

Agora que você já chegou, como será? Você vai ficar aí ou já vai voltar? Todos os principenses estão te esperando ansiosamente! Nós gostamos muito do trabalho que você está fazendo. Peço a Deus para o seu trabalho ficar bem feito. Peço a Deus para você não esquecer lung'le. Pela maneira como você estava falando lung'le, todo mundo que não lhe dava valor, hoje lhe dá. Nós, principenses, vamos encontrar um jeito de abirmos os olhos para o lung'le, não deixar ele fugir. Já não é sem tempo, porque o lung'le é nossa carteira de identidade.

Não tenho mais nada para dizer, agora vou esperar o que você poderá me dizer. Estou esperando ansiosamente pela sua carta! Eu espero que você goste muito quando receber minha carta.

Tchau, Manuel

A ILHA DO PRÍNCIPE

A Ilha do Príncipe, junto com São Tomé, forma a República Democrática de São Tomé e Príncipe. Mas, por constituírem duas ilhas separadas, não há caminho terrestre ligando as ilhas. Dessa forma, a distância marítima entre as duas ilhas é de cerca de 150 km.

A Ilha do Príncipe, juntamente com os ilhéus Bom-bom, Boné de Jóquei e Tinhosas, têm 142 km². O Príncipe fica próximo ao continente, no Golfo da Guiné, próximo à linha do Equador.

O clima no Príncipe não faz nem apenas frio nem apenas calor: é um pouco quente e um pouco frio. A qualquer momento, o clima pode mudar para calor ou frio, chuva ou sol. E o solo é de origem vulcânica.

No litoral do continente africano, acerca de 400 km ao norte do Príncipe, está a Nigéria; acerca de 300 km ao leste, está o Gabão; e, acerca de 250 km ao nordeste, estão Camarões, Guiné Equatorial e a ilha de Fernando Pó (Bioko).

O solo da Ilha d Príncipe é composto por morros, barrancos, precipícios e planícies. A altura do Pico Príncipe é 948 metros. O Pico **Menkoni**, próximo à região **Karyotxi**, tem 800 metros. E no próprio centro da cidade, dá-se de cara com ainda outro pico, o Pico Papagaio, que mede 680 metros até o cume.

4.4. Apêndice 1 – Textos de apoio

Nesta seção, apresentaremos alguns textos de apoio ao professor para as aulas com as crianças mais novas. Apresentaremos algumas músicas compostas em lung'le e pequenas histórias tradicionais.

4.4.1. Música 1 - Jinga igbê

JINGA IGBÊ¹³⁶

Ine minu kêtê jinga igbê

Ê, jinga igbê

Zagwa xyê na ufôgu za

Ê na pa no kume

Ê na pa no kume

Ningê-taamwin jinga igbê

Ê, jinga igbê

Zagwa xyê na ufôgu za

Ê na pa no kume

Ê na pa no kume

Sume pêzêdentxi jinga igbê

Ê, jinga igbê

Zagwa xyê na ufôgu za

Ê na pa no kume

Ê na pa no kume

Ine modenu jinga igbê

Ê, jinga igbê

Zagwa xyê na ufôgu za

Ê na pa no kume

Ê na pa no kume

¹³⁶ Música de Frutuoso dos Santos.

Mo no ka fêzê li a?

Ê na pa no kume

Mo no ka fêzê li a?

Ê na pa no kume

MEXA O CORPO!

Crianças, mexam o corpo

E, mexam o corpo

A asagoa já vai sair do fogo

É mesmo para gente comer

É mesmo para gente comer

Adultos, mexam o corpo

E, mexam o corpo

A asagoa já vai sair do fogo

É mesmo para gente comer

É mesmo para gente comer

Senhor presidente, mexa o corpo

E, mexa o corpo

A asagoa já vai sair do fogo

É mesmo para gente comer

É mesmo para gente comer

Jovens, mexam o corpo

E, mexam o corpo

A asagoa já vai sair do fogo

É mesmo para gente comer

É mesmo para gente comer

De que jeito vamos fazê-la?

Ela é mesmo para gente comer

De que jeito vamos fazê-la?

Ela é mesmo para gente comer

VOCABULÁRIO

jinga v. mexer, gingar
modenu n. jovem
pêzêdentxi n. presidente
sume n. senhor
ufôgu n. fogo
ningê-taamwin n. adulto

4.4.2. Música 2 - Ê pa no sêbê ya lung'ie ê bilêtê no

Ê PA NO SÊBÊ YA LUNG'IE Ê BILÊTÊ NO¹³⁷

Ê pa no sêbê ya lung'ie ê bilêtê no

Ê pa no sêbê ya lung'ie ê bilêtê no

Kabese tê ba?

Yêlê

Kabelu tê ba?

Yêlê

Uê tê ba?

Yêlê

Urya tê ba?

Yêlê

Irixi tê ba?

Yêlê

Ubuka tê ba?

Yêlê

Idintxi tê ba?

Yêlê

Lunge tê ba?

Yêlê

Ê pa no sêbê ya lung'ie ê bilêtê no

¹³⁷ Música de Frutuoso dos Santos.

É PARA GENTE SABER QUE O LUNG'IE É NOSSA CARTEIRA DE IDENTIDADE!

É para gente saber que o lung'ie é nossa carteira de identidade

É para gente saber que o lung'ie é nossa carteira de identidade.

É para gente saber que o lung'ie é nossa carteira de identidade.

Cadê sua cabeça?

Aqui está.

Cadê seus cabelos?

Aqui estão.

Cadê seu olho?

Aqui está.

Cadê sua orelha?

Aqui está.

Cadê seu nariz?

Aqui está.

Cadê sua boca?

Aqui está.

Cadê seus dentes?

Aqui estão.

Cadê sua língua?

Aqui está.

É para gente saber que o lung'ie é nossa carteira de identidade.

VOCABULÁRIO

idintxi n. dente

irixi n. nariz

kabelu n. cabelo

ubuka n. boca

urya n. orelha

4.4.3. Swa tetuuga ki ôkyê

SWA TETUUGA KI ÔKYÊ

Dya ũa têtuga fala ôkyê ya ê ka po fêzê pôxta ũa kôli. Dêpôji ôkyê fala têtuga ya txi a podi fa. Dêpôji têtuga fala ôkyê ya txi ka pya, no ka kumbina! So têtuga ê tava mo madô. Têtuga fala bon, ôzê mêsê pya xi txi ka po gan mi. Bon, têtuga we fya, we kopa bana bôbôdu. Têtuga ũanga pwê ifi-kumi, na kumi ine tava sa ke kwê dê li. Bon, êli ôkyê fala têtuga ya no po we kwa sa za ô. I ine vansa, aranka. Ôkyê tê maxi satu pasa têtuga. Têtuga pôôta fa. Têtuga sa ke ki sê momoli-momoli pidi ê tava sêbê za ê tava pwê minu kwa ũa na ifi-kumi. Zo ôkyê sata sata uê ôkyê da nixima bana bôbôdu, ôkyê ê po sa ki bwega xadu maxi sa lega banan bôbôdu fa. Ôkyê tusan sa kume bana bôbôdu. I têtuga kansa ton zo ôkyê kaba di kume bana bôbôdu ki vika lembe ya, ya ine tava pôxta. I ora ê xyê di kwê wo. Ora xiga na lala na maka ki ine tava konvesa ê vê têtuga tusandu sa wada li. I têtuga gan.¹³⁸

HISTÓRIA DA TARTARUGA E DO MACACO

Um dia, a tartaruga disse para o macaco que podia fazer uma aposta com ele. Depois, o macaco disse para a tartaruga: “Você não consegue!” Então a tartaruga falou para o macaco: “Olha, nós estamos combinados!” Mas a tartaruga era muito esperta e disse: “Bom, hoje eu quero ver se você consegue me vencer.” Então, a tartaruga foi ao mercado, foi comprar bananas maduras. Ela espalhou-as no caminho, no lugar onde eles iam correr. O macaco diz para a tartaruga: “Já podemos começar a correr.” E eles avançaram, começaram. O macaco tem o salto maior do que o da tartaruga, mas a tartaruga não se importou. Ela foi devagarinho, devagarinho porque ela sabia que tinha colocado algumas coisinhas pelo caminho. Quando o macaco estava saltando, seu olho deu em cima da banana madura. O macaco pode estar com a barriga cheia, mas ele não recusa banana madura. O macaco então sentou e ficou comendo as bananas maduras. A tartaruga descansou e só quando acabou de comer as bananas maduras que o macaco lembrou que eles estavam numa aposta. Então ele saiu correndo, mas, quando chegou na marca que eles tinham combinado, viu a tartaruga sentada lhe esperando. E, assim, a tartaruga ganhou.

¹³⁸ Texto de Frutuoso dos Santos.

VOCABULÁRIO

- aranka** v. arrancar, sair
bôbôdu adj. maduro
bwega n. barriga
gan v. ganhar
kansa v. cansar
kumbina v. combinar, marcar
lemba v. lembrar
maka n. marca
momoli adj. mole
nixima adv. em cima
ôkyê n. macaco
poota v. importar-se
poxta n. aposta
sata v. pular, saltar
satu n. pulo, salto
têtuuga n. tartaruga
tusan v. sentar
tusandu adj. sentado
wanga v. espalhar
vansa n. avançar
xyadu adj. cheio

4.5. Apêndice 2 – Quadros

4.5.1. Pronomes 1

	ARGUMENTO			NÃO ARGUMENTO	DESLOCADOS
	SUJEITO	OBJETO DIRETO	OBJETO INDIRETO	ADJUNTO DO NOME - POSSESSIVOS	
1PS	n	mi	ami	me	ami
2PS	txi	txi	atxi	tê	atxi
3PS	ê	li	êli	sê	êli
1PP	no	no	no	no	no
2PP	owo	owo	owo	owo	owo
3PP	ine	ine	ine	ine	ine
Indefinido	a	a	a	a	a

4.5.2. Pronomes 2

TIPO	PRONOME INTERROGATIVO	GLOSA
PESSOA	ningê	‘quem’
COISA	ki, kwa, kwêsa	‘que’, ‘que coisa’, ‘o quê’
PROPRIEDADE	kali/kwali	‘qual’
LUGAR	kumi / kumin	‘onde’
TEMPO	kantora, kidya, kiora	‘que horas’, ‘que dia’, ‘que horas’
MANEIRA	modi	‘como’
QUANTIDADE	kantu	‘quanto’
MOTIVO	pidi kwe manda, pidi kwêsa, pidi	‘porque’

4.5.3. Verbos¹³⁹

ZERO-ESTATIVO	AFIRMATIVO	NEGATIVO
NÃO-PASSADO	-	-
PASSADO	tava	tava
FUTURO	ka	sa

KA-ESTATIVO	AFIRMATIVO	NEGATIVO
NÃO-PASSADO	ka	sa
NÃO-PASSADO PROGRESSIVO	sa	sa
PASSADO PERFECTIVO	-	-
PASSADO IMPERFECTIVO	tava ka	tava sa

AÇÃO/ATIVIDADE	AFIRMATIVO	NEGATIVO
PROGRESSIVO	sa	sa
HABITUAL	ka	sa
FUTURO	ka	sa
PASSADO PERFECTIVO	-	-
PASSADO PROGRESSIVO	tava sa	tava sa
PASSADO HABITUAL	tava ka	tava sa

¹³⁹ Modificado de Maurer (2009: 92)

4.6. Apêndice 3 – Respostas dos exercícios

4.6.1. Respostas dos exercícios - Lição 1

1)

- a) Txi sa ta na Santantoni a?
- b) Kumi txi sa ta a? N s ata na Pikan.
- c) N sa ta na Baji. / Ami, n sa ta na Baji.
- d) Txi sama Mene a? / Atxi, txi sama Mene a?
- e) Nomi tê modi a? Nomi me Sabina.
- f) Atxi, txi sa ta na Pikan.
- g) Ami, n sa ta na Putuga.
- h) Ami, n sa ta na Baji
- i) Atxi, txi sama Mene.
- j) Ami, n Sabina.
- k) Kaxi tê sa ta na Putuga a?
- l) Kaxi Mene sa ta na Pikan.
- m) Kaxi Sabina sa ta na Santantoni.
- n) Kumi kaxi sê a?
- o) Kaxi me sa ta na Baji.
- p) Sabina ba?
- q) Mene ba?
- r) Kaxi tê ba?
- s) Kaxi ba?

4.6.2. Respostas dos exercícios - Lição 2

1)

- a) Txi mêsê urumu. Txi mêsê urumu fa.
- b) Ami, n mêsê inhemi. Ami, n mêsê inhemi fa.
- c) Sabina sa ta na Santantoni. Sabina sa ta na Santantoni fa.
- d) Inhemi karu. Inhemi karu fa.
- e) Ban'omi doxi ki passa. Ban'omi doxi ki passa fa.

2)

- a) Txi sêbê (isê) kwêsa? N sêbê!
- b) Inhemi kantu a?
- c) Txi sêbê kantu a?
- d) Txi mêsê urumu? Nha, n mêsê.
- e) Txi mêsê dôsu môyô ban'omi a? Ade, n mêsê (li) fa.

3)

- a) Kantu. Quanto está a malagueta? Trinta mil dobras.
- b) Kali. Eu olhei o safu, olhei a banana. Eu não sei qual eu quero.
- c) Kantu. Essa malagueta está cara! E quanto é a graviola?
- d) Modi. Manuel, como vai? Mais ou menos!
- e) Kali. Qual você quer? Quero esse!

4)

- a) **Isê / isê.** Isso é uma fruta-pão? Não, isso é uma graviola.
- b) **Kusê.** O que você quer?
- c) **Sê.** Essa fruta-pão é cara!
- d) **Kusê.** Você viu isso? **Isê.** Isso é quanto?
- e) **Sê.** Essa pessoa é um serrador.
- f) **Sê.** Eu quero esta graviola.

4.6.3. Respostas dos exercícios - Lição 3

1)

- a) Ê xina mi bayu / uvungu Afika(na).
- b) No mêsê we kaxi Luja ki owo.
- c) Ine tê vogyan fa.
- d) Txi xivi sabudu ki dimingu?
- e) Ê fêzê bôlô.

2)

- a) 3. Fomos juntos à cidade.
- b) 1. Você quer comer bolo?

- c) 3. Você dançou essa semana?
- d) 2. Eu sei dançar dança africana.
- e) 3. Sábado nós tomamos banho no mar.
- f) 3. Eu trabalhei sábado na loja.
- g) 3. Vocês me fizeram um bolo.
- h) 3. Eu não tenho nada.
- i) 1. Ele já sabia.
- j) 2. Eu moro no Picão.

4.6.4. Respostas dos exercícios - Lição 4

1)

- a) Ê, ê fala fansêji.
- b) N ka gogo di fansêji montxi fa, maji n (ka po) fala li.
- c) Xi ê mêsê, n ka po zuda li.
- d) N tendê ingêxi fa. N tende ko nho ki ê fala.
- e) Sabina sêbê fala putugêzê ki minu lung'Ie.

2)

- a) -. Zero-estativo.
- b) -. Zero-estativo.
- c) -. Ação.
- d) Ka. Ka-estativo.
- e) -. Ação.
- f) Ka. Ka-estativo.
- g) Ka. Ka-estativo.
- h) -. Zero-estativo.
- i) -. Zero-estativo.
- j) -. Ação.
- k) -. Ação.
- l) -. Zero-estativo.
- m) Ka. Ka-estativo.
- n) -. Zero-estativo.
- o) -. Ação.
- p) -. Zero-estativo.

4.6.5. Respostas dos exercícios - Lição 5

1)

- a) Nós fomos ao mar.
- b) A Sabrina falou de vocês.
- c) Por quê?
- d) As crianças não trabalham na loja.
- e) A Sabrina disse 'eu não quero tomar banho no mar'.
- f) O Manuel poderia dançar com a Sabrina.

2)

- a) Owo we Uvôdô fa? Pidi kwêsa?
- b) Sabina ka pudya we uvôdô ki owo.
- c) N we xi ine fa.
- d) Sabina fala ki no ontxi.
- e) N foga ontxi kêtê.
- f) Mene fala ya 'n sa dwintxi fa'.
- g) No sa ke sama li na telefoni.
- h) Ine tava sêbê no ka konta ontxi fa.

3)

- a) Mene fala ya 'n we xi ine fa'.
- b) Sabina fala ya 'n sa ke sama txi na teleoni'.
- c) Ine fala ya 'no ka pudya we uvôdô ki owo'.
- d) N fala ya 'n sa dwintxi'.

4.6.6. Respostas dos exercícios - Lição 6

1)

- a) O que você está fazendo?
- b) Eu estava passeando.
- c) Eu não estou fazendo nada.
- d) A casa que eu estava limpando estava muito suja.
- e) Eu quero que o Manuel vá me acompanhar em minha casa.

f) Nós estamos cozinhando safu.

2)

- a) N sa palixa ki Mene.
- b) N sa tendê ko nho fa na lung'Ie.
- c) No sa xtuda lung'Ie.
- d) Kwa ki ê sa fêzê wo sê a?
- e) N ka po pova kumê sê?
- f) Upatu suzu kotokoto.

3)

- a) **Sa.** O Manuel está comendo agora.
- b) **Tava sa.** Ontem, eu estava limpando a minha casa.
- c) **Tava sa.** De manhã, eu estava cozinhando, agora nós podemos provar.
- d) **Sa.** A Sabrina está estudando o papagaio do Príncipe.
- e) **Tava sa.** O Manuel estava falando com seu amigo ontem.

4.6.7. Respostas dos exercícios - Lição 7

1)

- a) Até agora a Sabrina ainda não veio.
- b) Vamos fazer comida do Príncipe?
- c) Eu preciso ir cozinhar.
- d) Vamos comer até minha mãe chegar.
- e) O Manuel bebe todos os dias.
- f) Vamos entrar na igreja.

2)

- a) N ka bêbê ivin fa.
- b) Sabina we ki sê za.
- c) Bômu wada Mene.
- d) N ka kume bana fa, i atxi a?
- e) N we ki me, jentxi me.
- f) Pô mi sa da fa pidixi n pixiza we kaxi.

3)

- a) **Me.** Eu fui embora.
- b) **Owo.** Vocês foram embora.
- c) **No.** Nós fomos embora.
- d) **Sê.** A Sabrina foi embora.
- e) **Ine.** Eles foram embora.
- f) **Tê.** Você foi embora.
- g) **Ine.** A Sabrina e o Manuel foram embora.
- h) **Sê.** Ele foi embora.
- i) **No.** Nós fomos embora.
- j) **Owo.** Vocês foram embora.
- g)

4.6.8. Respostas dos exercícios - Lição 8

1)

- a) Esse carro é muito bonito.
- b) Eu fui à casa deles ontem.
- c) Eu gostava de banana, mas hoje eu não gosto.
- d) Quando eu era criança, meu amigo cozinhava para mim.
- e) A avó de vocês cozinhava para vocês.
- f) Por mim, eu moraria na casa deles.

2)

- a) Ami na maxi pobi.
- b) Pô mi (so), n ka sa we ki me.
- c) N ka sa riku (sônôsônô), n ka kopa kaxi na Ie.
- d) Ki tê ê maxi ve ki ki me.
- e) Ukaru me ê maxi gaani ki ki tê.
- f) A ka gogo di Baji mutu.

4.6.9. Respostas dos exercícios - Lição 9

1)

- a) Nossa! Eu não sabia!
- b) Eu fiz cada uma dessas comidas: **palapala**, berla, bolo.
- c) Você fez como se não tivesse visto. / Você se fez de cego.
- d) Nós somos dez mulheres e seis homens.
- e) Manuel, quantos irmãos você tem?

2)

- a) Txya me fêzê mi xtuda ingêxi.
- b) Kêdê ãa tê kaxi ine.
- c) Pwe gaani ki mwin gaani xiga ontxi.
- d) Mandya me fêzê riman me xina fansêji.
- e) No xinku omi ki mye ãa.

4.6.10. Respostas dos exercícios - Lição 10

1)

- a) O meu carro estava valendo muito, eu vendi ele.
- b) Três mil mais oitocentos, quanto dá?
- c) Se você juntar duzentos com seiscentos, quanto dá?
- d) Cem mil dividido por quatro, quanto dá?
- e) Mil vezes dez, quanto dá?
- f) Cento e um menos trinta quanto dá?

2)

- a) N sêbê ya txi pixiza we ki tê.
- b) Ora Mene ka fêzê pova, ê sa ke txya bon nota.
- c) Riman me tava ka mendu, maji n tava sa mendu fa.
- d) Ê sêbê ya txi sa ke uvôdô fa.
- e) Kantu ê ka da, dexi vezi txinta?
- f) I xi txi zunta dexi mili ki wêtu mili, kantu ê ka da?

4.6.11. Respostas dos exercícios - Lição 11

1)

- a) Amanhã eu tenho prova de matemática.
- b) Se a Sabrina estivesse cozinhando agora, já teríamos comida.
- c) Amanhã você tem prova, mas não está com medo.
- d) Vocês foram à raia para descansar um pouco.
- e) O Manuel ainda bebe.
- f) Eu estou estudando todos os dias porque quero ir estudar no Brasil.

2)

- a) Sabina pixiza kwê pwê we gêêza.
- b) N sa ka kuxi da riman me pôkê mwin me we Santome.
- c) Amanhan n ka sêbê nota ki n txya na pova.
- d) Dya ãa, kaxi me ka valê doba montxi.
- e) N maxi ka tê ukaru fa.
- f) N mêsê pa txi xina mi lung'le.

4.6.12. Respostas dos exercícios - Lição 12

1)

- a) Embora eu queira comer cacau, eu não quero ir buscar.
- b) Aquele é o porco da Sabrina.
- c) Aquela casa é a casa de Manuel.
- d) A Sabrina foi à feira comprar comida porque sua casa estava vazia.
- e) Este é o avião do patrão.
- f) Esta loja é a loja da minha mãe.

2)

- a) Palapala ê doxi ki mene mene!
- b) N sa ke xyê kaxi pôkê n sa ke konta Mene.
- c) Axi mesu ki n mêsê dimi, n pixiza we xivi.
- d) Ukaru sê ê ukaru Sabina a?
- e) Kusê livu matximatkika.

f) Ixila kwêsa?

3)

- a) **Ixila.** Aquilo é a escola do Picão.
- b) **Xila.** Aquele carro é muito caro.
- c) **Xila.** Aquele papagaio é muito bonito.
- d) **Ixila.** Manuel, o que é aquilo?

4)

- a) **Sê.** Esta graviola é muito gostosa.
- b) **Sê.** Esse homem não quer falar comigo.
- c) **Kusê / kwisê.** Sabrina, isto é a sua roupa?
- d) **Kusê / kwisê.** Isto é uma fruta-pão?

4.6.13. Respostas dos exercícios - Lição 13

1)

- a) Na quarta-feira, eu vou descansar um pouco.
- b) Amanhã não vamos arrumar nossa casa.
- c) No terceiro dia, a Sabrina, o Manuel e o amigo dele vão à Sundry.
- d) Vamos chamar o Manuel e a Sabrina também.
- e) Quando você for me acompanhar em casa, eu vou cozinhar pra você.
- f) No sábado, não dormirei.

2)

- a) Amanhan n ke paa ki migu me.
- b) N sa fêzê pova fansêji fa.
- c) N sa munda na kaxi segunda-fya, tesa-fya ki kinta-fya.
- d) Dina no ka vê sabudu a?
- e) Sabina ke kume na kaxi me na sexta-fya.
- f) Owo ke dimi nixi amanhan fa?

3)

- a) **3. N ka fêzê bolu ãa da txi.** Eu vou fazer um bolo pra você.

- b) 2. **Sabina sa sêbê nomi tê fa.** A Sabrina não saberá o seu nome.
- c) 1. **Kaxi me sa valê mutu fa.** A minha casa não valerá muito.
- d) 2. **N ka tê ukaru ãa.** Eu não terei um carro.
- e) 3. **No sa xivi fa.** Nós não trabalharemos.
- f) 2. **Ine sa gogo di lunge fansêji fa.** Eles não vão gostar da língua francesa.
- g) 3. **Sabina ka sa dimi ora ki n ka we kaxi sê.** A Sabrina vai estar dormindo quando eu for à sua casa.
- h) 1. **Amanhan n ka mendu.** Amanhã eu terei medo.
- i) 2. **Owo sa goxta di palapala fa.** Vocês não vão gostar de palapala.
- j) 2. **N ka mêsê pa txi ka we paa ku ami.** Eu vou querer que você vá à praia comigo.
- k) 3. **Mene sa kume kumê Baji fa** O Manuel não vai comer comida brasileira.
- l) 3. **Ê sa sama Zuan fa.** Ele não vai chamar o João.

4.6.14. Respostas dos exercícios - Lição 14

1)

- a) A hora que a Sabrina chegar amanhã, estarei estudando **lung'le**.
- b) O Manuel está tentando aprender francês.
- c) Vamos comer, para então irmos trabalhar.
- d) Eu vou estudar para (então) tirar uma nota boa na prova.
- e) Eu quero ir ao Brasil, mas como preciso fazer?

2)

- a) Xtuda!
- b) N we kaxi me za pa n dimi.
- c) Amanhan pemya kwa txi sa fêzê?
- d) Pesa livu na biblyoteka i vika nixi.
- e) N konsê modi di fêzê fenza te fa.

4.6.15. Respostas dos exercícios - Lição 15

1)

- a) Ami / mi.
- b) Ami.

- c) Ê / li.
- d) Atxi.
- e) Owo / owo.
- f) Ine / ine.

4.6.16. Respostas dos exercícios - Lição 16

1)

- a) Ê.
- b) No.
- c) Ine.
- d) Ôtô / ôtô.
- e) No.
- f) Txi.

4.7. Índices

4.7.1. Notas gramaticais por lição

LIÇÃO 1	1. Pronomes pessoais 1
	2. Cópula e ausência de cópula
	3. Posse e pronome possessivo
	4. Partículas e pronomes interrogativos
	5. Ausência de gênero
	6. Conjunção - i
	7. Morfema - dô
LIÇÃO 2	1. Pronomes Pessoais 2
	2. Verbos estativos
	3. Negação 1
	4. Pronomes interrogativos
	5. Demonstrativos
	6. Artigo
	7. Ausência de marca de plural
	8. Conjunção - ki
LIÇÃO 3	1. Pronomes pessoais 3
	2. Classes de verbo
	3. Passado
	4. Preposição - ki
	5. Conjunção - pidi
	6. Construções seriais com zunta
	7. Ensinar/Aprender
	8. Verbo ir - we
	9. Maxi...fa - 'ainda não'
	10. Interjeição - kyê 'Nossa!'
	11. Minu 'um pouco'
LIÇÃO 4	1. Pronomes pessoais 4
	2. Aspecto habitual 1
	3. Txi ka po
	4. Conjunção - xi
	5. Aglutinação - ka + we
	6. Conjunção - maji
	7. Comparativo - pasa
	8. Conjunção - pa
LIÇÃO 5	1. Pronomes pessoais 5
	2. Modo epistêmico 1
	3. Discurso direto
	4. Preposição - xi
	5. Preposição - na
	6. Pidi kwê manda? / Pidi kwêsa?
	7. Kête
LIÇÃO 6	1. Pronomes pessoais 6
	2. Aspecto progressivo

- | | | |
|----------|----|--------------------------------------|
| | 3. | Ideofones |
| | 4. | Ki pasa - 'que passa' |
| | 5. | Reduplicação |
| | 6. | Preposição - ku |
| | 7. | Preposições - ixima / ubasu |
| | 8. | Bamu |
| LIÇÃO 7 | 1. | Aspecto Habitual 2 |
| | 2. | We ki ~ / Bômu ki ~ |
| | 3. | Advérbios de lugar |
| | 4. | Redução - fêzê~fê |
| | 5. | Locuções verbais com we |
| | 6. | O complementizador ya |
| | 7. | Preposição - pô |
| | 8. | Preposição - ten |
| LIÇÃO 8 | 1. | Pronomes pessoais 7 |
| | 2. | Passado habitual e imperfectivo |
| | 3. | Modo epistêmico 2 |
| | 4. | Partícula discursiva - ê |
| | 5. | Partícula assertiva - na |
| | 6. | Posse 2 |
| | 7. | Comparativos |
| | 8. | Redução ka/sa →a |
| LIÇÃO 9 | 1. | Causativas |
| | 2. | Numerais |
| | 3. | Fazer como se - fêzê modi |
| | 4. | Cada - kêdê |
| | 5. | Membros da família |
| | 6. | Interjeição - upuru |
| LIÇÃO 10 | 1. | Numerais 2 |
| | 2. | Operações matemáticas |
| | 3. | Oração completiva com ya |
| | 4. | Quando - ora (ki) / zo (ki) |
| LIÇÃO 11 | 1. | Pronomes pessoais 8 |
| | 2. | Futuro 1 |
| | 3. | Contrações - ke / keka |
| | 4. | Oração completiva com pa |
| | 5. | Vya com sentido de 'ainda' |
| | 6. | Construções seriais com pwê |
| | 7. | Conjunção - pôkê |
| | 8. | Modo epistêmico 3 |
| | 9. | Usos do ki |
| LIÇÃO 12 | 1. | Uso de sa com verbo de estado |
| | 2. | Adversativas |
| | 3. | Demonstrativos |
| | 4. | Conjunção - pôkê |
| | 5. | Ideofones 2 |
| | 6. | Intensificação com reduplicação |
| | 7. | Valor de verdade |

-
- | | | |
|----------|----|--------------------------------------|
| LIÇÃO 13 | 1. | Futuro 2 |
| | 2. | Números ordinais |
| | 3. | Dias da semana |
| | 4. | Preposição - dina |
| LIÇÃO 14 | 1. | Futuro 3 |
| | 2. | Conjunção - za pa |
| | 3. | Expressão - n fa |
| | 4. | Imperativo |
| LIÇÃO 15 | 1. | Reflexiva 1 |
| | 2. | Passiva |
| | 3. | Particípio passado |
| | 4. | Enfatizador - ũa |
| | 5. | Conjunção - dinixi |
| LIÇÃO 16 | 1. | Reflexiva 2 |
| | 2. | Construções de tópico |
| | 3. | Pronomes pessoais 8 |
| | 4. | Locução conjuntiva - antxi pa |
| | 5. | Verbo kaba |
| LIÇÃO 17 | 1. | Expressões idiomáticas |
| | 2. | Pluralização com repetição |
| | 3. | Redução podi/po |
| | 4. | Negação 2 |
| | 5. | Pronome expletivo |

4.7.2. Notas Gramaticais em ordem alfabética

Advérbios de lugar	L7
Adversativas	L12
Aglutinação - ka + we	L4
Artigo	L2
Aspecto habitual 1	L4
Aspecto habitual 2	L7
Aspecto progressivo	L6
Ausência de gênero	L1
Ausência de marca de plural	L2
Bamu	L6
Cada - kêdê	L9
Causativas	L9
Classes de verbo	L3
Comparativo - pasa	L4
Comparativos	L8
Conjunção - antxi pa	L16
Conjunção - i	L1
Conjunção - kaba	L16
Conjunção - ki	L2
Conjunção - maji	L4
Conjunção - modi	L14
Conjunção - pa	L4
Conjunção - pidi	L3
Conjunção - pôkê	L11
Conjunção - pôkê 2	L12
Conjunção - xi	L4
Conjunção - za pa	L14
Construções seriais com pwê	L11
Construções seriais com zunta	L3
Contrações - ke / keka	L11
Cópula e ausência de cópula	L1
Demonstrativos	L2
Demonstrativos	L12
Derivação - mentu	L16
Dias da semana	L13

Dinixi	L15
Discurso direto	L5
Ensinar/Aprender	L3
Fazer como se - fêzê modi	L9
Futuro 1	L11
Futuro 2	L13
Futuro 3	L14
Ideofones	L6
Ideofones 2	L12
Imperativo	L14
Interjeição - kyê	L3
Interjeição - upuru	L9
Interrogativas	L2
Kêê	L5
Ki pasa - 'que passa'	L6
Locuções verbais com we	L7
Maxi...fa - 'ainda não'	L3
Membros da família	L9
Minu 'um pouco'	L3
Modo epistêmico 1	L5
Modo epistêmico 2	L8
Modo epistêmico 3	L11
Numerais	L9
Numerais 2	L10
Números ordinais	L13
O complementizador ya	L7
Operações matemáticas	L10
Oração completiva com pa	L11
Oração completiva com ya	L10
Particípio	L14
Particípio	L15
Partícula assertiva - na	L8
Partículas e pronomes interrogativos	L1
Passado	L3
Passado habitual e imperfectivo	L8
Passado imperfeito	L10

Passiva	L14
Pidi kwê manda? / Pidi kwêsa?	L5
Posse 2	L8
Posse e pronome possessivo	L1
Preposição - dina	L13
Preposição - ki	L3
Preposição - ku	L6
Preposição - na	L5
Preposição - pô	L7
Preposição - ten	L7
Preposição - xi	L5
Preposição - di	L15
Preposições - ixima / ubasu	L6
Pronome expletivo	117
Pronomes	L6
Pronomes pessoais 1	L1
Pronomes pessoais 2	L2
Pronomes pessoais 3	L3
Pronomes pessoais 4	L4
Pronomes pessoais 5	L5
Pronomes pessoais 6	L6
Pronomes pessoais 7	L8
Pronomes pessoais 8	L11
Pronomes pessoais 9	L16
Quando - ora (ki) / zo (ki)	L10
Redução - fêzê~fê	L7
Redução ka/saa	L8
Reduplicação	L6
Topicalização	L14
Txi ka po	L4
ũa	L15
Uso de sa com verbo de estado	L12
Usos do ki	L11
Valor de verdade	L12
Verbo ir - we	L3
Verbos estativos	L2

Partícula discursiva - ê	L8
Vozes 1	L15
Vozes 2	L16
Vya com sentido de 'ainda'	L11
We ki ~ / Bômu ki ~	L7

4.7.3. Tópicos de Cultura

Clima	L7
Cumprimentos	L1
Eclipse de 1919	L12
Escola e sistema de ensino	L10
Família	L9
Fauna	L6
Festa de São Lourenço	L11
Festa do Picão	L5
Línguas faladas em STP	L4
Marcelo da Veiga	L16
Mercado	L2
Música em lung'Ie	L3
Praias	L13
Pratos típicos	L8
Profissões	L14
Religião	L15

4.7.4. Vocabulário Temático

Culinária do Príncipe	L8
Expressões 1	L10
Expressões 2	L11
Expressões 3	L14
Expressões 4	L16
Expressões 5	L17
Fauna	L7
Feira	L2
Flora 1	L9
Flora 2	L15

Ideofones	L12
Meses e dias da semana	L3
Pássaros	L6
Praias do Príncipe	L13
Topônimos	L1
Verbos de ação	L4

4.8. Glossário – lung'ie/português

Vocábulo	Classe	Glosa	Lição
a	part.	partícula interrogativa	L1
a	pro.	indf. eles (indf.)	L11
a	part.	redução de ka ou sa	L8
aa	interj.	ah	L1
abili	n.	abril	T3
abya	n.	rio	L15
Abya Fiminga	topo.	Ribeira Formiga	T1
Abya Foka	topo.	Ribeira Forca	T1
Abya Fyô	topo.	Ribeira Fria	T1
Abya Pipi	topo.	Ribeira Pipi	T1
Abya San Kô	topo.	Ribeira <i>San Kô</i>	T1
ade	adv.	não	L1
Afika	topo.	África	L3
afikanu	adj.	africano, a	L3
agôxtô	n.	agosto	T3
aja vida ki sawidi	exp.	haja vida com saúde!	T10
akidita	v.	acreditar	L12
akpawa	n.	pargo	T7
Alifandiga	topo.	Alfândega	T1
alikansa	v.	alcançar	T4
amanhan	adv.	amanhã	L10
amerikanu	adj.	americano	L4
ami	pro.	1PS.DES, 1PS.DAT	L1
andorinha	n.	andorinha	T6
antxi	adv.	antes	L16
anu	n.	ano	L11, C10
aranka	v.	arrancar, sair	A3
ariba-kasô	n.	capim-de-burro	T9
atxi	pro.	2PS.DES, 2PS.DAT	L1
avyan	n.	avião	L13
Awa Namôrô	topo.	Água Namoro	T1
axi	adv.	assim	L5, C1
azunu	n.	peixe asno	T7
ba	loc.	estar em algum lugar	L1
baa	v.	brilhar	T4
bababa (vêmê)	ideo.	muito vermelho	T12
babudu	n.	barbudo	T9
baga	v.	trocar dinheiro	T4
Baji	topo.	Brasil	L1
bamu	v.	ir 1PP.IMP	L6
bana	n.	banana	T2
bana-gamixeli	n.	banana-gromichel	T2
bana-kongô	n.	banana-do-congo	T2

bana-masan	n.	banana-maçã	T2
bana-mye	n.	banana-pão pequenina	T2
bana-omi/ban'omi	n.	banana-pão, banana-da-terra	L2
bana-paata/banpaata	n.	banana-prata	T2
banhu	n.	banho	L3
barara (vêmê)	ideo.	muito vermelho	T12
barwa	v.	esconder	T4
basa	v.	abaixar	T4
batê	v.	bater	L10
batê ubuka	exp.	coaxar	T10
batê uman	exp.	bater palma	T10
baya	v.	dançar	L3
bayu	n.	dança	L3
bê	adv.	também	L1
bê	n.	cumprimento	L1
bêbê	v.	beber	L7
bela	n.	berla	L5
Bela Vixta	topo.	Bela Vista	T1
Belu Montxi	topo.	Belo Monte	C13
bensa ô	exp.	bênção	T10
bera	v.	berrar	T4
beza	v.	beijar	T4
beza-foli	n.	beija-flor	T6
biblyoteka	n.	biblioteca	L14
biga	v.	brigar	T4
bii	v.	abrir	L11
bii agama	exp.	espacar	T10
bii gô	exp.	começar a chorar	T10
bii idintxi	exp.	abrir os dentes, sar risada, enraivar-se	T10
bii idintxi ngeeeeen	exp.	ficar muito enervado	T10
bii mintxya	exp.	contar mentiras	T10
bii mya	exp.	escancarar	T10
bii redya	exp.	fugir de um animal	T10
bii txyô	exp.	começar a construir num terreno	T10
bii ubaaku	exp.	cavar	T10
bii uê	exp.	ficar atento, perceber	T10
bii uman	exp.	começar	T10
bii uman	exp.	iniciar	T10
bii xivisu	exp.	começar a trabalhar	T10
bika	n.	bica	T9
bilêê	n.	cartão, bilhete de identidade	L17
bin (peetu)	ideo.	muito preto	T12
biologu	adj.	biólogo	L1
bisu	n.	bicho	L6
bixi	v.	vestir	T4
bô	adv.	bom	L2

Bôa Xpêransa	topo.	Boa Esperança	L12
bôbô	adv.	direto	L13
bôbô minu	exp.	colocar uma criança às costas	T10
bôbôdu	adj.	maduro	A3, C8
bôbô-fitu	n.	doce de banana frita tradicional da Ilha do Príncipe	T8
boka	v.	derramar	L8
boka	v.	derramar	T4
bôlô	v.	esfregar	T4
bôlô	v.	passar (remédio)	L15
bôlô kura	exp.	esfregar remédio	T10
bôlô pwede	exp.	pintar a parede	T10
bôlô ufyá	exp.	fazer massagem tradicional, passar remédio da terra	T10
bôlu	n.	bolo	L3
bon	adv.	bom, bem	L3
Bon Vivê	topo.	Bom Viver	T1
bônitu	n.	peixe bonito	T7
bôrôro (kyensê)	ideo.	esquecer completamente	T12
bôrôro (seku)	ideo.	muito (seco)	L11
bôsêdu	adj.	chateado, entediado, bravo	L13
bubu	n.	espécie de peixe	T7
Budubudu	topo.	Budubudu	T1
buka	v.	buscar, procurar	L11
buli	v.	mexer	T4
Bul'ufaka	topo.	<i>Bulufaka</i>	T1
bumbu-baanku	n.	abelha branca	T7
bumbu-peetu	n.	abelha preta	T7
bumbu-wangadu	n.	espécie de abelha	T7
butxikin	n.	botequim, bar	L7
bweba-baata	n.	barba-de-barata	T9
bwêbwê	n.	prato feito com larvas de peixe, localmente denominadas 'peixinho'	T8
bwê-bwê	n.	larvas de peixe	T7
bwega	n.	barriga	A3, C6
byororo (sendê)	ideo.	estender completamente	T12
da	v.	dar	L1
da abôtô	exp.	abortar	T10
da bofetan	exp.	bater	T10
da fogan	exp.	cavar buraco para plantar tubérculos	T10
da fôkôtô	exp.	espancar, teimar	T10
da ka-fini	exp.	dar cambalhota	T10
da keba	exp.	gargalhar, rachar	T10
da keletu	exp.	aprovar, confirmar, dar certeza	T10
da kidarê	exp.	gritar por socorro	T10
da kô dêsê	exp.	convalescer, melhorar	T10
da kôkô	exp.	dar batidas na cabeça, gritar	T10
da koni	exp.	chifrar, trair	T10

da konsê	exp.	aconselhar	T10
da kunfyansa	exp.	dar mole	T10
da mali	exp.	falar mal	T11
da ôzen	exp.	ajoelhar	T11
da pazuma	exp.	ficar inerte	T11
da pedan	exp.	perdoar	T11
da reva	exp.	aborrecer	T11
da tabwe	exp.	ser difícil	T11
da tapona	exp.	bater	T11
da topi	exp.	tropeçar	T11
da ubuka	exp.	conversar	T11
da uê	exp.	dar vista, nascer, ter filho, ver	T11
da ukabu	exp.	acabar, matar	T11
da uman	exp.	ajudar, cumprimentar, socar	T11
da upegu	exp.	pular, saltar	T11
da urya	exp.	ouvir (alguém)	T11
da vaa	exp.	chicotear	T11
da vese	exp.	dar errado, ficar ao avesso	T11
da viva	exp.	dar vivas a, parabenizar	T11
da vunga	exp.	balançar	T11
daka	v.	trazer	L14
dana	v.	estragar	T4
dana	v.	quebrar, estragar	L7
dêêtu	adj.	direito	L6
dêkê	prep.	de que (comparação)	L8
dêpôji	adv.	depois	L10
dêsê ôtô	exp.	conversar	T11
dêsu	n.	deus	L1
dêsu kize	exp.	adeus, até amanhã	T11
dêsu paga	exp.	obrigado	T11
dêvê	v.	dever	T4
dezembu	n.	dezembro	T3
di	prep.	de	L9, C1
di rêpentê	exp.	de repente	T11
difêrentxi	adj.	diferente	L4
dimi	v.	dormir	L13
dimingu	n.	domingo	L3
dina	prep.	já que	L13
dini	adv.	então	L9
dinixi	adv.	então	L15
disa	v.	deixar	T4
diventxixta	adj.	adventista	L16
divididu	adj.	dividido	L10
divya	v.	dever (FUT.PASS)	L5
dô	n.	dor	L15
doba	n.	dobra (moeda de STP)	L2
dôdôsu	pro.	ambos	L8

dôsu	num.	dois	L2
dôtô	n.	médico	L15, C14
doxi	adj.	doce	L2
dôzê	num.	doze	L7
dudi	adv.	vazio, sem motivo	L5
dwa	v.	doer	L15
dwintxi	adj.	doente	L5
dya	n.	dia	L3
dya dya	exp.	com o passar dos dias	T11
dya-dimingu	n.	domingo	T3
ê	part.	enfática	L6
ê	pro.	3PS.SUJ	L2
ê	pro.	expletivo	L17
ê	voc.		L8
êê	interj.	nossa!	L2
êli	pro.	3PS.DES	L4
era	v.	cópula PASS	L8
fa	part.	partícula de negação	L2
fala	v.	falar	L3, C1
fala bê	exp.	cumprimentar, visitar	L1
fala vonvon	exp.	falar à toa, fofocar, mexericar	T11
faata	v.	faltar	L17, C13
fakan / falakan	n.	falcão	T6
familya	n.	família	C15
fansêji	n.	francês	L4
fata	n.	falta	L8
fê favô	exp.	faz favor, por favor	T11
fê lufulufu	exp.	tirar vantagem, tomar algo antes de outra pessoa	T11
fê mangasan	exp.	caçoar, troçar	T11
fê poxta	exp.	apostar	T11
fê vogyan	exp.	envergonhar	T11
fêê fora	exp.	defecar	T11
fefefe (baa)	ideo.	brilhar muito	T12
fêmêra	n.	enfermeira	L15
fenene (baanku)	ideo.	muito branco	T12
fenza	n.	feijão	L14
fenza-vêdê	n.	vagem	T2
fêtu	adj.	feito	L17
fêvêrêw	n.	fevereiro	T3
fêzê	v.	fazer	L2
fêzê anu	exp.	fazer aniversário	T11
fêzê bôrôro	exp.	fazer tudo	T11
fêzê fasanha	exp.	exibir-se, fazer arte, fazer drama	T11
fêzê fora	exp.	defecar	T11
fêzê konta	exp.	contabilizar, contar	T14
fêzê konta	exp.	fazer conta	T14

fêzê luxu	exp.	exibir, ostentar	T14
fêzê mangasan	exp.	tirar sarro	T14
fêzê migu	exp.	fazer amigos	T14
fêzê mixtura	exp.	misturar	T14
fêzê mosa	exp.	exibir-se (para mulheres)	T14
fêzê omi	exp.	exibir-se (para homens)	T14
fêzê reparu	exp.	reparar	T14
fêzê ugalu	exp.	exibir, ostentar	T14
fêzê umatu	exp.	defecar	T14
fii	v.	ferir, machucar	L15
fiida	n.	ferida, machucado	L15
fika	v.	ficar	L17, C11
fika ki dêsu	exp.	fique com Deus!	T14
fika pana'pana	exp.	ficar fraco	T14
fo	v.	vir de	L1
fô		NEG fa + ô	L2
fôfôdu	adj.	inflamado	L15
foga	v.	brincar, folgar	L3
fôrô	n.	forro (grupo étnico de ST)	L4
fu txubun	exp.	cair dentro d'água	T14
fumadu	adj.	defumado	L15
Fundan	topo.	Fundão	T1
fuselu	n.	fuselo	T6
fuuta	n.	fruta	L12
fuuta	n.	fruta-pão	L2
fuxi	v.	fugir	L17
fyan-izêtxi	n.	prato típico do Picão com farinha de mandioca	T8
fyan-mondyoko	n.	farinha de mandioca	T2
fyan-putuga	n.	farinha de trigo	T2
fyoji	n.	prato à base de banana madura e farinha de milho	T8
gaani	adj.	grande	L8
gaava	n.	goiaba	L14
gaavi	adj.	bonito	L6
Gaban	topo.	Gabão	L4
gajiga	v.	engasgar	T4
gan	v.	ganhar	A3, C10
gansa	v.	agarrar	T4
gasa-abya	n.	garça-ribeirinha	T6
gasa-baanku	n.	garça-branca	T6
gasa-peetu	n.	garça-preta	T6
gasa-umwe	n.	garça-marinha	T6
Gaxpa	topo.	Gaspar	T1
gbê	v.	amassar, pisar	L14, C8
gbene uê	exp.	pisar os olhos	T14
gbin (peetu)	ideo.	muito preto	T12
gêêza	n.	igreja	L7, C3

gidigidi (têmê)	ideo.	tremer muito	T12
gigô	n.	glicô	T9
ginhan-awa	n.	galinha-d'água	T6
ginhan-gene	n.	galinha-d'angola	T6
ginhan-umatu	n.	galinha-do-mato	T6
gogo	v.	gostar	L4
gôôpa	n.	garoupa	T7
goopin	n.	garoupinha	T7
govina	n.	caié	T6
goxta	v.	gostar	L6
goxta di	v.	gostar	T5
gôxtô	n.	gosto	L16
guli ôtô	exp.	engolir fazendo barulho	T14
i	conj.	e (entre orações)	L1
idintxi	n.	dente	A2
le	n.	ilha, Príncipe	L5, C1
ifigbô	n.	prato típico feito de mandioca ou milho, malagueta, sal, açúcar, cozido envolto em folha de bananeira	T8
ifi-kumi, ifi-kumin	n.	caminho, estrada	A3
igbê	n.	corpo	L15
igbêê	n.	bordão-de-São-José	T9
ikôkô	n.	matabala	T9
ikpene	n.	urtiga	T9
ikpêê	n.	bordão-de-São-José	T9
imin	n.	milho	T2
ine	art.	artigo definido plural	L1
ine	pro.	3PP.SUJ/OBJ/DES/POSS/OI	L3
Infantxi Don Enriki	topo.	Infante Dom Henrique	T1
ingêxi	n.	inglês	L4
inhan	adv.	sim	L6
inhanxi	adv.	sim	L9
inhemi	n.	inhame	L2
irixi	n.	nariz	A2
isê	pro.	esse, este, isso, isto	L2
ivin	n.	vinho	L3
ixila	pro.	aquele	L12
ixima	adv.	em cima	L6
ize	n.	isaquente	L14
izêtxi	n.	azeite	L14
janêw	n.	janeiro	T3
jêgumba	n.	amendoim	T9
jentxi	n.	gente	L7
jibôa	n.	jimboa	T9
jigijigi (umatu)	ideo.	floresta densa	T12
jinga	v.	mexer, gingar	A1
juga	v.	jogar	L13
juga	v.	julgar	T4

julyu	n.	julho	T3
junhu	n.	junho	T3
ka	part.	partícula de tempo, modo e aspecto	L2, C1
kaata	n.	carta	L17
kaba	n.	cabra	T7
kaba	v.	acabar	L4
kabe-gaani	n.	tartaruga-cabeçuda	T7
kabelu	n.	cabelo	A2
kabese	n.	cabeça	L11
kadadu	n.	escaldado (prato local feito à base de peixe, caldo de peixe e farinha)	T8
kadenu	n.	caderno	L14
kadyadu da vese	exp.	dar errado	T14
kafe-baabu	n.	café-do-mato	T9
kaga	n.	carga, bagagem	L16
kagu	n.	carga, bagagem	L13
kakaw	n.	cacau	L12
kala pèxi	exp.	cortar o peixe ao meio, escalar peixe	T14
kala pi	exp.	calar-se completamente, calar-se sem dar um pio	T14
kala ubuka	exp.	calar a boca	T14
kali	pro.	qual	L2
kalipitu	n.	eucalipto	T9
Kampanha	topo.	Campanha	T1
kamusela	n.	kamusela	T6
kanafixtula	n.	cássia-oficinal	T9
kanariw	n.	canário	T6
kani kabese	exp.	abaixar a cabeça, colocar-se de cabeça para baixo	T14
kani vya	exp.	dar cambalhota	T14
kansa	v.	cansar	A3
kansa	v.	repousar	T4
kantora	pro.	quando	L9
kantu	pro.	quanto	L2
karamujo	n.	caramujo	T9
karibu	n.	tarântula de São Tomé	T7
karu	adj.	caro	L2
katoliku	adj.	católico	L16
kavalu	n.	cavalo	L17
kaxi	n.	casa	L1
kaynkayn (ukuru)	ideo.	muito escuro	T12
kaza	v.	casar	L16, C11
kazamentu	n.	casamento	L16
ke	red.	de ka + we	L4
keba	v.	quebrar	L8
keba kitxi-kitxi	exp.	estilhaçar	T14
keba winiwini	exp.	estilhaçar	T14
keba zezeze	exp.	estilhaçar	T14

kebankana-peetu	n.	freirinha	T6
kêdê	pro.	cada	L9, C5
kêê	v.	acreditar, crer	T5
keka	v.	ka + vika	L11
kensê	v.	esquecer	L11
kêtê	adj.	pequeno	L5
ketekete (ve)	ideo.	muito velho	T12
kêy	interj.	nossa!	L3
ki	conj.	que, e (entre nomes), com	L2
ki	pro.	que	L2, C1
ki fôlôgô ixima-ixima	exp.	ansioso, precipitado	T14
kidya	pro.	quando	L3
kimi-peetu	n.	<i>kimi-peetu</i>	T9
kinji	num.	quinze	L10
kinta-fya	n.	quinta-feira	L13
kintu	num.	quinto	L13
kitôli	n.	coruja	T6
kize	v.	querer SUBJ	L13
kizomba	n.	<i>kizomba</i>	L3
ko nho	n.	nada	L2
kôdôni	n.	codorniz	T6
kôkôkô (fyô)	ideo.	muito frio	T12
kokovadu	n.	corcovado	T9
kokovadu	n.	peixe corcovado	T7
kôli		prep.+ pro. red. de ku + êli	L8
komesa	v.	começar	L10, C10
Kompanhya	topo.	Companhia	T1
konsê	v.	conhecer	L12, C11
konta	v.	contar	L5
konta ope	exp.	andar na ponta dos pés	T14
konvesa	v.	conversar	L5
konvêsê	v.	convencer	T4
kopa	v.	comprar	L5, C2
kopya	v.	copiar	T4
kosa-kosa	n.	comigo-ninguém-pode	T9
kosan	n.	coração	L13, C11
kosan-usan	n.	coração-do-chão	T9
kôsê pêxi	exp.	escalar peixe	T14
kota	v.	cortar	L15
kotadu	adj.	cortado	L15, C8
kotokoto (danadu)	ideo.	muito estragado	T12
kotokoto (suzu)	ideo.	muito (sujo)	L6
kotokoto (suzu)	ideo.	muito sujo	T12
kparara (seku)	ideo.	muito seco	T12
ku	prep.	com (ku ami/ ku atxi)	L3
kubi upa	exp.	defender uma causa	T14
kuda	v.	achar, imaginar	L7

kuda	v.	pensar	T5
kudi	v.	responder	T4
kufungu	n.	prato à base de banana madura, sal, farinha de milho cozida	T8
kukuku	n.	coruja	T6
kukumba	n.	saltão	T9
kukuru	adj.	escuro	L11
kumbina	v.	combinar, marcar	A3
kume	v.	comer	L3, C2
kumê	n.	comida	L6, C4
kume awa	exp.	beber álcool, embriagar-se	T14
kume idintxi	exp.	rilhar os dentes, zangar, enervar	T14
kume-mwê	n.	come-morre	T9
kumi, kumin	adv.	lugar	L15
kumi, kumin	pro.	onde	L1
kumi nho, kumin nho	adv.	lugar nenhum	L15
kunu	v.	amarrar	T4
kupa	v.	culpar	T4
kura	n.	remédio	L15
kuratxivu	n.	curativo	L15
kuruja	n.	coruja	T6
kurukuku	n.	rola-do-Senegal	T6
kusê	pro.	isto, isso	L2
kutu kumê	exp.	engrossar a comida	T14
kuvina	n.	corvina	T7
kuxi	v.	cozinhar	L6, C4
kuxta	v.	custar	T5
kwa	n.	coisa	L3
kwa fala	exp.	o que conta?	T14
kwa-kaxi	n.	corda-de-casa-do-mato	T9
kwata-fya	n.	quarta-feira	L13
kwatu	n.	quarto	L10
kwê	n.	peixe-coelho	T7
kwê	v.	correr	L3
kwê ki	exp.	correr com, espantar	T14
kwê lenta	exp.	correr para dentro	T14
kwê manda	exp.	por que	T14
kwê taaxi	exp.	correr atrás de, perseguir	T14
kwêlhu	n.	coelho	T7
kwentu	n.	coentro	T2
kwêsa	pro.	o quê	L2
kyê	interj.	nossa!	L3
kyê d'ôkyê	exp.	rebaixar num emprego	T14
kyensê bôrôrô	exp.	esquecer tudo	T14
kyenta kaseda	exp.	beber bebida alcoólica	T14
laanza	n.	laranja	T2
lala	adv.	lá	L1

lambê	n.	peixe pega-na-pedra	T7
Lapa	topo.	Lapa	T1
lava	v.	lavar	L15, C8
lega	v.	deixar, largar	L17, C8
lekeleke (finu)	ideo.	muito fino	T12
lêlê	v.	visitar, acompanhar	L6
lemba	v.	lembrar	A3
lembalemba	n.	<i>lembalemba</i>	T9
lenta	v.	entrar	L7
levi	adj.	leve	L10
li	pro.	3PS.OBJ	L2
libô	n.	<i>libô</i>	T9
libô-awa	n.	<i>libô-awa</i>	T9
likatxi	n.	alicate	T9
limpa	v.	limpar	L6
limpa vogyan	exp.	desavergonhar, limpar a barra	T17
limpu	adj.	limpo	L15, C13
livu	n.	livro	L14
lobadu-ngoma	n.	espécie de peixe	T7
lôbô	n.	formigão, formiga-vermelha	T7
logu	adv.	logo	L6
lola	n.	rola	T6
lola-ize	n.	rola	T6
lola-peetu	n.	rola	T6
lola-umwe	n.	rola-do-mar	T6
lolo	v.	lamber	T4
lonji	adj.	longe	L13, C12
loza	n.	loja, mercearia	L3
Luja	n.	Luzia	L3
luji	v.	brilhar, luzir	L11
lunge	n.	língua	L4
lung'Ie	n.	lung'Ie (lit. língua da Ilha)	L4
Maa Kwaa	topo.	Maria Correia	T1
maakita	n.	malagueta	L2
maakpalu	n.	maakpalu	T6
madô	adj.	esperto	L9
maji	conj.	mas	L4
maka	n.	marca	A3
makêkê	n.	jiló	T2
makunga	n.	doce típico feito com milho, coco, malagueta, açúcar e sal, cozido em folha de bananeira	T8
mali	adv., adj.	mal	L15
malmentê	adv.	mais ou menos	L1
maman	n.	mamão	T2
mana	n.	irmã	L9
manda	v.	mandar	L5

manda ubuka	exp.	insultar	T17
manga	v.	troçar	T4
manga-makaku	n.	manga-maluca	T9
mani	v.	lavar (roupa)	L15
Mantalegi	topo.	Monte Alegre	T1
mantega	n.	manteiga	T2
mara uman	exp.	casar	T17
mara/maa	v.	amarrar	L16
marapyan	n.	unha-preta	T9
masan	n.	maçã	T2
masariku	n.	maçarico-galego	T6
masu	n.	março	T3
mata igbê	exp.	suicidar-se	T17
matabisu	n.	mata-bicho, café-da-manhã, pequeno almoço	L14
matximatxika	n.	matemática	L10
maxi	adv.	mais	L4
maxi (...) fa	adv.	ainda não	L3
maxi...fa	adv.	nunca	L2
maxipombô	n.	espécie de peixe	T7
mayu	n.	maio	T3
me	pro.	1PS.POSS	L1
melu	n.	melro	T6
menda	v.	emendar	T4
mendu	n.	medo	L10
mendu	v.	ter medo	T5
Mene	n.	Manuel	L1
mene	v.	ser doce	L12
menu	adv.	menos	L2
mêrêsê	v.	merecer	T5
Merica	topo.	Estados Unidos, América, Américas	L4
mêsê	v.	querer, amar	T5
mêsê	v.	querer, gostar	L2
mesu	adv.	mesmo	L3, C1
mêzê	n.	mesa	L6
mi	pro.	1PS.OBJ	L3
miga	n.	amiga	L14
migu	n.	amigo	L3, C2
mili	num.	mil	L2
mina	v.	escorrer	T4
minu	adv.	diminutivo	L3
minu	adv.	um pouco	L3
minu	n.	criança, menino	L3
minu	n.	filho	L9
minu-pwema	n.	<i>minu-pwema</i>	T9
mixkitu	n.	mosquito (tempero tradicional)	T2
mo	adv.	cf. modi	L17, C15

modenu	n.	jovem	A1
modi	adj.	como	L1
momoli	adj.	mole	A3
mondyoko	n.	mandioca	T2
montxi	adv.	muito	L4
montxya	v.	caçar	T4
môrô	n.	mouro	L11
môsan	n.	erva-cacho	T9
mosu	n.	moço	L1
moto	n.	moto	L7
môxê	v.	misturar	T4
môxê ope	exp.	ir depressa	T17
môyô	n.	penca (de banana)	L2
môyô kangadu	n.	prato tradicional do Príncipe feito com peixe defumado, óleo de palma, jiló e temperos da terra	T8
môyô n'ufôgu	n.	molho no fogo. Prato tradicional do Príncipe feito com peixe defumado, óleo de palma, jiló e temperos da terra	T8
muba	n.	fedegoso	T9
mundya	v.	levantar, ficar de pé	L6
munke	n.	muncanha	T6
mutu	adv.	muito	L3
musa	v.	mostrar	L11
musafi	n.	musafi	T9
musan	n.	azeda-da-Guiné	T9
musanda	n.	musanda	T9
musan-ipin	n.	batata-pim-pim	T9
muzenge	n.	prato típico de São Tomé	T8
mwa uman	exp.	dar dinheiro, pagar	T17
mwin	n.	mãe	L7
mwin-kaki	n.	mãe-de-caqui	T9
mye	n.	mulher	L9
n	pro.	1PS.SUJ	L1
na	part.	assertiva	L8
na	prep.	em	L1
na sêbê	exp.	de fato	T17
nanaji	n.	abacaxi, ananás	T2
nani	n.	avó	L8
nda	v.	andar	L14
nda dêsé	exp.	ir para baixo	T17
nda subi	exp.	ir para cima	T17
ndika	v.	indicar	T4
ne	adv.	né	L15
nêginha	n.	negrinha	T6
nengu	n.	empregado	L15
nha, nhan	adv.	sim	L1

nhe kadya	exp.	sentar	T17
nhe uku	exp.	sentar	T17
nho	adv.	nenhum	L2
ni	adv.	aqui, agora	L14
ningê	n.	pessoa	L1
ningê-taamwin	n.	adulto	A1
nixi	adv.	aqui	L7, C3
nixima	adv.	em cima	A3
no	pro.	1PP.SUJ/OBJ/DES/POSS/OI	L1
nomi	n.	nome	L1
nona	n.	<i>anona</i>	T9
nona-konxa	n.	araticum-da-praia	T9
nota	n.	nota	L10
nova	n.	novidade	L6
Nova Kuba	topo.	Nova Cuba	T1
Nova Teela	topo.	Nova Estrela	T1
novembu	n.	novembro	T3
novi	num.	nove	L17
novu	adj.	novo	L8
ô	part.	enfática	L1
Oba	topo.	Oba	T1
obobo	n.	prato típico do Príncipe feito com farinha de milho e feijão	T8
ôkyê	n.	macaco	A3, C6
Ôkyê Têêxi	topo.	Ôkyê Têêxi	T1
olosaka	n.	jiló	T9
omi	n.	homem	L9
ontxi	adv.	ontem	L5
onze	num.	onze	L10, C9
ope	n.	pé	L3
ope-vêdê	n.	perna-verde-comum	T6
ora	conj.	quando	L7
ôrôrô	n.	canga	T9
osami	n.	óssame	L14
oso	n.	roça	L12, C10
ôsôbô	n.	ossobô, cuco-esmeraldinho	T6
oso-moli	n.	oso-moli	T9
otaji	n.	otaji	T9
Otakana	topo.	Otakana	T1
ôtô	pro.	outro	L8, C1
ototo	n.	ototo	T9
ôtubu	n.	outubro	T3
owo	pro.	2PP.SUJ/OBJ/DES/POSS	L3
oyobo	n.	noz-moscada da Jamaica	T9
ôzê	adv.	hoje	L6, C5
pa	conj.	para	L4, C1
paa	n.	praia	L3

Paa Bana	topo.	Praia Banana	L13
Paa Belu Montxi	topo.	Praia Belo Monte	T13
Paa Bumbu	topo.	Praia Abelha	T13
Paa Bura	topo.	Praia Burra	T13
Paa d'Eva	topo.	Praia Évora	C13
Paa Gaani	topo.	Praia Grande	T13
Paa Gaani Sulu	topo.	Praia Grande Sul	T13
Paa Jênêral Fonseka	topo.	Praia General Fonseca	T13
Paa Kasan	topo.	Praia Caixão	T13
Paa Kazu	topo.	Praia Caju	T13
Paa Kêtê	topo.	Praia Pequena	T13
Paa Lapa	topo.	Praia Lapa	T13
Paa Maa Kwaa	topo.	Praia Maria Correia	T13
Paa Magarida	topo.	Praia Margarida	T13
Paa Makaku	topo.	Praia Macaco	T13
Paa Ôryô Santome	topo.	Praia Rio de São Tomé	T13
Paa Pôtxin	topo.	Praia Portinho	C13
Paa Saagada	topo.	Praia Salgada	T13
Paa Seka	topo.	Praia Seca	T13
Paa Sundi	topo.	Praia Sundy	T13
Paa Têtuuga	topo.	Praia Tartaruga	T13
Paa Ubadê	topo.	Praia Abade	T13
Paa Uva	topo.	Praia Uva	T13
Paa Xyaba	topo.	Praia <i>Xyaba</i>	T13
paage	n.	papagaio	L6, C6
paampôlê	n.	espécie de peixe	T7
paasô	adv.	tchau	L11
paatu	n.	prato	L6
paga	v.	pagar	L1
Pakê Ve	topo.	Parque Velho	T1
palapala	n.	banana frita	L7
palava	n.	palavra	L4
palipa usan	exp.	apalpar o terreno, sondar o terreno	T17
palixa	n.	conversar (íntimo)	L4
pana utabu	exp.	aplanar	T17
panha fooza	exp.	enferrujar	T17
para mize	exp.	segurar a urina para fazer remédio tradicional	T17
parêsê	v.	parecer	T5
pasa	v.	passar	L2
pasa ubuka	exp.	comer	T17
pasu-kuuzu	n.	andorinha	T6
pata-awa	n.	pata-d'água	T6
pata-umwe	n.	pato-marinho	T6
patran	n.	patrão	L12
patxi	n.	parte	L1
paxya	v.	passear	L6

Paynha	topo.	Prainha	T13
pazê	n.	prazer	L9
pe	ideo.	tudo	L3
pêdê kabe	exp.	ficar louco	T17
pêdê mêzê	exp.	engravidar	T17
pêdê xintxidú	exp.	desmaiar	T17
pedixi	n.	perdiz	T6
Pêdrêra	topo.	Pedreira	T1
pega	v.	pregar	T4
pega pwede	exp.	pregar na parede	T17
pega ufogu	exp.	confusão	T17
pega-pega	n.	picão preto	T9
peleja	n.	brincadeira	L3
pemya	n., adv.	manhã, de manhã	L3
penepene (limpu)	ideo.	muito limpo	T12
pensa	v.	pensar	L16
pesa	v.	emprestar	L14
petepete (kubi)	ideo.	todo coberto (dia)	T12
petepete (novu)	ideo.	muito novo	T12
petepete (tadi)	ideo.	muito tarde	T12
petepete (vêdê)	ideo.	muito verde	T12
pêxi	n.	peixe	L15, C2
pêxi-paage	n.	peixe-papagaio	T7
pêxi-paata	n.	peixe prata	T7
pêzêdêntxi	n.	presidente	A1
pi (unôtxi)	ideo.	noite cerrada	T12
pia	n.	pia	L6
pidi	conj., prep.	porque, por causa de	L3
pidixi	conj., prep.	porque, por causa de	L4
Pikan	topo.	Picão	L1
pikan-pêxi	n.	conóbia	T6
pikitu	n.	periquito	T6
Piku Paage	topo.	Pico Papagaio	L11
pilha	adv.	muito	L11, C10
pimentan	n.	pimenta	L6
pimyô	num.	primeiro	L13, C9
Pinkêtê	topo.	Pinkêtê	T1
pintadu	n.	prato de arroz com feijão	T8
pipinu	n.	pepino	T2
pixiza	v.	precisar	L3, C2
po	v.	poder, redução de podí	L4
pô	prep.	por	L1
po ma fa	exp.	não aguentar mais	T17
pô sempi	exp.	para sempre	T17
pô zempu	exp.	por exemplo	T17

pobi vantenadu	exp.	paupérrimo	T17
poda	v.	perdoar	T4
poda mi	exp.	desculpe-me	T17
podì	v.	poder	L2, C1
pôkê	conj.	porque	L11
pôkô	n.	porco	L3
pôkô-sadu	n.	carne assada, churrasco	L3
pombô	n.	pombo	T6
pomb'umatu	n.	rola	T6
pomb'usan	n.	rola	T6
Ponta Muzêw	topo.	Ponta Museu	T1
ponta pyôpyô	exp.	ponta aguçada	T17
Ponta Usolu	topo.	Ponta do Sol	T1
poota	v.	importar-se	A3
posan	n.	cidade	L3
poto	n.	porta	L10, C3
Pôtô Ryali	topo.	Porto Real	T1
potopoto (mwadu)	ideo.	muito molhado	T12
potopoto (swa)	ideo.	muito suado	T12
Pôtxin	topo.	Portinho	T1
pova	n.	prova	L10
pova	v.	provar, experimentar	L6
poveta	v.	aproveitar	L5
poxta	n.	aposta	A3
poxta	v.	apostar	T4
poya	v.	apoiar	T4
prepara usan	exp.	preparar o território	T17
pudya	v.	poder FUT.PASS	L5
Putuga	topo.	Portugal	L1
putugêzê	n.	português	L4, C1
pwe	n.	pai	L9
pwê	v.	pôr	L3
pwe divida	exp.	contrair dívidas	T17
pwê manha	exp.	pôr defeito	T17
pwê n'ubaaku	exp.	enterrar	T17
pwê n'usan	exp.	plantar	T17
pwê poxta	exp.	apostar	T17
pwê taaxi	exp.	colocar uma criança às costas	T17
pwema	n.	palma	L14
pwema	n.	palmeira de andim	T9
pwema-kitxi	n.	<i>pwema-kitxi</i>	T9
pya	v.	olhar, ver	L2
pyenepyene (limpu)	ideo.	muito limpo	T12
pyoro	v.	piorar	T4
Ramasan	topo.	Armação	T1
ranha	n.	peixe rainha	T7
ranka uê	exp.	abrir a vista	T17

ranxu-te	n.	rancho-da-terra, prato tradicional feito com feijão, arroz, farinha de mandioca e óleo de palma	T8
rarara (vêmê)	ideo.	muito vermelho	T12
reda	v.	herdar	T4
rêdê	v.	arder	L8
refoga	v.	refogar	T4
rêgê	v.	levantar	L11, C5
rêgê fasu	exp.	caluniar	T17
rêgê fasufasu	exp.	caluniar	T17
rêgê fasufasu	exp.	difamar	T17
rema kaxi	exp.	começar a construir uma casa	T17
remedya	v.	remediar	T4
rêpendê	v.	arrepender	T4
rêxponsavêw	adj.	responsável	L16
reza	v.	rezar	T4
riku	adj.	rico	L8
riman	n.	irmão (a, os, as)	L9
rin da keba	exp.	rachar de rir	T17
rizu	adj.	duro, rijo	L10
Rôdrigi	n.	Rodrigo	L9
roga paaga	exp.	rogar praga	T16
ropa	n.	roupa	L11
rôpê	n.	européu, branco	L11, C4
rota	v.	estragar	T4
roza-bilanza	n.	dama-da-noite	T9
ruma	v.	arrumar	L13, C3
ruma kidarê	exp.	começar a gritar	T16
ruma ope	exp.	juntar os pés	T16
sa	cop.	ser	L1
sa	v.	ser, estar	T5
sa seda	exp.	estar no cio	T14
saa fôlôgô	exp.	inspirar	T16
Sabina	n.	Sabrina	L1
sabônête	n.	peixe sabonete	T7
sabudu	n.	sábado	L3
sada	n.	tartaruga-de-couro	T7
sadu	adj.	assado	L3
sagwa igbê	exp.	tomar banho	T16
saka	n.	espécie de formiga	T7
saka	v.	vomitare	T4
saka-peetu	n.	espécie de formiga	T7
sakapuli	v.	escapar	T4
saka-udôdô	n.	espécie de formiga	T7
sama	v.	chamar, chamar-se	L5
sama	v.	chamar-se	T5
sama reparu	exp.	reparar	T16
same	n.	senhora	L2, C1

san	n.	senhora	L13
San Zuan	topo.	São João	T1
San Zwakin	topo.	São Joaquim	L12
santa	v.	alisar	T4
Santa Maa	topo.	Santa Maria	T1
Santa Rita	topo.	Santa Rita	T1
Santa Roza	topo.	Santa Rosa	T1
Santana	topo.	Santana	T1
Santantoni	topo.	Santo Antônio	L1
Santantoni Pikan	topo.	Santo Antônio Picão	T1
Santantoni Segundu	topo.	Santo Antônio Segundo	T1
Santome	topo.	São Tomé	L8
Santome ki Ie	topo.	São Tomé e Príncipe	T1
sapusapu	n.	graviola	L2
sata	v.	pular, saltar	A3
sata olêyn	exp.	viajar	T16
sata sata	exp.	ir de um lado pra outro	T16
satu	n.	pulo, salto	A3
sawdadi	n.	saudade	L17
sawidi	n.	saúde	L6
se	v.	assar	L17
sê	pro.	isto, isso	L2
sêbê	v.	saber	L2
sêgunda-fya	n.	segunda-feira	L13
sêgundu	num.	segundo	L13
sekadô	n.	secador (de peixe)	L12
seku	adj.	seco	L12
sêlêlê	n.	<i>sêlêlê</i>	T6
sendê pigisa	exp.	espreguiçar(-se)	T16
senge	n.	prato tradicional de farinha de milho com peixe	T8
sera doxi	exp.	cheirar bem	T16
sera tententen	exp.	cheirar bem	T16
seradô	n.	marceneiro, serrador	L1
sesa-ie	n.	cécia-do-Príncipe	T6
sesa-santome	n.	cécia-de-São-Tomé	T6
sêsenta	num.	sessenta	L10
setembu	n.	setembro	T3
setu	adj.	certo	L3
setxi	num.	sete	L10
sêxta-fya	n.	sexta-feira	L13
so	adv.	somente	L5
sôfê kosan	exp.	ficar triste, ter coragem	T16
sôfê xidentxi	exp.	acidentarse	T16
Sonlensu	n.	São Lourenço	L11, C11
sônôsônô (fedi)	ideo.	muito fedido	T12
sônôsônô (riku)	ideo.	muito (rico)	L8

sônôsônô (riku)	ideo.	muito rico	T12
sopa pingada	exp.	dar tiro	T16
sopa urya	exp.	contar um segredo, namorar	T16
sôvê upa	exp.	bater com um pau, espancar	T16
sôwô	n.	prato típico feito de peixe, vegetais e óleo de palma	T8
Sulu	topo.	Sul	T1
sumana	n.	semana	L3
sume	n.	senhor	A1, C1
Sundi	topo.	Sundy	L12, C10
supetu	adj.	esperto	L16
susuy	n.	espécie de pássaro	T6
suzu	adj.	sujo	L6
swa	n.	história, conto	L11
ta	v.	ficar, viver	T5
ta	v.	ser (locativo)	L1
taanha	n.	peixe tainha	T7
tabwe	n.	trabalho	L3
tada	v.	tardar, atrasar	L7
tadi	n.	tarde	L2
tama	v.	tomar	L2
tama banhu	exp.	tomar banho	T16
tama fosa	exp.	tomar fôlego	T16
tama jambi	exp.	entrar em transe	T16
tama kintxiba	exp.	fumar cachimbo	T16
tama minu	exp.	engravidar	T16
tama mye	exp.	amigar	T16
tama omi	exp.	amigar	T16
tama rede	exp.	tomar as rédeas	T16
tama santu	exp.	entrar em transe, ficar possuído, montar	T16
tama supitu	exp.	suspirar	T16
tama upêtu bala	exp.	assumir compromisso	T16
tantan (ufôgu)	ideo.	fogo muito forte	T12
tantan (usolu)	ideo.	sol muito forte	T12
tatata (têmê)	ideo.	tremar muito	T12
tava	part.	PASS	L3
tava	v.	COP.PASS	L15
te	pro.	2PS.POSS	L6
tê	v.	ter	L1
tê afe	exp.	acreditar	T16
tê dya	exp.	há dias, há tempos	T16
tê dya	exp.	há muito tempo	T16
tê fitxi	exp.	ser arrogante, ser cabeça-dura	T16
tê konta ki	exp.	assumir responsabilidade, ter responsabilidade	T16
tê papu	exp.	cantar bem, falar bem	T16
tê pene	exp.	ter dó, ter pena	T16

tê tabwe	exp.	dar trabalho	T16
tê tema	exp.	teimar	T16
tê xikindi	exp.	ser arrogante, ser convencido, ser fresco	T16
têêxi	num.	três	L9
têêzé	num.	treze	L10
telefoni	n.	telefone	L5
tempa	n.	panela	L14, C2
tempa	v.	preparar comida	T4
tempi	n.	tempero	L14
tempu	n.	tempo	L6
ten	adv.	até	L7
tendê	v.	entender, ouvir	L4
tesa-fya	n.	terça-feira	L13
têtuuga	n.	tartaruga	A3, C6
to kêtê	exp.	adicionar um pouco (um líquido)	T16
tôdô-ie	n.	tordo-do-Príncipe	T6
tôdô-santome	n.	tordo-de-São-Tomé	T6
toka	v.	tratar	L9
toka awa	exp.	beber muito álcool	T16
toka pitu	exp.	apitar	T16
tolo	v.	beliscar	T4
tolo fala	exp.	explorar, fofocar, jogar verde, puxar conversa	T16
tololo (kitxi)	ideo.	muito pequeno	T12
ton	adv.	até	L7
ton (tezadu)	ideo.	muito tensionado	T12
tôni	n.	estorninho-do-Príncipe	T6
tôni-bôbô	n.	estorninho-do-Príncipe	T6
tono	v.	beliscar	T4
tudu	adv.	tudo	L3
tusan	v.	sentar	A3
tusandu	adj.	sentado	A3
tutu pwê (uga)	exp.	aglomerar (na rua), juntar	T16
txi	pro.	2PS.SUJ/OBJ	L1
Txiagu	n.	Tiago	L10
txigu	n.	trigo, farinha de trigo	T2
tximatxi	n.	tomate	T2
txinta	num.	trinta	L2
txintxin	n.	txintxin	T9
txintxintxolo	n.	tecelão-de-São-Tomé	T6
txisêru	num.	terceiro	L13
txitxi-paa	n.	maçarico-das-rochas	T6
txya	v.	tirar	L10
txya bweba	exp.	barbear	T16
txya d'ubuka	exp.	discutir, falar malcriações	T16
txya kidarê	exp.	gritar por socorro	T16
txya n'ôtô	exp.	cantar	T16

txya toxi	exp.	tossir	T16
txya ukpaka	exp.	descascar	T16
txya ventoza	exp.	fazer tratamento tradicional com ventosas	T16
txya vuguvugu	exp.	atirar um pedaço de madeira ou uma pedra	T16
Txyô Ve	topo.	Terreiro Velho	T1
txyonso	n.	txyonso	T6
txyotxyo	n.	txyotxyo	T6
ũa	det.	um, uma	L2
ũa	num.	um, uma	L9
ũa-ũa	adv.	um por um	L9
Ubadê	topo.	Abade	T1
uba-mye	n.	sucupira	T9
ubasu	adv.	embaixo	L6, C6
ubuka	n.	boca	A2
ubuka seka	exp.	calar	T16
ubwê	n.	boi	T7
udu	n.	piolho	L10
uê	n.	olho	L4
uê-goosu	n.	olho-grosso	T6
uêxipitali	n.	hospital	L15
ufaka	n.	faca	L15
ufikumi	n.	caminho	L17
ufôgu	n.	fogo	A1
ufundi	n.	prato local à base de matabala ou mandioca	T8
ufundi-maakita / ufundi-magita	n.	prato típico feito com matabala, azeite de palma, peixe e temperos da terra	T8
ufya-alimanha	n.	coentro	T9
ufya-amiso	n.	ufya-amiso	T9
ufya-azêdinha	n.	azedinha	T9
ufya-bambi	n.	chile branco	T9
ufya-bengi	n.	bengue	T9
ufya-bengi-doxi	n.	bengue-doce	T9
ufya-boba	n.	begonia ampla	T9
ufya-boba-baanku	n.	begônia	T9
ufya-boba-vêmê	n.	begônia	T9
ufya-bola-mye	n.	erva-de-São-João	T9
ufya-bola-omi	n.	folha-manuel-homem	T9
ufya-bolelega	n.	beldroega-grande	T9
ufya-bolelega-mye	n.	beldroega-pequena	T9
ufya-bolelega-omi	n.	beldroega-grande	T9
ufya-budu	n.	folha-pedra	T9
ufya-d'orya	n.	ufya-d'orya	T9
ufya-fakêza	n.	vassourinha-doce	T9
ufya-fitxisu	n.	saia-roxa	T9

ufya-fôgêê	n.	folha-foguete	T9
ufya-fugia	n.	mamona	T9
ufya-gêêza	n.	samambaia	T9
ufya-gêêza-bentu	n.	samambaia	T9
ufya-gêêza-mye	n.	folha-de-igreja	T9
ufya-gêêza-omi	n.	folha-de-igreja	T9
ufya-gêêza-zuden	n.	samambaia	T9
ufya-gôgô	n.	andiroba	T9
ufya-gôgô-vêmê	n.	andiroba	T9
ufya-idintxi	n.	ufya-idintxi	T9
ufya-jimboa	n.	jimboa	T9
ufya-jimboa	n.	jimboa-do-mato	T9
ufya-kabese	n.	folha-da-mina	T15
ufya-kabese-kadê	n.	folha da fortuna	T15
ufya-kabese-kitxi	n.	folha da fortuna	T15
ufya-kata-kikitxi	n.	<i>ufya-kata-kikitxi</i>	T15
ufya-kata-subi	n.	<i>ufya-kata-subi</i>	T15
ufya-keza-mye	n.	vassourinha-doce	T15
ufya-keza-omi	n.	ufya-keza-omi	T15
ufya-klêmentê-baanku	n.	quebra-pedras	T15
ufya-kwentu	n.	coentro-de-São-Tomé	T15
ufya-landê	n.	simão-correia	T15
ufya-levi	n.	musgo do mato.	T15
ufya-levi-omi	n.	<i>ufya-levi-omi</i>	T15
ufya-madê	n.	mastruço	T15
ufya-makabali	n.	erva-de-colégio	T15
ufya-mal-bêbê	n.	malêbêbê	T15
ufya-malixa	n.	folha-malícia	T15
ufya-manjôlô	n.	<i>manjôlô</i>	T15
ufya-mawva	n.	malva	T15
ufya-muba	n.	maioba	T15
ufya-ômi-osuan	n.	homem-de-um-osso-só	T15
ufya-peetu	n.	saia-roxa	T15
ufya-peetu-baanku	n.	trombeteira	T15
ufya-pinikanu	n.	cordão-de-frade	T15
ufya-pôkô	n.	folha porco	T15
ufya-pôkô-usan	n.	erva-tostão	T15
ufya-ribu-baabu	n.	<i>kata-grande</i>	T15
ufya-santaji-ubasu-kafe	n.	<i>ufya-santaji-ubasu-kafe</i>	T15
ufya-santope	n.	eufórbia	T15
ufya-sôfi	n.	melão-de-São-Caetano	T15
ufya-tximija	n.	natruja	T15
ufya-ugalu	n.	heliotrópio-indiano	T15
ufya-ugêdê	n.	<i>ufya-ugêdê</i>	T15
ufya-uguya-pobi	n.	<i>uguya-pobi</i>	T15
ufya-vintê	n.	folha-vintém	T15
ufya-xa-gaban	n.	chá-Gabão	T15

ufya-zaya	n.	<i>ufya-zaya</i>	T15
Uga Filix	topo.	Rua Feliz	T1
Uga Tabaladô	topo.	Rua dos Trabalhadores	T1
ugafu	n.	garfo	L6
Ukabu Vêdê	topo.	Cabo Verde	L4
Ukampu Avian	topo.	Aeroporto	T1
ukampu-avian	n.	aeroporto	L13
ukaru	n.	carro	L7
ukyebu	n.	quiabo	T2
uman	n.	mão	L5
uman dudi	exp.	de mãos vazias	T16
uman n'ukpami	exp.	ficar sem fazer nada	T16
Umatu Mutendê	topo.	Umatu Mutendê	T1
umpan	n.	pão	T2
umwe	n.	mar	L3
unôtxi	n.	noite	L3
unôtxi petepete	exp.	noite escura	T16
untwe	n.	<i>untwe</i>	T15
upa	n.	árvore	L14, C13
Upa Fita	topo.	Pau Fita	T1
upa-ama	n.	pau-ama, pau-lírio	T15
upa-awkasi	n.	acácia	T15
upa-fita	n.	pau-sabão	T15
upa-gofi	n.	embaúba	T15
upa-gofi-baabu	n.	pau-sabrina	T15
upa-isê	n.	pau-esteira	T15
upa-kaba	n.	pau-cabra	T15
upa-kukundya	n.	coqueiro	T15
upa-kwêdanu	n.	pau- <i>fede</i>	T15
upanu	n.	pano, roupa	L15, C2
upa-paage	n.	pau-ferro	T15
upa-saban	n.	pau-sabão	T15
upa-têêxi	n.	pau-três	T15
upa-ufew	n.	pau-ferro	T15
upa-ugêgê	n.	cajazeira	T15
upa-usuda	n.	pau pimenta	L14
upa-usuda	n.	pau-pimenta (tempero tradicional)	T2
upa-viru	n.	upa-viru	T15
upêtu-baanku	n.	peito-branco	T6
upuru	interj.	espanto	L9
urabu-tujyan	n.	rabo-de-tesoura	T6
urumu	n.	safu	L2
urya	n.	orelha	A2
usuda	n.	pimenta	T2
usuda-malaka	n.	pimenta bolinha	T2
utaji	n.	<i>utaji</i> (tempero tradicional)	T2
utximu	adj.	último	L13, C10

uvôdu	n.	festa	L3
uvungu	n.	dança	L3
valê	v.	valer	L8
valô	n.	valor	L17, C15
vani uman	exp.	despedir-se	T16
vansa	n.	avançar	A3
vapô	n.	barco	L13
ve	adj.	velho	L8
vê	v.	ver	L2
vê unwa/vê unwan	exp.	menstruar	T16
vedadi	n.	verdade	L8
vêndêdô	n.	vendedor	L2
ventenha	n.	estação seca (gravana)	L13
vêsê	n.	vez	L11, C3
vêvê	v.	viver	L8
vêzi	n.	vezes	L10
vijan	n.	vizinho	L10
vika	v.	vir	L7, C1
vinka	n.	atum-judeu	T15
vintxi	num.	vinte	L2
vogyan	n.	vergonha	L3
voota	n.	volta	L13
vwadô	n.	peixe voador	T7
vya	v.	tornar-se	L3
vya ka-kubi	exp.	pôr de cabeça para baixo, virar de bruços, virar de cabeça para baixo	T16
vya uê	exp.	virar ao contrário	T16
vya uman	exp.	roubar	T16
vya vya	exp.	ir indo	T16
vya we	exp.	voltar a vir	T16
vyuva	n.	viúva	T6
vyuvinha	n.	viuvinha	T6
wada	v.	esperar	L7
wagawaga	n.	erva-boi	T15
wan (betu)	ideo.	muito aberto	T12
wan (pemya)	ideo.	manhã muito cedo	T12
wanga	v.	espalhar	A3
we	v.	ir	L3
we vika	exp.	vai e vem	T16
weee	interj.	nossa!	L6
wo	adv.	agora	L6
xemi	v.	sumir, desaparecer	L11
xi	conj.	prep. se, sem	L4
xibi	n.	espécie de pássaro	L6
xibi	n.	passarinho, melro	T6
xibi-bana	n.	barbeiro	T6
xibi-fixa	n.	xibi-fixa	T6

xibi-igigu	n.	andorinha-das-chaminés	T6
xibi-ubuka-longu	n.	beija-flor	T6
xibi-umatu	n.	bico-de-lacre	T6
xiga	v.	chegar	L7, C5
xikola	n.	escola	L4
xila	pro.	aquilo	L12
Ximalô	topo.	Ximalô	T1
xina	v.	ensinar, aprender	L3
xinku	num.	cinco	L10, C9
xintxi	v.	sentir	L8
xinxan	adv.	rapidamente	L4
xipika	v.	explicar	L11
Xipitali Novu	topo.	Hospital Novo	T1
Xipitali Ve	topo.	Hospital Velho	T1
xivi	v.	trabalhar, servir	L3
xivisu	n.	trabalho, serviço	L13
xoxo	n.	pica-peixe-de-peito-azul	T15
Xperansa	topo.	Esperança	T1
Xtalêw	topo.	Estaleiro	T1
xtangêw	n.	estrangeiro	L4
xtuda	v.	estudar	L6
xya	adv.	sem	L2
xyadu	adj.	cheio	A3
xyadu txibika	exp.	cheio até a boca	T16
xyê	v.	sair	L5
xyê ki (+POSS)	exp.	ir-se embora	T16
xyê ki kwêda	exp.	fugir, sair correndo	T16
xyota-kafe	n.	<i>xyota-kafe</i>	T6
ya	prep., comp.	que	L5
yêlê	interj.	aqui está	L6
yew	n.	ilhéu	L13
yogo	v.	melhorar, curar-se	L15
za	adv.	já	L3
zagwa	n.	asagoa	L8
zegezege (keba)	ideo.	estilhaçar	T12
zenze	n.	zenze	T15
zêtu	n.	jeito	L14
zo	n.	momento	L7
Zotona	topo.	Azeitona	T1
Zuan	n.	João	L3
zubian	n.	bolso	L5
zuda	n.	ajuda	L1
zuda	v.	ajudar	L4
zuga bola	exp.	jogar futebol	T16
zuga bota	exp.	jogar fora	T16
zunta	v.	juntar	L3

zunta kabese	exp.	pensar em coletivo	T16
zunta udêdu	exp.	rezar	T16
zuntu	adj.	junto	L17, C15
zuzuzu (kentxi)	ideo.	muito quente	T12

4.9. Glossário – português/lung'ë

Vocábulo	Classe	Glosa	Lição
1PP.SUJ/OBJ/DES/POSS/OI	pro.	no	L1
1PS.OBJ	pro.	mi	L3
1PS.POSS	pro.	me	L1
1PS.SUJ	pro.	n	L1
1PS.DES, 1PS.DAT	pro.	ami	L1
2PP.SUJ/OBJ/DES/POSS	pro.	owo	L3
2PS.POSS	pro.	te	L6
2PS.SUJ/OBJ	pro.	txi	L1
2PS.DES, 2PS.DAT	pro.	atxi	L1
3PP.SUJ/OBJ/DES/POSS/OI	pro.	ine	L3
3PS.OBJ	pro.	li	L2
3PS.SUJ	pro.	ê	L2
3PS.DES	pro.	êli	L4
abacaxi, ananás	n.	nanaji	T2
Abade	topo.	Ubadê	T1
abaixar	v.	basa	T4
abaixar a cabeça, colocar-se de cabeça para baixo	exp.	kani kabese	T14
abelha branca	n.	bumbu-baanku	T7
abelha preta	n.	bumbu-peetu	T7
aborrecer	exp.	da reva	T11
abortar	exp.	da abôtô	T10
abril	n.	abili	T3
abrir	v.	bii	L11
abrir a vista	exp.	ranka uê	T17
abrir os dentes, sar risada, enraivar-se	exp.	bii idintxi	T10
acabar	v.	kaba	L4
acabar, matar	exp.	da ukabu	T11
acácia	n.	upa-awkasi	T15
achar, imaginar	v.	kuda	L7
acidental-se	exp.	sôfê xidentxi	T16
aconselhar	exp.	da konsê	T10
acreditar	exp.	tê afe	T16
acreditar	v.	akidita	L12
acreditar, crer	v.	kêê	T5
adeus, até amanhã	exp.	dêsu kize	T11
adicionar um pouco (um líquido)	exp.	to kêtê	T16
adulto	n.	ningê-taamwin	A1
adventista	adj.	diventxixta	L16
aeroporto	n.	ukampu-avian	L13
Aeroporto	topo.	Ukampu Avian	T1
África	topo.	Afika	L3

africano, a	adj.	afikanu	L3
agarrar	v.	gansa	T4
aglomerar (na rua), juntar	exp.	tutu pwê (uga)	T16
agora	adv.	wo	L6
agosto	n.	agôxtô	T3
Água Namoro	topo.	Awa Namôrô	T1
ah	interj.	aa	L1
ainda não	adv.	maxi (...) fa	L3
ajoelhar	exp.	da ôzen	T11
ajuda	n.	zuda	L1
ajudar	v.	zuda	L4
ajudar, cumprimentar, socar	exp.	da uman	T11
alcançar	v.	alikansa	T4
Alfândega	topo.	Alifandiga	T1
alicate	n.	likatxi	T9
alisar	v.	santa	T4
amanhã	adv.	amanhan	L10
amarrar	v.	kunu	T4
amarrar	v.	mara/maa	L16
amassar, pisar	v.	gbê	L14, C8
ambos	pro.	dôdôsu	L8
amendoim	n.	jêgumba	T9
americano	adj.	amerikanu	L4
amiga	n.	miga	L14
amigar	exp.	tama mye	T16
amigar	exp.	tama omi	T16
amigo	n.	migu	L3, C2
andar	v.	nda	L14
andar na ponta dos pés	exp.	konta ope	T14
andiroba	n.	ufya-gôgô	T9
andiroba	n.	ufya-gôgô-vêmê	T9
andorinha	n.	andorinha	T6
andorinha	n.	pasu-kuuzu	T6
andorinha-das-chaminés	n.	xibi-igigu	T6
ano	n.	anu	L11, C10
<i>anona</i>	n.	nona	T9
ansioso, precipitado	exp.	ki fôlôgô ixima-ixima	T14
antes	adv.	antxi	L16
apalpar o terreno, sondar o terreno	exp.	palipa usan	T17
apitar	exp.	toka pitu	T16
aplanar	exp.	pana utabu	T17
apoiar	v.	poya	T4
aposta	n.	poxta	A3
apostar	exp.	fê poxta	T11
apostar	exp.	pwê poxta	T17
apostar	v.	poxta	T4
aprovar, confirmar, dar certeza	exp.	da keletu	T10

aproveitar	v.	poveta	L5
aquele	pro.	ixila	L12
aqui	adv.	nixi	L7, C3
aqui está	interj.	yêlê	L6
aqui, agora	adv.	ni	L14
aquilo	pro.	xila	L12
araticum-da-praia	n.	nona-konxa	T9
arder	v.	rêdê	L8
Armação	topo.	Ramasan	T1
arrancar, sair	v.	aranka	A3
arrepender	v.	rêpendê	T4
arrumar	v.	ruma	L13, C3
artigo definido plural	art.	ine	L1
árvore	n.	upa	L14, C13
asagoa	n.	zagwa	L8
assado	adj.	sadu	L3
assar	v.	se	L17
assertiva	part.	na	L8
assim	adv.	axi	L5, C1
assumir compromisso	exp.	tama upêtu bala	T16
assumir responsabilidade, ter responsabilidade	exp.	tê konta ki	T16
até	adv.	ten	L7
até	adv.	ton	L7
atirar um pedaço de madeira ou uma pedra	exp.	txya vuguvugu	T16
atum-judeu	n.	vinka	T15
avançar	n.	vansa	A3
avião	n.	avyan	L13
avó	n.	nani	L8
azeda-da-Guiné	n.	musan	T9
azedinha	n.	ufya-azêdinha	T9
azeite	n.	izêtxi	L14
Azeitona	topo.	Zotona	T1
balançar	exp.	da vunga	T11
banana	n.	bana	T2
banana frita	n.	palapala	L7
banana-do-congo	n.	bana-kongô	T2
banana-gromichel	n.	bana-gamixeli	T2
banana-maçã	n.	bana-masan	T2
banana-pão pequenina	n.	bana-mye	T2
banana-pão, banana-da-terra	n.	bana-omi/ban'omi	L2
banana-prata	n.	bana-paata/banpaata	T2
banho	n.	banhu	L3
barba-de-barata	n.	bweba-baata	T9
barbear	exp.	txya bweba	T16
barbeiro	n.	xibi-bana	T6
barbudo	n.	babudu	T9

barco	n.	vapô	L13
barriga	n.	bwega	A3, C6
batata-pim-pim	n.	musan-ipin	T9
bater	exp.	da bofetan	T10
bater	exp.	da tapona	T11
bater	v.	batê	L10
bater com um pau, espancar	exp.	sôvê upa	T16
bater palma	exp.	batê uman	T10
beber	v.	bêbê	L7
beber álcool, embriagar-se	exp.	kume awa	T14
beber bebida alcoólica	exp.	kyenta kaseda	T14
beber muito álcool	exp.	toka awa	T16
begônia	n.	ufya-boba-baanku	T9
begônia	n.	ufya-boba-vêmê	T9
begonia ampla	n.	ufya-boba	T9
beija-flor	n.	beza-fofi	T6
beija-flor	n.	xibi-ubuka-longu	T6
beijar	v.	beza	T4
Bela Vista	topo.	Bela Vixta	T1
beldroega-grande	n.	ufya-bolelega	T9
beldroega-grande	n.	ufya-bolelega-omi	T9
beldroega-pequena	n.	ufya-bolelega-mye	T9
beliscar	v.	tolo	T4
beliscar	v.	tono	T4
Belo Monte	topo.	Belu Montxi	C13
bênção	exp.	bensa ô	T10
bengue	n.	ufya-bengi	T9
bengue-doce	n.	ufya-bengi-doxi	T9
berla	n.	bela	L5
berrar	v.	bera	T4
biblioteca	n.	biblyoteka	L14
bica	n.	bika	T9
bicho	n.	bisu	L6
bico-de-lacre	n.	xibi-umatu	T6
biólogo	adj.	biologu	L1
Boa Esperança	topo.	Bôa Xpêransa	L12
boca	n.	ubuka	A2
boi	n.	ubwê	T7
bolo	n.	bôlu	L3
bolso	n.	zubian	L5
bom	adv.	bô	L2
Bom Viver	topo.	Bon Vivê	T1
bom, bem	adv.	bon	L3
bonito	adj.	gaavi	L6
bordão-de-São-José	n.	igbêtê	T9
bordão-de-São-José	n.	ikpêtê	T9
botequim, bar	n.	butxikin	L7

Brasil	topo.	Baji	L1
brigar	v.	biga	T4
brilhar	v.	baa	T4
brilhar muito	ideo.	fefefe (baa)	T12
brilhar, luzir	v.	luji	L11
brincadeira	n.	peleja	L3
brincar, folgar	v.	foga	L3
Budubudu	topo.	Budubudu	T1
<i>Bulufaka</i>	topo.	Bul'ufaka	T1
buscar, procurar	v.	buka	L11
cabeça	n.	kabese	L11
cabelo	n.	kabelu	A2
Cabo Verde	topo.	Ukabu Vêdê	L4
cabra	n.	kaba	T7
caçar	v.	montxya	T4
cacau	n.	kakaw	L12
caçoar, troçar	exp.	fê mangasan	T11
cada	pro.	kêdê	L9, C5
caderno	n.	kadenu	L14
café-do-mato	n.	kafe-baabu	T9
caié	n.	govina	T6
cair dentro d'água	exp.	fu txubun	T14
cajazeira	n.	upa-ugêgê	T15
calar	exp.	ubuka seka	T16
calar a boca	exp.	kala ubuka	T14
calar-se completamente, calar-se sem dar um pio	exp.	kala pi	T14
caluniar	exp.	rêgê fasu	T17
caluniar	exp.	rêgê fasufasu	T17
caminho	n.	ufikumi	L17
caminho, estrada	n.	ifi-kumi, ifi-kumin	A3
Campanha	topo.	Kampanha	T1
canário	n.	kanariw	T6
canga	n.	ôrôrô	T9
cansar	v.	kansa	A3
cantar	exp.	txya n'ôtô	T16
cantar bem, falar bem	exp.	tê papu	T16
capim-de-burro	n.	ariba-kasô	T9
caramujo	n.	karamujo	T9
carga, bagagem	n.	kaga	L16
carga, bagagem	n.	kagu	L13
carne assada, churrasco	n.	pôkô-sadu	L3
caro	adj.	karu	L2
carro	n.	ukaru	L7
carta	n.	kaata	L17
cartão, bilhete de identidade	n.	bilêê	L17
casa	n.	kaxi	L1

casamento	n.	kazamentu	L16
casar	exp.	mara uman	T17
casar	v.	kaza	L16, C11
cássia-oficinal	n.	kanafixtula	T9
católico	adj.	katoliku	L16
cavalo	n.	kavalu	L17
cavar	exp.	bii ubaaku	T10
cavar buraco para plantar tubérculos	exp.	da fogan	T10
cécia-de-São-Tomé	n.	sesa-santome	T6
cécia-do-Príncipe	n.	sesa-ie	T6
certo	adj.	setu	L3
cf. modi	adv.	mo	L17, C15
chá-Gabão	n.	ufya-xa-gaban	T15
chamar, chamar-se	v.	sama	L5
chamar-se	v.	sama	T5
chateado, entediado, bravo	adj.	bôsêdu	L13
chegar	v.	xiga	L7, C5
cheio	adj.	xyadu	A3
cheio até a boca	exp.	xyadu txibika	T16
cheirar bem	exp.	sera doxi	T16
cheirar bem	exp.	sera tententen	T16
chicotear	exp.	da vaa	T11
chifrar, trair	exp.	da koni	T10
chile branco	n.	ufya-bambi	T9
cidade	n.	posan	L3
cinco	num.	xinku	L10, C9
coaxar	exp.	batê ubuka	T10
codorniz	n.	kôdôni	T6
coelho	n.	kwêlhu	T7
coentro	n.	kwentu	T2
coentro	n.	ufya-alimanha	T9
coentro-de-São-Tomé	n.	ufya-kwentu	T15
coisa	n.	kwa	L3
colocar uma criança às costas	exp.	bôbô minu	T10
colocar uma criança às costas	exp.	pwê taaxi	T17
com (ku ami/ ku atxi)	prep.	ku	L3
com o passar dos dias	exp.	dya dya	T11
combinar, marcar	v.	kumbina	A3
começar	exp.	bii uman	T10
começar	v.	komesa	L10, C10
começar a chorar	exp.	bii gô	T10
começar a construir num terreno	exp.	bii txyô	T10
começar a construir uma casa	exp.	rema kaxi	T17
começar a gritar	exp.	ruma kidarê	T16
começar a trabalhar	exp.	bii xivisu	T10
come-morre	n.	kume-mwê	T9
comer	exp.	pasa ubuka	T17

comer	v.	kume	L3, C2
comida	n.	kumê	L6, C4
comigo-ninguém-pode	n.	kosa-kosa	T9
como	adj.	modi	L1
Companhia	topo.	Kompanhya	T1
comprar	v.	kopa	L5, C2
confusão	exp.	pega ufogu	T17
conhecer	v.	konsê	L12, C11
conóbia	n.	pikan-pêxi	T6
contabilizar, contar	exp.	fêzê konta	T14
contar	v.	konta	L5
contar mentiras	exp.	bii mintxya	T10
contar um segredo, namorar	exp.	sopa urya	T16
contrair dívidas	exp.	pwe divida	T17
convalescer, melhorar	exp.	da kô dêse	T10
convencer	v.	konvêsê	T4
conversar	exp.	da ubuka	T11
conversar	exp.	dêsê ôtô	T11
conversar	v.	konvesa	L5
conversar (íntimo)	n.	palixa	L4
copiar	v.	kopya	T4
cópula PASS	v.	era	L8
COP.PASS	v.	tava	L15
coqueiro	n.	upa-kukundya	T15
coração	n.	kosan	L13, C11
coração-do-chão	n.	kosan-usan	T9
corcovado	n.	kokovadu	T9
corda-de-casa-do-mato	n.	kwa-kaxi	T9
cordão-de-frade	n.	ufya-pinikanu	T15
corpo	n.	igbê	L15
correr	v.	kwê	L3
correr atrás de, perseguir	exp.	kwê taaxi	T14
correr com, espantar	exp.	kwê ki	T14
correr para dentro	exp.	kwê lenta	T14
cortado	adj.	kotadu	L15, C8
cortar	v.	kota	L15
cortar o peixe ao meio, escalar peixe	exp.	kala pêxi	T14
coruja	n.	kitôli	T6
coruja	n.	kukuku	T6
coruja	n.	kuruja	T6
corvina	n.	kuvina	T7
cozinhar	v.	kuxi	L6, C4
criança, menino	n.	minu	L3
cuco-esmeraldinho	n.	ôsôbô	T6
culpar	v.	kupa	T4
cumprimentar, visitar	exp.	fala bê	L1
cumprimento	n.	bê	L1

curativo	n.	kuratxivu	L15
custar	v.	kuxta	T5
dama-da-noite	n.	roza-bilanza	T9
dança	n.	bayu	L3
dança	n.	uvungu	L3
dançar	v.	baya	L3
dar	v.	da	L1
dar batidas na cabeça, gritar	exp.	da kôkô	T10
dar cambalhota	exp.	da ka-fini	T10
dar cambalhota	exp.	kani vya	T14
dar dinheiro, pagar	exp.	mwa uman	T17
dar errado	exp.	kadyadu da vese	T14
dar errado, ficar ao avesso	exp.	da vese	T11
dar mole	exp.	da kunfyansa	T10
dar tiro	exp.	sopa pingada	T16
dar trabalho	exp.	tê tabwe	T16
dar vista, nascer, ter filho, ver	exp.	da uê	T11
dar vivas a, parabenizar	exp.	da viva	T11
de	prep.	di	L9, C1
de fato	exp.	na sêbê	T17
de ka + we	red.	ke	L4
de mãos vazias	exp.	uman dudi	T16
de que (comparação)	prep.	dêkê	L8
de repente	exp.	di rêpentê	T11
defecar	exp.	fêê fora	T11
defecar	exp.	fêzê fora	T11
defecar	exp.	fêzê umatu	T14
defender uma causa	exp.	kubi upa	T14
defumado	adj.	fumadu	L15
deixar	v.	disa	T4
deixar, largar	v.	lega	L17, C8
dente	n.	idintxi	A2
depois	adv.	dêpôji	L10
derramar	v.	boka	L8
derramar	v.	boka	T4
desavergonhar, limpar a barra	exp.	limpa vogyan	T17
descascar	exp.	txya ukpaka	T16
desculpe-me	exp.	poda mi	T17
desmaiar	exp.	pêdê xintxidu	T17
despedir-se	exp.	vani uman	T16
deus	n.	dêsu	L1
dever	v.	dêvê	T4
dever (FUT.PASS)	v.	divya	L5
dezembro	n.	dezembu	T3
dia	n.	dya	L3
difamar	exp.	rêgê fasufasu	T17
diferente	adj.	difêrentxi	L4

diminutivo	adv.	minu	L3
direito	adj.	dêêtu	L6
direto	adv.	bôbô	L13
discutir, falar malcriações	exp.	txya d'ubuka	T16
dividido	adj.	divididu	L10
dobra (moeda de STP)	n.	doba	L2
doce	adj.	doxi	L2
doce de banana frita tradicional da Ilha do Príncipe	n.	bôbô-fitu	T8
doce típico feito com milho, coco, malagueta, açúcar e sal, cozido em folha de bananeira	n.	makunga	T8
doente	adj.	dwintxi	L5
doer	v.	dwa	L15
dois	num.	dôsu	L2
domingo	n.	dimingu	L3
domingo	n.	dya-dimingu	T3
dor	n.	dô	L15
dormir	v.	dimi	L13
doze	num.	dôzê	L7
duro, rijo	adj.	rizu	L10
e (entre orações)	conj.	i	L1
em	prep.	na	L1
em cima	adv.	ixima	L6
em cima	adv.	nixima	A3
embaixo	adv.	ubasu	L6, C6
embaúba	n.	upa-gofi	T15
emendar	v.	menda	T4
empregado	n.	nengu	L15
emprestar	v.	pesa	L14
enfática	part.	ê	L6
enfática	part.	ô	L1
enfermeira	n.	fêmêra	L15
enferrujar	exp.	panha fooza	T17
engasgar	v.	gajiga	T4
engolir fazendo barulho	exp.	guli ôtô	T14
engravadar	exp.	pêdê mêzê	T17
engravadar	exp.	tama minu	T16
engrossar a comida	exp.	kutu kumê	T14
ensinar, aprender	v.	xina	L3
então	adv.	dini	L9
então	adv.	dinixi	L15
entender, ouvir	v.	tendê	L4
enterrar	exp.	pwê n'ubaaku	T17
entrar	v.	lenta	L7
entrar em transe	exp.	tama jambi	T16
entrar em transe, ficar possuído, montar	exp.	tama santu	T16

envergonhar	exp.	fê vogyan	T11
erva-boi	n.	wagawaga	T15
erva-cacho	n.	môsan	T9
erva-de-colégio	n.	ufya-makabali	T15
erva-de-São-João	n.	ufya-bola-mye	T9
erva-tostão	n.	ufya-pôkô-usan	T15
escalar peixe	exp.	kôsê pêxi	T14
escaldado (prato local feito à base de peixe, caldo de peixe e farinha)	n.	kadadu	T8
escancarar	exp.	bii mya	T10
escapar	v.	sakapuli	T4
escola	n.	xikola	L4
esconder	v.	barwa	T4
escorrer	v.	mina	T4
escuro	adj.	kukuru	L11
esfregar	v.	bôlô	T4
esfregar remédio	exp.	bôlô kura	T10
espacar	exp.	bii agama	T10
espalhar	v.	wanga	A3
espancar, teimar	exp.	da fôkôtô	T10
espanto	interj.	upuru	L9
espécie de abelha	n.	bumbu-wangadu	T7
espécie de formiga	n.	saka	T7
espécie de formiga	n.	saka-peetu	T7
espécie de formiga	n.	saka-udôdô	T7
espécie de pássaro	n.	suysuy	T6
espécie de pássaro	n.	xibi	L6
espécie de peixe	n.	bubu	T7
espécie de peixe	n.	lobadu-ngoma	T7
espécie de peixe	n.	maxipombô	T7
espécie de peixe	n.	paampôlê	T7
Esperança	topo.	Xperansa	T1
esperar	v.	wada	L7
esperto	adj.	madô	L9
esperto	adj.	supetu	L16
espreguiçar(-se)	exp.	sendê pigisa	T16
esquecer	v.	kensê	L11
esquecer completamente	ideo.	bôrôrô (kyensê)	T12
esquecer tudo	exp.	kyensê bôrôrô	T14
esse, este, isso, isto	pro.	isê	L2
estação seca (gravana)	n.	ventenha	L13
Estados Unidos, América, Américas	topo.	Merica	L4
Estaleiro	topo.	Xtalêw	T1
estar em algum lugar	loc.	ba	L1
estar no cio	exp.	sa seda	T14
estender completamente	ideo.	byororo (sendê)	T12
estilhaçar	exp.	keba kitxi-kitxi	T14

estilhaçar	exp.	keba winiwini	T14
estilhaçar	exp.	keba zezezege	T14
estilhaçar	ideo.	zezezege (keba)	T12
estorninho-do-Príncipe	n.	tôni	T6
estorninho-do-Príncipe	n.	tôni-bôbô	T6
estragar	v.	dana	T4
estragar	v.	rota	T4
estrangeiro	n.	xtangêw	L4
estudar	v.	xtuda	L6
eucalipto	n.	kalipitu	T9
eufórbia	n.	ufya-santope	T15
européu, branco	n.	rôpê	L11, C4
exibir, ostentar	exp.	fêzê luxu	T14
exibir, ostentar	exp.	fêzê ugalu	T14
exibir-se (para homens)	exp.	fêzê omi	T14
exibir-se (para mulheres)	exp.	fêzê mosa	T14
exibir-se, fazer arte, fazer drama	exp.	fêzê fasanha	T11
expletivo	pro.	ê	L17
explicar	v.	xipika	L11
explorar, fofocar, jogar verde, puxar conversa	exp.	tolo fala	T16
faca	n.	ufaka	L15
falar	v.	fala	L3, C1
falar à toa, fofocar, mexericar	exp.	fala vonvon	T11
falar mal	exp.	da mali	T11
falcão	n.	fakan / falakan	T6
falta	n.	fata	L8
faltar	v.	faata	L17, C13
família	n.	familya	C15
farinha de mandioca	n.	fyan-mondyoko	T2
farinha de trigo	n.	fyan-putuga	T2
faz favor, por favor	exp.	fê favô	T11
fazer	v.	fêzê	L2
fazer amigos	exp.	fêzê migu	T14
fazer aniversário	exp.	fêzê anu	T11
fazer conta	exp.	fêzê konta	T14
fazer massagem tradicional, passar remédio da terra	exp.	bôlô ufya	T10
fazer tratamento tradicional com ventosas	exp.	txya ventoza	T16
fazer tudo	exp.	fêzê bôrôrô	T11
fedegoso	n.	muba	T9
feijão	n.	fenza	L14
feito	adj.	fêtu	L17
ferida, machucado	n.	fiida	L15
ferir, machucar	v.	fii	L15
festa	n.	uvôdu	L3
fevereiro	n.	fêvêrêw	T3

ficar	v.	fika	L17, C11
ficar atento, perceber	exp.	bii uê	T10
ficar fraco	exp.	fika pana'pana	T14
ficar inerte	exp.	da pazuma	T11
ficar louco	exp.	pêdê kabe	T17
ficar muito enervado	exp.	bii idintxi ngeeeeen	T10
ficar sem fazer nada	exp.	uman n'ukpami	T16
ficar triste, ter coragem	exp.	sôfê kosan	T16
ficar, viver	v.	ta	T5
filho	n.	minu	L9
fique com Deus!	exp.	fika ki dêsu	T14
floresta densa	ideo.	jigijigi (umatu)	T12
fogo	n.	ufôgu	A1
fogo muito forte	ideo.	tantan (ufôgu)	T12
folha da fortuna	n.	ufya-kabese-kadê	T15
folha da fortuna	n.	ufya-kabese-kitxi	T15
folha porco	n.	ufya-pôkô	T15
folha-da-mina	n.	ufya-kabese	T15
folha-de-igreja	n.	ufya-gêêza-mye	T9
folha-de-igreja	n.	ufya-gêêza-omi	T9
folha-foguete	n.	ufya-fôgêê	T9
folha-malícia	n.	ufya-malixa	T15
folha-manuel-homem	n.	ufya-bola-omi	T9
folha-pedra	n.	ufya-budu	T9
folha-vintém	n.	ufya-vintê	T15
formigão, formiga-vermelha	n.	lôbô	T7
forro (grupo étnico de ST)	n.	fôrô	L4
francês	n.	fansêji	L4
freirinha	n.	kebankana-peetu	T6
fruta	n.	fuuta	L12
fruta-pão	n.	fuuta	L2
fugir	v.	fuxi	L17
fugir de um animal	exp.	bii redya	T10
fugir, sair correndo	exp.	xyê ki kwêda	T16
fumar cachimbo	exp.	tama kintxiba	T16
Fundão	topo.	Fundan	T1
fuselo	n.	fuselu	T6
Gabão	topo.	Gaban	L4
galinha-d'água	n.	ginhan-awa	T6
galinha-d'angola	n.	ginhan-gene	T6
galinha-do-mato	n.	ginhan-umatu	T6
ganhar	v.	gan	A3, C10
garça-branca	n.	gasa-baanku	T6
garça-marinha	n.	gasa-umwe	T6
garça-preta	n.	gasa-peetu	T6
garça-ribeirinha	n.	gasa-abya	T6
garfo	n.	ugafu	L6

gargalhar, rachar	exp.	da keba	T10
garoupa	n.	gôôpa	T7
garoupinha	n.	goopin	T7
Gaspar	topo.	Gaxpa	T1
gente	n.	jentxi	L7
glicô	n.	gigô	T9
goiaba	n.	gaava	L14
gostar	v.	gogo	L4
gostar	v.	goxta	L6
gostar	v.	goxta di	T5
gosto	n.	gôxtô	L16
grande	adj.	gaani	L8
graviola	n.	sapusapu	L2
gritar por socorro	exp.	da kidarê	T10
gritar por socorro	exp.	txya kidarê	T16
há dias, há tempos	exp.	tê dya	T16
há muito tempo	exp.	tê dya	T16
haja vida com saúde!	exp.	aja vida ki sawidi	T10
heliotrópio-indiano	n.	ufya-ugalu	T15
herdar	v.	reda	T4
história, conto	n.	swa	L11
hoje	adv.	ôzê	L6, C5
homem	n.	omi	L9
homem-de-um-osso-só	n.	ufya-ômi-osuan	T15
hospital	n.	uêxipitali	L15
Hospital Novo	topo.	Xipitali Novu	T1
Hospital Velho	topo.	Xipitali Ve	T1
igreja	n.	gêêza	L7, C3
ilha, Príncipe	n.	le	L5, C1
ilhéu	n.	yew	L13
importar-se	v.	poota	A3
indf. eles (indf.)	pro.	a	L11
indicar	v.	ndika	T4
Infante Dom Henrique	topo.	Infantxi Don Enriki	T1
inflamado	adj.	fôfôdu	L15
inglês	n.	ingêxi	L4
inhame	n.	inhemi	L2
iniciar	exp.	bii uman	T10
inspirar	exp.	saa fôlôgô	T16
insultar	exp.	manda ubuka	T17
ir	v.	we	L3
ir 1PP.IMP	v.	bamu	L6
ir de um lado pra outro	exp.	sata sata	T16
ir depressa	exp.	môxê ope	T17
ir indo	exp.	vya vya	T16
ir para baixo	exp.	nda dêsê	T17
ir para cima	exp.	nda subi	T17

irmã	n.	mana	L9
irmão (a, os, as)	n.	riman	L9
ir-se embora	exp.	xyê ki (+POSS)	T16
isaquente	n.	ize	L14
isto, isso	pro.	kusê	L2
isto, isso	pro.	sê	L2
já	adv.	za	L3
já que	prep.	dina	L13
janeiro	n.	janêw	T3
jeito	n.	zêtu	L14
jiló	n.	makêkê	T2
jiló	n.	olosaka	T9
jimboa	n.	jibôa	T9
jimboa	n.	ufya-jimboa	T9
jimboa-do-mato	n.	ufya-jimboa	T9
João	n.	Zuan	L3
jogar	v.	juga	L13
jogar fora	exp.	zuga bota	T16
jogar futebol	exp.	zuga bola	T16
jovem	n.	modenu	A1
julgar	v.	juga	T4
julho	n.	julyu	T3
junho	n.	junhu	T3
juntar	v.	zunta	L3
juntar os pés	exp.	ruma ope	T16
junto	adj.	zuntu	L17, C15
ka + vika	v.	keka	L11
kamusela	n.	kamusela	T6
<i>kata-grande</i>	n.	ufya-ribu-baabu	T15
<i>kimi-peetu</i>	n.	kimi-peetu	T9
<i>kizomba</i>	n.	kizomba	L3
lá	adv.	lala	L1
lamber	v.	lolo	T4
Lapa	topo.	Lapa	T1
laranja	n.	laanza	T2
larvas de peixe	n.	bwê-bwê	T7
lavar	v.	lava	L15, C8
lavar (roupa)	v.	mani	L15
<i>lebalemba</i>	n.	lebalemba	T9
lembrar	v.	lemba	A3
levantar	v.	rêgê	L11, C5
levantar, ficar de pé	v.	mundya	L6
leve	adj.	levi	L10
<i>libô</i>	n.	libô	T9
<i>libô-awa</i>	n.	libô-awa	T9
limpar	v.	limpa	L6
limpo	adj.	limpu	L15, C13

língua	n.	lunge	L4
livro	n.	livu	L14
logo	adv.	logu	L6
loja, mercearia	n.	loza	L3
longe	adj.	lonji	L13, C12
lugar	adv.	kumi, kumin	L15
lugar nenhum	adv.	kumi nho, kumin nho	L15
lung'ie (lit. língua da Ilha)	n.	lung'ie	L4
Luzia	n.	Luja	L3
maakpalu	n.	maakpalu	T6
maçã	n.	masan	T2
macaco	n.	ôkyê	A3, C6
maçarico-das-rochas	n.	txitxi-paa	T6
maçarico-galego	n.	masariku	T6
maduro	adj.	bôbôdu	A3, C8
mãe	n.	mwin	L7
mãe-de-caqui	n.	mwin-kaki	T9
maio	n.	mayu	T3
maioba	n.	ufya-muba	T15
mais	adv.	maxi	L4
mais ou menos	adv.	malmentê	L1
mal	adv., adj.	mali	L15
malagueta	n.	maakita	L2
malêbêbê	n.	ufya-mal-bêbê	T15
malva	n.	ufya-mawva	T15
mamão	n.	maman	T2
mamona	n.	ufya-fugia	T9
mandar	v.	manda	L5
mandioca	n.	mondyoko	T2
manga-maluca	n.	manga-makaku	T9
manhã muito cedo	ideo.	wan (pemya)	T12
manhã, de manhã	n., adv.	pemya	L3
<i>manjôlô</i>	n.	ufya-manjôlô	T15
manteiga	n.	mantega	T2
Manuel	n.	Mene	L1
mão	n.	uman	L5
mar	n.	umwe	L3
marca	n.	maka	A3
marceneiro, serrador	n.	seradô	L1
março	n.	masu	T3
Maria Correia	topo.	Maa Kwaa	T1
mas	conj.	maji	L4
mastruço	n.	ufya-madê	T15
matabala	n.	ikôkô	T9
mata-bicho, café-da-manhã, pequeno almoço	n.	matabisu	L14
matemática	n.	matximatxika	L10

médico	n.	dôtô	L15, C14
medo	n.	mendu	L10
melão-de-São-Caetano	n.	ufya-sôfi	T15
melhorar, curar-se	v.	yogo	L15
melro	n.	melu	T6
menos	adv.	menu	L2
menstruar	exp.	vê unwa/vê unwan	T16
merecer	v.	mêrêsê	T5
mesa	n.	mêzê	L6
mesmo	adv.	mesu	L3, C1
mexer	v.	buli	T4
mexer, gingar	v.	jinga	A1
mil	num.	mili	L2
milho	n.	imin	T2
<i>minu-pwema</i>	n.	minu-pwema	T9
misturar	exp.	fêzê mixtura	T14
misturar	v.	môxê	T4
moço	n.	mosu	L1
mole	adj.	momoli	A3
molho no fogo. Prato tradicional do Príncipe feito com peixe defumado, óleo de palma, jiló e temperos da terra	n.	môyô n'ufôgu	T8
momento	n.	zo	L7
Monte Alegre	topo.	Mantalegi	T1
mosquito (tempero tradicional)	n.	mixkitu	T2
mostrar	v.	musa	L11
moto	n.	moto	L7
mouro	n.	môrô	L11
muito	adv.	montxi	L4
muito	adv.	mutu	L3
muito	adv.	pilha	L11, C10
muito (rico)	ideo.	sônôsônô (riku)	L8
muito (seco)	ideo.	bôrôrô (seku)	L11
muito (sujo)	ideo.	kotokoto (suzu)	L6
muito aberto	ideo.	wan (betu)	T12
muito branco	ideo.	fenene (baanku)	T12
muito escuro	ideo.	kaynkayn (ukuru)	T12
muito estragado	ideo.	kotokoto (danadu)	T12
muito fedido	ideo.	sônôsônô (fedi)	T12
muito fino	ideo.	lekeleke (finu)	T12
muito frio	ideo.	kôkôkô (fyô)	T12
muito limpo	ideo.	penepene (limpu)	T12
muito limpo	ideo.	pyenepyene (limpu)	T12
muito molhado	ideo.	potopoto (mwadu)	T12
muito novo	ideo.	petepete (novu)	T12
muito pequeno	ideo.	tololo (kitxi)	T12
muito preto	ideo.	bin (peetu)	T12

muito preto	ideo.	gbin (peetu)	T12
muito quente	ideo.	zuzuzu (kentxi)	T12
muito rico	ideo.	sônôsônô (riku)	T12
muito seco	ideo.	kparara (seku)	T12
muito suado	ideo.	potopoto (swa)	T12
muito sujo	ideo.	kotokoto (suzu)	T12
muito tarde	ideo.	petepete (tadi)	T12
muito tensionado	ideo.	ton (tezadu)	T12
muito velho	ideo.	ketekete (ve)	T12
muito verde	ideo.	petepete (vêdê)	T12
muito vermelho	ideo.	bababa (vêmê)	T12
muito vermelho	ideo.	barara (vêmê)	T12
muito vermelho	ideo.	rarara (vêmê)	T12
mulher	n.	mye	L9
muncanha	n.	munke	T6
musafi	n.	musafi	T9
musanda	n.	musanda	T9
musgo do mato.	n.	ufya-levi	T15
nada	n.	ko nho	L2
não	adv.	ade	L1
não aguentar mais	exp.	po ma fa	T17
nariz	n.	irixi	A2
natruja	n.	ufya-tximija	T15
né	adv.	ne	L15
NEG fa + ô		fô	L2
negrinha	n.	nêginha	T6
nenhum	adv.	nho	L2
noite	n.	unôtxi	L3
noite cerrada	ideo.	pi (unôtxi)	T12
noite escura	exp.	unôtxi petepete	T16
nome	n.	nomi	L1
nossa!	interj.	êê	L2
nossa!	interj.	kêy	L3
nossa!	interj.	kyê	L3
nossa!	interj.	weee	L6
nota	n.	nota	L10
Nova Cuba	topo.	Nova Kuba	T1
Nova Estrela	topo.	Nova Teela	T1
nove	num.	novi	L17
novembro	n.	novembu	T3
novidade	n.	nova	L6
novo	adj.	novu	L8
noz-moscada da Jamaica	n.	oyobo	T9
nunca	adv.	maxi...fa	L2
o quê	pro.	kwêsa	L2
o que conta?	exp.	kwa fala	T14
Oba	topo.	Oba	T1

obrigado	exp.	dêsu paga	T11
Ôkyê Têêxi	topo.	Ôkyê Têêxi	T1
olhar, ver	v.	pya	L2
olho	n.	uê	L4
olho-grosso	n.	uê-goosu	T6
onde	pro.	kumi, kumin	L1
ontem	adv.	ontxi	L5
onze	num.	onze	L10, C9
orelha	n.	urya	A2
oso-moli	n.	oso-moli	T9
óssame	n.	osami	L14
ossobô	n.	ôsôbô	T6
otaji	n.	otaji	T9
Otakana	topo.	Otakana	T1
ototo	n.	ototo	T9
outro	pro.	ôtô	L8, C1
outubro	n.	ôtubu	T3
ouvir (alguém)	exp.	da urya	T11
pagar	v.	paga	L1
pai	n.	pwe	L9
palavra	n.	palava	L4
palma	n.	pwema	L14
palmeira de andim	n.	pwema	T9
panela	n.	tempa	L14, C2
pano, roupa	n.	upanu	L15, C2
pão	n.	umpan	T2
papagaio	n.	paage	L6, C6
para	conj.	pa	L4, C1
para sempre	exp.	pô sempi	T17
parecer	v.	parêsê	T5
pargo	n.	akpawa	T7
Parque Velho	topo.	Pakê Ve	T1
parte	n.	patxi	L1
partícula de negação	part.	fa	L2
partícula de tempo, modo e aspecto	part.	ka	L2, C1
partícula interrogativa	part.	a	L1
PASS	part.	tava	L3
passar	v.	pasa	L2
passar (remédio)	v.	bôlô	L15
passarinho, melro	n.	xibi	T6
passear	v.	paxya	L6
pata-d'água	n.	pata-awa	T6
pato-marinho	n.	pata-umwe	T6
patrão	n.	patran	L12
Pau Fita	topo.	Upa Fita	T1
pau pimenta	n.	upa-usuda	L14
pau-ama, pau-lírio	n.	upa-ama	T15

pau-cabra	n.	upa-kaba	T15
pau-esteira	n.	upa-isê	T15
pau- <i>fede</i>	n.	upa-kwêdanu	T15
pau-ferro	n.	upa-paage	T15
pau-ferro	n.	upa-ufew	T15
paupérrimo	exp.	pobi vantenadu	T17
pau-pimenta (tempero tradicional)	n.	upa-usuda	T2
pau-sabão	n.	upa-fita	T15
pau-sabão	n.	upa-saban	T15
pau-sabrina	n.	upa-gofi-baabu	T15
pau-três	n.	upa-têêxi	T15
pé	n.	ope	L3
Pedreira	topo.	Pêdrêra	T1
peito-branco	n.	upêtu-baanku	T6
peixe	n.	pêxi	L15, C2
peixe asno	n.	azunu	T7
peixe bonito	n.	bônitu	T7
peixe corcovado	n.	kokovadu	T7
peixe pega-na-pedra	n.	lambê	T7
peixe prata	n.	pêxi-paata	T7
peixe rainha	n.	ranha	T7
peixe sabonete	n.	sabônêtê	T7
peixe tainha	n.	taanha	T7
peixe voador	n.	vwadô	T7
peixe-coelho	n.	kwê	T7
peixe-papagaio	n.	pêxi-paage	T7
penca (de banana)	n.	môyô	L2
pensar	v.	kuda	T5
pensar	v.	pensa	L16
pensar em coletivo	exp.	zunta kabese	T16
pepino	n.	pipinu	T2
pequeno	adj.	kêtê	L5
perdiz	n.	pedixi	T6
perdoar	exp.	da pedan	T11
perdoar	v.	poda	T4
periquito	n.	pikitu	T6
perna-verde-comum	n.	ope-vêdê	T6
peessoa	n.	ningê	L1
pia	n.	pia	L6
Picão	topo.	Pikan	L1
picão preto	n.	pega-pega	T9
pica-peixe-de-peito-azul	n.	xoxo	T15
Pico Papagaio	topo.	Piku Paage	L11
pimenta	n.	pimentan	L6
pimenta	n.	usuda	T2
pimenta bolinha	n.	usuda-malaka	T2
Pinkêtê	topo.	Pinkêtê	T1

pintar a parede	exp.	bôlô pwede	T10
piolho	n.	udu	L10
piorar	v.	pyoro	T4
piscar os olhos	exp.	gbene uê	T14
plantar	exp.	pwê n'usan	T17
poder	v.	podì	L2, C1
poder FUT.PASS	v.	pudya	L5
poder, redução de podì	v.	po	L4
pombo	n.	pombô	T6
ponta aguçada	exp.	ponta pyôpyô	T17
Ponta do Sol	topo.	Ponta Usolu	T1
Ponta Museu	topo.	Ponta Muzêw	T1
por	prep.	pô	L1
pôr	v.	pwê	L3
pôr de cabeça para baixo, virar de bruços, virar de cabeça para baixo	exp.	vya ka-kubi	T16
pôr defeito	exp.	pwê manha	T17
por exemplo	exp.	pô zempu	T17
por que	exp.	kwê manda	T14
porco	n.	pôkô	L3
porque	conj.	pôkê	L11
porque, por causa de	conj., prep.	pidi	L3
porque, por causa de	conj., prep.	pidixi	L4
porta	n.	poto	L10, C3
Portinho	topo.	Pôtxin	T1
Porto Real	topo.	Pôto Ryali	T1
Portugal	topo.	Putuga	L1
português	n.	putugêzê	L4, C1
praia	n.	paa	L3
Praia Abade	topo.	Paa Ubadê	T13
Praia Abelha	topo.	Paa Bumbu	T13
Praia Banana	topo.	Paa Bana	L13
Praia Belo Monte	topo.	Paa Belu Montxi	T13
Praia Burra	topo.	Paa Bura	T13
Praia Caixão	topo.	Paa Kasan	T13
Praia Caju	topo.	Paa Kazu	T13
Praia Évora	topo.	Paa d'Eva	C13
Praia General Fonseca	topo.	Paa Jênêral Fonseka	T13
Praia Grande	topo.	Paa Gaani	T13
Praia Grande Sul	topo.	Paa Gaani Sulu	T13
Praia Lapa	topo.	Paa Lapa	T13
Praia Macaco	topo.	Paa Makaku	T13
Praia Margarida	topo.	Paa Magarida	T13
Praia Maria Correia	topo.	Paa Maa Kwaa	T13
Praia Pequena	topo.	Paa Kêtê	T13
Praia Portinho	topo.	Paa Pôtxin	C13
Praia Rio de São Tomé	topo.	Paa Ôryô Santome	T13

Praia Salgada	topo.	Paa Saagada	T13
Praia Seca	topo.	Paa Seka	T13
Praia Sundy	topo.	Paa Sundi	T13
Praia Tartaruga	topo.	Paa Têtuuga	T13
Praia Uva	topo.	Paa Uva	T13
Praia <i>Xyaba</i>	topo.	Paa Xyaba	T13
Prainha	topo.	Paynha	T13
prato	n.	paatu	L6
prato à base de banana madura e farinha de milho	n.	fyoji	T8
prato à base de banana madura, sal, farinha de milho cozida	n.	kufungu	T8
prato de arroz com feijão	n.	pintadu	T8
prato feito com larvas de peixe, localmente denominadas 'peixinho'	n.	bwêbwê	T8
prato local à base de matabala ou mandioca	n.	ufundi	T8
prato típico de São Tomé	n.	muzenge	T8
prato típico do Picão com farinha de mandioca	n.	fyan-izêtxi	T8
prato típico do Príncipe feito com farinha de milho e feijão	n.	obobo	T8
prato típico feito com matabala, azeite de palma, peixe e temperos da terra	n.	ufundi-maakita / ufundi-magita	T8
prato típico feito de mandioca ou milho, malagueta, sal, açúcar, cozido envolto em folha de bananeira	n.	ifigbô	T8
prato típico feito de peixe, vegetais e óleo de palma	n.	sôwô	T8
prato tradicional de farinha de milho com peixe	n.	senge	T8
prato tradicional do Príncipe feito com peixe defumado, óleo de palma, jiló e temperos da terra	n.	môyô kangadu	T8
prazer	n.	pazê	L9
precisar	v.	pixiza	L3, C2
pregar	v.	pega	T4
pregar na parede	exp.	pega pwede	T17
prep. se, sem	conj.	xi	L4
prep.+ pro. red. de ku + êli		kôli	L8
preparar comida	v.	tempa	T4
preparar o território	exp.	prepara usan	T17
presidente	n.	pêzêdêtxi	A1
primeiro	num.	pimyô	L13, C9
prova	n.	pova	L10
provar, experimentar	v.	pova	L6
pular, saltar	exp.	da upegu	T11
pular, saltar	v.	sata	A3
pulo, salto	n.	satu	A3
<i>pwema-kitxi</i>	n.	pwema-kitxi	T9

qual	pro.	kali	L2
quando	conj.	ora	L7
quando	pro.	kantora	L9
quando	pro.	kidya	L3
quanto	pro.	kantu	L2
quarta-feira	n.	kwata-fya	L13
quarto	n.	kwatu	L10
que	prep., comp.	ya	L5
que	pro.	ki	L2, C1
que, e (entre nomes), com	conj.	ki	L2
quebra-pedras	n.	ufya-klêmentê- baanku	T15
quebrar	v.	keba	L8
quebrar, estragar	v.	dana	L7
querer SUBJ	v.	kize	L13
querer, amar	v.	mêsê	T5
querer, gostar	v.	mêsê	L2
quiabo	n.	ukyebu	T2
quinta-feira	n.	kinta-fya	L13
quinto	num.	kintu	L13
quinze	num.	kinji	L10
rabo-de-tesoura	n.	urabu-tujyan	T6
rachar de rir	exp.	rin da keba	T17
rancho-da-terra, prato tradicional feito com feijão, arroz, farinha de mandioca e óleo de palma	n.	ranxu-te	T8
rapidamente	adv.	xinxan	L4
rebaixar num emprego	exp.	kyê d'ôkyê	T14
redução de ka ou sa	part.	a	L8
refogar	v.	refoga	T4
remediar	v.	remedya	T4
remédio	n.	kura	L15
reparar	exp.	fêzê reparu	T14
reparar	exp.	sama reparu	T16
repousar	v.	kansa	T4
responder	v.	kudi	T4
responsável	adj.	rêxponsavêw	L16
rezar	exp.	zunta udêdu	T16
rezar	v.	reza	T4
Ribeira Forca	topo.	Abya Foka	T1
Ribeira Formiga	topo.	Abya Fiminga	T1
Ribeira Fria	topo.	Abya Fyô	T1
Ribeira Pipi	topo.	Abya Pipi	T1
Ribeira <i>San Kô</i>	topo.	Abya San Kô	T1
rico	adj.	riku	L8
rilhar os dentes, zangar, enervar	exp.	kume idintxi	T14
rio	n.	abya	L15

roça	n.	oso	L12, C10
Rodrigo	n.	Rôdrigi	L9
rogar praga	exp.	roga paaga	T16
rola	n.	lola	T6
rola	n.	lola-ize	T6
rola	n.	lola-peetu	T6
rola	n.	pomb'umatu	T6
rola	n.	pomb'usan	T6
rola-do-mar	n.	lola-umwe	T6
rola-do-Senegal	n.	kurukuku	T6
roubar	exp.	vya uman	T16
roupa	n.	ropa	L11
Rua dos Trabalhadores	topo.	Uga Tabaladô	T1
Rua Feliz	topo.	Uga Filix	T1
sábado	n.	sabudu	L3
saber	v.	sêbê	L2
Sabrina	n.	Sabina	L1
safu	n.	urumu	L2
saia-roxa	n.	ufya-fitxisu	T9
saia-roxa	n.	ufya-peetu	T15
sair	v.	xyê	L5
saltão	n.	kukumba	T9
samambaia	n.	ufya-gêêza	T9
samambaia	n.	ufya-gêêza-bentu	T9
samambaia	n.	ufya-gêêza-zuden	T9
Santa Maria	topo.	Santa Maa	T1
Santa Rita	topo.	Santa Rita	T1
Santa Rosa	topo.	Santa Roza	T1
Santana	topo.	Santana	T1
Santo Antônio	topo.	Santantoni	L1
Santo Antônio Picão	topo.	Santantoni Pikan	T1
Santo Antônio Segundo	topo.	Santantoni Segundu	T1
São João	topo.	San Zuan	T1
São Joaquim	topo.	San Zwakin	L12
São Lourenço	n.	Sonlensu	L11, C11
São Tomé	topo.	Santome	L8
São Tomé e Príncipe	topo.	Santome ki Ie	T1
saudade	n.	sawdadi	L17
saúde	n.	sawidi	L6
secador (de peixe)	n.	sekadô	L12
seco	adj.	seku	L12
segunda-feira	n.	sêgunda-fya	L13
segundo	num.	sêgundu	L13
segurar a urina para fazer remédio tradicional	exp.	para mize	T17
<i>sêlêlê</i>	n.	sêlêlê	T6
sem	adv.	xya	L2

semana	n.	sumana	L3
senhor	n.	sume	A1, C1
senhora	n.	same	L2, C1
senhora	n.	san	L13
sentado	adj.	tusandu	A3
sentar	exp.	nhe kadya	T17
sentar	exp.	nhe uku	T17
sentar	v.	tusan	A3
sentir	v.	xintxi	L8
ser	cop.	sa	L1
ser (locativo)	v.	ta	L1
ser arrogante, ser cabeça-dura	exp.	tê fitxi	T16
ser arrogante, ser convencido, ser fresco	exp.	tê xikindi	T16
ser difícil	exp.	da tabwe	T11
ser doce	v.	mene	L12
ser, estar	v.	sa	T5
sessenta	num.	sêsentá	L10
sete	num.	setxi	L10
setembro	n.	setembu	T3
sexta-feira	n.	sêxta-fya	L13
sim	adv.	inhan	L6
sim	adv.	inhanxi	L9
sim	adv.	nha, nhan	L1
simão-correia	n.	ufya-landê	T15
sol muito forte	ideo.	tantan (usolu)	T12
somente	adv.	so	L5
sucupira	n.	uba-mye	T9
suicidar-se	exp.	mata igbê	T17
sujo	adj.	suzu	L6
Sul	topo.	Sulu	T1
sumir, desaparecer	v.	xemi	L11
Sundy	topo.	Sundi	L12, C10
suspirar	exp.	tama supitu	T16
também	adv.	bê	L1
tarântula de São Tomé	n.	karibu	T7
tardar, atrasar	v.	tada	L7
tarde	n.	tadi	L2
tartaruga	n.	têtuuga	A3, C6
tartaruga-cabeçuda	n.	kabe-gaani	T7
tartaruga-de-couro	n.	sada	T7
tchau	adv.	paasô	L11
tecelão-de-São-Tomé	n.	txintxintxolo	T6
teimar	exp.	tê tema	T16
telefone	n.	telefoni	L5
tempero	n.	tempi	L14
tempo	n.	tempu	L6

ter	v.	tê	L1
ter dó, ter pena	exp.	tê pene	T16
ter medo	v.	mendu	T5
terça-feira	n.	tesa-fya	L13
terceiro	num.	txisêru	L13
Terreiro Velho	topo.	Txyô Ve	T1
Tiago	n.	Txiagu	L10
tirar	v.	txya	L10
tirar sarro	exp.	fêzê mangasan	T14
tirar vantagem, tomar algo antes de outra pessoa	exp.	fê lufulufu	T11
todo coberto (dia)	ideo.	petepete (kubi)	T12
tomar	v.	tama	L2
tomar as rédeas	exp.	tama rede	T16
tomar banho	exp.	sagwa igbê	T16
tomar banho	exp.	tama banhu	T16
tomar fôlego	exp.	tama fosa	T16
tomate	n.	tximatxi	T2
tordo-de-São-Tomé	n.	tôdô-santome	T6
tordo-do-Príncipe	n.	tôdô-ie	T6
tornar-se	v.	vya	L3
tossir	exp.	txya toxi	T16
trabalhar, servir	v.	xivi	L3
trabalho	n.	tabwe	L3
trabalho, serviço	n.	xivisu	L13
tratar	v.	toka	L9
trazer	v.	daka	L14
tremer muito	ideo.	gidigidi (têmê)	T12
tremer muito	ideo.	tatata (têmê)	T12
três	num.	têêxi	L9
treze	num.	têêzê	L10
trigo, farinha de trigo	n.	txigu	T2
trinta	num.	txinta	L2
troçar	v.	manga	T4
trocar dinheiro	v.	baga	T4
trombeteira	n.	ufya-peetu-baanku	T15
tropeçar	exp.	da topi	T11
tudo	adv.	tudu	L3
tudo	ideo.	pe	L3
txintxin	n.	txintxin	T9
txyonso	n.	txyonso	T6
txyotxyo	n.	txyotxyo	T6
<i>ufya- santaji-ubasu-kafe</i>	n.	ufya-santaji-ubasu-kafe	T15
ufya-amiso	n.	ufya-amiso	T9
ufya-d'orya	n.	ufya-d'orya	T9
ufya-idintxi	n.	ufya-idintxi	T9
<i>ufya-kata-kikitxi</i>	n.	ufya-kata-kikitxi	T15

<i>ufya-kata-subi</i>	n.	ufya-kata-subi	T15
<i>ufya-keza-omi</i>	n.	ufya-keza-omi	T15
<i>ufya-levi-omi</i>	n.	ufya-levi-omi	T15
<i>ufya-ugêdê</i>	n.	ufya-ugêdê	T15
<i>ufya-zaya</i>	n.	ufya-zaya	T15
<i>uguya-pobi</i>	n.	ufya-uguya-pobi	T15
último	adj.	utximu	L13, C10
um por um	adv.	ũa-ũa	L9
um pouco	adv.	minu	L3
um, uma	det.	ũa	L2
um, uma	num.	ũa	L9
Umatu Mutendê	topo.	Umatu Mutendê	T1
unha-preta	n.	marapyan	T9
<i>untwe</i>	n.	untwe	T15
upa-viru	n.	upa-viru	T15
urtiga	n.	ikpene	T9
<i>utaji</i> (tempero tradicional)	n.	utaji	T2
vagem	n.	fenza-vêdê	T2
vai e vem	exp.	we vika	T16
valer	v.	valê	L8
valor	n.	valô	L17, C15
vassourinha-doce	n.	ufya-fakêza	T9
vassourinha-doce	n.	ufya-keza-mye	T15
vazio, sem motivo	adv.	dudi	L5
velho	adj.	ve	L8
vendedor	n.	vêndêdô	L2
ver	v.	vê	L2
verdade	n.	vedadi	L8
vergonha	n.	vogyán	L3
vestir	v.	bixi	T4
vez	n.	vêsê	L11, C3
vezes	n.	vêzi	L10
viajar	exp.	sata olêyn	T16
vinho	n.	ivin	L3
vinte	num.	vintxi	L2
vir	v.	vika	L7, C1
vir de	v.	fo	L1
virar ao contrário	exp.	vya uê	T16
visitar, acompanhar	v.	lêlê	L6
viúva	n.	vyuva	T6
viuvinha	n.	vyuvinha	T6
viver	v.	vêvê	L8
vizinho	n.	vijan	L10
vocativo	voc.	ê	L8
volta	n.	voota	L13
voltar a vir	exp.	vya we	T16
vomitar	v.	saka	T4

xibi-fixa	n.	xibi-fixa	T6
Ximalô	topo.	Ximalô	T1
<i>xyota-kafe</i>	n.	xyota-kafe	T6
zenze	n.	zenze	T15

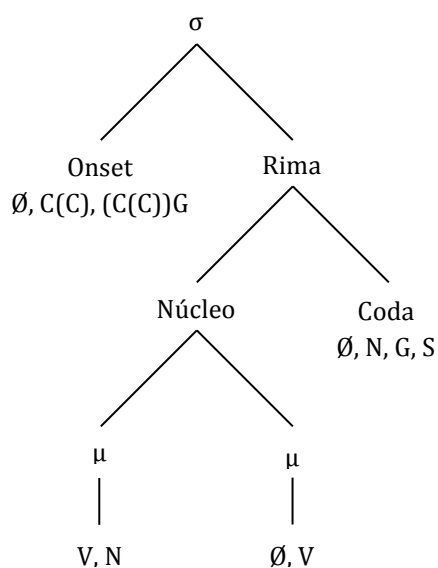
5. Considerações finais

Este trabalho fez uma descrição fonológica do lung'le, abordando temas não tratados na literatura disponível sobre esta língua e apresentou um método pedagógico para o ensino da língua nas escolas.

Apresentamos os fonemas consonantais e vocálicos e sua distribuição, propondo a utilização dos arquifonemas /S/, realizado como [s, ʃ, z, ʒ] e /Z/, realizado como [z, ʒ]. Consideramos que o [tʃ] é um alofone de /t/ e não é fonema da língua, como proposto por Maurer (2009: 11). O arquifonema /N/ foi utilizado para a consoante nasal em coda, que pode ou não ser realizada na superfície.

Quanto à estrutura silábica, propusemos uma representação da sílaba fonológica, levando em consideração glides, nasais silábicas e vogais longas. Observamos que os glides são vistos pela língua como consoantes, fazendo parte do onset e da coda silábica. A nasal silábica está no núcleo e a vogal longa é bimoraica e cada mora receberá um tom. Além disso, discutimos sobre a sílaba fonética, que não havia sido descrita na literatura sobre o lung'le. Observamos, através das formas resultantes de processos fonológicos sincrônicos, que a sílaba fonética é mais permissiva do que a fonológica em lung'le. A sílaba fonética permite que o onset seja preenchido por três elementos, e a coda por dois. Além disso, é possível haver onsets complexos em início de palavra com as configurações [[p], [t], [k], em que [ʃ] provém de uma sílaba /Si/ que sofre síncope da vogal [i] e pode ser recuperada através de separação de sílabas e do jogo de linguagem descrito em 3.2.2.1. Podemos observar a representação da sílaba fonológica em lung'le através do esquema a seguir:

(1)



O acento do lung'le foi citado por Maurer e Günther, mas esses autores não se aprofundaram no tema. Neste trabalho, demonstramos a importância do acento na fonologia do lung'le, através de processos fonológicos que só são possíveis se o acento for considerado, como os processos de apócope (3.4.3), apagamento de sílaba átona final (3.4.6), ditongação (3.4.11), nasalização (3.4.12), alçamento de vogais átonas finais (3.4.14), e sândi vocálico externo (3.4.18). Em nossa análise, o acento é a principal categoria suprasegmental do lung'le. Sendo assim, propusemos que o sistema suprasegmental do lung'le é misto e acento e tom devem ser considerados. Ademais, nas camadas mais jovens, apenas o sistema acentual permanece. Por termos utilizado os padrões tonais de outros autores (Maurer, Günther, Ferraz & Traill), muitas vezes díspares, acreditamos que uma análise mais aprofundada da interação de acento e tom, acento secundário e entonação será necessária para que o sistema suprasegmental do lung'le seja compreendido em sua totalidade. Além disso, é preciso que se estabeleça como se dá o *pitch* de palavras novas e empréstimos recentes e se há a variação tonal proposta por Maurer (2009) nestas palavras.

Através de nosso *corpus*, pudemos observar e descrever alguns processos fonológicos apresentados em 3.4, a saber, aférese (3.4.1), síncope (3.4.2), apócope (3.4.3), prótese (3.4.4), paragoge (3.4.5), apagamento de sílaba átona final (3.4.6), apagamento de coda nasal (3.4.7), alongamento compensatório sincrônico (3.4.8), palatalização (3.4.9), assimilação progressiva de /t/ (3.4.10), ditongação (3.4.11), nasalização (3.4.12), prevocalização homorgânica (3.4.13), alçamento de vogais átonas finais (3.4.14), vocalização das nasais silábicas (3.4.15), alternâncias fonéticas (3.4.16), vogais tautossilábicas idênticas (3.4.17) e sândi vocálico externo (3.4.18).

Observamos que há dois tipos de nasalização em lung'le (cf. 3.4.12). O primeiro, já descrito na literatura, ocorre quando há um arquifonema nasal /N/ na coda que nasaliza a vogal que o precede, com espalhamento de nasalidade para a esquerda. Neste tipo de nasalização, podemos ter diferença de significado nas realizações com vogal oral e nasal, como nas palavras [fi'ke] 'ficar' e [fĩ'ke] 'fincar'. Através da análise dos dados, constatamos que a nasalização diante de /N/ é obrigatória em vogais que precedem /N/ em final de palavra, mas é facultativa se a vogal que precede /N/ não estiver no final da palavra. A realização da consoante homorgânica é sempre opcional. O outro tipo de nasalização não havia sido descrito na literatura sobre a fonologia do lung'le. Neste tipo, não há diferença de significado nas realizações com vogal oral e nasal em nenhum caso, como na palavra [mẽne] e [mane] 'irmã'. É sempre opcional e o espalhamento poderá ser para a esquerda ou para a direita. O traço nasal não está presente na forma fonológica dessas palavras e a nasalidade provém de uma consoante nasal em onset da mesma sílaba ou de sílaba adjacente, e não de um arquifonema nasal em coda. Sendo assim, a nasalidade pode ultrapassar a fronteira silábica, mas ainda é restrita à rima.

Mostramos que não há harmonia vocálica sincrônica em lung'le. O fato das vogais médias normalmente coincidirem no traço [α ATR] é resultado de processos diacrônicos e/ou de manutenção de características do PCGG, não fazendo parte da gramática do lung'le moderno, como argumentado em 3.4.17. Algumas palavras com traço [α ATR] diferente foram encontradas em nosso *corpus*, o que corrobora nossa hipótese.

Além da descrição fonológica, apresentamos o método pedagógico do lung'le, elaborado durante as viagens de campo utilizando a ortografia proposta pelo ALUSTP, concomitantemente com a descrição fonológica da língua. Este material pretende preencher a lacuna em relação a instrumentos linguísticos para o ensino da língua, que vem sendo ensinada nas escolas do Príncipe como matéria optativa desde 2009. O principal objetivo do método é auxiliar o aprendizado da língua nas escolas do Príncipe, mas também poderá servir como material linguístico para pessoas interessadas em aprender a língua. O método pedagógico está composto por dezessete lições, cada uma com um diálogo/texto em lung'le, vocabulário, notas gramaticais, vocabulário temático extra, exercícios focando os pontos gramaticais, texto de cultura em lung'le e traduções dos textos para o português. Alguns textos de apoio ao professor aparecem nos apêndices do método, bem como os quadros de pronomes e verbos e a correção dos exercícios. Em seguida, há os índices de notas gramaticais, tópicos de cultura e temas dos vocabulários temáticos. Ao final, há os glossários lung'le-português e português-lung'le com o vocabulário completo do método, somando cerca de 1.200 palavras.

Finalmente, esperamos que as discussões apresentadas neste trabalho venham contribuir para o maior entendimento da fonologia do lung'le e das línguas crioulas do

Golfo da Guiné, servindo também como ponto de partida para novos trabalhos na área e sobre as questões que ficaram em aberto nesta tese. Ademais, esperamos que o método pedagógico do *lung'le* aqui apresentado possa fornecer maior prestígio à língua, disseminar sua cultura, auxiliar seu ensino, promoção e revitalização, além de contribuir para seu planejamento como língua nacional de São Tomé e Príncipe e incentivar novos trabalhos e projetos na área de educação de línguas crioulas em São Tomé e Príncipe.

Referências

- Agostinho, Ana Livia. 2012. Faa Ningê Bê: Aspectos de uma Gramática Pedagógica para a Língua Crioula Principense. *Anais dos XII e XIII Encontros dos Alunos de Pós-Graduação em Linguística da USP*: 53–67.
- Agostinho, Ana Livia. Vocalic sandhi in Lung'le. 2014. Inédito.
- Agostinho, Ana Livia. em preparação. Ideofones em lung'le.
- Agostinho, Ana Livia & Gabriel Antunes Araujo. 2010. Fonte da nasalidade em santome e lung'le. Inédito.
- Agostinho, Ana Livia, Gabriel Antunes Araujo & Shirley Freitas. 2012. Resolução de hiato externo em lung'le. *Papia* 22(2): 295-305.
- Agostinho, Ana Livia & Márcia Santos Oliveira. 2010. QU em Lung'le. Inédito.
- Appel, René. & Ludo Verhoeven. 1995. Decolonization, language planning and education. In Arends, Jacques, Pieter Muysken & Norval Smith (eds.) *Pidgins and Creoles - An introduction*, 65–74. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- Araujo, Gabriel Antunes. 2011. Três textos em papiamentu clássico. Tese de Livre-Docência, Universidade de São Paulo.
- Araujo, Gabriel Antunes & Ana Livia Agostinho. 2010. Padronização das línguas nacionais de São Tomé e Príncipe. *Língua e Instrumentos Linguísticos* 26: 49-81.
- _____. 2014. Fa do Vesu, a language game of Fa d'Ambô. *Papia* 24(2): 265-281.
- Araujo, Gabriel Antunes, Ana Livia Agostinho, Vanessa Araujo & Manuele Bandeira. em preparação. *Dicionário lung'le-português, português-lung'le*.
- Araujo, Gabriel Antunes & Tjerk Hagemeyer. 2013. *Dicionário livre do santome-português*. São Paulo: Hedra.
- Auroux, Sylvain. 1992. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp.

- _____. 1998. Língua e hiperlíngua. *Língua e instrumentos linguísticos* 1: 17-30.
- Bacelar, Laércio Nora. 2004. Gramática da língua Kanoê. Tese de Doutorado, Katholieke Universiteit Nijmegen.
- Barrena, P. Natalio. 1957. *Gramatica Annobonesa*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Bartens, Angela. 2000. *Ideophones and Sound Symbolism in Atlantic Creoles*. Kelsink: Academia Scientiarum Fennica.
- Binnick, Robert I. 1991. *Time and the verb: A guide to tense and aspect*. Oxford: Oxford University Press.
- Bisol, Leda. 1996. Sândi Externo: O Processo e a Variação. In Kato, M. A. (org.). 1996. *Gramática do Português Falado IV*, 55-96.. Campinas: Editora da UNICAMP.
- _____. 1999. A sílaba e seus constituintes. In Neves, M. H. de M. (org.). *Gramática do Portuguese falado VII*, 701-742. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Blevins, Juliette. 1995. The Syllable in Phonological Theory. In Goldsmith, John. *Handbook of phonological theory*, 206-244. Basil Blackwell: London.
- Borges, Poliana Rossi. 2007. Estrutura morfofonológica do futuro no Português Arcaico. *Estudos Linguísticos XXXVI(2)*: 191-199.
- Casali, Roderic. F. 1997. Vowel elision in hiatus contexts: which vowel goes? *Language* 73 (3): 493-533.
- Chelliah, Shobhana L. & Willem J. de Reuse. 2011. *Handbook of descriptive Linguistic fieldwork*. New York: Springer.
- Christofolletti, Alfredo. 2013. Ditongos do português de São Tomé e Príncipe. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.
- Devonish, Hubert. 2008. Language Planning in Pidgins and Creoles. In Kouwenberg, Silvia & John Victor Singler. *The Handbook of Pidgin and Creole Studies*, 615-636. Oxford: Blackwell.
- Câmara Jr., Joaquim Mattoso. 1997. *Para o estudo da fonética portuguesa*, Rio de Janeiro: Padrão.
- Cardoso, Manuela. 2007. *Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe*. Porto: IPAD.
- Collischonn, Gisela. 1997. Análise prosódica da sílaba em Português. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Crystal, David. 2000. *Language Death*. Cambridge: CUP.
- Davis, Stuart & Michael Hammond. 1995. On the status of onglides in American English. *Phonology* 12(2): 159-182.
- Dias, Glauci Helena Móra. 2009. Ensino de português: a caixa-preta da gramática pedagógica. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- Ferraz, Luiz. 1975. African Influences on Lung'le Creole. In Valkhoff, M. F. (ed.) *Miscelânea luso-africana*, 153-64. Lisboa: Junta de investigações científicas do Ultramar.
- _____. 1979. *The Creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.
- _____. 1976. A origem e o desenvolvimento de quatro crioulos portugueses do Golfo da Guiné. *Revista Brasileira de Linguística* 3(2): 70-76.
- Ferraz, L., & A. Traill. 1981. The interpretation of tone in Lung'le Creole. *Studies in African Linguistics* 12(2): 205-15.
- Ferreira, Manuel. 1989. Prefácio. In Veiga, Marcelo da. *O canto do ossôbó*. Linda-a-Velha: ALAC - África, Literatura, Arte e Cultura.
- Freire, Cleidinéia Cristina Saquetti Seabra & Cidmar Teodoro Pais. 2006. Aspects of Co-Articulation Phenomenon in External Sandhi in the Brazilian Portuguese: Elision, Diphthong, Contamination. Disponível em <http://www.cefala.org/issp2006/cdrom/articles/freire.pdf>. Acessado em 15/11/2011.
- Garrett, Helene. 2008. Language use, language attitudes and identity among Papiamentu speakers. In Faraclas, Nicholas, Ronald Esperano Severing & Christa M. Roose-Weijei. *Linguistic Studies on Papiamentu*, 27-45. Curaçao: Fundashon pa Planifikashon di Idioma.
- Gordon, Matthew. 2014. Disentangling stress and pitch accent: Toward a typology of prominence at different prosodic levels. To appear. In Van der Lust, Harry (ed.) *Word Stress: Theoretical and Typological Issues*, 83-118. Cambridge: Cambridge University Press.
- Günther, Wilfried. 1973. *Das portugiesische Kreolisch der Ilha do Príncipe*. Marburg an der Lahn: Im Selbstverlag.
- Hagemeyer, Tierk. 2009. As línguas de São Tomé e Príncipe. *Revista de crioulos de base lexical portuguesa e espanhola*, 1(1): 1-27.
- _____. 2009b. Initial vowel agglutination in the Gulf of Guinea creoles. In Aboh, Enoch O. & Norval Smith (eds.) *Complex processes in new languages*, 29-50. Amsterdam: Benjamins.
- _____. 2011. The Gulf of Guinea Creoles: genetic and typological relations. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 26(1): 111-154.
- Hayes, Bruce. 1989. The prosodic hierarchy in meter. In Kiparsky, Paul & Gilbert Youmans (eds.) *Rhythm and Meter*, 201-260. Orlando: Academic Press.
- _____. 1995. *Metrical Stress Theory*. Chicago: University of Chicago Press.
- Hermans, Ben. & W. Leo Wetzels. 2013. On the role of the mora in phonological analysis. In Helena de Paula, M. & L. Guimaraes de Paula (eds.) *Confluências na Linguagem*, 15-41. Goiânia: Gráfica e Editora América.
- Holm, John. 1988. *Pidgins and creoles*. Cambridge: Cambridge University Press.

- _____. 2004. *Languages in Contact: The Partial Restructuring of Vernaculars*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Houaiss, Antônio & Mauro Villar. 2001. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Objetiva.
- Klein, Thomas B. 2004. *Diversity and complexity in the typology of syllables in Creole languages*. Ms. Georgia Southern University.
- Lee, Yongsung. 1994. Onset Analysis of Korean On-glides” In Young-Key and Kim-Renaud. *Theoretical Issues in Korean Linguistics*. Stanford: CSLI.
- Maurer, Philippe. 1997. Tense-Aspect-Mood in Lung’le. In Spears, Arthur K. & Donald Winford (eds.) *The structure and status of pidgins and creoles*, 415-35. Amsterdam: Benjamins.
- _____. 2009. *Lung’le*. Londres: Battlebridge Publications.
- Mané, Djiby. 2007. Os crioulos portugueses do Golfo da Guiné: quatro línguas diferentes ou dialetos da mesma língua? Tese de Doutorado, Universidade de Brasília.
- Moreira, Amanda M. Simões Moreira, Sebastião J. Votre & Mariângela Rios de Oliveira. 2001. Construções reduzidas – ontem e hoje. Disponível em http://www.filologia.org.br/vcnlf/anais%20v/civ4_05.htm. Acessado em 01/02/2012.
- Odden, David. 2011. The Representation of Vowel Length. In Marc van Oostendorp, Colin J. Ewen, Elizabeth Hume & Keren Rice (eds.) *The Blackwell Companion to Phonology*, 465-490. Oxford: Wiley-Blackwell,
- Ohala, John J. & Haruko Kawasaki. 1984. Prosodic phonology and phonetics. *Phonology* 1: 113-127.
- Oliveira, Josane Moreira & Sílvia Rita M. de Olinda. 2008. A trajetória do futuro perifrástico na língua portuguesa: XVIII, XIX E XX. *Revista da ABRALIN* 7(2): 93-117.
- Pontífice, João, Caustrino Alcântara, Beatriz de Castro Afonso, Tjerk Hagemeijer & Philippe Maurer. 2010. Alfabeto Unificado para a Escrita das Línguas Nativas de S. Tomé e Príncipe (ALUSTP). Inédito.
- Quint, Nicholas. 2003. *Parlons Capverdien – langue et culture*. Paris/Budapest/Torino: L’Harmattan.
- Ranauro, H. sem data. Linguística e ensino da língua. Disponível em http://filologia.org.br/hilmaranauro/art_ensino.html. Acessado em 03/06/2010.
- Ribeiro, Manuel Ferreira. 1888. *Dialecto da ilha do Principe*. MS no. 11.23.12, *Schuchardt Archive* of the University of Graz, Áustria.
- Rougé, Jean-Louis. 2004. *Dictionnaire étymologique des creoles portugais d’Afrique*. Paris: Karthala.

Seibert, Gerhard. 2007. Angolares of São Tomé island. In Havik, Philip & Malyn Newitt (eds.) *Creole societies in the Portuguese Colonial Empire*, 105-126. Bristol: Bristol University Press.

Severing, Ronald & Christa Weijer. 2008. The Fundashon pa Planifikashon di Idioma: language planning and language policy in Curaçao. In Faraclas, Nicholas, Ronald Esperano Severing & Christa M. Roose-Weijer. *Linguistic Studies on Papiamentu*, 247-260. Curaçao: Fundashon pa Planifikashon di Idioma.

Schuchardt, Hugo. 1889. Beiträge zur Kenntnis des Kreolischen Romanisch IV. Zum Negerportugiesischen der Ilha do Principe. *Zeitschrift für Romanische Philologie* 13: 461-475.

Telles, Stella. 2002. Fonologia e gramática latundê/lakondê. Tese de Doutorado, Vrije Universiteit Amsterdam.

Tenani, Lucinai Ester. 2007. Acento e processos de sândi vocálico no Português. In Araujo, Gabriel Antunes (org.). *O acento em Português: abordagens fonológicas*, 135-156. São Paulo: Parábola.

Vaux, Bert, Justin Cooper & Emily Tucker. 2007. *Linguistic Field Methods*. Oregon: Wipf & Stock.

Villanueva, Esther Núñez. 2008. Are creoles tenseless languages? – a review of the Creole tense – aspect system. Master's thesis, University of Manchester.

Zamora, Armando. 2010. *Gramática Descriptiva del Fá d'Ambô*. Madrid: Ceiba Ediciones.